

HISTORIA
UNIVERSAL.

TOMO NONO.

Hiſtoria Teſtis temporum ; Lux veritatis ; Vita memoriæ : Magiſtra vitæ ; Nuntia vetuſtatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL

SEGUNDA PARTE: HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ

PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

Professor de Lingua Franceza no Real Collegio de Alcobaça.

TOMO NONO.



LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatrocentos e quarenta réis em papel: Meza 31 de Agosto de 1789.

Com tres Rubricas.



HISTORIA UNIVERSAL.

CONTINUAÇAÕ DO LIVRO II.

DA EPOCA DE LUIZ XIV.

CAPITULO IV.

Faz-se Luiz XIV., durante a paz, odioso ás Potencias. --- Viena sitiada pelos Turcos. --- Genova bombeada, e sobmettida. --- Mórte de Colbert. --- Reflexões a respeito do seu Ministerio.

1680 Luiz naõ usa sabia, e prudētemente da sua fortuna.

ESTANDO Luiz vencedor dos inimigos, que grangeára com suas emprezas; pacificador da Europa, a que impozéra Leis; Senhor do Franco-Condado, e de huma grande parte da Flandres, unidas ao seu Reino; condecorado com o titulo de Grande, que lhe dava ou a lisonja, ou a admiraçaõ dos Francezes; quando tive-

ra ſido verdadeiramente ſabio, e prudente, teria uſado do ſeu poder como Principe moderado, como Pai do ſeu Povo, e como arbitro juſto das Nações Eſtrangeiras. Mas embriagado com a fortuna, e grandeza brevemente romperá ainda em procedimentos taõ violentos, que conſtituindo-o odioſo, cedo ou tarde ſeraõ huma origem de calamidades públicas. Inſiſto a reſpeito dos erros deſte Monarca taõ celebrado, por ſerem lições importantes de ſabedoria, e prudencia.

Cameras de Metz, e de Briſac.

Longo tempo havia que muitos dominios, antigamente dependentes dos Tres-Biſpados, e da Alſacia, eraõ poſſuidos por differentes Principes de Alemanha. Querem unillos á Coroa, e para iſſo ſe eſtabelecem duas Cameras huma em Metz, e outra em Briſac. Eſtes Tribunaes aſſentaõ nas reuniões, e o Rei faz deſte modo juſtiça a ſi meſmo. O Parlamento de Beſançon reunio Montbeliard, como feudo do Franco-Condado.

Eſtrasburgo ſobmettida.

No anno ſeguinte ſe executa huma empreza mais attrevida. Eſtava ainda livre Eſtrasburgo; Cidade poderoſiſſima, cuja ponte ſobre o Rhin abria a entrada do Reino. Grande era o deſejo que Louvois tinha de ſobmettella. Ao meſmo tempo que eſte ſe vale para com os Magiſtrados, ou do dinheiro, ou do terror,

man-

manda marchar vinte mil homens, os quaes decidem o succeſſo da negociaçaõ. Concluio-ſe logo o Tratado, e Eſtrasburgo capitula, e conſerva os ſeus privilegios. Vauban, que fortificava infinitas Praças, neſta apurou toda a ſua arte. Eraõ neceſſarias certamente boas precauções para ſobmetter ao jugo hum Povo deſtemido, cioſo por extremo da ſua liberdade.

Movimentos contra a França.

Eſtas conquiſtas em plena paz, eſtas confiſcações feitas a huns Soberanos, naõ podiaõ deixar de eſpalhar odio, deſconfiança, e ſuſtos. Já o Imperador, o Rei de Suecia, e alguns outros Principes ſe esforçavaõ por armar o Corpo Germanico, e ſe o Eleitor de Brandeburgo, que ſe fizera mais poderoſo por meio da acquiſiçaõ recente de Magdeburgo, naõ tivera defendido entaõ os intereſſes da França, ateava-ſe de novo a guerra.

Congreſſo em que ſe diſputa a reſpeito de couſas frivolas.

O negocio das reuniões devia ſer diſcutido em hum congreſſo de Francforte, onde os Plenipotenciarios de Luiz XIV. apreſentáraõ hum Memorial em Francez. Diſputou-ſe muito a reſpeito do uſo, que os Plenipotenciarios faziaõ deſta lingua; ſobre o titulo de excellencia, que os Eleitores recuſavaõ aos Miniſtros dos Principes do Imperio; acerca do direito de conferir ſeparadamente, ſobre que os Principes argumentavaõ com os Eleitores.

Estas disputas vãs, consideradas entaõ como importantes, foraõ causa de esquecerem as reuniões. Desfez-se o congresso, e foi o negocio remettido para a Dieta de Ratisbona.

Fórma Leopoldo huma Liga.

Nesta Dieta feita em 1682, se propõe levantar trópas para manter os antigos Tratados. Os Circulos do alto Rhin, de Suevia, e Franconia, formaõ em Luxemburgo huma Liga com o Imperador, em que entraõ em breve tempo o Rei de Suecia, os Eleitores de Saxonia, e Baviera, os Duques de Luneburgo, e o Landgrave de Hesse-Cassel. Assim alborotava Leopoldo o Imperio contra a França, naõ por meio de huma authoridade absoluta, como os seus antepassados, mas exagerando as forças, e o despotismo de Luiz. Ninguem todavia ousava ainda tomar armas, e o mesmo Imperador estava a ponto de vêr os seus Estados hereditarios nas mãos dos Musulmãos.

Rebelliaõ dos Hungaros.

A Hungria, cujos privilegios eraõ muitas vezes acomettidos pela Corte de Viena, tinha-se novamente soblevado. O Conde de Teckeli, Chéfe dos rebeldes, recorreo aos Turcos, e procurou a sua protecçaõ. Reinava entaõ Mahomet IV., que tinha tomado Candia aos Venezianos; e aos Polonezes, Ukrania, Podolia, Volhinia, e Kaminiek. Levantou Maho-

Teckeli attrahe os Turcos.

homet hum Exercito de duzentos mil homens contra a Casa de Austria. Cousa nenhuma servio de embaraço aos Turcos, e Viena foi sitiada. Esta empreza era imprudente, como Teckeli o representou, mas inutilmente: porque brevemente seria necessario ou evacúar a conquista, ou acometter toda a Europa.

Se o Graõ-Visir Cuprogli fosse ainda vivo, esta Capital teria succumbido. O Imperador fugia para Passau; o Conde de Estahrenberg, Governador da Cidade, tinha sómente huma guarniçaõ de déz mil homens; os Cidadãos, e os estudantes pouco suppriaõ a falta das trópas. Mas o Graõ-Visir Cara-Mustaphá, molle, voluptuoso, e ignorante naõ apressou as operações, nem deo assalto geral; querendo talvez reservar para si, como alguns julgáraõ, os Thesouros que imaginava immensos, dos Imperadores. Joaõ Sobieski, Rei de Polonia, chega com o seu Exercito, ajunta-se o do Imperio com elle, e acomettem as trincheiras dos Turcos; que preoccupados de hum terror panico, apenas fazem alguma resistencia, e deixaõ tudo aos vencedores.

1683 Sitio de Viena.

Viena salva por Sobieski.

Creria alguem por ventura que Leopoldo, depois de voltar para Viena, quiz sujeitar ao humilde ceremonial da sua Corte o proprio Rei de Polonia, que ultimamen-

Querem que Sobieski se sujeite a etiqueta.

mente o ſalvára? Recuſou Sobieski altivo; e o ſer diſpenſado da etiqueta, foi para elle nova eſpecie de triunfo. A Corte Imperial tem agora outras idéas de grandeza: em tudo domina a influencia da razaõ.

Luxemburgo bõbeada pelos Francezes.

Antes da invaſaõ do Turco na Auſtria, fazia Luiz bloquear Luxemburgo. Pretendia elle que o Condado de Aloſt lhe pertenceſſe em virtude do Tratado de Nimegue, e defendia as ſuas pretènções por via das armas. Suſpendeo Luiz por hum anno as hoſtilidades, para que a Heſpanha podeſſe ſoccorrer o Imperador em tamanho perigo. Mas o perigo ainda durava, quando Luiz começou de novo as hoſtilidades. Tomaõ os Francezes Courtrai, e Dixmuda, bombeaõ Luxemburgo, e por ultimo a tomaõ. Fazem-ſe vários Tratados, porque naõ he poſſivel reſiſtir; conclue-ſe huma tregoa de vinte annos;

Tregoa de vinte annos.

Heſpanha cede Luxemburgo; o Imperio abandona, até o fim da tregoa, Eſtrasburgo, o Fórte de Kehl, e huma parte das reuniões feitas pelas Cameras de Metz, e de Briſac. A neceſſidade fazia a Lei: todos eſperavaõ a occaſiaõ de libertar-ſe della; e breve ſe offerecerá occaſiaõ para iſſo.

Marinha de Luiz XIV.

Por toda a parte ſe manifeſta o terrivel poder de Luiz XIV. A ſua marinha ſe augmentava prodigioſamente. Os portos

tos de Dunkerque, Toulon, Breſt, e Rochefort eraõ admiraveis, já pela ſua conſtrucçaõ, já pelas forças que incluiaõ. Mais de cem náos de linha podiaõ atemoriſar as partes mais remotas, ſe para ellas navegaſſem. Algumas eſquadras ſe exercitavaõ contra os piratas de Africa. As galeotas de bombas, inventadas ultimamente por hum Francez, bombeáraõ Argel em 1681, e ſegunda vez em 1684. Argel, Tunes, e Tripoli humilháraõ-ſe á viſta deſte flagello deſtruidor, e mandáraõ pedir perdaõ.

Bombardeos em Africa.

Genova foi arruinada, e humilhada do meſmo modo que os corſarios. Imputou-ſe o crime de lhes ter vendido polvora, e conſtruido algumas galeras para Heſpanha. Tambem foi bombeada, e vio reduzida a cinzas huma parte dos ſeus palacios, de maneira que foi neceſſario vir o Doge com quatro Senadores principaes implorar a clemencia do Rei. Todos ſabem a reſpoſta, que deo o Doge Imperiali, quando hum certo Miniſtro lhe perguntou, o que achava de maior admiraçaõ em Verſalhes: *Vêr-me aqui*. As civilidades do altivo Monarca, fraca conſolaçaõ eraõ dos ſeus rigores. Confórme as Leis de Genova, quando qualquer Doge ſe auſenta da Cidade, perde a ſua dignidade: mas tinhaõ-ſe viſto conſtrangidos a derrogar eſta Lei. (1685.)

Genova bombeada com pouca razaõ.

O Doge em Verſalhes.

Hu-

Embaixada de Siam.

Huma embaixada do Rei de Siam, recebida havia pouco tempo, parecia augmentar o explendor do Reinado de Luiz XIV. Esta embaixada naõ era com tudo outra cousa senaõ o fructo das intrigas de hum Grego, do mais humilde nascimento, por nome Constancio, o qual depois de chegar a ser Ministro d'aquelle despotico Indio, cuidava em privallo do Throno. Os Embaixadores deraõ a entender que seu amo estava disposto a abraçar o Christianismo; que pretendia fazer hum Tratado de Commercio com os Francezes, novamente estabelecidos na Costa de Coromandel; e que os preferia aos outros Europeos conhecidos na India. Grande era o amor, que o Rei de França tinha à tudo quanto era esplendido, para deixar de approveitar-se de huma occasiaõ taõ lisonjeira. Mandou dous Embaixadores para Siam, hum dos quaes foi o célebre Abbade de Choisi, acompanhados de seis Jesuitas. Enviou depois disso algumas trópas. Constancio foi trucidado como hum trahidor, e os Francezes mórtos, ou expulsados pelos moradores de Siam: e este o fim das despèzas, que occasionou esta singular embaixada, da qual esperavaõ especialmente os missionarios os maiores fructos.

Vãos procedimentos a semelhante respeito.

Ti-

Tinha Colbert falecido em 1683: "Varaõ para ſempre memoravel, diz o Preſidente Henault: os ſeus deſvelos ſe empregavaõ entre a economia, e a prodigalidade; era no proprio gabinete, por meio d'aquelle eſpirito de boa ordem que o caracteriſava, economico a reſpeito de tudo, quanto ſe via obrigado a prodigaliſar á viſta da Europa, aſſim para gloria de ſeu Soberano, como pela neceſſidade de obedecer-lhe; Varaõ de eſpirito aſiſado, e que naõ cahia nos deſvarios, a que o engenho eſtá ſujeito." A perda deſte Miniſtro he hum acontecimento notavel. Devia-lhe o Rei em grande parte as proſperidades do ſeu Reinado. Como teria elle executado, ſenaõ fora Colbert, taõ grandes couſas? Como teria triunfado de tantos inimigos, e levantado a hum tempo tantos monumentos ſoberbos? A continuaçaõ do tempo provará como tudo dependia da boa adminiſtraçaõ dos erarios; os quaes, á maneira do ſangue no corpo humano, conſtituiaõ a vida do Eſtado.

Colbert morto em 1683; grãde perda.

Já ſe conhecia quanto produz o goſto immoderado de hum Monarca para com o fauſto, vãs deſpezas, prazeres prejudiciaes, e para com a guerra muito mais prejudicial. Os rendimentos ordinarios eraõ de cento e deſaſete milhões, á razaõ de vin-

As deſpezas o tinhaõ reduzido a triſtes expedientes.

vinte ſete ou de vinte oito livras o marco. A guerra de 1672 obrigou o Miniſtro a reſtabelecer vários abuſos, que tinha pretendido extinguir, e a valer-ſe de expedientes, cujos effeitos ſempre ſaõ damnoſos; n'huma palavra, quatro milhões de negocios extraordinarios, em ſeis annos, foraõ o recurſo deſte grande homem de Eſtado.

Foi Colbert obrigado a apartàr-ſe dos ſeus principios.

" Vio-ſe Colbert na preciſaõ de ſahir ,, dos ſeus limites, diz hum célebre hiſ- ,, toriador; porque ſegundo as inſtrucções, que d'elle ha, vêmos que Col- ,, bert eſtava perſuadido, de que a ri- ,, queza de qualquer Paiz ſó conſiſte no ,, número dos habitadores, cultura das ,, terras, induſtrioſo trabalho, e no Com- ,, mercio; vêmos que poſſuindo o Rei ,, poucos dominios particulares, e ſendo ,, hum méro adminiſtrador dos bens dos ,, ſeus vaſſallos, naõ póde ſer verdadei- ,, ramente rico, ſenaõ por impoſtos fa- ,, ceis de receber, e igualmente reparti- ,, dos. ,, (*Siecle de Louis XIV.*, *ch.* 30.)

Sua diſpoſiçaõ bem differente da de Sulli.

Se taes eraõ os principios de Colbert, ſe elle naõ liſonjeou as paixões do Soberano, ſe obedeceo ſómente á neceſſidade das conjuncturas; que teria feito hum Miniſtro menos capaz, e menos recto, no reinado de hum Rei ſemelhante a Luiz XIV.? " Sulli, accreſcenta Vol-

,, tai-

„ taire, enriqueceo o Eſtado por meio de „ huma economia ſábia, e prudente, a „ qual era favoravel para hum Rei taõ „ poupado como valente, para hum Rei „ ſoldado na frente do ſeu Exercito, e „ Pai de familia com ſeu Povo..... Suſ- „ tentou Colbert o Eſtado, a pezar do „ luxo de hum amo fauſtuoſo, que pro- „ digaliſava tudo para fazer eſplendido o „ ſeu Reinado.„ A differença do amo explica com effeito a differença do Miniſterio.

A caſo era melhor o ſyſtema de Colbert?

Mas todos ſe maravilharáõ ſempre de que á viſta do exemplo de Sulli déſſe Colbert tanto alento ao commercio do luxo, ás manufacturas precioſas, e taõ pouco á agricultura, cujo producto, poſto que mais vagaroſo, teria ſido mais conſideravel, e mais ſólido. Ninguem poderá crêr já mais que o ſeu ſyſtema foſſe o melhor, quando ſe convencer de que as fabricas de ſeda diminuíraõ prodigioſamente as producções da terra. Difficultoſamente ſe poderá qualquer perſuadir, de que Colbert tiveſſe tanto intereſſe no bem dos Póvos, como na ſatisfaçaõ do Principe. Com tudo elle tinha, ſegundo ſe refere, perdido no fim dos ſeus dias o valimento alcançado por meio de tantos trabalhos, e de taõ grandes ſacrificios!

Eſ-

Estes objectos saõ essenciaes para a Historia.

Estas reflexões nenhum lugar teriaõ, senaõ fossem preparatorias para os successos seguintes. O estudo da Historia naõ poderá chegar ao seu fim, sem descobrir os principios, por meio dos quaes tudo se move no Universo, e sem aprender a vêr os effeitos nas proprias causas. O poder de Luiz XIV. declina, pois que os seus meios diminuem; mas ainda conserva huma grande superioridade, e por conseguinte ainda será altivo, e atrevido: e antes de ser abatido pelas desgraças, terá grandes successos felices.

O Capitulo seguinte o representará embaraçado com a Corte de Roma, e perseguindo os Calvinistas de França; materia curiosa, que tem correlaçaõ com os negocios geraes, e mais util do que tantas narrações unifórmes de guerras, e negociações; donde resultaõ consequencias práticas, naõ menos importantes para a felicidade dos Estados, do que para a dos particulares.

CA-

CAPITULO V.

Negocios do Janſeniſmo. --- Differença de Luiz XIV. com Innocencio XI. --- Revogaçaõ do Edicto de Nantes.

Os negocios do Janſeniſmo agitavaõ a França des da menoridade, ſem produzir aquellas violentas commoções, que o eſpirito de ſeita tinha occaſionado nos ſeculos do fanatiſmo. Vários Theologos divididos a reſpeito das materias abſtractas da graça, contendiaõ entre ſi eſcrevendo huns contra os outros. Cenſuravaõ-ſe aſperamente, exhalavaõ hum odio reciproco, animavaõ o zelo, bem ou mal entendido, de huma plebe ignorante, teimavaõ huns por preoccupaçaõ, outros por intereſſe de partido, muitos por ſentimento de Religiaõ, e embaraçavaõ algumas vezes a Corte, que ignorava qual era o meio verdadeiro de deſvanecer eſtas contendas. Mas o vigor do governo, ainda que pouco illuminado a reſpeito de objectos taõ delicados, tolhia que a fermentaçaõ naõ abriſſe volcões no Reino.

Diſputas Theologicas ſem effeitos violentos.

Como os Janſeniſtas receavaõ romper com a Igreja Romana, cujos dogmas defen-

O *ponto* das cinco propoſições de Janſenio.

fendiaõ contra os Proteſtantes, tomáraõ o parecer de dizer que as cinco propoſições condemnadas por Innocencio X., e Clemente VII., naõ eraõ obra de Janſenio, e que ſendo aſſim, naõ devia o author ſer condemnado. Eſte ſubterfugio enojou os Jeſuitas, e ſeus ſeguidores; os quaes exclamáraõ que a authoridade da Santa Sé era inſultada por huns rebeldes, e em vez de desfazer as dúvidas de hum modo muito ſimples, indicando as paginas onde eſtas propoſições ſe achavaõ, quizeraõ forçar á ſobmiſſaõ. O Congreſſo do Cléro ordenou em 1661 a aſſignatura de hum formulario, que continha o facto de Janſenio. Foi o Rei em peſſoa ao Parlamento, a fim de converter eſte formulario em Lei de Eſtado. As Religioſas de Porto-Real naõ quizeraõ aſſignallo, (e que importava a ſua aſſignatura?) e por iſſo ſaõ deſterradas para fóra do ſeu Convento. Appareceo novo formulario de Alexandre VII. em 1665, muito mais fórte, que o do Cléro, para condemnar as propoſições *no proprio ſentido do author.* Todos os Eccleſiaſticos, Seculares, ou Regulares, aſſim os Prelados, como os outros, com as proprias Religioſas, ſaõ obrigados a ſobſcrevello, e até o Rei manda regiſtrar na ſua preſença huma declaraçaõ a reſpeito deſte ponto.

Formulario eſtabelecido pelo meſmo Rei.

Outro formulario mais fórte.

Im-

Imaginavaõ alguns animos melancolicos eſtar vendo outra vez o tempo deploravel, em que os Gregos perturbavaõ o mundo com ſuas ſubtilezas, em que os formularios irritavaõ os partidos, e ſoblevavaõ as conſciencias; os Imperadores dominando as opiniões, e caſtigando os indoceis enthuſiaſmados, arriſcavaõ a fé, e igualmente o Imperio. Por felicidade tinha a viveza Franceza outras materias, em que exercitar-ſe; o fanatiſmo tinha diminuido muito; o Cléro de nenhuma couſa tinha menos que de ſedicioſo, e o potente Monarca ſó tinha que recear rumores, que pouco cuidado lhe davaõ. Felizmente os tempos eſtavaõ mudados.

Com tudo a perſeguiçaõ anima ſempre os homens perſeguidos. Quatro Biſpos valeroſos, e inflexiveis reſiſtíraõ contra a Corte. O Doutor Arnaldo, irmaõ de hum deſtes Biſpos, naõ ceſſou de eſcrever, e enfureceo-ſe eſpecialmente contra a Moral dos Jeſuitas, conſiderados como authores deſtes tumultos. Huma quebra de quatrocentos e cincoenta mil ducados, que os meſmos Jeſuitas tinhaõ tido em Sevilha em 1640, dava novas côres ao horrendo retrato, que havia muito tempo ſe fazia da ſua Sociedade. Opposições. Arnaldo contra os Jeſuitas.

Já nove Commiſſarios, nomeados por Alexandre VII., hiaõ ſentenciar os quatro Prelados, que reprovavaõ o formulario: Falſa *paz da Igreja*.

rio, e que ſe dividiaõ a reſpeito da diſtinçaõ do *facto*, e do *direito*. Dezanove Biſpos mais ſe declaraõ repentinamente a favor dos ultimos. Duvidoſa a Corte deſeja hum ajuſte. Muda Roma de parecer, e Clemente IX. (Roſpiglioſi) tolera a diſtinçaõ do *direito*, e do *facto*; pretende que ſe aſſigne *ſinceramente* o formulario, ſem exigir que o aſſignem *puramente*, e *ſimplesmente*; o que ſoblevava os teimoſos. Parece entaõ que tudo ſocega. Ceſſaõ os rigores; o célebre Arnaldo he apreſentado a Luiz XIV., e até ſe celebrou a *paz da Igreja* com huma medalha. (1669.)

Os Jeſuitas tinhaõ grãde crédito.

Podia por ventura alguem liſonjear-ſe de que huns Theologos irritados, inconciliaveis nas ſuas opiniões, competidores na reputaçaõ, e intereſſe, contemplando-ſe huns aos outros como Hereges, ou corruptores; e tendo a infeliz facilidade de ſuſcitar a diſcordia, já com eſcritos, já com intrigas; ſacrificariaõ ao bem da paz o ſeu odio, e as ſuas preoccupações? Os Jeſuitas ſe hiaõ conſtituindo muito poderoſos, para deixar os ſeus inimigos em deſcanço, mórmente depois de ter ſoffrido da parte delles tantas, e taõ amargas reprehensões. Elles governavaõ a conſciencia dos mais grados do Eſtado, e tinhaõ arte para firmar-ſe n'huma Corte voluptuoſa, onde o auſtéro Janſeniſmo ſó era

pro-

proprio para inſpirar temor. Alguns homens grandes havia, e particularmente Bourdaloue, que tiravaõ a nodoa impreſſa na ſua Doutrina; e os Sermões deſte reſpeitavel Orador eraõ a melhor reſpoſta, que ſe podia dar ás *Cartas Provinciaes*. Finalmente o Padre Chaiſe, Confeſſor do Rei des de 1675 até 1709, adquirio hum Imperio quaſi abſoluto ſobre o Cléro, diſpoz dos beneficios, conſervou ſempre induſtrioſamente o ſeu valimento, e conſtituio dominante a ſua ſociedade.

Bourdaloue.

Padre Chaiſe.

Eſte o motivo, porque as diſputas tinhaõ de continuar todo o tempo, quanto Luiz XIV., em meio do labyrintho da Corte, ou da guerra, privado de eſtudos, julgando ter ſó de ordenar tudo o que ſe lhe ſuggeria, eſtava muito remoto dos melhores principios do governo a reſpeito de objectos deſta natureza.

Tinhaõ ainda de durar as diſputas.

As ſuas differenças com Roma, a reſpeito da Regalia, e Iſenções, ſerviraõ ao menos para tirar do ſeio do eſquecimento o que chamamos *liberdades da Igreja Gallicana*. Os Reis de França, em virtude do antigo direito da *Regalia*, adminiſtraõ os rendimentos dos Biſpados vagos, e nomeaõ para os beneficios, que delles dependem. Algumas Igrejas, da parte dos Alpes, e dos Pyreneos, pretendiaõ ſer iſentas deſte direito. Hum Decreto de 1673

Cauſa da Regalia.

declarou que aquelle direito ſe eſtendia por todo o Reino. Todos os Biſpos ſe ſujeitárão, excepto os de Alet, e Pamiers, que ſe diſtinguião pelas ſuas virtudes, e erão célebres pela ſua oppoſição ao formulario. O primeiro morreo em breve tempo, e o ſegundo nem por iſſo ficou menos inflexivel.

Defende Innocencio XI. os deſobedientes.

Innocencio XI. (Odeſcalchi) eleito Papa em 1676, homem virtuoſo, mas obſtinado, mais attrevido, e mais conſtante do que as circunſtancias o permittião, não goſtando nem de Luiz XIV., nem dos Jeſuitas, declarou-ſe a favor dos adverſarios da Regalias, poſto que accuſados de Janſeniſmo, e expedio Breves proprios para os animar. Hum Religioſo, nomeado Vigario Geral pelo Capitulo de Pamiers depois da mórte do Biſpo, chegou ao ultimo ponto da inſolencia. Condemnado eſte Religioſo a ſer executado em effigie pelo Parlamento de Toloſa, e arraſtado ſobre hũma grade, não deixou de fulminar excommunhões, e annular aſſim os decretos do Parlamento, como as ſentenças do Metropolitano.

Attrevimento de hum Religioſo.

Congreſſo do Cléro.

O Cléro, aſſim como os Grandes, era geralmente muito ſobmiſſo. Bem ſe podia fiar no ſeu zelo, e pareceo muito importante ter o ſeu voto. Hum Congreſſo extraordinario, convocado para eſte effeito, re-

reconheceo o direito da Regalia a respeito de tódas as Igrejas, e escreveo ao Papa huma Carta muito respeitosa, na qual se lê a seguinte maxima, muito raras vezes praticada: *Mais vale sacrificar alguma cousa dos proprios direitos, do que estorvar a paz.* Attento o Cléro, como era, aos seus privilegios, tinha-se havidò como quem fazia huma concessaõ ao Soberano.

Os seus quatro Artigos.

Apparecêraõ entaõ as quatro famosas proposições deste Congresso, onde se estabeleceo: 1. Que os Principes, quanto ao temporal, naõ estaõ sujeitos ao poder Ecclesiastico: 2. Que o Concilio geral he superior ao Papa, confórme os decretos immudaveis do Concilio de Constança: 3. Que as régras, e os usos da Igreja Gallicana devem ser conservados: 4. Que a sentença do Papa em materia de Fé só he infallivel, depois do consentimento da Igreja. O Rei passou hum decreto para mandar registrar, e ensinar por todo o seu Reino estes quatro artigos. (1682.)

O Papa tudo annula.

Respondeo Innocencio aos Bispos com aquelle modo altivo, que os antigos Papas sustentavaõ por meio de excommunhões. Lamentou-se primeiramente, dizendo com o profeta: *Os filhos de minha Mãi se levantáraõ contra mim, e me declaráraõ guerra*; e depois reprehende-lhes a sua cobardia, por naõ ter combatido,

Os Bispos arguidos por Innocencio XI.

 con-

confórme o exemplo dos ſeus predeceſſores, a favor dos direitos, e liberdade da Igreja. Repreſenta os fundamentos da diſciplina, e jerarchia deſtruidos, a Regalia acomettendo a propria Fé: o que ſe moſtra claramente, no ſeu entender, pelos termos de que o Rei ſe serve, attribuindo a ſi o direito de conferir os beneficios, naõ como conceſſaõ da Igreja, mas como direito da Coroa. Accuſa-os de terem cedido hum direito inalienavel, depois delles meſmos terem reconhecido que a Regalia he huma eſpecie de eſcravidaõ: hora pódem elles por ventura ſobmetter as Igrejas ao jugo do poder ſecular, elles que deveriaõ expor-ſe á eſcravidaõ a fim de conſervar a ſua liberdade? Finalmente, pela authoridade que o Papa recebeo do Omnipotente, caſſa, e annulla tudo quanto fez o Congreſſo.

As liberdades Gallicanas encontraõ grandes obſtaculos no Reino.

Ainda eſtavaõ os homens muito longe do tempo, em que os Breves, e as Bullas de Roma, a reſpeito das antigas pretenções, apenas deſaſſocegariaõ a credulidade popular. A doutrina, que o Cléro de França eſtabelecia, pareceo totalmente nova á grande multidaõ dos Theologos; taõ eſcurecidos pozeraõ as antigas preoccupações os principios das primeiras idades. Vários Doutores da Sorbona preferíraõ antes ſer deſterrados, do que ſujeitar-

tar-ſe aos quatro Artigos. Quarenta e cinco vezes ſe ajuntou a Faculdade de Theologia, para cenſurar huma propoſiçaõ, que reſervava para o Papa o privilegio de julgar das materias de dogma. Finalmente hum grande número de Biſpos ſó obtinhaõ, andando o tempo, as ſuas Bullas, deſapprovando o Congreſſo de 1682. Deſte modo, as liberdades da Igreja Gallicana, que hoje em dia vaõ ſendo as das outras Igrejas, com tanta facilidade, achavaõ em França infinitos obſtaculos, e contradicções.

O Papa continua ſempre a diſputa.

Quanto mais vigor moſtrava Luiz XIV., tanto mais o Papa ſe obſtinava em reſiſtir-lhe; e a pezar de revogaçaõ do Edicto de Nantes, da qual brevemente tratarei, cada vez ſe ateou mais o fogo da diſputa.

Iſenções abolidas é Roma, a pezar de Luiz XIV.

As iſenções dos Embaixadores em Roma eraõ taõ ampliadas, que naõ ſó os ſeus Palacios, mas tambem os ſeus bairros, eraõ iſentos das perſeguições da Juſtiça. Queria Innocencio XI. reformar eſte abuſo, e todas as Coroas, excepto a da França, deraõ o ſeu conſentimento. Pouco perſuadio o exemplo dos outros ao Rei: o qual dizia, que elle era o que devia ſervir de exemplo. O Papa todavia abolio por meio de huma Bulla as iſenções dos bairros, com pena de excommu-

munhaõ para todo aquelle, que intentaſſe conſervallas. (1687.)

O Embaixador de França ameaça a Innocencio XI.

Eſte procedimento produzio o effeito, que ſe devia eſperar. Irritado Luiz dá moſtras aſſignaladas do ſeu reſentimento, e manda com huma embaixada o Marquez de Lavardin, o qual entra em Roma como hum triunfante, acompanhado de ſete ou oitocentos militares. Depois do Embaixador tomar poſſe do ſeu bairro, manda-o rondar, e ameaça ao Soberano Pontifice, que o excommunga, e põe interdicto á Igreja Franceza de S. Luiz, em que elle foi recebido. Vinga-ſe Innocencio como póde, e naõ ſe inquieta das fataes conſequencias, que pódem ſeguir-ſe da ſua vingança.

Ao que ſe expunha o Papa.

Por todo o Reino ſe queixavaõ da falta de Biſpos, em que ſe achavaõ trinta e cinco Igrejas; porque o Pontifice negava havia muito tempo as Bullas para ós que o Rei tinha nomeado: naõ era por ventura para temer que naõ o privaſſem do direito de inſtituir os Biſpos, e receber as annatas, eſtabelecido por huma enfiada de abuſos antigos? Todos ſe queixavaõ de Bullas, cenſuras, e negativas, contrarias ao bem da Igreja, e do Eſtado: e naõ era para temer que naõ ſe venceſſem as difficuldades, ceſſando de reconhecer huma juriſdiçaõ eſtranha, e

re-

reduzindo a primazia da Santa Sé ao que ella era nos primeiros tempos? Huma appellaçaõ para o Concilio Geral, da Bulla contra as isenções; a proposta feita em pleno Parlamento de requerer hum Concilio nacional, e pôr novamente em vigor a pragmatica de Carlos VII.; o descontentamento da Corte, e o do Episcopado; tudo podia encaminhar ás ultimas extremidades. França, com hum Patriarca, teria mostrado em pouco tempo, como naõ necessitava da Corte de Roma.

Se Luiz XIV. o intentasse, nada lhe podia servir de obstaculo; mas taõ altivo, e taõ vivo era a respeito do temporal, quanto circunspecto, e recatado a respeito de tudo o que parecia pertencer ao espiritual. Contentou-se de assenhorearse de Avinhaõ em 1688; e em 1693 teve fim a discordia, quando Innocencio XII. concedeo Bullas aos Bispos nomeados, depois de cada hum d'elles testemunhar por carta a sua dôr, e huma desapprovaçaõ formal de tudo quanto o famoso Congresso tinha feito a respeito da authoridade do Papa. (Como este negocio se terminou em 1693.)

Estar em guerra com o Papa, e querer anniquilar huma seita inimiga da dignidade de Papa, era huma especie de contradicçaõ politica, e religiosa, que concordava com o altivo caracter do Monarca. (Projecto de destruir o Calvinismo.)

Mui-

Muito tempo havia que o Clero, e os Jesuitas se lisonjeavaõ de extinguir o Calvinismo sempre tolerado, mas sem forças perigosas, e taõ tranquillo, quanto o tinhaõ visto turbulento antes da tomada da Rochella. Os Calvinistas, ainda entre os proprios tumultos da Critica, tinhaõ-se conservado em socego; e nelle os podia deixar o governo, pois se approveitava da sua industria, e serviços, nenhum motivo tinha para os temer, nem havia cousa mais facil do que enfreallos no que desviaõ, pois que nisto achavaõ elles a sua propria utilidade.

Os missionarios seguidos de rigores.

Mandou-lhes a Corte ao principio missionarios, e espalhou dinheiro para fazer proselytos. Exagerou-se, segundo o uso, os fructos que produziaõ estes dous meios. Julgou-se que acareando huns, era necessario opprimir os outros. Tirou-se-lhes a pouco, e pouco huma parte da liberdade, de que gozavaõ, e em várias occasiões se mostrou huma parcialidade, que inquieta. Passou-se huma declaraçaõ em 1681, para admittir no número dos convertidos os mininos de sete annos. Entráraõ entaõ a desertar algumas familias Protestantes; o que deo motivo a várias rigores, que fizeraõ mais contagioso o mal. Houve alguns movimentos populares, e dous Prégadores célebres, Chamier, e Cho-

Chomel, foraõ rodados vivos: e des d'entaõ, a idéa do martỳrio inflammou o enthusiasmo.

Tinha Colbert protegido os Calvinistas como homem de Estado, convencido de que elles eraõ Cidadãos taõ uteis, como os outros, e que a perseguiçaõ só podia produzir infelicidades. A sua mórte os entregou, por assim dizer, ao Chanceller Tellier, e ao Marquez de Louvois, filho do Chanceller, dous homens cujo primeiro principio era que tudo devia ceder, ou tremer ao nome do Rei. Em 1684, mandáraõ-se trópas aos Cantões povoados de Protestantes. Louvois escreveo: *Sua Magestade quer que se use dos ultimos rigores com todos aquelles, que naõ quizerem abraçar a sua religiaõ.* Esta ordem motivou tantas violencias, que a seita pintou sempre a nova perseguiçaõ, como huma imagem das perseguições dos antigos tyrannos do Christianismo. Naõ ha cousa mais horrorosa para hum Rei, do que attrahir a si deste modo o odio, quando póde conciliar o amor, e o respeito do seu Povo. Quantas maldições naõ cahíraõ sobre Luiz XIV. por causa da *furia insopportavel*! Que pintura naõ fazia delle o célebre Ministro Saurin, até no proprio pulpito, onde prégava o Evangelho!

Violencias depois da mórte de Colbert; *furia insopportavel.*

O

1685 Revogaçaõ do Edicto de Nantes.

O Monarca, depois de ter assim usado da sua authoridade, revoga o Edicto de Nantes, promulgado por Henrique IV. em 1598, e confirmado por Luiz XIII. A liberdade de consciencia he abolida: todos os templos dos Huguenotes saõ destruidos; as declarações, e determinações do Conselho succedem rapidamente humas ás outras, a fim de aggravar a sua desesperaçaõ; ordena-se que se lhes tirem os proprios filhos, e os entreguem a parentes Catholicos; desterraõ-se os Ministros, e prohibe-se aos outros sob graves penas o deixar a Pátria.

Fugida dos Huguenotes, perdas do Reino.

Os Huguenotes porém já naõ olhavaõ para a Pátria sem horror. O odio, e fanatismo os arrastavaõ. A pezar dos ameaços, e penas, e por mais precauções que houvesse, mais de quinhentos mil Huguenotes fugíraõ, levando comsigo riquezas innumeraveis além da industria, e manufacturas, que enriqueciaõ o Reino. O Nórte da Alemanha, Hollanda, e Inglaterra, estendêraõ os braços para huns homens taõ uteis. Todos espalháraõ pela Europa os seus sentimentos contra o Rei; e aquelles que naõ leváraõ nem artes, nem talentos para as terras Estrangeiras, leváraõ hum valor, huma sede de vingança, de que tiveraõ demasiada occasiaõ para dar assignaladas mostras nos combates. A per-

perda dos homens foi talvez menor, do que a do Commercio: porque huma parte das fazendas, que ſe vinha comprar a França, fabricou-ſe des d'entaõ em diverſos Paizes pelos Francezes refugiados, cuja induſtria ſe perpetuará nelles.

Eſtes os effeitos principaes da revogaçaõ do Edicto de Nantes. Cem panegyriſtas a celebráraõ, como huma das acções mais admiraveis de Luiz XIV.: os panegyriſtas naõ ſaõ hiſtoriadores, nem olhaõ para os objectos ſenaõ de hum ſó lado. Suppozeraõ deſtruida a hereſia, e o número dos Calviniſtas he ainda muito grande. Por outra parte, a experiencia moſtrou que a Rainha Chriſtina diſcorria bem, eſcrevendo de Roma: *Conſidero hoje em dia a França como hum enfermo, a quem cortaõ braços, e pernas, a fim de o curar de hum mal, que inteiramente ſe teria curado com huma pouca de paciencia, e ſuavidade.* Eſta Princeza condemnava todavia os quatro Artigos do Cléro, defendia a infallibilidade do Papa, e conſeguintemente naõ pode ſer ſuſpeita de ter ajuiſado mais como philoſopha, que como Catholica.

Pareceres a eſte reſpeito.

O Duque de Saboya, Victor Amadeo, abraçando o exemplo de Luiz, prohibio aos Proteſtantes o exercicio público da ſua Religiaõ, ſob pena de mórte. Sobleváraõ-

Rigores ſemelhãtes contra os Valdenſes.

ſe

ſe os Valdenſes. Tres mil d'entre elles foraõ mórtos, déz mil priſioneiros, os demais ſe ſalváraõ. Naõ tardou muito tempo, que o Duque naõ os tornaſſe a chamar, e entregando-lhes todos os ſeus privilegios, ſe julgou feliz de vêllos outra vez no ſeu Reino. Por ventura eraõ eſtes pobres montanhezes equivalentes aos negociantes, aos obreiros, aos officiaes, e aos homens illuminados, que a França perdeo ſem remedio?

Pelo meſmo tempo hum zelo cégo de Religiaõ preparava em Inglaterra o cataſtrofe dos Stuarts, a que ſeguir-ſe-ha em breve tempo huma guerra geral contra Luiz XIV. Agora he razaõ que fitemos principalmente as noſſas attenções na Inglaterra, que nos convida a iſſo, apreſentando-nos aquellas grandes ſcenas, em que ſe moſtra toda a energia do caracter nacional.

CAPITULO VI.

Fim do Reinado de Carlos II. em Inglaterra. --- Falſa conſpiraçaõ Papiſta. --- Anulla Carlos vários Parlamentos, e conſtitue-ſe abſoluto até á ſua mórte.

SENDO Carlos II. obrigado, como temos viſto, a concluir a paz com Hollanda em 1674, as ſuas allianças com a França, os ſeus projectos de governo abſoluto, a ſua inclinaçaõ aos Catholicos, e o catholiciſmo de ſeu irmaõ o Duque de York, herdeiro preſumptivo da Coroa, cauſavaõ ſempre huma perigoſa fermentaçaõ. O Conde de Shaftesbury, Chanceller, author principal das peſſimas idéas, que Carlos abraçou, tinha-ſe poſto pelo partido dos deſcontentes, des que vio affrouxar o Rei, e apartar-ſe hum pouco do ſyſtema da *cabala*. Eſta perfidia foi funeſtiſſima, porque o pérfido além de ter grandes talentos, tinha muita politica, e muita maldade.

1674 *até* 1685. Deſcontẽtamento, e intrigas em Inglaterra.

Houve quem quizeſſe que Carlos ſe uniſſe com os confederados contra o poder formidavél de Luiz XIV. Aſſim o pedia o intereſſe do Reino, e o Parlamento of-

Carlos II. de intelligẽcia com Luiz XIV.

offereceo abundantes ſobſidios. Ficáraõ todos enganados por algumas demonſtrações de zelo, que o Rei deo. A ſua indolencia, e delicias foraõ o ſeu obſtaculo. As promeſſas da França fizeraõ o ſeu effeito ordinario; e Luiz coroou os ſeus triunfos por meio do Tratado de Nimegue. O diſſabor, que iſto devia cauſar, naõ era o unico motivo de murmurações, e animoſidade. O Duque de Lauderdale governava tyrannicamente a Eſcoſſia, cometria eſcandaloſas injuſtiças, a ninguem reſpeitava, e perſeguia eſpecialmente os Presbyterianos. Todas as noticias deſte Reino, e os clamores dos Eſcoſſezes eraõ muito capazes de amotinar a Inglaterra, onde os animos ſe inquietaváõ por cauſa da deſconfiança.

Eſcoſſia tyranniſada.

Prevēçōes contra os Catholicos.

Em hum eſtado de fermentaçaõ, e criſis, aproveita-ſe ancioſamente o Povo crédulo das quiméras, que ſe unem, e concordaõ com as ſuas preoccupações. Huma fantaſtica *conſpiraçaõ papiſta* produzio tumultos quaſi incriveis. O mais vil impoſtor fez paſſar por certo aquillo meſmo, que o bom diſcurſo devia reprovar por abſurdo. Eſte homem infame, por nome Oates, accuſado de perjuro na ſua mocidade, tinha-ſe feito Catholico, e entrado na Religiaõ dós Jeſuitas de Sant'Omer, que em breve tempo o expulſáraõ. A cólera,

O impoſtor Oates.

a

a miſeria, a maldade, lhe inſpiráraõ huma reſoluçaõ digna delle. Deo-ſe a conhecer por accuſador, declarando que a ſua mudança de Religiaõ fora fingimento; que ſeu intento fora deſcobrir os ſegredos dos Papiſtas, e dos Jeſuitas, e que o tinha conſeguido. A reſpeito do que revelou o extraordinario myſterio, do qual ſe póde julgar por huma ſimples expoſiçaõ.

Suas depoſições a reſpeito da *conſpiraçaõ papiſta.*

Pretendia o Papa ſer Soberano de Inglaterra, e confiou aos Jeſuitas o exercicio da ſua Soberania. O ſeu Geral em conſequencia diſto diſpoz dos principaes empregos, por meio de patentes ſelladas com o ſeu ſello. Cincoenta Jeſuitas deliberáraõ unanimente em Londres mandar aſſaſſinar o Rei: o Padre Chaiſe, Confeſſor de Luiz XIV., conſignou déz mil libras eſterlinas para o regicidio; e elles devem offerecer a Coroa ao Duque de York; mas ſe eſte a naõ receber como dadiva do Papa, eſtá certa tambem a ſua mórte. Eſtes Religioſos ſaõ os authores do grande incendio de Londres em 1666; no qual adquiríraõ quantias immenſas de dinheiro, á força de roubos, e agora meditaõ novo incendio, huma cruel, e horroroſa mortandade, cujo plano tem já formado. Todos elles, para reinar e eſtabelecer o papiſmo, ſe preparáõ para deſtruir tudo.

Coleman prezo.

Á vista destas deposições de Oates, assenhorea-se da naçaõ o espirito de vertigem. Coleman, Secretario da Duqueza de York, he prezo: achaõ-se entre os seus papeis huma correspondencia muito indiscreta com o Padre Chaise, e com hum Nuncio do Papa, e della se vêm projectos obscuros, e expressões ambiguas, faceis de envenenar-se. Posto que as suas cartas provaõ só hum zelo imprudente de Catholico, parecem ser próva certa do conloio. O assassinio do Juiz de paz, que tinha recebido a deposiçaõ do accusador, avigora as preoccupações, e augmenta os temores. Extendem-se as cadeias em Londres, como se estivessem em grande perigo. Toda a Cidade se acha inquieta com os mais sinistros movimentos. (1678.)

Tumulto em Londres.

A causa denunciada ao Parlamento.

Tinha Carlos grande juizo para naõ vêr a falsidade desta conspiraçaõ; mas naõ podia dissipar o erro, nem resistir á torrente. Danby, seu principal Ministro, denuncia a causa ao proprio Parlamento; e este dentro em breve tempo, depois de ter ouvido a Oates, declara que os Papistas tramaõ huma conspiraçaõ infernal contra a Religiaõ, e o Estado. Dá-se ao impostor huma habitaçaõ no Palacio de Whitehall, com huma tença de mil e duzentas libras esterlinas. Outro malvado, a fim de merecer igual recompensa, apresen-

ſenta-ſe fazendo o meſmo perſonagem, e accreſcenta novos abſurdos ás depoſições do primeiro. Todos daõ crédito a ambas eſtas falſas teſtemunhas, como ſe foſſem huns oraculos.

Já o Parlamento naõ attende a nada; e eſtabelece hum *teſt* (hum juramento) no qual o papiſmo he notado de idolatria. Couſa bem ſingular he vêr que as Leis de huma Naçaõ Chriſtã põe os Catholicos na ordem dos Pagãos! Todo aquelle, que naõ ſe ſujeitar ao teſt, ſerá excluido do Parlamento. O Duque de York chorando, e proteſtando conſervar a ſua Religiaõ ſecreta, apenas obtem pela pluralidade de dous votos huma excepçaõ a ſeu favor. Depois diſſo Danby he accuſado por ter vendido a paz á França. Huma das ſuas cartas, eſcrita no tempo das negociações de Nimegue, aſſim o parecia provar. Mas o Rei tinha eſcrito nella eſtas palavras com ſeu proprio punho: *Eſta carta he eſcrita por ordem minha.* Os ſegredos do Miniſterio teriaõ exercitado a inquietaçaõ attrevida dos Communs, ſe Carlos naõ tiveſſe em fim annulado hum Parlamento, do qual recebêra n'outro tempo tantos ſerviços: era eſte o Parlamento de 1661.

O papiſmo notado de idolatria por hum *teſt*.

Danby accuſado.

Carlos annula o Parlamento.

Outro Parlamento, convocado em 1679, ſegue as pizadas do primeiro. Renova-ſe a accuſaçaõ contra o Miniſtro;

Outro Parlamẽto perſegue o Miniſtro.

 poſ-

posto que munido de hum perdaõ geral do Rei. Defende-se que o perdaõ da Coroa naõ pode já mais livrar de huma accusaçaõ dos Communs, e se declara que se o accusado naõ comparecer, será havido por culpado. Comparece Danby, e o mandaõ prender. Isto ainda naõ he senaõ hum preludio das emprezas do Parlamento.

Bil para excluir da Coroa o Duque de York.

Debalde o Rei, para diminuir o odio, que excitavaõ o caracter, e a Religiaõ de seu irmaõ, o obrigou a ausentar-se do Reino; debalde introduzio no seu Conselho os principaes do partido popular, a fim de adquirir novamente a confiança do Povo: Shaftesbury, eleito Presidente deste Conselho, naõ deixa de ser menos colerico, e apaixonado contra a Casa Real. Vendo Carlos, que se pretende excluir da Coroa o Duque de York, empenha-se em anteparar o golpe, e offerece limitar muito a prerogativa, de modo que a Religiaõ deste Principe naõ possa causar desconfiança alguma. Os seus offerecimentos, e instancias naõ impedem ser o Duque declarado, por hum bil dos Communs, excluso da successaõ. Se Carlos tivera tido para com a Rainha Catharina de Portugal os sentimentos, que devia a huma esposa virtuosa; se tivera tido filhos da mesma Rainha, teria evitado taõ terriveis tumultos.

O

O famoſo Auto do *Habeas corpus*, contra as prisões arbitrarias, he parto deſte Parlamento. Todo o preſo deve ſer produzido, a ſeu proprio requerimento, perante hum Tribunal de juſtiça; deve ſer accuſado, e julgado, no termo preſcrito pela Lei; e ſe os Juizes lhe derem a liberdade, naõ póde mais ſer prezo pela meſma cauſa. Paſſou o bil: e he eſte hum dos fundamentos da liberdade Ingleza. Auto do *Habeas corpus.*

Naõ podendo Carlos ſuſpender os ſediciofos procedimentos do Parlamento, toma o partido de o diſſolver, e nem por iſſo fica mais tranquillo. Os Presbyterianos de Eſcoſſia tinhaõ aſſaſſinado o Arcebiſpo primaz de Santo André. Novos rigores os ſoblevaõ, e contribuem para que elles ſe armem. O Duque de Montmouth, filho natural do Rei, mandado a reduzillos, facilmente o conſegue, porque eſtes fanaticos naõ tinhaõ por Generaes, ſenaõ os ſeus meſmos ſacerdotes. Anima-ſe porém novamente a fermentaçaõ em Inglaterra. Os *Torys*, e os *Whigs*, nomes célebres des d'aquelle tempo, dividem toda a Naçaõ. Eſtes, oppoſtos á Corte, pedem que ſe convoque quanto antes hum Parlamento; aquelles moſtraõ hum profundo reſpeito á vontade do Soberano. Vencem os Whigs, e obtem a Parlamento annulado. Novos tumultos. Torys, e Whigs.

Terceiro Parlamento. convocaçaõ de terceiro Parlamento, o qual principia por violencias contra os Torys, ſem reſpeitar nem ſe quer o Auto do *Habeas corpus.* Sempre, com falſo zelo de liberdade, grande he o goſto que ha de fazer ſe oppreſſor. (1680.)

Execuções por cauſa da conſpiraçaõ papiſta. Coleman, e ſeis Jeſuitas foraõ condemnados a mórte, e executados, por cauſa da conſpiraçaõ papiſta, a reſpeito da qual ninguem queria ſoffrer dúvidas. Cinco Pares Catholicos accuſados do meſmo crime, eſperavaõ na priſaõ a ſua ſentença. O mais velho, o Viſconde de Strafford, velho irreprehenſivel, e virtuoſo, ſuccumbio aos golpes da injuſtiça. Poſto que os ſeus accuſadores foſſem indignos de credito, e abſurdas as ſuas depoſições, a propria Camera alta o condemnou. Morreo o Viſconde como Heróe, proteſtando ſempre a ſua innocencia; e o Povo ficou taõ enternecido da ſua mórte, que quaſi ſe deſvaneceo repentinamente a illuſaõ: pelo menos ceſſáraõ procedimentos taõ odioſos. Convencido Oates de impoſtor no Reinado de Jacques II., foi condemnado a ſer expoſto á vergonha no pelourinho, e a priſaõ perpetua. Mas o Rei Guilherme o recompenſou depois.

Quarto Parlamento tambem annullado. Conſervavaõ os Communs ſempre a ſua arrogancia, porque a neceſſidade de dinheiro conſtituia a Carlos muito flexivel.

Que-

Queriaõ elles que o bill de exclúſaõ, promulgado contra o Duque de York, paſſaſſe como Lei do Reino: e declarárão que de outro modo naõ concederiaõ ſubſidio algum. Foi entaõ neceſſario caſſar o Parlamento. Convoca Carlos para Oxford o quarto Parlamento, eſperando que o genio ſedicioſo de Londres naõ dominaria nelle; mas vê fruſtradas as ſuas eſperanças. Teima-ſe ſobre o bill de excluſaõ, e até ſe reprova hum expediente, que os mais furioſos deviaõ achar do ſeu goſto: era eſte o deſterrar para ſempre o Duque de York, o qual poderia vir a ter o titulo de Rei; mas ſem o menor poder, e o herdeiro mais proximo teria Reinado com o titulo de Regente. Eſte tremendo Parlamento diſſolveo-ſe finalmente do meſmo modo que os outros. (1681.)

Reſoluto entaõ Carlos a naõ expôr-ſe já mais ás emprezas parlamentarias, abraça o ſyſtema de Iſabel, ſyſtema de economia taõ util á Coroa: diminue conſideravelmente a ſua deſpeza, e augmenta por eſte principio os ſeus meios. Conſtitue reſpeitavel a ſua authoridade, á proporçaõ que diminuem as ſuas neceſſidades: n'huma palavra, chega a ſer abſoluto nos tres Reinos. A ſua manſidaõ, e os ſeus merecimentos naturaes o podiaõ

O Rei por meio da economia chega a ſer abſoluto.

fa-

Abuso da authoridade, pela influencia do Duque de York.

fazer adorar. Mas por desgraça entrega-se á inclinaçaõ do despotismo, ou para melhor dizer, deixa-se governar pelo Duque de York, o qual espalha por toda a parte o terror. Londres he despojada dos seus privilegios: Escossia geme debaixo da tyrannia de huma cruel Inquisiçaõ: o irmaõ do Rei he mais senhor, e he mais bem servido do que o proprio Rei: o que deo motivo ao seguinte pensamento do poeta Waller: *Carlos, a pezar do Parlamento, que naõ quer que o Duque de York lhe succeda, resolveo fazello reinar d'ante maõ.*

Conjuraçaõ descoberta.

Huma conjuraçaõ, tramada pelo Conde de Shaftesbury, em que entravaõ o Duque de Montmouth, os Lords Russel, Grey, Howard, &c. teria podido destruir o Estado, se o impetuoso Shaftesbury, enojado de algumas demoras improvisas, naõ se tivesse retirado para Hollanda. Os outros foraõ trahidos. Accusando Howard os seus cumplices, comprou o seu perdaõ: Russel, o idolo do Povo, morreo em hum cadafalso com o maior valor: Sidney, que com seu vasto engenho, e principios de liberdade, tinha brilhado no tempo da Républica, teve a mesma infelicidade, que elle soffreo com igual constancia; de maneira que a si proprio deo o parabem de morrer por

Supplicios de Russel, e Sidney.

hu-

huma causa, que sempre defendêra como a melhor. O Duque de Montmouth foi perdoado; mas como tivesse retractado a sua confissaõ, foi obrigado a sahir da Corte. (1683.)

Principios da obediencia passiva.

Gozou o Rei de huma authoridade absoluta até a sua mórte. O Duque de York, sem dar o juramento do Test, tornou a occupar o seu emprego de Almirante General. A doutrina da obediencia passiva, ou da irresistencia, pareceo estabelecida sobre as ruinas dos principios parlamentarios. A Universidade de Oxford condemnou tambem entre outras muitas as seguintes proposições: *Toda a authoridade civil se deriva originariamente do Povo. A conservaçaõ de si proprio he a Lei fundamental da natureza, e suspende a obrigaçaõ das outras Leis, quando ellas lhe saõ oppostas.* Até onde naõ se teria alargado o poder Monarquico, se passasse a outras mãos muito mais capazes, do que as de Carlos II? Este Principe amavel, dotado de grande juizo, porém imprudente, e corrompido por causa da frouxidaõ, morreo em 1685, de idade de quarenta e nove annos. Deo indicios de ter vivido como deista, e mostrou-se Catholico á hora da mórte, recebendo os Sacramentos da Igreja Romana. Seu irmaõ foi reconhecido sem custo com o nome de Jacques II.

Mórte de Carlos II. em 1685.

CA-

CAPITULO VII.

Faz-se Jacques II. odioso aos Inglezes --- Guilherme, Principe de Orange, o priva do Throno. -- A constituiçaõ Ingleza estabelecida.

1685 *até* 1689. Jacques II. exposto ao odio.

ERA Jacques II. dotado de virtudes, de corage, de muito menos juizo que seu irmaõ, mas de sufficiente capacidade. Bem podia ser hum dos maiores Reis da Europa, se tivera respeitado mais as Leis, e a religiaõ da sua Pátria. Hum gosto infeliz de authoridade arbitraria, e hum zelo inconsiderado a favor da Igreja Romana, o expozeraõ ao odio nacional. Em vez de regular o seu estylo de proceder pela experiencia, deixou-se guiar pelos seus principios; e em quatro annos de Reinado cometteo tantos erros, que bem o podemos chamar o author dos seus infortunios.

Principios admiraveis, porém mal sustentados.

Os seus primeiros passos, os seus primeiros discursos davaõ annuncios de hum governo recto; tudo ao principio inspirava confiança, e jubilo. Como que os corações voavaõ para elle. Qualquer prudencia, por mediocre que fosse, teria desvia-

viado os motivos de tumultos. Mas estas favoraveis prevenções em breve tempo se dissipáraõ. Posto que o Conselho fosse composto de Protestantes, soubesse que alguns Padres Catholicos, e especialmente Jesuitas, eraõ os Conselheiros occultos do Monarca. Qual influencia naõ deviaõ ter nelle as suas suggestões!

Parlamento favoravel.

Já elle assistia públicamente á Missa, em despreso das Leis, já tinha levantado direitos sem auto parlamentario, quando o Parlamento foi convocado segundo o costume. Os Torys, ou Realistas dominavaõ no Parlamento, e conseguintemente podia Jacques esperar tudo. Renovou este no seu discurso a promessa de seguir as Leis estabelecidas, e de conservar a Religiaõ Protestante. Deo porém a entender, e máo indicio era este, que poderia passar muito bem sem o Parlamento, se tivesse muita economia com os subsidios. Fizeraõ-lhe certo o mesmo rendimento, que tinha Carlos II. de hum milhaõ e duzentas mil livras esterlinas.

Rebelliaõ do Duque de Montmouth.

Sobleva-se o Duque de Montmouth, filho natural de Carlos, contra o Rei seu Tio, a quem qualifica em hum manifesto, de tyranno, e usurpador papista: e o Parlamento declara o Duque criminoso de alta trahiçaõ, e concede ao Rei quarenta mil livras esterlinas para affogar

a

a rebelliaõ. A esta próva de zelo se seguio a perda de Montmouth, que foi preso, e executado. Perdia Jacques bella occasiaõ de ser amado por meio da clemencia. O peior foi constituir-se elle odioso por via das barbaridades. Com o pretexto de castigar os culpados, hum Coronel feroz, e principalmente o Regedor da Justiça Jefferies, se banhárаõ em sangue. Várias mulheres distinctas foraõ condemnadas ao supplicio, por ter recebido caritativamente alguns fugitivos; e Jefferies, carregado da abominaçaõ pública, chegou a ser Chanceller do Reino.

Execuções barbaras.

Parece todavia estar tudo tranquillo, e sujeito. O Parlamento de Escossia mais respira escravidaõ, do que independencia. Os seus autos, reconhecendo o poder *absoluto* do Rei, saõ confórmes com a vontade do mesmo Rei. O Parlamento de Inglaterra concede hum subsidio muito maior, do que se pedio, posto que o Rei tenha dispensado a todos do Test, estabelecido no ultimo Reinado contra a Religiaõ Catholica. Mas esta dispensa, que os Communs naõ se atrevem a sujeitar ao seu exame, intentaõ os Pares examinar. Naõ póde Jacques soffrer sombra alguma de opposiçaõ, e proroga o Parlamento.

Tudo parece estar sujeito.

Dispensa do Test.

Renovaõ-se entaõ as inquietações contra o papismo, fundadas em próvas muito

Grande credito do Padre Peters.

to perſuaſivas. O Padre Peters, Jeſuita, confeſſor do Rei, e zeloſo intrigante, era a alma do Conſelho privado. Logo ao principio repreſentou o Embaixador de Heſpanha quaõ perigoſa podia ſer aquella exceſſiva confiança nos Padres, e perguntando-lhe Jacques, ſe o Rei de Heſpanha naõ conſultava o ſeu confeſſor, o Embaixador reſpondeo-lhe ſincéramente: *Sim, e eſſa he a razaõ, por que os noſſos negocios ſe dirigem taõ mal.* Já ſe via o Duque de Ormond, e outros illuſtres Proteſtantes, perder o ſeu credito; viaõ ſe vários Cavalleiros, e Miniſtros abraçar a Religiaõ Romana, e o poder de diſpenſar Leis, conſiderado até entaõ como huma prerogativa Real, chegou a ſer hum problema, depois de prohibir-ſe o ſeu exame. Os animos ſe agitavaõ a reſpeito de huma queſtaõ taõ delicada. Eis aqui o tempo, em que a imprudencia do Rei já naõ conhece limites.

Motivos de inquietaçaõ para a Naçaõ.

Ao meſmo tempo que a revogaçaõ do Edicto de Nantes, e os clamores dos Francezes refugiados irritaõ os inimigos implacaveis do Catholiciſmo, eſtabeleceo Jacques II. hum Tribunal arbitrario, ſemelhante á Suprema Commiſſaõ de Iſabel, no qual o Biſpo de Londres he ſuſpenſo, por ter reſpeitado hum Miniſtro, que prégava contra a Doutrina de Roma. Preten-

Grandes erros do Rei, por zelo de Catholiciſmo.

tendendo Jacques introduzir os Catholicos nas Universidades, quebranta os seus privilegios. Permitte huma tolerancia universal, de que bem se vê que só os Catholicos saõ o verdadeiro objecto. Manda hum Embaixador extraordinario ao Papa; e toda a correspondencia com Roma era todavia prohibida, como crime de alta traiçaõ. Recebe em Londres hum Nuncio do Papa, o qual sagra Bispos, publíca instrucções Pastoraes, e parece viver n'hum Paiz de obediencia. Finalmente os desvios deste Principe saõ tantos, e taõ perigosos, que o mesmo Innocencio II. estranha o excesso do seu zelo, e a Corte de Roma antevê as suas funestas consequencias.

Processo de seis Bispos.

Seis Bispos naõ quizeraõ publicar a declaraçaõ da tolerancia, que elles achavaõ illegal, e por isso logo foraõ presos. Corre o Povo a sahir-lhes ao encontro, commovido entranhavelmente do respeito, e magoa; e os soldados, que os guiaõ, mostraõ os mesmos sentimentos. Instrue-se o seu processo com equidade, a pezar da inclinaçaõ da Corte; de maneira que saõ absolvidos pelos Juizes, e o jubilo público se manifesta sem temor; signal evidente de huma fermentaçaõ prestes a abrazar o Reino, e que vários abusos do poder constituiráõ mais violenta. Vio-se nascer hum Principe de Galles, hum her-

Fermentaçaõ pública.

dei-

deiro da Coroa, e este successo servio sómente de occasionar calumniosos rumores contra a virtude da Rainha. (1687.)

Tinha Jacques duas filhas, Maria e Anna, a primeira casada com Guilherme, Principe de Orange, e a segunda com o Principe Jorge de Dinamarca. Huma revoluçaõ podia exaltar Guilherme ao Throno de Inglaterra. Este atilado, e ambicioso politico parecia occupado n'outro objecto; naõ se embaraçando com os negocios de Jacques, testemunhando-lhe extremado apego, entregando-se demais disso ao intento de humilhar a Luiz XIV., e excitando a célebre Liga de Ausburgo, de que brevemente trataremos. Guilherme porém nem por isso estava menos disposto a aproveitar-se do descontentamento dos Inglezes, os quaes já reclamavaõ o seu soccorro. O nascimento do Principe de Galles era mais hum motivo para romper com hum Sogro, a quem elle naõ amava. Desapprovava o seu procedimento; perdia a esperança de succeder-lhe; tudo o convidava para abraçar hum partido violento; e com effeito o abraçou, e a sua prudencia lhe assegurou o feliz exito delle. Politica do Principe de Orange, genro de Jacques.

Tinha-se o Rei constituido odioso a todos os partidos; próva certa de hum pessimo governo. Os Torys, e os Bispos taõ Todos os partidos contra o Rei.

taõ devotos da Coroa, ſegundo os ſeus principios, quaſi que penſavaõ como os Wighs. Os Anglicanos, e os Presbyterianos eſqueciaõ-ſe das ſuas diſputas religioſas; para deſejar o fim de huma oppreſſaõ commum. Guilherme os liſonjeava a todos. Os ſeus emiſſarios lhe grangeavaõ infinitos ſeguidores, ao meſmo tempo que elle fazia immenſos preparos de guerra. O que cauſa maior admiraçaõ, he terſe conſervado inviolavelmente o ſegredo. O armamento do Stathouder parecia ameaçar a França, e era natural que o attribuiſſem á Liga de Ausburgo.

Guilherme os liſonjea a todos, e arma occultamẽte.

Recuſa Jacques os offerecimentos de Luiz XIV.

Com tudo o Conde de Avaux, Embaixador de Luiz XIV. na Haya, adivinha o myſterio, e aviſa o ſeu Monarca. O qual prevenio o Rei de Inglaterra, offereceo-lhe huma eſquadra, offereceo-lhe mandar fazer huma diverſaõ nos Paizes Baixos; mas Jacques naõ deo crédito a nada, rejeita altivamente huns ſoccorros taõ neceſſarios, e fica ſocegado em meio do precipicio. Cegueira incomprehenſivel, eſpecialmente n'hum tempo, em que a Eſquadra Ingleza eſtava amotinada, e o Exercito de terra diſpoſto para a rebelliaõ; pois as emprezas contra as Leis, e contra a Religiaõ hiaõ ſempre continuando.

Che-

Chegaõ finalmente de Hollanda noticias certas, de que o Principe de Orange está prestes a fazer huma invasaõ. Interdicto entaõ o Rei, tremulo, e cobarde, retracta as suas ordenações, e empenha-se em reparar os seus erros; mas naõ era já tempo. Descreve Guilherme fortemente em hum manifesto todos os aggravos dos Inglezes; annunciando que está disposto para vir com trópas, a fim de aguardar a Naçaõ dos perniciosos Conselhos, que cercaõ o Rei, e vêr convocar hum Parlamento livre, que segure a conservaçaõ da liberdade, e examine a legitimidade do Principe de Galles. Este Manifesto, que procede com os desejos do público, he o signal de huma prompta revoluçaõ.

1688 Abre Jacques os olhos, mas muito tarde.

Manifesto de Guilherme.

Parte com effeito Guilherme com huma fróta de quasi quinhentas vélas, e mais de quatorze mil combatentes, e apenas desembarca, em 15 de Novembro, correm a recebello infinitos Cavalleiros, e Officiaes Inglezes. Churchill, que depois foi Duque de Marlborough, valído de Jacques, e seu Tenente General, naõ duvida trahir o infeliz Rei. O Principe de Dinamarca, seu genro, a Princeza Anna, sua filha amada, o abandonaõ cruelmente. Perde Jacques o animo, desconfia do seu Exercito, teme o Parlamento, e foge, sem tentar pelo menos a fortuna.

Prompta revoluçaõ; fugida do Rei.

Pren-

Prendem-o : o Principe de Orange nega-lhe huma conferencia, e remette-o preſo para Rocheſter perto do mar; mas como hum preſo ſemelhante naõ podia deixar de cauſar grande cuidado, facilita-lhe a fuga para França.

1689 O Throno declarado por vago.

Quanto mais offendia á natureza, e ao direito das gentes, eſta empreza contra hum Soberano, contra hum Sogro, tanto maior foi o cuidado que Guilherme, bem que amador da liberdade, teve em dar traça para naõ ſer arguido de uſurpaçaõ. Convoca-ſe o Parlamento, e ajunta-ſe, ſimplesmente como *convençaõ*; porque o nome de *Parlamento* ſuppõe huma convocaçaõ do Rei. Os Communs declaraõ que "tendo-ſe Jacques II. empenhado em deſtruir a Conſtituiçaõ do Reino, rompendo o *contrato original* entre o Rei, e o Povo, tendo violado as Leis fundamentaes, por conſelho dos Jeſuitas, e de outros eſpiritos perniciofos, e tendo fugido do Reino, abdicou o governo, e por conſeguinte o Throno acha-ſe vago." Depois de grandes, e fórtes diſputas na Camera alta ſobre a realidade do contrato nacional, violaçaõ delle, e finalmente ſobre a vacancia do Throno, foi inteiramente recebida a declaraçaõ dos Communs. Eſte Auto he hum dos mais memoraveis na Hiſtoria.

Debates parlamentarios.

De-

Delibera-se depois disso, se ha de ser nomeado hum Rei, ou hum Regente; e entaõ he que o Principe de Orange descobre a sua ambiçaõ; pois declara a alguns Cavalleiros, que naõ se metterá mais nos negocios do Reino, ou se estabeleça huma regencia, ou se consigne a Coroa á Princeza Maria, sua Esposa, filha primogenita de Jacques; n'huma palavra, senaõ tiver mais do que huma dignidade precaria, dependente de outra qualquer pessoa. Naõ podendo o Parlamento retroceder, e conformar-se as duas filhas de Jacques com o Principe Hollandez, determina-se que Guilherme, e Maria possuiráõ juntamente a Coroa, que Guilherme terá sómente a administraçaõ; e que a Princeza Anna succederá depois de sua mórte, e a sua posteridade depois da posteridade de Maria.

A Coroa dada a Guilherme, e a Maria juntamente.

Huma declaraçaõ, junta a este regulamento, estabelece os direitos da Naçaõ, e restringe a prerogativa Real. Os Artigos essenciaes saõ os seguintes. O Rei naõ póde suspender as Leis, nem a execuçaõ das Leis, sem approvaçaõ do Parlamento. Naõ póde erigir Tribunal Ecclesiastico, nem outro algum Tribunal. Naõ póde pôr imposto algum pecuniario, sem o consentimento do Parlamento, nem tirar dinheiro algum de outro qualquer modo ou por

Direitos da Naçaõ regulados.

tempo mais dilatado, do que tiver ſido concedido. Naõ póde levantar, ou manter hum Exercito, ſem o conſentimento do Parlamento. Os vaſſallos tem direito de apreſentar ao Rei petições, ſem que por iſſo poſſaõ ſer preſos, nem perſeguidos. Os vaſſallos Proteſtantes pódem ter armas para ſua defeza, do modo que pelas Leis he permittido. As eleições devem ſer livres; e os diſcurſos, ou os debates do Parlamento naõ devem ſer examinados, ſenaõ no meſmo Parlamento. Naõ ſe deve nem exigir fianças exceſſivas, nem impôr condemnações exhorbitantes, nem condemnar a penas muito cruéis. Os Jurados, nos proceſſos de alta trahiçaõ, devem ſer Membros das Communidades. Para remediar os abuſos, he neceſſario convocar frequentemente os Parlamentos.

Novo juramento.

Aos antigos juramentos, ſubſtitue-ſe outro novo, o qual declara, que *nenhum Principe, Prelado, Eſtado, ou Soberano Eſtrangeiro, tem nem deve ter juriſdicçaõ alguma, poder, ſuperioridade, preeminencia, authoridade eccleſiaſtica, ou eſpiritual no Reino*. He eſte hum divorcio eterno com o Summo Pontificado.

A prerogativa real ſẽpre muito ampliada.

Deſte modo foi eſtabelecida a conſtituiçaõ Ingleza pela Junta nacional. Provavelmente teria ſido mais coarctado o poder da Coroa, e talvez até ao ponto em

que o veremos na Succia, ſe as trópas de Guilherme III. naõ tiveſſem cauſado algum temor, ou ſe a ſua indúſtria naõ influíra nas deliberações. Hum Rei, ſenhor de convocar, prorogar, diſſolver o Parlamento; negar o ſeu conſentimento aos Bils, que naõ tem força de Lei, ſenaõ depois do conſentimento dado; hum Rei, ſenhor dos lugares do Conſelho, dos cargos maiores, e de todos os empregos principaes, cujo rendimento importa em mais de tres milhões de libras eſterlinas, ſem comprehender o rendimento dos beneficios; hum Rei, que por conſeguinte tem meios immenſos, para que os homens capazes de o ſervir ſigaõ ſempre o ſeu partido; hum Rei, que eſtá de poſſe do direito, aſſim da guerra, como da paz, da adminiſtraçaõ da juſtiça, e da adminiſtraçaõ geral do Eſtado, ſem dar contas a peſſoa alguma; por ventura o poder de hum Rei ſemelhante naõ deve cauſar deſconfiança a hum Povo taõ zeloſo de huma grande liberdade?

Mas o poder real tinha huma grandiſſima oppoſiçaõ na neceſſidade de recorrer ao Parlamento por cauſa dos ſubſidios, naquelle eſpirito de liberdade attento ſempre ao proceder do governo, e ſempre prompto para o cenſurar com ouſadia; no imperio das Leis, infinitamente amadas, e

O que limita neceſſariamente a prerogativa real.

e respeitadas por hum Povo altivo, o qual julga depender dellas a sua felicidade; na opiniaõ pública, capaz de pôr em movimento todas as partes do Estado, se houver a imprudencia de ir contra ella; na energia do caracter elevado, e profundo juizo destes insulares; e finalmente na propria lembrança das revoluções, que tantas vezes abaláraõ o Throno.

Guilherme III. sempre inquietado pelos seus vassallos.

Guilherme, que mais era Rei em Hollanda, do que em Inglaterra, experimentou todo o tempo do seu Reinado quaõ difficultoso era governar os Inglezes. Ao principio só lhe concedêraõ a sua renda, por tempo limitado, e breve; estabeleceo-se a quantia destinada para a despeza da sua casa, e regulou-se que o resto dos dinheiros públicos estaria sujeito á inspecçaõ do Parlamento: n'huma palavra, teve este Rei motivos para arrepender-se de ter desejado ancioso huma Coroa, que para elle era hum manancial de dissabores.

Jacques II. se vilifica em França.

Agora veremos como Luiz XIV., em guerra com toda a Europa, fez os maiores esforços para restabelecer a Jacques II.; mas este já naõ parece, senaõ hum Principe desprezado, sem corage, nem prudencia, e o devoto dos Jesuitas; a propria França, testemunha do seu abatimento, o julgará digno das suas infeli-

ci-

cidades. Como Duque de York, parecia capaz de reinar; e como Rei, pareceo perder todo o merecimento de Duque de York. Tanto póde o infortunio abater as almas, que naõ conheciaõ outro movel para obrar, ſenaõ o poder, ou as contradiçōes! taõ grandes ſaõ as luzes, que a piedade, taõ propria para excitar ás obrigaçōes, exige nos lugares ſuperiores, para diſcernir as legitimas obrigaçōes, das ſimples práticas de devoçaõ!



ÉPOCA
DE LUIZ XIV.

LIVRO III.

Des da guerra de 1688, até o congresso de Utreque em 1712.

CAPITULO I.

Liga de Ausburgo contra Luiz XIV. --- Sustenta este a guerra com feliz successo contra a Europa quasi toda.

O famoso Principe de Orange soblevava a Europa cõtra Luiz.

DE todos os inimigos de Luiz XIV., nenhum era mais para temer, em razaõ dos seus talentos, e implacavel odio, do que o famoso Principe de Orange, desprezado entaõ levemente pélos Francezes, por naõ ter sido feliz na guerra. Á força de exagerar a ambiçaõ de Luiz, de o descrever como aspirando á Monarquia Universal, de insistir a respeito das suas violentas emprezas, e de fazer temer as consequencias dellas, ateava este Principe,

pe, havia muito tempo, hum fogo, que naõ podia deixar de abrazar em breve tempo a Europa. Por meio da Liga de Ausburgo de 1686, confirmada em Veneza no anno ſeguinte, reunio os confederados da ultima guerra, para a conſervaçaõ dos Tratados de Munſter, e Nimegue. O Papa Innocencio XI. o favoreceo, ſem ter correlaçaõ com hum Principe herege. As diſcordias entre França, e a Corte de Roma ſempre ſe inflammavaõ cada vez mais. Liga de Ausburgo.

Pretendia Luiz alcançar o Eleitorado de Colonia para o Cardeal de Furſteñberg, Biſpo de Strasburgo, inteiramente aferrado aos ſeus intereſſes. A pezar das proteſtações de muitos Conegos, conſeguio-ſe fazello eleger Coadjutor; mas o Papa Innocencio declarou nulla a eleiçaõ. Hum Principe de Baviera, de idade de dezaſete annos, já Biſpo de Ratisbona, provido por hum Breve de-diſpènſa (porque a politica naõ he eſcrupuloſa a reſpeito dos Canones), foi depois diſſo preferido ao Cardeal, com applauſo de todo o Imperio. Vã tentativa para eleger hũ Eleitor de Colonia, amigo da França.

Além deſte motivo de guerra, havia ainda outros dous. Reclamavaõ-ſe, mas debalde, certos direitos, ou legitimos, ou ſuppoſtos, da Duqueza de Orleans, Princeza Palatina, a reſpeito da ſucceſſaõ do Eleitor Palatino, ſeu irmaõ, e o Imperio naõ Outros aggravos do Rei.

naõ tinha querido mudar a tregoa de Ratisbona em paz perpetua: tanto naõ era necessario para o Rei armar. Enojado este da Liga de Ausburgo, e impaciente por prevenir os seus intentos, rompeo a tregoa, e deo sobre a Alemanha.

Rompe Luiz a tregoa.

Leopoldo fazia aos Turcos huma guerra feliz.

Achava-se o Imperador Leopoldo em situaçaõ mais vantajosa, do que d'antes. Buda tinha sido tomada por assalto aos Turcos em 1686. Desbaratados estes em Mohacz no anno seguinte pelo Duque de Lorena, e pelo Eleitor de Baviera, tinhaõ perdido a Esclavonia. Os Estados de Hungria pouco havia que tinhaõ derogado a antiga Lei, que permittia depôr o Soberano no caso que elle violasse os privilegios; e naõ havia muito que tinhaõ constituido hereditaria a Coroa a favor dos filhos varões da Casa de Austria, e consentido em receber as guarnições Imperiaes. A razaõ disto era ter o Imperador confirmado os privilegios dos Hungaros, e incorporado a este Reino as conquistas feitas aos Turcos. Finalmente, José, seu filho primogenito, era já coroado Rei de Hungria. Cumpria porém continuar por esta parte: diversaõ favoravel á empreza de Luiz XIV. E ao mesmo tempo, que os Imperiaes forçavaõ Belgrado, e sobjugavaõ a Servia, hum Exercito de cem mil homens, capitaneados pe-

Coroa de Hungria herditaria.

1688
França arma.

pelo Delfim, atemorisou o Imperio todo.

Com desanove dias de sitio, senhorea-se o Delfim de Philipsburgo. Mogoncia, Manheim, Spire, Wormes, e Treveris estaõ nas mãos dos Francezes. O Palatinado he inhumanamente entregue ás chammas, em 1689; mais de quarenta Cidades, e infinitas aldeas queimadas, todo este delicioso Paiz saqueado: que monumento horroroso do que se chama direito da guerra, ou para melhor dizer, da horrifica crueldade de Louvois! pois que elle fora quem movera o Monarca a passar ordens taõ crueis. Era logo impossivel por ventura que os inimigos entrassem algum dia no Reino? E se entrassem nelle, quantas represalias naõ se deviaõ esperar? A boa politica respeita a humanidade.

Tomada de Filipsburgo, &c.

Palatinado saqueado.

Nesta occasiaõ he que Jacques II., fugitivo sem ter combatido pela sua Coroa, procurava azylo em França, onde mais se mostrou Jesuita, do que Rei. Próva he da pouca estimaçaõ, que elle inspirou, o dito indecoroso de Tellier, Arcebispo de Reims: *Bom homem he este, que abandonou tres Reinos por huma Missa!* A sua religiaõ o teria certamente constituido admiravel, quando a ella tivesse unido as qualidades de hum Principe, e de hum He-

Procedimento de Jacques II. em França.

Heróe. Moſtras aſſignaladas deo Luiz XIV. da ſua magnificencia a favor delle, e taõ grande ſe deixou vêr, quaõ pequeno parecia Jacques.

Paſſa Jacques para Irlanda, onde ſe porta muito mal.

Huma fórte eſquadra Franceza tranſporta para Irlanda o Rei privado do Throno, e promptamente lhe chegaõ novos ſoccorros. Acha Jacques os Irlandezes diſpoſtos a ſervillo, e he recebido em Dublin com grandes demonſtrações de jubilo. Mas quanto maior he o zelo de que os Catholicos daõ moſtras, tanto menos elle reſpeita os Proteſtantes. Londondery, Cidade pouco conſideravel, onde dominava a Religiaõ Proteſtante, e o Miniſtro Walker dava as ordens, e inſpirava o enthuſiaſmo, he o primeiro eſcolho, onde elle vai precipitar-ſe. Levanta o ſitio deſta Praça, depois de ter perdido nelle nove mil homens. No ſeguinte anno (1690), alcança Tourville, Vice-Almirante de Luiz, huma victoria completa contra as frotas Ingleza, e Hollandeza, unidas na altura de Dieppe: victoria, que aſſegurou á França o Imperio do mar, perto de dous annos. Eſta vantagem he inutil ao infeliz Principe, porque tudo quanto faz he cahir em erros.

Sitio de Londondery.

1690 Os Francezes, ſenhores do mar.

Batalha do Boyna.

Paſſa Guilherme á Irlanda, e Jacques quer expor-ſe aos riſcos de huma batalha. Ambos os Exercitos, cada hum quaſi de

qua-

quarenta mil homens, eſtaõ á viſta, paſſando por entre elles o rio de Boyna. Ao meſmo tempo que Guilherme examina o terreno, huma bala desflora lhe a eſpadua. Os inimigos o julgaõ morto, e triunfaõ; mas elle depois de ſocegar as ſuas trópas, e examinar as linhas a cavallo, ordena o combate para o ſeguinte dia. A acçaõ foi deciſiva. Elle paſſou o rio por entre os maiores perigos. O Marechal de Schomberg, que combatia a ſeu favor com os Francezes refugiados, perdeo a vida, ſem que eſta infelicidade tiveſſe as conſequencias que ſe podiaõ recear. Os Irlandezes, quaſi ſempre vencidos facilmente no ſeu Paiz, fugíraõ logo: ſó os Francezes combatêraõ com valor, e ſe retiraraõ em boa ordem; mas naõ appareceo Jacques, n'huma occaſiaõ, em que lhe era muito importante dar exemplo. Brevemente o tornou a vêr França, menos digno do que nunca dos ſacrificios, que lhe fazia.

Jacques, vencido.

Em duas campanhas ficou Irlanda totalmente ſobjugada pelos Generaes de Guilherme. Poſto que Luiz tiveſſe mandado tres mil homens, e provimentos immenſos para Limerik, eſta Praça eſſencial capitulou. Hum perdaõ geral, concedido aos Irlandezes com a liberdade de conſciencia, era o meio de os fazer ſeguir o par-

Irlanda ſobjugada por Guilherme.

partido do novo governo. Com tudo doze mil Irlandezes se approveitavaõ da licença, que lhes davaõ para retirar-se, e França veio a ser a sua Pátria; mas naõ traziaõ comsigo para ella, nem a industria, nem as riquezas, perdidas pela emigraçaõ dos Protestantes.

Inimigos de Luiz XIV.

Já Luiz XIV. tinha contra si Inglaterra, Hollanda, Hespanha, o Duque de Saboya, e quasi toda a Italia, ligadas com o Imperador, e com a maior parte do Imperio. Taes eraõ ainda os seus recursos, e o vigor do governo, que elle conservou nesta guerra a superioridade das suas armas. Examinemos sómente neste lugar os successos mais memoraveis.

Sitios de Bonn, e de Moguncia.

Carlos V., Duque de Lorena, e o Eleitor de Baviera, tomaõ outra vez em 1689 Brun, e Moguncia. Estas Cidades mal fortificadas foraõ admiravelmente defendidas, a primeira, pelo Baraõ de Asfeld, que ficou mortalmente ferido n'hum assalto geral; a segunda, pelo Marquez (depois Marechal) de Uxelles, o qual depois de vinte e huma sortidas, se rendeo por falta de polvora. Quando o Marquez de Uxelles voltou, deraõ-lhe grandes apupadas em Pariz, estando no Theatro. Os Francezes, muito acostumados á victoria, ajuisavaõ pela sua presumpçaõ.

O

O Principe de Waldeck venceo, e derrotou no mesmo anno o Marechal de Humieres em Valcour nos Paizes Baixos. Mas este Principe foi desbaratado em Fleurus em 1690, pelo Marechal de Luxemburgo, aborrecido por Louvois, e eleito todavia pelo Monarca. O combate de Leuze, em 1691, em que vinte e oito esquadrões desbaratárão setenta e cinco; a sanguinolenta batalha de Steinkerque em 1692, e a de Nerwinde em 1693, na qual o Rei Guilherme ficou vencido; coroárão a gloria de Luxemburgo, digno discipulo do grande Condé. Nestas ultimas acções, alguns Principes de sangue ainda moços combatêrão com valor heroico. O filho do famoso Turenne, seguindo o seu exemplo, perdeo a vida: o Rei tomou em pessoa Mons, e Namur, e Guilherme, na frente de hum grande Exercito, não pode soccorrer esta ultima Praça.

Campanhas do Marechal de Luxemburgo.

Batalhas de Steinkerque, e de Nerwinde.

Por outra parte vio-se o Marechal de Catinat Philosopho guerreiro, sempre o mesmo em todos os gráos da fortuna, alcançar contra o Duque de Saboya, em Stafarde, huma victoria completa, a que se seguio a tomada de Suze, Villefranche, Montalban, Nice, Montmelian, &c. (1691.) Obrigado Catinat a ter-se em defensa, por haver sido chama-

Campanhas de Catinat.

Batalhas de Stafarde, e de Marsaille.

mada huma parte das suas trópas, ainda o viraõ acometter, e vencer o Duque em Marsaille, assim que teve forças sufficientes para o combater sem imprudencia. (1693.) Vingáraõ-se entaõ os Francezes no Piemonte das assolações, que o Principe tinha feito no Delfinado.

Guerra em Alemanha, e Catalunha.

Hum Exercito Francez, capitaneado pelo Marechal de Lorges, teve tambem felizes successos em Alemanha, onde a guerra naõ era taõ viva. O Marechal de Noailles teve maiores successos em Catalunha: pois tomou Roses (1693), Palamoz, Gironne, &c. (1694), depois de ter vencido huma batalha nas margens do Ter. O Rei de Hespanha naõ tinha dinheiro para pagar trópas, e vio-se reduzido a cercear a terça parte dos ordenados dos seus officiaes, ainda militares; a vender os Vice-Reinados do Mexico, e Peru; e a pedir emprestado a quinze por cento. O credito ficou arruinado com os erarios, e muito tempo havia já que Hespanha exhauria de ouro o novo mundo, em beneficio dos outros Póvos. Era esta Monarquia semelhante a hum colosso, que cahe desfeito em pó.

O Rei de Hespanha sem dinheiro.

Exhaurido Luiz por causa das suas victorias, offerece a paz.

Victoriosa porém a França sem adquirir outra cousa senaõ gloria, arruinava-se tambem com vãos triunfos: o que Luiz XIV. naõ pode deixar de conhecer, pois que

que em 1694 offereceo a paz, e a restituiçaõ das suas conquistas. Os inimigos, ou fosse por desconfiança, ou por ambiçaõ, ou por odio, rejeitáraõ entaõ o mesmo, que em Riswick viráõ a acceitar em 1697. Eraõ fallecidos Louvois, e Luxemburgo; perdas difficultosas de reparar-se, des que a guerra naõ acabava. O primeiro, muito cruel, e amigo da violencia, excedia ainda assim em muitas partes do Ministerio: o segundo, a pezar da invéja, que o perseguia, substituio gloriosamente os Condés, e os Turennes.

1695 Toma Guilherme novamente Namur, do mesmo modo que Luiz a tinha tomado.

Guilherme III. vencido, e derrotado muitas vezes, e por esta razaõ muito pouco estimado em França, bem que soubesse admiravelmente exaltar se depois de qualquer vencimento, provou muito bem que o successo das armas nem sempre decide da capacidade do General. Tinhaõ todos considerado, como hum portento, a tomada de Namur por Luiz XIV., á vista de hum Exercito de oitenta mil homens, capitaneados por Guilherme, o qual foi ridiculisado por naõ ter podido salvar a Praça. Elle todavia tomou outra vez Namur, a pezar dos maiores obstaculos. O Marechal de Boufflers, taõ bom General, como virtuoso Cidadaõ, tinha dado sobre ella com sete regimentos, e a guarniçaõ era numerosa. O Marechal de Ville-

leroi achava-ſe nas margens do Mehaigne, na frente de mais de oitenta mil homens, e naõ fez nada. A defeza foi fórte; e dilatada; mas Guilherme triunfou. O Parlamento de Inglaterra, que o deſgoſtava, e todavia era prodigo em conceder tudo por cauſa do odio, que tinha á França, havia dado para eſta campanha mais de quatro milhões e ſetecentas mil libras eſterlinas. Os ſubſidios foraõ enormes neſte Reinado: naõ ſe podia ſuſtentar a guerra ſem exhaurir ſe.

Combate de Hogue em 1692. As eſperanças do Rei Jacques ſe deſvanecêraõ quaſi inteiramente des do anno de 1692, depois da famoſa batalha de Hogue. Duas grandes Eſquadras Francezas deviaõ unir-ſe para hum deſembarque em Inglaterra; mas o vento contrario impedio a uniaõ. Tourville, ſó com quarenta e quatro náos, foi acomettido pelos inimigos, que tinhaõ perto de cem, e todavia defendeo-ſe antes de ſuccumbir, por eſpaço de dez horas. Perſeguidos os Francezes por eſpaço de dous dias, perdêraõ quatorze náos grandes, e o imperio do mar. *Salvou-ſe Tourville?* perguntou o Rei quando teve eſta noticia: *quanto ás náos pódem ſe achar outras; mas naõ ſe acharia facilmente hum Official como elle.* Saber honrar o merecimento, e inflammar o zelo dos que o ſerviaõ,

Perda da França.

era

era huma das melhores qualidades de Luiz XIV.

Dieppe, Havre de Graça, S. Maló, Calais, e Dunkerque, foraõ bombeadas pelos Inglezes. Que lucro se tinha tirado de inventar as galeotas de bomba? A sua *máquina infernal*; muito mais terrivel, se o seu exito fora feliz, por felicidade ficou frustrada. Bem que distante, o seu impulso quebrou todas as vidraças de Saõ Maló, arruinou infinitos telhados, e abalou a terra até tres legoas de distancia. Bruxellas, pertencente á Hespanha, foi a victima das vinganças destes bombardeios: e deste modo a guerra no seculo da polidez conservava ainda as suas atrocidades.

Bombardeios; *máquina infernal.*

Estendia-se esta até ás extremidades do mundo; porque onde os Europeos introduziaõ a sua admiravel indústria, tambem introduziaõ as suas destruidoras animosidades. Os Hollandezes tomáraõ Pondicheri á França; os Inglezes assoláraõ Saõ Domingos; os Francezes saqueáraõ a Jamaica. Pointis, Chéfe da Esquadra, unido com os aventureiros, sorpresou Carthagena, onde os Hespanhoes experimentáraõ huma perda consideravel, avaliada em vinte milhões. Duguai-Frouin, e Joaõ Bart, dous Corsarios dignos dos primeiros gráos militares, arruináraõ o Commer-

Expedições para Asia, America, &c.

cio dos inimigos, que arruinavaõ o da França.

Creaçaõ do Eleitorado de Hannover.

Tinha-se levantado no Imperio huma grande divisaõ, a respeito de hum nono Eleitorado, creado por Leopoldo des do anno de 1692, a favor do Duque de Brunswick-Lunebourg-Hannover. O Imperador tinha-lhe dado a investidura; os Principes tinhaõ protestado, e formado tambem huma Liga em Ratisbona. Se Leopoldo naõ suspendêra em 1693 os effeitos da investidura, huma grande parte da Alemanha, em vez de combater contra a França, teria provavelmente voltado as armas contra elle. Este nono Eleitorado foi hum motivo de tumultos, até o Reinado de José, em que os Estados o approváraõ em 1708. Se a guerra se fez nesta parte com toda a brandura, nenhuma admiraçaõ deve causar. Os Alemães obravaõ pouco, e Luiz trazia por outras partes as suas maiores forças.

Tumultos a este respeito.

CA-

CAPITULO II.

Paz de Riſwick, neceſſaria a Luiz XIV.; poſto que vencedor. --- Paz de Carlowitz, em que os Turcos recebem Leis.

ESTA guerra, ſem neceſſidade, cujo principio era o odio, que Luiz XIV. tinha attrahido a ſi, inſpirando demaſiado terror, e que elle teria evitado limitando-ſe a ſer o arbitro da Europa; eſta guerra, que naõ ſe deve attribuir tanto ás ſuas paixões peſſoaes, quanto ao genio deſpotico, e conſelhos violentos do ſeu Miniſtro Louvois, cauſava males infinitos ao Reino, e opprimia hum Povo coroado ainda pela victoria. Naõ ſe ſuſtentava eſta guerra, ſenaõ a poder de impoſtos, ou de expedientes prejudiciaes ao Eſtado. A obſtinaçaõ dos inimigos arredava a paz, que elles meſmos deviaõ deſejar com maior ardor. Era neceſſario deſannexar da ſua confederaçaõ algum dos ſeus membros; dividir os que ſe achavaõ inflexiveis, eſtando unidos. A politica flexivel, e ambicioſa de Victor Amadeo, Duque de Saboya, conformou-ſe por intereſſe com as idéas da Corte de França.

A guerra arruinava a França victorioſa.

Obſtinaçaõ dos inimigos.

1696
El Rei attrahe o Duque de Saboya, ao seu partido;

Trouxe-o Luiz XIV. ao seu partido concedendo lhe o que elle mais podia desejar; a restituiçaõ dos seus Estados, Pinheirol, (posto que arrazada), as honras das testas coroadas, quatro milhões, e o casamento de sua filha com o Duque de Borgonha, filho do Delfim. Catinat concluio o tratado. Innocencio XII. (Pignatelli (taõ favoravel á França quaõ contrario lhe foi Innocencio XI.) naõ contribuio pouco para resolver o Duque de Saboya. O que o Papa mais desejava era especialmente a tranquillidade da Italia: motivo porque o seu maior desejo era que esta ficasse natural. Naõ querendo os alliados consentir nisto Victor Amadeo unio as suas armas ás de Luiz XIV.

Para o que contribue Innocencio XII.

1697
Negociações, e tratado de Riswick.

A sua separaçaõ estorvou tanto mais a grande alliança, quanto o vêr que Luiz tinha ainda quatro exercitos prontos, e o tomar o Duque de Vendome Barcelona, depois de ter vencido, e derrotado os Hespanhoes. Negociava-se em Riswick, junto a Haya, e a Suecia era a Medianeira. A mediaçaõ do Papa, já inutilmente offerecida para a paz de Nimegue, naõ tinha sido acceita, e a Corte de Roma naõ podia deixar de perder toda a influencia nos negocios da Europa. Quatro tratados, concluidos pelos fins do anno de 1697, seguráraõ a paz geral, cujas

jas condições parecem humildes para Luiz, bem que elle meſmo as tiveſſe propoſto victorioſo, e conquiſtador.

Eſte Principe reſtitue á Heſpanha tudo quanto ella tinha perdido durante a guerra, Luxemburgo, Mons, Ath, Courtray, Barcellona, &c. com tudo quanto as Cameras de Metz, e Briſac tinhaõ unido ao dominio. Eſte o fructo deſtas uniões violentas! Reconhece Rei de Inglaterra aquelle meſmo Guilherme, ſeu inimigo peſſoal, que era tratado em França de perfido uſurpador, e cuja ambiçaõ cauſára guerras taõ funeſtas. Quanto á Hollanda eſteve Luiz pelós Tratados de Munſter, e Nimegue. Reſtitue ao Imperio Kehl, e Philipsburgo; e ao Imperador, Friburgo, e Briſac. Conſente que ſejaõ arraſados os fórtes edificados além do Rhin, abandona as reuniões feitas fóra da Alſacia, exigindo todavia que nos lugares, que foraõ unidos ao Dominio da Coroa, ficará a Religiaõ Catholica no meſmo eſtado, em que ſe achar. Niſto os Proteſtantes tiveraõ muita difficuldade em conſentir.

França cede muito, como ſe fora vencida.

Finalmente reſtabelece Luiz o Duque de Lorena Leopoldo, filho de Carlos V., deſmantelando porém as ſuas Praças. Leopoldo, que taõ pequeno era, ſe olharmos ſómente para o poder, he hum grande

Leopoldo, Duque de Lorena, grande Principe.

de Principe nos olhos da humanidade, ſabedoria, e prudencia. Roubando-lhe todos os cuidados a felicidade dos ſeus vaſſallos, fez com que eſtes ſe eſqueceſſem das infelicidades da guerra, das infelicidades cauſadas pela auſencia do Soberano. Procurou-lhe a commodidade, as artes, as luzes, todos os bens da natureza, e de huma ſociedade docil, e pacifica. A ſua illuſtre caſa, depois de ſetecentos annos de ſoberania, e gloria, naõ tinha produzido perſonagem algum taõ digno de elogios. Eſtas bellas palavras, que delle ſe citaõ, *Eu abandonaria a manhã o meu Principado, ſenaõ podeſſe fazer bem*, eraõ a expreſſaõ dos ſeus ſentimentos, que deveria inſpirar o poder ſupremo a todo aquelle, que delle ſe acha reveſtido.

A neceſſidade obrigou Luiz XIV. a fazer a paz.

A paz de Riſwick, comparada com a paz de Nimegue, em que Luiz tinha dado Leis, excitou as murmurações de huma Naçaõ ſoberba com tantas victorias, e indignada de vêr todo o fructo dos ſeus triunfos ſacrificado aos vencidos. Alguns exaltáraõ o moderaçaõ do Monarca; outros imagináraõ falſamente que a ſua politica abria-lhe por eſte meio caminho para a ſucceſſaõ de Heſpanha. Mas hoje ſe ſabe que deſenganado Luiz das quimeras do orgulho ſacrificou a neceſſidade legitima dos ſeus vaſſallos, e do ſeu Eſtado.

De-

Depois do trifte coftume que elle tinha tomado de manter Exercitos muito mais numerofós, do que antigamente, as defpezas da guerra eraõ enormes. E que fe lucrava com efte coftume? Arruinar-fe a fi proprio, obrigando os inimigos a arruinar fe; porque eftes augmentavaõ neceffariamente o número das fuas trópas, á proporçaõ das de França. As primeiras cinco campanhas tinhaõ cuftado mais de duzentos milhões de defpeza extraordinaria; razaõ porque os erarios recahiaõ no antigo cáhos. Com receio de excitar hum defcontentamento geral, augmentando os impoftos, com que o Povo fe via opprimido, recorreo fe aos empreftimos, as creações de officios, a effes expedientes paffageiros, que produzem infallivelmente hum mal permanente, pois que augmentaõ a divida pública. Des de 1689 fe tinha augmentado tres livras de mais ao valor do marco do dinheiro amoedado, e efta operaçaõ caufou damno confideravel ao Commercio. As rendas do Rei diminuiaõ vifivelmente, ao mefmo tempo que o Reino empobrecia. Em 1695 fe eftabeleceo hum tributo por cabeça, impofto de nova efpecie: e ainda que defte tributo fe tiraffem vinte hum milhões, os rendimentos defte anno naõ paffáraõ em mais de déz milhões aos rendimentos do

Defpezas enormes da guerra.

Operações do erario.

O tributo eftabecido por cabeça.

an-

anno precedente. Fica logo claro que a guerra, com todos os seus felices successos expunha a França ás ultimas infelicidades. Naõ deixava Luiz de despender ainda muitos milhões em obras: tanto resistem os habitos, especialmente nos Principes, ás lições da experiencia!

Ainda se edificava.

O Principe de Conti, eleito Rei de Polonia.

Por mórte de Joaõ Sobieski, que faleceo em 1696, achava-se o Throno de Polonia vago, quando se negociava em Riswick. O Abbade (depois Cardeal) de Polignac, célebre hoje em dia pela sua Anti-Lucrecia, Embaixador entaõ na Polonia, conseguio ser eleito o Principe de Conti, cujo valor se mostrára nas batalhas de Steinkerque, e de Nerwinde. Duas horas depois, outro partido aclamou a Frederico Augusto, Eleitor de Saxonia, o qual tinha a vantagem da proximidade, e do dinheiro. Naõ estando certamente Luiz XIV. nos termos de fazer guerra em semelhante Paiz, deo ao Principe de Conti alguns fracos soccorros, com que elle nem em Dantzick pode entrar. Os Polonezes se reuníraõ a favor do Principe Alemaõ, que lhes pagou bem a Coroa.

O Eleitor de Saxonia he preferido por causa do seu dinheiro.

Superioridade do Imperador a respeito dos Turcos.

A paz de Carlowitz com os Turcos em 1699 he huma época digna de observaçaõ, já por causa do abatimento dos inimigos mortaes do nome Christaõ, já pe-

pela tranquillidade reſtituida a toda a Europa. Depois do ſitio de Viena, o Imperador Leopoldo, com o ſoccorro dos Polonezes, Ruſſos, e eſpecialmente dos Venezianos, tinha alcançado huma ſuperioridade conſtante a reſpeito dos Turcos. O Principe Eugenio de Saboya, que temos de vêr taõ formidavel para a França, tinha-os desbaratado em 1695 na batalha de Zentha, em que elles perdêraõ mais de vinte homens. Era o Exercito commandado pelo Sultaõ Muſtafá II., que foi depoſto algum tempo depois do Tratado de Carlowitz, o qual lhe grangeou o odio, e deſpreſo do ſeu Povo.

Batalha de Zentha.

Por meio deſte Tratado, cede a Porta ao Imperador a Tranſilvania, que era hum Principado reconhecido por independente, poſto que debaixo da protecçaõ do Turco. Naõ ſe podia logo, confórme o Abbade de Mably, nem cedella, nem adquirilla por eſte modo. " Mas depois, " como elle obſervá, a Corte de Vienna adquirio os direitos mais legitimos " a reſpeito da Tranſilvania. Eſta Provincia ama o governo, debaixo do qual " vive, e tem dado a ſeus Soberanos " próvas naõ equivocas dos ſeus ſentimentos, " (*Droit public de l'Europe.*) Os limites de ambas as Potencias eſtaõ determinados, e concorda-ſe em que nenhu-

Paz de Carlowitz. A Tranſilvania cedida á Auſtria.

nhuma dará azylo aos vassallos descontentes da outra: o que tira aos Hungaros o refugio no caso de rebelliaõ. Ajusta-se mais, que nem os Hungaros, nem os Transilvanos refugiados durante a ultima guerra, poderáõ entrar novamente na sua Pátria.

Cessaõ á Polonia.

A respeito da Polonia, o Turco lhe entrega Caminieck, e renuncia a todas as suas pretenções a respeito da Podolia, e da Ukrania. O Niester, entre a Moldavia e a Podolia, será o limite de ambos os Estados.

A Morea á Veneza.

O mesmo Turco cede á Veneza toda a Morea (o Peloponezo), e algumas Ilhas. Veneza perdeo a Morea pela paz de Passarowitz em 1718; e a Corte de Viena adquirio nella o Bannato de Themaswar, e huma parte da Valaquia.

Azou ao Czar Pedro.

O Czar Pedro I. naõ faz em Cárlowitz mais do que huma tregoa de dous annos. Com tudo cedem-lhe Azou junto ao lago Meotis, hoje em dia o mar de Zabache, Praça importante, que lhe podia alcançar o Imperio do mar Negro. Este Principe, e Carlos XII. seu competidor, principiáraõ em 1700 huma guerra de desoito annos, digna da nossa attençaõ. As individuações, em que tenho de entrar a respeito de dous homens taõ extraordinarios, interromperiaõ aqui o fio das nossas idéas,

idéas, fazendo-nos perder de vista o Sul da Europa; e por isso as reservo para outro lugar mais conveniente.

CAPITULO III.

Tratado de divisaõ para a successaõ de Hespanha. --- Testamento, e mórte de Carlos II. --- Filippe V. succede-lhe, e a guerra principia em Italia.

A SUCCESSAÕ de Carlos II., Rei de Hespanha, Principe igualmente fraco de corpo, e de juizo, e a ponto de morrer sem filhos, era hum grande objecto de inquietações, e intrigas politicas. Esta successaõ, confórme os direitos do sangue, naõ podia pertencer, senaõ ou á Casa Imperial, ou á de França. O systema de equilibrio, que se avigorava cada vez mais, oppunha-se muito ao engrandecimento excessivo de huma Potencia, para que fosse possivel reunir tantos Estados em huma mesma cabeça, que já estava de posse de outras Coroas. Mas como se haviaõ precaver os tumultos, e guerras que se anteviaõ? A successaõ de Hespanha, grãde objecto de politica.

O infeliz Carlos, confórme a idéa de Voltaire, era semelhante a hum velho rico, Triste situaçaõ de Carlos II.

co, que morre ſem filhos. " Sua mulher,
„ ſeus parentes, Padres, e officiaes no-
„ meados para receber as ultimas vonta-
„ des dos moribundos, cercaõ-o de to-
„ das as partes, a fim de tirar-lhe algu-
„ ma palavra favoravel: alguns herdei-
„ ros conſentem em dividir os ſeus eſpo-
„ lios; outros ſe preparaõ para diſputal-
„ los. „ Hum facto, que eſte Hiſtoriador naõ refere, e que ſe acha nas Memorias do Marquez de S. Filippe, dará muito melhor a conhecer a triſte ſituaçaõ do Rei enfermo. Para apartar de Carlos II. certas peſſoas, que viviaõ na poſſe da ſua confiança, perſuadíraõ-lhe que eſtava enfeitiçado, e que daqui procediaõ as ſuas enfermidades, e déſgraças; e que acharia o remedio nos exorciſmos da Igreja. O Padre Dias, Dominico, ſeu Confeſſor, foi a alma deſta intriga, e o Cardeal Portocarrero, e o Inquiſidor Geral o favorecêraõ. Senhoreando-ſe eſtes do animo de Carlos, o mandáraõ exorciſmar; e huma ceremonia taõ terrivel lhe debilitou mais a cabeça. O Confeſſor cahio depois em deſgraça; mas Portocarrero foi primeiro Miniſtro. Deſte modo he que ſe regiaõ os negocios em Heſpanha.

Intriga paſmoſa a fim de ſe aſſenhorearem do ſeu animo.

Guilherme todavia em Inglaterra, attento ſempre á balança da Europa, tinha imaginado, ou adoptado hum projecto dos mais

Primeiro Tratado de diviſaõ.

mais extraordinarios, para manter o equilibrio, de que era taõ zeloso. A divisaõ da Monarquia Hespanhola, feita sem o mesmo Monarca o saber, foi o meio que se empregou. Luiz XIV. concluio com Inglaterra, e Hollanda hum Tratado em 1698, por meio do qual se concedia com toda a segurança ao Principe Eleitoral de Baviera, ainda minino, a Hespanha com tudo quanto possuia na America; ao Delfim, o Reino das duas Sicilias, a Provincia de Quiposcoa, Final, e outras Cidades; e ao Archiduque Carlos, filho segundo do Imperador, o Ducado de Milaõ. Luiz renunciava a successaõ, mas adquirindo Estados consideraveis.

Indignado Carlos faz o seu testamento.

Indignou-se a Corte de Madrid, e devia indignar-se, de hum Tratado taõ contrario aos seus direitos, e á ordem natural das cousas. Receava ella especialmente hum desmembramento da Monarquia. Naõ se atrevendo o Rei a nomear por seu herdeiro hum Principe da sua Casa, fez o seu testamento a favor do Principe de Baviera, seu sobrinho, o qual morreo quasi ao mesmo tempo em Bruxellas. Renascem as inquietações, e as intrigas, hum novo Tratado de divisaõ he o seu fructo.

1700 Segundo Tratado de divisaõ.

Por meio deste Tratado, concluido entre as mesmas Potencias, que o primeiro,

to, se consigna ao Archiduque Carlos á Hespanha, e as Indias Occidentaes, concedidas ao Bavaro; dá-se o Milanez ao Duque de Lorena; e accrecenta-se a Lorena á repartiçaõ do Delfim. Segunda vez se dispõe da successaõ de hum Monarca vivo. Porque razaõ naõ se tinha regulado em Riswick hum ponto taõ essencial, de que dependia a solidez da paz, senaõ porque segundo as apparencias se percebêraõ entaõ algumas difficuldades quasi insuperaveis; ou porque com a impaciencia de concluir, se desprezou o futuro pelo presente; erro muito commum, ainda na propria politica?

A Corte de Vienna desgosta os Hespanhoes.

Se o Imperador quizera consentir nesse Tratado, seu filho teria sido Rei de Hespanha. Lisonjeando-se elle de obter toda a successaõ, recusou; e isto será parte para perder tudo. Certo que Carlos II., enojado por extremo da nova divisaõ, fixa a sua escolha no Archiduque; mas a Corte de Vienna, que naõ o podia sufficientemente respeitar, causa-lhe mil desgostos. Pede Carlos II. déz mil homens, que o Imperador naõ concede. O Archiduque falla dos Hespanhoes em termos injuriosos, que elles vieraõ a sabêr. Pelo contrario, o Marquez de Harcourt, Embaixador de França em Madrid, faz-se amar, desvanece as prevenções contra

O Marquez de Harcourt faz se amar pelos Hespanhoes.

tra os Francezes, e dirige com tanta capacidade as cousas, que a idéa de ter hum Rei desta Naçaõ naõ atemorisa já huma Naçaõ competidora.

Reconcilia-se todavia o fraco Carlos II. com Leopoldo, que mandára retirar o seu Embaixador. El-Rei Luiz da sua parte manda recolher o Marquez de Harcourt, e envia trópas para as fronteiras de Hespanha. Proxima estava a guerra. O Cardeal Portocarrero he de parecer, com o Conselho de Estado, que se preferisse a Casa de França á Casa de Austria, e consultados os Jurisconsultos, e os Theologos, a respeito deste grande ponto, pensaõ que naõ se dá cousa mais justa. O mesmo Papa Innocencio XII., sendo consultado, respondeo a Carlos que as Leis de Hespanha, e o bem da Christandade o obrigavaõ a abraçar este partido. Faz entaõ o moribundo Monarca hum testamento, por meio do qual deixa toda a Monarquia ao Duque de Anjou, filho segundo do Delfim; e naõ havendo filhos segundos de França, ao Archiduque Carlos, filho segundo do Imperador, com condiçaõ porém de que nunca o Imperio se poderá unir á Coroa de Hespanha; finalmente na falta destes Principes, ao Duque de Saboya. Morreo Carlos II. alguns mezes depois, de idade de trinta e nove annos.

O Conselho de Hespanha a favor da Frã-ça.

Testamento, e mórte de Carlos II.

He

Direitos certos da Caſa de França.

He certo que a Caſa de França tinha á Heſpanha os direitos do ſangue. Luiz XIV., parente no meſmo gráo que Leopoldo, era o filho de huma primogenita; e o Delfim era neto de Filippe IV., do qual naõ deſcendiaõ os filhos de Leopoldo. Demais diſſo he certo, que a renunciaçaõ de Maria Thereza, mulher de Luiz XIV., tendo eſpecialmente por objecto a reuniaõ de ambas as Coroas, perdia toda a força, des que o teſtamento obviava eſta reuniaõ. Tambem parece certo que os votos dos Heſpanhoes deviaõ ſervir de algum fundamento, poſto que foſſem pouco reſpeitados. Finalmente, he abſolutamente falſo ter o Marquez de Harcourt inſpirado o teſtamento, pois havia ſeis mezes que partíra de Heſpanha; e quando partio, todas as apparencias eraõ contrarias.

Succeſſo, que ſe teria julgado impoſſivel.

Que hum Principe da Caſa de Auſtria, daquella Caſa quaſi ſempre em guerra com a França, havia duzentos annos, fizeſſe paſſar a Monarquia Heſpanhol para os Bourbons; que várias cauſas de pouca ponderaçaõ, o genio, os enredos domeſticos, e as intrigas de Corte, diſpozeſſem hum ſucceſſo taõ grande; que a ultima vontade de Carlos II., quaſi nulla em ſua vida, produziſſe ſemelhante effeito, a pezar de innumeraveis obſtaculos; he iſto

hum

hum fenomeno ſingular, o qual moſtra a incerteza de todos os ſyſtemas politicos.

Qual partido devia Luiz XIV. abraçar.

Põe-ſe por queſtaõ, ſe Luiz XIV. devia eſtar pelo ultimo Tratado de diviſaõ, ou acceitar o teſtamento do Rei de Heſpanha. No primeiro caſo, unia elle a ſua Coroa as duas Sicilias, a Lorena, &c:, e parecia dever eſperar os ſoccorros de Inglaterra, e Hollanda, contra o Imperador. No ſegundo, expunha-ſe a huma guerra geral, para o eſtabelecimento de ſeu neto. Convocou hum Conſelho extraordinario, em que ſe examinou a queſtaõ: e como o ſeu caracter o inclinava para as emprezas eſplendidas, acceitou o teſtamento.

Difficuldades inevitaveis por huma, e outra parte.

Defende o Abbade de Mably que eſte era o peior partido, bem que os Heſpanhoes chamaſſem o Duque de Anjou, naõ quizeſſem partilha, e a Regencia tiveſſe ordenado offerecer a ſucceſſaõ ao Archiduque, ſe França a naõ acceitaſſe toda inteira. O Marquez de Torci, grande Eſtadiſta, e Secretario de Eſtado, defende o outro parecer nas ſuas Memorias. Há pro, e contra probabilidades fórtes, que deixaõ ſuſpenſo o juizo. A guerra era inevitavel, ou ſe cumpriſſe o Tratado, ou o teſtamento. Aſſenta-ſe em que nem Inglaterra, nem Hollanda teriaõ já mais cum-

ptido a favor da França a obrigaçaõ de verdadeiros alliados. Por ventura naõ he tambem provavel, que Hollanda, e Inglaterra brevemente ſe teriaõ tornado inimigas da França? Naõ ſe teriaõ approveitado da occaſiaõ para romper eſte Tratado de diviſaõ, que era cauſa das ſuas murmurações contra Guilherme? A França com effeito adquiria neſte Tratado hum augmento de poder demaſiadamente grande, ſegundo as idéas communs da politica; pois a meu vêr a acquiſiçaõ de hum Reino na Italia ſeria para a Monarquia Franceza cauſa verdadeira de diminuiçaõ de forças. Finalmente, ſem embargo de ſe fazer todo o poſſivel a eſte reſpeito, eraõ inevitaveis as violentas oppoſições; e expondo-ſe o Monarca aos maiores perigos abraçava pelo menos huma cauſa juſta.

Filippe V. quaſi geralmente reconhecido.

A admiraçaõ da Europa, á viſta de hum Bourbon herdeiro do Dominio Heſpanhol, foi tal que excepto o Imperador, tudo pareceo ao principio tranquillo. O Duque de Anjou, com o nome de Filippe V., foi tomar poſſe da ſua Coroa. *Já naõ ha Pyreneos*, diſſe-lhe ſeu avô ao deſpedir-ſe delle. O Papa, o Duque de Saboya, Veneza, as Potencias do Nórte, o meſmo Portugal, Inglaterra, e Hollanda o reconhecêraõ. Bem ſe podiaõ fiar no Elei-

Eleitor de Baviera, Governador dos Paizes Baixos; e no Eleitor de Colonia, seu irmaõ. Devia-se haver como amigo o Duque de Saboya, de quem Filippe V. viria a ser genro, assim como já o era o Duque de Borgonha. O Duque de Mantua recebeo guarniçaõ Franceza, e Luiz XIV. gozava de huma satisfaçaõ lisonjèira. Altivo sempre por causa do seu poder, ainda naõ tinha conhecimento sufficiente dos terriveis contratempos da fortuna.

Pretenções mal fundadas do Imperador.

Allegava o Imperador Leopoldo, contra o testamento de Carlos II., pactos feitos entre Carlos V., e o Imperador Fernando I., seu irmaõ, a fim de segurar aos dous ramos de Austria huma reciproca succeſsaõ; allegava o testamento de Filippe IV., que substituia a Carlos os filhos de Leopoldo: como se huns pactos de famimilia, ou a vontade arbitraria de hum Principe, houvessem de aniquilar as Leis de huma Naçaõ! As Leis de Hespanha chamavaõ para a succeſsaõ as mulheres com preferencia aos varões collateraes. Além do que o mesmo direito, que Filippe IV. tinha para testar, o tinha sem dúvida Carlos II.; e o seu testamento era confórme com as Leis do Reino. Por ventura o consentimento dos Hespanhoes naõ lhe punha hum sello inviolavel?

Liga por causa da Italia.

Como os Estados da Hespanha em Italia podiaõ ser considerados debaixo de outro aspecto, Inglaterra, e Hollanda se ligáraõ com o Imperador a fim de os desanexar da herança principal. Veremos como os alliados estendem mais as suas idéas, á proporçaõ da felicidade das suas armas.

1701 Eugenio em Italia.

Antes de se declararem estas maritimas potencias, principia a guerra em Italia. O Exercito Imperial composto de trinta mil homens he commandado pelo Principe Eugenio. O qual, posto que Veneza seja neutral, entra por Trentino; e Catinat, opprimido pelas ordens da Corte, naõ se oppondo a esta passagem, mal obedecido de alguns officiaes Generaes, retrocede á vista do inimigo para traz do rio Oglio; e o Milanez fica em perigo.

Catinat substituido por Villeroi.

Mandaõ para substituir a Catinat o Marechal de Villeroi, que em vez de General era hum cortezaõ. Este General offende com sua altivez o Duque de Saboya, disposto já talvez a ser trahidor á França.

Combate de Chiari.

Acomettendo imprudentemente a Eugenio em Chiari, fica vencido, a pezar dos esforços do Duque, que se expunha a todos os perigos; e dos de Catinat, que procurava a mórte na acçaõ, cujas consequencias tinha antevisto. Estas tem de ser taõ funestas, como era de pessimo agoiro esta primeira campanha.

Des-

Deste modo principiaõ as desgraças, que o Principe Eugenio devia causar á França, sua Pátria. Era elle filho do Conde de Soissons (da Casa de Saboya); Governador de Champanha, e de huma Mancini, sobrinha do Cardeal Mazarino. Sendo muito despresado na Corte em sua mocidade, foi servir ao Imperador contra os Turcos, e abandonou a França para sempre. O Rei como que despresou entaõ a Eugenio, de quem os cortezãos falláraõ com o maior despreso. Quaõ frivolos, e perigosos naõ saõ os juizos precipitados, especialmente nas Cortes! Mostrou Eugenio ser hum dos maiores homens do mundo; humilhou, e abateo Luiz XIV., por premio de suas ousanias, e fez tremer a França. Teremos amiudadas occasiões de fallar deste Principe.

Quem era o Principe Eugenio.

Eugenio despresado em França.

Com mais perspicacia, e reflexaõ, ter-se-hiaõ descoberto em seu espirito aquellas luzes, e na sua alma aquelle genio vigoroso, que exaltaõ qualquer homem acima dos seus semelhantes: ter-se-hia antevisto que em o alienando, o constituiriaõ perigoso; ao mesmo tempo que o constituiriaõ fiel, e zeloso, se o respeitassem: finalmente ter-se-hia julgado que, quanto mais raro chegava a ser o merecimento superior, tanto mais essencial era attrahir a si o amor de todo aquelle, que naõ ti-

Quaõ respeitado deve ser o merecimento.

tivesse mais que a semente delle. O merecimento, ainda o modesto, tem certos brios, porque conhece as suas forças; e qual vantagem naõ póde este ter, quando se offerece occasiaõ, a respeito d'aquelles, de quem tem recebido offensas?

CAPITULO IV.

Concede Luiz XIV. o titulo de Rei ao filho de Jacques II. --- O Rei Guilherme arma Inglaterra, e Hollanda. --- Mórte de Guilherme III. --- Guerra geral. --- Rebelliaõ das Cevennas.

1701 Dá Luiz o titulo de Rei de Inglaterra ao filho de Jacques II.

APENAS se via sentelhar a guerra, quando Luiz XIV. offereceo aos alliados do Imperador hum pretexto para atear, e fazer geral o incendio della. Tendo fallecido Jacques II. em S. Germano, concedeo Luiz o titulo de Rei de Inglaterra a seu filho, depois de ter ajustado com o Conselho de naõ proceder a huma taõ perigosa eleiçaõ. A viuva de Jacques, e Mad. de Maintenon, com quem Luiz se tinha recebido occultamemte em 1686, obtiveraõ d'elle, lisonjeando a sua magnanimidade natural, o mesmo que a prudencia parecia condemnar. Pessimo signal he

vêr

vêr duas mulheres, huma cheia de paixaõ, outra devota, que inſpira a devoçaõ ao Monarca, deſtruir repentinamente huma deliberaçaõ unanime do Conſelho de Eſtado.

Os Inglezes, ainda ſem eſte motivo, teriaõ podido tomar armas; mas a ſua animoſidade fora menos fórte, e menos obſtinada; provavelmente teriaõ feito menos esforços, e ſacrificado menos os ſeus verdadeiros intereſſes a hum odio furioſo. Era Guilherme contrariado, era inquietado pelos Inglezes, que des daquelle inſtante ſó ſe moſtráraõ ancioſos de o ſervir. Debalde proteſtou o Rei de França, que eſtaria fielmente pelo Tratado de Riſwick: julgando-ſe a Naçaõ inſultada, clamava alta, e poderoſamente, e Guilherme aproveitava-ſe muito bem das conjuncturas. Os Communs empenhaõ-ſe, e obrigaõ-ſe a manter quarenta mil homens, e pedem que ſe naõ dê fim á guerra, ſenaõ depois de huma reparaçaõ manifeſta do ultraje. Publicaõ contra o pretendente, Jacques III. hum bill de proſcripçaõ, que o entrega aõ ſupplicio.

Eſte procedimento irrita os Inglezes.

Enfermo Guilherme, tudo animava, fazia immenſos preparos, e diſpunha-ſe para mandar em peſſoa. Huma queda de cavallo lhe cauſou a febre, de que morreo, na idade de cincoenta e dous annos. Churchil

1702 Mórte de Guilherme III.

chil, que entaõ era Conde, e depois foi Duque de Marlborough, e que tinha ſido enviado para Hollanda, como General, e Negociador, homem ſuperior em ambos eſtes generos, honrará a ſua eleiçaõ, participando com o Principe Eugenio da glória de opprimir a França.

Sua authoridade em Hollanda.

Antes de ſeguir ás operações militares, convém conſiderar algumas circunſtancias do Reinado de Guilherme III. Com muita razaõ foi Guilherme chamado Rei dos Hollandezes, e Stathouder dos Inglezes. Tanto o conſtituiaõ ſenhor da ſua República o amor, e a confiança dos primeiros, quanto a antipathia, e a deſconfiança dos ſegundos lhe opprimiaõ a authoridade no Reino. Hollanda tinha adiantado ſete milhões de florins para a ſua expediçaõ de Inglaterra, e Inglaterra oppoz-ſe ordinariamente aos ſeus deſejos, quando eſtes naõ intereſſavaõ o odio nacional contra a França. Eis-aqui huns factos dignos de obſervaçaõ, os quaes intereſſaõ o governo Inglez.

Quaõ opprimido eſtava Guilherme em Inglaterra.

Naõ ſe contentáraõ de ſujeitar ao exame dos Communs, como já fica obſervado, o emprego de huma grande parte das quantias, que lhe eraõ concedidas; precauçaõ util em tal fórma de governo: impedíraõ o de eſtabelecer huma tolerancia, que naõ podia deixar de ſer util; a na-

naturalisaçaõ dos protestantes estrangeiros tambem foi rejeitada, por elles serem *naõ conformistas*, e só terá lugar no Reinado seguinte. Para obter alguns subsidios em 1694, sobscreveo hum bill, que constituia o Parlamento triennal. Julgou-se necessario para a liberdade o limitar deste modo a duraçaõ do Parlamento; porque a corrupçaõ chegava a ser taõ horrorosa, que a Corte comprava os votos. E quantas cousas naõ podia a Corte fazer, se o Parlamento lhe era affeiçoado, e ella o podia prolongar todo o tempo, que lhe parecesse?

Parlamento triennal.

Em 1696 se descubrio huma conspiraçaõ contra o Rei. Boas mostras se deraõ do maior zelo pela sua pessoa: as duas Cameras até fizéraõ huma sociedade para o defender, e sustentar o seu governo. Mas em 1697, depois do Tratado de Riswick, apenas lhe deixáraõ déz mil homens do exercito, que elle pretendia fazer subsistente. Este número foi reduzido em 1699 a sete mil; e finalmente vio-se o Rei obrigado a despedir a sua guarda Hollandeza; o que o magoou entranhavelmente. As invectivas contra os seus famosos Tratados de divisaõ, e as accusações intentadas contra seus Ministros, envenenáraõ tambem o fim dos seus dias. A generosa imprudencia de Luiz XIV., a respei-

Desgostos que Guilherme teve no seu Reino.

peito do pretendente, foi a que dissipou só taõ perigosos tumultos. Finalmente, se Guilherme naõ fora taõ fleugmatico, e habilidoso, senaõ tivera tanto respeito á liberdade, e ás leis da Naçaõ, póde ser que naõ lhe fosse possivel sustentar-se no Throno.

A Rainha Anna.

Naõ tinha filhos: a Rainha Maria era fallecida: e Anna Stuart, irmã de Maria, mulher do Principe de Dinamarca, foi reconhecida com júbilo, segundo a ordem de succeſſaõ estabelecida pelo Parlamento. Tendo de idade trinta e sete annos, e sendo virtuosa, prudente, e amante das Leis, e da Patria, mostrou-se digna do amor, e veneraçaõ do seu Povo. Debalde se lisonjeavaõ em França de que a mórte do formidavel Guilherme mudaria o systema politico. Tudo ficou do mesmo modo, naõ houve mudança alguma. Marlborough avigorou os Hollandezes na Liga formada contra Luiz XIV.; a guerra se declarou contra este Monarca sob diversos pretextos; e o successo excedeo em breve tempo aos desejos dos alliados.

Tudo em Frãça prognosticava infelicidades.

Quanto maior era a confiança, que Luiz tinha nas suas forças, e luzes, tanto mais exposto estava aos contratempos da fortuna. Os seus desordenados erarios se achavaõ nas mãos de Chamillard, antigo Conselheiro do Parlamento, homem honrado, mas

mas ſem talentos, o qual chegou tambem a ſer Miniſtro de guerra. Chamillard era creatura de Mad. de Maintenon. Eſta mulher de juizo, com intenções rectas, ſeguia muito a inclinaçaõ das preoccupações. O Rei, encerrado com ella na idade decadente, já naõ inſpirava a actividade, e o ardor, de que procedêraõ tantos, e taõ admiraveis prodigios. Queria elle regular tudo no ſeu gabinete, e os Generaes déviaõ antes obedecer ás ſuas ordens, do que aconſelhar-ſe ou com o ſeu genio, ou com as circunſtancias. A diſciplina militar, de que Louvois era a alma, affrouxando depois da ſua mórte, ſe enervou de dia em dia. A mocidade brilhava na frente dos regimentos, que ſe deveriaõ confiar a huns homens capazes de capitaneallos. Finalmente, nem o Governo, nem o Miniſterio, nem as trópas, nem o Eſtado da Naçaõ, correſpondiaõ aos bellos annos deſte Reinado. Huma vez que chegaõ a affracar os principaes principios de hum Eſtado, tudo ſe perde, tudo declina.

Mad. de Maintenon; Chamillard.

Pelo contrario, os inimigos tinhaõ na ſua frente os dous grandes Generaes, Eugenio, e Marlborough, naõ menos grandes politicos, ſenhores das operações da campanha, governando o Conſelho dos ſeus Soberanos, diſpondo dos theſouros de

Eugenio, e Marlborough.

de Inglaterra, e Hollanda, e o que sobre tudo he mais de notar, obrando com perfeita harmonia. Necessitar-se-hia contra estes Generaes dos Turennes, e Condés, homens que naõ estivessem sujeitos ás idéas escassas de hum Chamillard.

1702 Villeroi sorprehendido em Cremona.

Em Italia, já Eugenio se acha perto de Cremona, onde o Marechal de Villeroi nada receava: manda entrar trópas nesta Cidade por hum cano, no mez de Fevereiro, com o favor da noite, e em breve tempo entra nella. Desperta entaõ Villeroi ao estrondo da mosquetaria, sahe de sua casa, e fica prisioneiro. Se hum Regimento Francez naõ estivesse por casualidade em armas para passar mostra, succumbia infallivelmente Cremona; que taõ bem tomadas estavaõ as medidas de Eugenio. Este Regimento resiste, dá tempo á guarniçaõ para se reconhecer, e o inimigo vem finalmente a retirar-se.

Villeroi substituido por Vendome.

Foi Villeroi substituido pelo Duque de Vendome, neto de Henrique IV. Cheio de valor, e capacidade, admiravel em qualquer acçaõ, tendo por outra parte muito pouca régra de proceder, desprezando especialmente a disciplina, adorado porém dos soldados, que debaixo das suas ordens se julgavaõ invenciveis, combateo Vendome muitas vezes com maior gloria, do que utilidade. A sanguinolen-

ta

ta batalha de Luzara fez cantar o *Te Deum* a ambos os partidos. Aſſáz he obſervar em geral com Voltaire, que Vendome era vencedor todas as vezes que naõ combatia contra o Principe Eugenio.

O Duque de Borgonha em Flandes.

O Duque de Borgonha ainda moço, dirigido pelo Marechal de Bouflers, naõ teve feliz exito em Flandes. Marlborough, diſcipulo de Turenne na arte da guerra, que tinha a meſma fleugma, e a capacidade deſte Heróe, avançou ſempre ſem arriſcar batalha. Tomou Vanló, Ruremunda, e Liege. Já ſe vê declinar a reputaçaõ das armas Francezas.

Alliados de Leopoldo em Alemanha.

Eſta reputaçaõ ſe ſuſtenta ao menos em Alemanha, no principio. Tinha Leopoldo mettido na alliança os Circulos de Auſtria, Suevia, Franconia do alto, e baixo Rhin, e acareado principalmente a Frederico, Eleitor de Brandeburgo, a favor do qual tinha erigido em Reino o Ducado de Pruſſia. O Principe de Bade, célebre pelas ſuas proezas contra os Turcos, capitaneava o Exercito Imperial. Apoderado já de Landau, eſtava Alſacia em grande perigo. Achava-ſe entaõ lá Catinat, que naõ ſe julgou em termos de acomettello. O Marquez de Villars, Thenente General, mais affouto, grande homem de guerra, peſſimo politico, reſoluto a ſer recompenſado a poder de ac-

Primeiro Rei do Pruſſia.

Villars vencedor em Fridlingen.

ções pasmosas, obteve licença para combater contra os Imperiaes: Villars os venceo em Fridlingen, foi lhes no alcance, e recebeo o bastaõ de Marechal.

1703
Batalhas de Hochstt, e de Espira.

Tendo-se unido, no anno seguinte, com o Eleitor de Baviera, obrigou-o de algum modo a acometter em Hochltet junto a Donawerte, hum Exercito de vinte mil homens, que hia reforçar o Principe de Bade. Os Imperiaes foraõ desbaratados, e o Eleitor tomou Ausburgo. Viena vio-se em perigo: o Marechal de Tallard alcançou tambem huma victoria em Espira contra o Principe de Hesse, a quem algum dia veremos Rei de Suecia, e escreveo a Luiz XIV. nestes termos: *O vosso Exercito tomou mais estandartes, e bandeiras do que os simples soldados, que perdeo.* Tomou tambem Landau ao inimigo.

Separaçaõ do Duque de Saboya;

Mas os felizes successos da França viraõ totalmente a ter fim. Descotente o Duque de Saboya, e interessado, muda repentinamente de partido, como na ultima guerra. Abandona a causa de ambos os genros, e entrega-se todo ao Imperador, o qual lhe promette Monferrato, Alexandria, Valença, &c. Ao mesmo tempo que elle fazia este ajuste, descobrio-se a trahiçaõ, e o Duque de Vendome teve tempo de desarmar cinco mil homens das suas trópas, unidos ainda ao Exercito

to Francez. Pouca attençaõ tinhaõ guardado ao Duque: e de mais diſſo a que naõ ſe exporia elle a fim de ſe engrandecer?

D. Pedro II., Rei de Portugal, irmaõ de Affonſo VI., privado do Throno havia muito tempo, foi do meſmo modo trahidor ao Rei de Heſpanha, a fim de obter hum deſmembramento daquelle Reino, que ſe lhe promettia antes de ter lá poſto os pés. O Imperador, e ſeu filho primogenito Joſé, Rei dos Romanos, tinhaõ cedido ultimamente ao Archiduque Carlos os ſeus direitos a reſpeito da Monarquia Heſpanhol, e Carlos paſſou á Inglaterra, e Hollanda, onde ſe faziaõ os armamentos. E do Rei de Portugal.

Ser o Marechal de Villars chamado á Corte foi outra origem de infortunios. Offendendo ao Eleitor de Baviera os ſeus brios, o ſeu genio livre e inimigo de dobleza, eſte Principe pedio imprudentemente outro General, poſto que naõ podeſſe eſperar outro como elle. Villars, que naſcêra para grandes expedições, teve ordem para ir combater os fanaticos das Cevennas, pobres montanhezes, que cauſavaõ grande inquietaçaõ. Villars imprudentemente chamado.

Se o fanatiſmo moſtrou novamente o ſeu antigo furor, e produzio a rebelliaõ, era conſequencia procedida da revogaçaõ do Fanatiſmo, e rebelliaõ nas Cevennas.

do Edicto de Nantes. Alguns Miniſtros refugiados vieraõ outra vez atear o zelo deſtes miſeraveis, entre os quaes ſe levantáraõ profetas, e profetizas (eſte o modo como eraõ qualificados), cujas extravagancias pozeraõ fogo a tudo. Livrar-ſe da tyrannia, ou adquirir a palma do martyrio, era o que queriaõ os rebeldes, conhecidos com o nome de Camiſardos. A ſua voſeria marcial era: *Impoſtos nenhuns, e liberdade de conſciencia.* Quanto maior era o número daquelles, a que tiravaõ a vida com ſupplicios, tanto maior era a raiva, que os outros moſtravaõ. Os ſoccorros, que os Camiſardos eſperavaõ dos alliados, eſpecialmente da Saboya, mantinhaõ a ſua audacia. As horroroſas montanhas, donde elles ſe precipitavaõ como animaes ferozes, eraõ hum azylo, onde mal podiaõ ſer acomettidos; ao meſmo tempo que os inimigos exteriores davaõ que fazer ás trópas. Debalde lhes tinha ido no alcançe o Marechal de Montrevel, e o Marechal de Villars julgou obrar melhor, tratando com hum dos ſeus cabeças, que era hum rapaz pádeiro, a quem ſe paſſou huma patente de Coronel, e que em breve tempo paſſou para o ſerviço dos Inglezes. Com tudo os ſedicioſos naõ cederaõ. Quando Villars foi novamente mandado capitanear os Exercitos, o Mare-

Marechaes de França, que fazem a guerra a eſtes montanhezes.

re-

rechal de Berwick os reduzio, porque exterminou o ſeu maior número. Quantas vezes naõ teve Luiz XIV. lugar de conhecer que inſpirando tanto odio a huma parte dos ſeus vaſſallos por meio de hum zelo perſeguidor, tinha feito muito mal a ſi meſmo, ſem fazer á religiaõ grande bem!

CAPITULO V.

Infelicidades da França, e Heſpanha, des de 1704 até 1710. --- As eſperanças quaſi inteiramente perdidas.

OS differentes Theatros da guerra, ſem exceptuar a propria Italia, onde Vendome ainda continuará a ter alguns ſucceſſos felices, mudaráõ em breve tempo de figura. Ás proſperidades mais brilhantes ſe ſeguiráõ as maiores infelicidades. De todas as lições que a Hiſtoria dá aos Principes ambicioſos, nenhuma he taõ propria, como eſta, para deſvanecer a vaidade da fortuna.

Já todos ſe julgavaõ chegados ao momento de deſthronizar o Imperador. O Eleitor de Baviera eſtava já ſenhor de Paſſau. Os Bavaros, e os France- Perigos do Imperador Leopoldo.

zes victoriosos, podiaõ facilmente formar o sitio de Vienna; principalmente tendo Leopoldo de combater os Hungaros, que queixando-se de novas oppressões, tinhaõ-se soblevado debaixo do mando do Principe Ragotzi. Villars porém fazia grande falta em Alemanha, e Marlborough, que estava já senhor de Bonn, de Huy, e de Limburgo, parte velozmente a soccorrer o Imperador. Solto Villeroi da prisaõ, capitaneava o Exercito de Flandes, e seguindo o mesmo Villeroi ao principio a Marlborough, brevemente o perde de vista. O Inglez acomette várias trincheiras perto de Donawert, toma esta Cidade, e passa o Danubio. Ajunta-se com elle o Principe Eugenio; e o seu Exército constava de quasi cincoenta e dous mil homens; contra sessenta mil.

Marlborough, e Eugenio em Alemanha.

1704 Batalha de Hochstet, ou de Bleinheim.

Na mesma planicie, em que Villars tinha vencido, e derrotado os Imperiaes em 1703, deo-se a famosa batalha de Hochstet, ou de Bleinheim, á qual se seguíraõ os desastres mais funestos. Os Marechaes de Tallard, e Marsin commandavaõ com o Eleitor de Baviera. Póde-se examinar nas Memorias de Feuquiéres rigido censor dos Generaes, os doze erros capitáes, com que elle lhes dá de rosto. Estes Marechaes cometteraõ sem dúvida,

gran-

grandes erros, pois que Villars, com a noticia das ſuas diſpoſições, do interior das Cevennas prognoſticou o ſucceſſo. Só a ſuperioridade dos Generaes inimigos era hum agouro muito máo.

Rompe Marlborough a ala de Tallard, que ſendo muito falto de viſta, entra por hum eſquadraõ inimigo, e fica priſioneiro. Arraſa entaõ tudo do outro lado ò Principe Eugenio, que por tres vezes tinha ſido rechaſſado. O Eleitor, e Marſin retiraõ-ſe, ſem ſe lembrar de hum corpo de doze mil homens, das melhores tropas de França, encerrado na Villa de Bleinheim. Eſte pequeno exercito vio-ſe reduzido por cauſa da ſua poſiçaõ a render-ſe ſem combate. O Danubio, e o campo da batalha ficaõ cobertos de cadaveres. Apenas ſe ajuntaõ outra vez vinte mil homens depois da derrota: perdem-ſe repentinamente quaſi cem legoas de terra: a Baviera vê-ſe expoſta a ſer victima dos Auſtriacos, ao meſmo tempo que o Eleitor ſe ſalva em Bruxellas. A Alſacia he acomettida, os Imperiaes tomaõ Landau, e Trarbach, e Marlborough ſe aſſenhorea de Treveris.

Derrota horroroſa, a que ſe ſeguíraõ grãdes perdas.

Em meio deſtes triunfos, morreo em 1705 o Imperador Leopoldo, Principe frouxo de genio, ſempre governado, e que queria parecer abſoluto. Os ſeus Mini-

Môrte de Leopoldo.

nistros o tinhaõ quasi constituido senhor das forças do Imperio, representando por toda a parte a Luiz XIV., como hum inimigo odioso, e tremendo. Daqui procedeo a associaçaõ dos Circulos, e esses exercitos de mais de sessenta mil homens, que se víraõ nas margens do Rhin. José I., filho primogenito, e successor de Leopoldo, aproveitou-se melhor desta vantagem, pois era dotado de hum genio atrevido, e capaz de obrar tudo independente de conselhos. Proscreveo ao principio os dous Eleitores despojados, de Baviera, e de Colonia, e deo hum Principado do Imperio a Marlborough, com quem a Rainha Anna, e o Parlamento de Inglaterra prodigalisavaõ recompensas mais lisonjeiras.

José I., seu successor.

Já Filippe V. vacillava no Throno de Hespanha. Posto que elle tivesse a seu favor o grosso da Naçaõ, havia nas Provincias muitos trahidores, e sediciosos. Várias intrigas agitavaõ a sua Corte. O Cardeal Portocarrero, e Arias, Membros principaes do Conselho particular, estavaõ malquistos. A Princeza das Ursinas (a Tremoille por nascimento) era bem vista, e alguns Francezes. Esta Princeza mudava o Ministerio á sua satisfaçaõ. Luiz XIV., depois de a ter chamado para a sua Corte, restituío-a ás instancias de Filippe, que pare-

Estado crítico de Filippe V.

A Princeza das Ursinas.

recia naõ poder viver ſem ella. Eſta mulher caprichoſa teve longo tempo demaſiada influencia nos negocios de Eſtado; e os Heſpanhoes tiveraõ motivo para queixar-ſe diſſo. Mas o Rei era bom, e virtuoſo.

Empenhos pelo Archi Duque Carlos.

Inglaterra, e Hollanda, reſolutas a d'eſte conſelho fizeraõ incriveis esforços a favor do Archi-Duque, que por motejo foi chamado, *Carlos, pela graça dos Hereges, Rei Catholico.* O odio da hereſia era taõ violento em Portugal, e Heſpanha, que ſemelhantes protectores naõ podiaõ deixar de conſtituir odioſo o partido, que defendiaõ. Com tudo pouco faltou, para que elles naõ o fizeſſem triunfar. Os Inglezes ſe diſtinguíraõ eſpecialmente neſta empreza.

Cōquiſtas em Heſpanha pelos Inglezes.

Depois de terem trazido o Archi-Duque para Portugal (1704), tomaõ Gibraltar, cuja Praça naõ foi poſſivel tornar-lhe a tomar. No anno ſeguinte, ſobmettem a Provincia de Valença, e a Catalunha. Duas tentativas inuteis da França, huma contra Gibraltar, e a outra contra Barcelona, arruináraõ quaſi de todo aquella formidavel marinha eſtabelecida por Luiz XIV. Conſervavaõ-ſe ainda algumas eſperanças, que todavia ſe deſvaneceráõ em breve tempo.

Vil-

1706 Villeroi vencido, e derrotado por Marlborougem Ramillies.

Villeroi, honrado sempre com a confiança de seu Soberano, de que elle era crédor por outro qualquer titulo, que naõ fosse o de General, lisonjeou-se de tirar em Flandres as nodoas da sua reputaçaõ com hum exercito de oitenta mil homens. Contra o parecer dos Officiaes Generaes, quiz aventurar huma batalha. Fez as disposições para ella contra os principios da sciencia militar; e esta batalha de Ramillies, junto a Mehaigne, foi huma derrota vergonhosa para os Francezes. Marlborough os desbaratou em meia hora. Além de vinte mil homens, perdeo-se quasi toda a Flandes Hespanhola. He sem dúvida Luiz digno de ser admirado em naõ ter arguido a Villeroi: *Senhor Marechal*, lhe disse Luiz XIV. assim que o vio, *as felicidades naõ saõ para a nossa idade*. Mas a Naçaõ nem por isso gemia menos com os desastres occasionados pelas más eleições do valimento. Multiplicando-se os erros, augmentáraõ-se os desastres.

Vendome victorioso em Italia.

Dever-se-hia ter deixado Vendome em Italia, pois que nella fazia gloriosamente huma guerra difficultosa. Tinha elle rechassado o Principe Eugenio, na batalha de Cassano, junto ao Adda (1705.), e ultimamente acabava de alcançar huma victoria completa em Cassinato contra ou-

tro

tro General. Em fim tinha forçado Eugénio a retirar-se até o Trentino, a fim de esperar alli soccorros. Dispunhaõ-se as cousas para dar o ultimo golpe ao Duque de Saboya, por meio da tomada da Capital do Piemonte. Por este tempo he Vendome destinado para substituir a Villeroi nos Paizes Baixos, e o Duque da Feuillade, genro do Ministro Chamillard, que o queria exaltar ás maiores honras, estava encarregado de fazer o sitio de Turim: nova eleiçaõ de valimento, nova origem de infelicidades.

Vendome destinado para a Flãdes.

O Author do seculo de Luiz XIV. dá huma relaçaõ curiosa dos preparos: " Cem „ batalhões, e quarenta e seis esquadrões, „ cento e quarenta peças de artilharia, „ cento e déz mil balas, vinte e huma „ mil bombas, quasi vinte oito mil gra- „ nadas, &c. He certo que os gastos „ de todos estes preparos de destruiçaõ „ seriaõ sufficientes para fundar, e fazer „ florecer a colonia mais numerosa. To- „ do o sitio de Cidade grande requer es- „ tes immensos gastos; e quando he ne- „ cessario reparar no proprio Paiz qual- „ quer aldêa arruinada, tudo saõ descui- „ dos. „ Tomára copiar muitas vezes destas reflexões; bem que dellas naõ resultasse outra cousa, senaõ hum sentimento de compaixaõ, pela sórte dos Póvos.

Preparos para ò sitio de Turim.

Pa-

Erros comettidos pelo Duque da Feuillade neste sitio.

Para julgarmos do Duque da Feuillade, basta saber que tendo-lhe o Marechal de Vauban offerecido vir dirigir, como engenheiro, as operações do sitio, o Duque rejeitou com despreso este offerecimento. Esta a razaõ, porque á vista do modo, como elle acometteo Turim, deo a entender que naõ a queriaõ tomar; e este rumor taõ incrivel se espalhou muito. O sitio naõ se adiantava, depois de huns attaques mal combinados. O Duque de Saboya sahio da Cidade, e fugio, e Eugenio vinha em seu soccorro, e teve tempo para vencer todos os obstaculos.

Adiantava-se Eugenio, e une se com o Duque de Saboya.

Na presença do mesmo Vendome nomeado já para a campanha de Flandes, e talvez mais negligente, do que de ordinario, pois devia partir; passa Eugenio o Adigé, o Canal branco; e finalmente o Pó. O Duque de Orleans, a quem Vendome deixa o mando do Exercito, vai unir se com o Duque da Feuillade á vista de Turim, naõ tendo podido impedir a uniaõ dos Imperiaes com o Duque de Saboya junto a Asti. Se o Duque de Orleans fora o arbitro, ter-se-hia marchado para os inimigos, antes do que esperallos nas linhas. Huma ordem da Corte, de que estava encarregado o Marechal de Marsin, contra o seu proprio sentimento, foi a causa de naõ se seguir o parecer do Prin-

ci-

cipe. Para obedecer á ordem da Corte, se expozeraõ ás ultimas infelicidades.

Derrota de Turim.

Em duas horas saõ as linhas forçadas, e os Francezes dispersos. Bagagens, munições, caixa militar, tudo fica no poder do inimigo. Morre Marsin de huma ferida. O Duque de Orleans, ferido tambem, retira-se para Pinheirol. Perdêraõ-se sómente dous mil mórtos: e assim mesmo tudo se perdeo em Italia, o Piemonte, o Milanez, os Estados de Modena, de Mantua, e o proprio Reino de Napoles. Fazendo-se a retirada para Casal, ter-se-hia tido algum recurso. O Conde de Medavi, dous dias depois da derrota de Turin, alcançou huma victoria completa em Castilhone contra o Principe de Hesse. Victoria inutil. Fez-se a capitulaçaõ para salvar aquellas trópas victoriosas, e todo o Paiz foi abandonado ao Imperador. Todas estas perdas procedêraõ de hum primeiro erro.

Do mesmo modo levanta-se o sitio de Barcelona.

Naõ estavaõ menos perdidas, como parecia as esperanças quanto aos negocios da Hespanha. O sitio de Barcelona, em que achou Filippe V., se assignalou com circunstancias infelices, do mesmo modo que o sitio de Turim. Já a Praça estava quasi a render-se, quando o Conde de Tolosa, filho natural de Luiz XIV., e Almirante General, que bloqueava o por-

to

to, ſe retirou á viſta de huma eſquadra Ingleza. Sobreveio hum eclipſe de Sol, com que os Heſpanhoes ſe atemoriſáraõ, como ſuccedida nos ſeculos da ignorancia. O Marechal de Teſſé levantou promptamente o ſitio, ficando para os Inglezes immenſos provimentos, e o terror lavrou pelas Provincias. Entráraõ eſtes até Madrid onde fizeraõ aclamar o Archi-Duque. Houve quem julgaſſe em França que Filippe V. naõ podia deixar de ir eſtabelecer-ſe na America. Eſte projecto foi do famoſo Vauban; mas que ſe teria feito ſem marinha?

O Archi-Duque acclamado em Madrid.

Fidelidade, e zelo dos Caſtelhanos.

Hum recurſo havia ainda na virtude dos Caſtelhanos. Fiéis ao ſeu Rei, indignados de que os pretendeſſem ſujeitar a pezar ſeu a outro Principe, e goſtoſos de vêr o valor, e o merecimento da Rainha, oſtentáraõ todo o zelo de hum Povo intrépido, animado pela deſeſperaçaõ. Biſpos, Clérigos, Monges, Camponezes, mulheres, os proprios mininos, ſe entregaõ ao enthuſiaſmo patriotico, e diſtinguindo-ſe por meio de acções attrevidas, brevemente ſe vê libertada a Capital. Entra novamente Filippe em Madrid, onde he recebido com grandes demonſtrações de júbilo, e todos ſe daõ preſſa em prodigaliſar com elle os ſoccorros. O Marechal de Berwick, filho natural de Jacques II., desba-

barata os inimigos em Almanza, na fronteira de Valença. (1707.) Era seu General o Conde de Ruvigni, Francez, que chegou a ser Par de Inglaterra, com o nome de Milord Galway. Vendo este Milord os esforços que os Castelhanos faziaõ, escreveo a Londres dizendo, que todas as Potencias da Europa naõ seriaõ bastantes para privar do Throno hum Principe taõ amado dos seus vassallos. O Duque de Orleans vinha mandar as trópas em Hespanha, e aproveitou-se da victoria de Almanza, para reduzir Valença, e Aragaõ, tomou Lerida em Catalunha, que o grande Condé naõ podéra n'outro tempo tomar.

1707 Alcança Berwick a victoria de Almanza a que se seguíraõ outros successos.

Estes acontecimentos animavaõ de novo, e davaõ alguma esperança. O Marechal de Villars naõ deixava tambem de ser bem succedido em Alemanha, onde pôz em contribuiçaõ a Franconia, e a Suevia. Estar a França ainda intacta, depois dos desastres os mais terriveis, era huma especie de prodigio; porém o Duque de Saboya, e o Principe Eugenio entráraõ finalmente nella pelo Estreito de Tende. Ao mesmo tempo que huma fróta Ingleza bombeava Toulon, achava-se esta assediada por elles. Se viesse a ser tomada, provavelmente cahiaõ a Provença, e o Delfinado nas mãos do inimigo. A penuria, as moles-

Sitio de Toulon.

leſtias, e ſoccorros chegados a tempo, fizeraõ levantar o ſitio, e deſvanecêraõ os temores daquelle lado.

1708
Tentativa a reſpeito da Eſcoſſia.

Novas infelicidades todavia ameaçavaõ os Póvos. Huma tentativa a reſpeito da Eſcoſſia, a favor do pretendente, naõ teve ſucceſſo algum feliz. O Cavalleiro de Forbin ſalvou a fróta, e niſto fez muito, a pezar dos Inglezes, e dos ventos contrarios. El-Rei Luiz tinha maiores eſperanças na campanha de Flandes. Seu neto, o Duque de Borgonha, célebre pelas virtudes, que Fenelon lhe inſpirára, commandava em Flandes hum Exercito de cem mil homens; e Vendome ſervia ás ordens deſte Principe. A tomada de Gand, e Ipres, conquiſta tanto mais facil, pois ſe conſervavaõ ſuas communicações em ambas eſtas Praças, parecia eſtar prognoſticando grandes, e felices ſucceſſos. Por deſgraça naõ ſe uniaõ com o General, que naõ era devoto, o Principe pio, e os ſeus cortezãos: a differença do caracter, e principios rompeo a uniaõ, de que neceſſitavaõ para o bom exito. Naõ era o eſſencial penſar bem, mas ſim fazer bem a ſua obrigaçaõ, ſervindo o Eſtado. O Principe Eûgenio, e Marlborough, eſtreitamente unidos aſſim na acçaõ, como no conſelho, approveitáraõ-ſe dos erros, que deviaõ proceder daquella falta de intelli-

Campanha de Flandes.

O Duque de Borgonha, e Vendome naõ ſe unem.

gen-

Batalha de Oudenarde; tomada de Lilla, &c.

gência. Eſtes Generaes derrotáraõ o Exercito Francez em Oudenarde, e ſitiáraõ Lilla: empreza temeraria na apparencia, e juſtificada pelo ſucceſſo. A defeza admiravel do Marechal de Boufflers, quaſi por eſpaço de quatro mezes, ſervio ſómente de augmentar a gloria dos vencedores, que ſe aſſenhoreáraõ depois de Gand, e Bruges. Pariz tremia, e com razaõ; porque alguns officiaes aliſtados no ſerviço de Hollanda, a maior parte Francezes refugiados, tinhaõ-ſe adiantado até Verſalhes, onde tomando o Eſtribeiro-Mór pelo Delfim, o prendêraõ.

Terror em Pariz.

1709
Perde Filippe V. cada vez mais as ſuas forças.

Augmentáraõ-ſe muito mais as calamidades em 1709. Clemente XI. (Albani), favoravel á Caſa de França, vêndo o Eſtado Eccleſiaſtico ameaçado pelos Imperiaes, foi obrigado a reconhecer o Archiduque como Rei de Heſpanha. Era o ſeu voto importante na oppiniaõ de huns Póvos ſuperſticioſos, que aborreciaõ os hereges, de quem emanava toda a força daquelle Principe. Os Inglezes tomáraõ a Sardenha á Heſpanha, e o deraõ ao Imperador. No anno precedente tinhaõ tomado Porto-Mahon, e os Mouros ſe aſſenhoreáraõ de Oran, ſituada nas cóſtas de Africa. Por toda a parte hia a Monarquia cahindo em ruina.

Requer Luiz a paz, mas inutilmente.

Á tantas perdas se ajuntavaõ os flagellos da natureza. Hum inverno rigoroso nenhuma esperança deixa de colheita. Exhaurida a França parece incapaz de novos esforços. Nas Provincias naõ se ouve outra cousa, senaõ murmurações. Requer Luiz a paz, sem se lisonjear de obter condições supportaveis; e o que procura unicamente he convencer os seus Póvos de que continúa a guerra a seu pezar. Com effeito, o Marquez de Torci, Ministro principal do Rei, o qual parte a tratar em pessoa, soffre na Haya a altiveza de Heinsio, primeiro Ministro das Provincias Unidas, o qual unido com Marlborough, e com o Principe Eugenio, intentava opprimir a França. As suas proposições saõ intoleraveis; pois pretendem que o Rei faça alliança com elles, a fim de tirar o Throno a seu neto; que renúncie a Soberania de Alsacia; que ceda déz Cidades de Flandes aos Hollandezes, &c. Estas odiosas proposições tiveraõ bom effeito para Luiz XIV., o qual expoz aos olhos do público, por huma carta circular, assim a injustiça cruel dos inimigos, como a necessidade de defender-se contra elles. A indignaçaõ, e a honra suspendêraõ o sentimento das infelicidades, que se padeciaõ.

Torci na Haya; proposições dos inimigos.

Villars, e Boufflers ē Flandes.

Estava em Flandes hum exercito de quasi setenta mil homens, e Villars tinha

o mando delle. O Marechal de Bloufflers, posto que mais antigo do que Villars, tinha requerido, e alcançado o servir ás suas ordens: generosidade mais gloriosa sem dúvida, do que o mando em chéfe. Pouco havia que se perdêra Tournay. O Principe Eugenio, e Marlborough, hiaõ formar o sitio de Mons com quasi oitenta mil homens. Estes Generaes acomettem os Francezes, os quaes querem oppôr-se ao seu intento.

Esta batalha de Malplaquete excede a todas as demais, assim pela obstinaçaõ dos combatentes, como pelo sangue que se derramou. Na vespera tinha faltado o paõ aos soldados Francezes: os quaes lançaõ fóra huma parte do que ultimamente lhes tinhaõ distribuido, e se esquecem das suas necessidades, a fim de entregar-se ao seu ardor marcial. A ala esquerda dos inimigos, que se compunha de Hollandezes, ficou derrotada. Marlborough porém ganha terreno, e Villars foi ferido quando corria a oppôr-se aos seus progressos. Perde-se o campo de batalha, e a retirada faz-se em boa ordem por Boufflers. A perda da França consistia só em quasi oito mil homens, e a dos alliados montava a mais de vinte mil. Com tudo elles tomáraõ Mons. Algumas vezes influe prodigiosamente a opiniaõ nos successos da guerra. Hum cam-

Batalha de Malplaquete.

po

po de batalha perdido era ſufficiente para abater a confiança dos que ficavaõ com maior poder.

Projecto mallogrado dos inimigos a reſpeito da Borgonha.

Da outra parte do Reino tambem ſe tinhaõ viſto ameaçados de huma invaſaõ. O Duque de Saboya tinha paſſado os Alpes, e tomado Anneci, e devia adiantar-ſe até Borgonha, onde os Imperiaes eſperavaõ unir-ſe com elle, depois de terem entrado pelo Franco-Condado. Eſta atrevida empreza, ajuſtada com prudencia, ſe mallogrou por cauſa da derrota do Conde de Merci em Rumersheim. O Conde de Bourg, depois Marechal de França, teve a gloria de o vencer, e de quietar em parte o Reino. Mas ſe a guerra naõ acabaſſe, que couſas que ſe deviaõ eſperar? Naõ póde Luiz deixar de humilhar-ſe novamente ſob o peſo do infortunio.

CA-

CAPITULO VI.

Continuaçaõ da guerra. --- Mórte do Imperador José. --- Intrigas em Londres. --- Desgraça de Marlborough, e preliminares da paz.

ESTE Conquistador terrivel, que em 1672 sobjugára quasi toda a Hollanda, e recusando aos vencidos várias condições toleraveis, lhes inspirára o valor da desesperaçaõ, vê-se reduzido a pedir aos mesmos Hollandezes huma paz humilde, persuadido de naõ a poder obter, senaõ por meio delles. Offerecia-lhes hum limite, em que eraõ comprehendidas Tournay, e Lille; offerecia restituir Strasburgo, e Brisac, entulhar o porto de Dunkerque, reconhecer Rei de Hespanha o Archi-Duque, naõ dar soccorro algum a Filippe V., &c. Destes offerecimentos póde cada hum julgar qual era a grande necessidade, em que a Naçaõ se achava, e a horrorosa situaçaõ do Reino. Offerecimentos humildes de Luiz.

Se o bem geral prevalecesse ás paixões particulares, naõ havia sem dúvida que vacillar. Por ventura naõ padeciaõ tambem os alliados? Naõ consumiaõ elles as Naõ se podiaõ rejeitar os offerecimẽtos sem imprudencia.

ſuas forças? Tinhaõ alguma certeza de vencer ſempre? Naõ podia huma deſgraça fazellos perder as grandes utilidades que ſólidamente lhes dava huma pennada? Mas por huma parte, a ambiçaõ de Eugenio, e Marlborough queria prolongar a guerra; e por outra, a ouſania de Heinſio, primeiro Miniſtro das Provincias Unidas goſtava de deſtruir, e arruinar a Luiz XIV. A Hollanda eſtava ſem Stathouder, depois da mórte de Guilherme III., e ainda aſſim Heinſio, menos ambicioſo que Guilherme, ſeguia á reſpeito da França o meſmo ſyſtema de politica, e deixava-ſe levar dos movimentos, que lhe imprimiaõ os dous Generaes.

Pretende-ſe naõ obſtante que o meſmo Luiz XIV. prive do Throno a ſeu neto.

Os Embaixadores Francezes, recebidos como por favor na pequena Villa de Gertruydembergue (pois naõ ſe dignáraõ de os admittir ás conferencias com os mais Plenipotenciarios), vendo as ſuas propoſições reprovadas com certo tom de deſprezo, humilháraõ-ſe até prometter ſoccorros pecuniarios contra Filippe V. A barbaridade dos inimigos chegou a tal exceſſo, que elles exigíraõ que o Rei voltaſſe contra Filippe, e que ſe obrigaſſe ſó a privallo do Throno, no eſpaço de dous mezes. Sem eſta condiçaõ, naõ queriaõ entrar em Tratado algum: o que era o meſmo que fazer a paz impoſſivel, e conſ-

constituir-se no conceito do Genero Humano, culpado de todas as attrocidades de huma guerra injusta.

Para maior infelicidade, a fortuna servia de nutrir a arrogancia dos alliados, que tomáraõ Duay, Bethuna, S. Venancio, e Aire. Os limites da França hiaõ cahindo hum atraz d'outro. A miseria pública inspirava por toda a parte a desesperaçaõ. Hum novo Edicto a favor da fazenda real impoz a decima dos rendimentos; e este imposto, que por desgraça era necessario, foi registrado sem obstaculo. Em Hespanha succedia o mesmo, que em França; quasi que se vio chegar o fatal instante, em que perdida estava toda a esperança.

Novas infelicidades da França.

Depois da batalha de Almanza em 1707, a qual se seguio em 1709 outra victoria alcançada pelo Marquez de Bay em Gudina, na Estremadura, Filippe V. ainda se achou a ponto de ser expulsado do seu Reino. Luiz XIV. tinha mandado recolher as suas trópas, para defender-se a si mesmo, e os Hespanhoes duas vezes vencidos em Catalunha, tornaõ a ser desbaratados em Saragoça por Stahrenberg, célebre General Alemaõ. Abandona Filippe novamente a sua capital, e o Archiduque entra segunda vez em Madrid, onde faz que o tornem a aclamar.

Abandona Filippe V. outra vez Madrid.

Mas a trifteza pintada no femblante dos Caftelhanos, dá annuncios da fua fidelidade ao legitimo Rei.

Vendome em Hefpanha.

Tinhaõ pedido hum unico homem á Corte de França, o famofo Duque de Vendome, que já naõ fervia depois da trifte campanha de Lille. Nunca General algum foube melhor, que Vendome, inspirar o enthufiafmo militar. Chega elle, e todos julgaõ ter achado hum falvador. Os Grandes de Hefpanha deliberaõ a refpeito do pofto, que lhe haõ de dar: *Todo o pofto he bom para mim*, diffe aquelle Heróe; *eu naõ venho difputar-vos a preferencia; venho fómente falvar o voffo Rei.* Brevemente fe vê Vendome com hum Exercito, e com dinheiro: e como que o zelo da Naçaõ obra hum impoffivel. O Archi-Duque fahe de Madrid, e Vendome, depois de ter reconduzido a efta Cidade o Rei, corre para os inimigos attonitos, cerca em Brihuega o General Inglez Stanhope, a quem faz prifioneiro com cinco mil homens, e alcança no dia feguinte em Villa-Viçofa huma victoria decifiva contra Stahrenberg. Nefte dia appareceo gloriofamente Filippe, que tinha fido arguido, do mefmo modo que o Archiduque, por naõ animar as trópas com a fua prefença. Dizia o Conde de Peterborugh, depois da batalha de Alman-

Sitio de Brihuega; batalha de Villa-Viçofa.

za:

za: *Muito bons ſomos em combater por elles!*

O Imperador Joſé I., cuja felicidade ſe tinha conſtantemente ſuſtentado, que tinha deſmembrado em beneficio ſeu huma parte da Monarquia Heſpanhola; que tinha diſpoſto arbitrariamente dos Eſtados do Eleitor de Baviera; que triunfava com o abatimento do Rei de França, e tinha domado ultimamente os rebeldes de Hungria, morreo de idade de trinta e tres annos, entre as humanas proſperidades. Carlos VI. ſeu irmaõ, que todos ſe empenhavaõ por exaltar ao Throno de Heſpanha, era ſeu herdeiro, e foi eleito Imperador depois de hum interregno de ſeis mezes. A paz devia ſer o fructo deſte imprevisto ſucceſſo.

Mórte do feliz Imperador Joſé.

Carlos VI. Succeſſor de Joſé I.

Já na Inglaterra ſe tratava da paz, havia algum tempo. Várias intrigas occultas de Corte ſervíraõ nella á humanidade. He eſta huma circunſtancia muito digna de obſervaçaõ para deixar de fixar a attençaõ. Couſa nenhuma próva melhor quanto influem algumas vezes na ſórte dos Póvos, e dos Imperios, o capricho, a fantazia, e as couſas pequenas.

Intrigas occultas para a paz em Inglaterra.

Havia ſempre entre os Whigs, e os Torys huma oppoſiçaõ tanto mais fórte, quanto á politica ſe unia a religiaõ a fim de os dividir; porque os primeiros conſer-

Os Whigs dominavaõ em Londres.

ſervavaõ principios de Presbyterianos, e os outros eraõ zeloſos do Epiſcopato. Tendo-ſe Marlborough declarado a favor dos Whigs, eſte partido, além de dominar, perſeguia. Como inimigo da paz, tinha as meſmas idéas que o General, o qual fundava na guerra o ſeu credito, e a ſua immenſa fortuna. A ſede do ouro, paixaõ indigna de taõ grande homem, naõ contribuia menos do que a ſede das honras, para o conſtituir inimigo irreconciliavel dos Bourbons. A Rainha Anna era governada por ſua mulher; Godolphin, Theſoureiro Geral, era da ſua amiſade, e ſogro de huma de ſuas filhas; o Conde de Sunderland, Secretario de Eſtado, naõ lhe era menos devoto. Deſte modo podia diſpôr de tudo, em quanto a Corte naõ mudaſſe.

Credito, e vicios de Malborough.

Mas a Duqueza de Marlborough, taõ altiva que paſſava a ſer inſolente, eſqueceo-ſe de que o valimento deve conſervar-ſe com induſtria, a fim de ſe abrigar das deſgraças. Eſta Duqueza deo a conhecer muito bem á Rainha o Imperio, que exercia em ſua alma, e cauſou-lhe tantos deſgoſtos, que em 1708 outra valída, Milady Masham, ſua parente, e creatura ſua, já era huma competidora preſtes a ſubſtituilla. Formáraõ-ſe logo intrigas contra o Duque. Os Torys ſe

Sua mulher abuſa do valimẽto.

ſe animáraõ novamente, e Harley, depois Conde de Oxford, Secretario de Eſtado, e o famoſo Saint Jean, depois Conde de Bolingbroke, formáraõ o plano de huma revoluçaõ.

Harley, e Bolingbroke.

Nos Paizes, em que o Povo tem influencia, he de neceſſidade pôllo em movimento, ſegundo os fins onde ſe leva a mira, por meios analogos ao ſeu modo de penſar, ou ſentir; e os principios da religiaõ ſaõ quaſi ſempre os mais efficazes. O Doutor Sacheverel, hum daquelles fervoroſos enthuſiaſmados, que ſem instrucçaõ pódem dirigir a plebe, prégou, e imprimio as ſuas declamações a favor da obediencia paſſiva, a favor da intolerancia religioſa, n'huma palavra contra os principios, e contra o governo dos Whigs. Foi acuſado pela Camera dos Communs em 1709. O ſeu proceſſo deo que entender a todos. O clero, e o Povo declararaõ-ſe ſeus ſeguidores com tanto fervor, que ſe receou alguma ſediçaõ. A Rainha aſſiſtio ás ſeſsões como eſpectadora. Naõ ſe ignorava que ella approvava huma doutrina favoravel á Realeza. Muitos dos principaes Torys confeſſáraõ que os Sermões do Doutor eraõ abſurdos; mas ſuſtentáraõ que naõ havia materia de condemnaçaõ. Foi Sacheverel julgado por culpavel, ſó pela pluralidade de deſaſete votos,

Servem-ſe os Torys da religiaõ.

Sacheverel.

Os seus Sermões saõ queimados por ordem do Parlamento.

tos, e o Parlamento mandou queimar os seus Sermões, e prohibio o pulpito por tres annos. Esperava-se huma sentença mais rigorosa: e os Torys julgando-se triunfantes, augmentáraõ mais as suas intrigas.

Desgraça da Duqueza de Marlborough.

Tal era a fraqueza da Rainha para com a Duqueza de Marlborough, que moderando esta o seu altivo genio, teria podido conservar-se ainda muito tempo. Ella se constituio em fim insopportavel por causa da sua altiveza, e actividade. A nova valida, insultada pela mesma Duqueza de Marlborough, approveitou-se das occasiões de vingança. Offendida Anna ao vivo quebrou a sua amisade, e em breve tempo foraõ despedidos da Corte Godolphin, e os outros principaes do partido Whig. O Ministerio mudou de face, e era necessario mudar tambem o Parlamento. Fizeraõ apparecer de novo em scena o Doutor Sacheverel: deraõ-lhe hum beneficio; o Cléro, e o Povo se entregáraõ a huma especie de enthusiasmo, que dirigio quasi todas as eleições a respeito dos Torys. Sem este pequeno meio, talvez que a revoluçaõ naõ tivesse effeito. Por toda a parte he o Povo o mesmo.

Pequenos meios causaõ grãdes mudanças.

Furia dos Torys contra o Duque de Marlborough.

Assim que os Torys se viraõ os mais poderosos, se fizeraõ como os Whigs, insolentes, e perseguidores. Os Torys se en-

enfurecêraõ contra os antigos Miniſtros; e contra o Duque de Marlborough. As grandes acções, e os grandes ſerviços deſte General, ſe deslumbravaõ com o odio do partido. Naõ ſe fallava, ſenaõ da ſua inſaciavel cubiça; imputavaõ-lhe as couſas mais odioſas; inſultavaõ os ſeus talentos; até o ſeu valor punhaõ em problema. A inconſtancia, e a ingratidaõ dos Athenienſes pareciaõ imperar no genio Inglez: ou para melhor dizer os Inglezes na effervefcencia das facções, moſtravaõ ſer os meſmos, que ſempre foraõ em taes circunſtancias, menos raſoaveis, mais colericos, e mais injuſtos.

Com tudo a Corte naõ ſe atrevia a tirar a Marlborough o mando do exercito. Em quanto a guerra duraſſe, eſtava elle quaſi certo de conſervar muito poder; e qualquer que foſſe a diſpoſiçaõ da Rainha a reſpeito da paz, as preoccupações da Naçaõ contra a França, e o orgulho da victoria, oppunhaõ-lhe poderoſos obſtaculos. *Obſtaculos para a paz.*

Mas por morte do Imperador Joſé I., herdando o Archi-Duque Carlos todos os ſeus Eſtados, devia Inglaterra ſeguir outro ſyſtema differente. Ella ſopportava o pezo da guerra, e Hollanda, e a Caſa de Auſtria recolhiaõ as ſuas utilidades. Se o equilibrio da Europa tinha dado motivo pa- *Depois da morte de Joſé I., naõ ſubſiſtiaõ mais os motivos de guerra.*

para que todos tomassem armas; se havia receio que a Casa de França, estabelecida no Throno de Hespanha, naõ fizesse pender a balança para a sua parte, era por ventura necessario que huma mesma cabeça cingisse todas as Coroas, que antigamente tinhaõ constituido a Casa de Austria muito tremenda? Por ventura naõ era já tempo de terem fim as calamidades da Europa? Naõ era esta a cousa mais gloriosa, que Inglaterra podia executar?

Tratados occultos c̃ Versalhes. Os encargos contrahidos com os alliados opprimiaõ a Rainha Anna, e os seus Ministros. Já se tinha dado principio com a Corte de Versalhes a huma negociaçaõ secreta, por meio de hum Padre desconhecido, por nome Gaultier, o qual certificou ao Ministro de Luiz XIV., que se quizessem a paz, ella se podia fazer sem a intercessaõ da Hollanda. *Isto era o mesmo*, como diz expressamente Torci nas suas Memorias, *que perguntar a hum enfermo, acomettido de huma dilatada, e perigosa enfermidade, se quer curar-se della.* O Poeta Prior foi empregado nesta negociaçaõ; e o que he cousa rara, de huma e outra parte obravaõ com igual sinceridade.

1711 Marlborough toma Bujan. Com tudo a guerra continuava. Marlborough ainda fez tremer a França: acometteo as linhas do Marechal de Villars, que

que se extendiaõ des de Montreuil até Valenciana. Tentou o sitio de Bujan, empreza attrevida, e teve o mesmo successo. Quasi que naõ tinha mais obstaculos, que encontrar até París.

Preliminares da paz.

Felizmente as pacificas idéas da Corte de Londres prendêràõ a ambiçaõ daquelle General. A pezar do Imperador, e dos Estados Geraes, assignáraõ-se em fim os preliminares da paz, por meio dos quaes se assegurava hum limite aos alliados, a demoliçaõ de Dunkerque, &c. Marlborough foi despojado dos seus empregos, mas conservou as riquezas, que tinha adquirido no tempo da guerra. Accusado de roubo de dinheiro público, talvez teria sido victima dos Torys, se a Rainha, por meio de huma moderaçaõ prudente, naõ tivesse prolongado este odiosissimo processo.

Perde Marlborough os seus empregos.

Eugenio em Londres.

Em vaõ chegou o Principe Eugenio a Londres, na esperança de oppôr-se ás idéas do Ministerio. Foi recebido nesta Corte com grandes honras, e perdeo a sua esperança. Ao menos este Principe manifestou a grande estimaçaõ, que fazia do Heróe desgraçado. Jantando hum dia com o Conde de Oxford (Harley), author da revoluçaõ, e dizendo-lhe este Ministro que elle se congratulava de ter em sua casa o maior General da Europa: *Se eu o sou*,

respondeo Eugenio, *a vós he que o devo.* Naõ podia Marlborough ser mais bem louvado, nem melhor vingado dos insultos dos seus inimigos.

Os Hollandezes obrigados a consentir nas cõferencias.

Sé os Hollandezes víraõ Inglaterra a ponto de abandonallos, foi este hum justo castigo da sua arrogancia. Declarou-se-lhes, em nome da Rainha, que se differissem concorrer para os preliminares, esta demora sería reputada por huma negativa. Consentíraõ elles entaõ em abrir conferencias em Utreque, onde veremos nascer huma paz, que todas as Nações deviaõ desejar com grande ancia.



ÉPO-

ÉPOCA DE LUIZ XIV.

LIVRO IV.

O qual contém o fim do Reinado de Luiz XIV., e a historia do Czar Pedro I., e de Carlos XII.

CAPITÚLO I.

Tratados de Utreque. --- Victorias da França. --- Fim da guerra em 1714.

1712 O Imperador, e a Hollanda oppostos á paz.

ABRIO SE o Congresso de Utreque em Janeiro de 1712, e naõ correspondeo no principio ás esperanças de Luiz XIV. Por muito grande que fosse o desejo, que a Rainha Anna tinha da paz, queria quanto fosse possivel, satisfazer aos seus alliados, cujos sentimentos de nada tinhaõ menos, que de pacificos. O Imperador Carlos VI. oppunha-se a todo o desmembramento da Monarquia Hespanhol, e os Hollandezes naõ cingiaõ as suas

ſuas pretenções ao limite, que exigiaõ. Sempre os viraõ negociar com má fé, expondo mil difficuldades, naõ ſe explicando a reſpeito do objecto dos ſeus requerimentos, reſervando-ſe para requerer confórme as conjuncturas, e querendo que a França eſtiveſſe quaſi ſujeita á ſua diſcriçaõ.

Difficuldades dos Plenipotenciarios Inglezes.

Por outra parte, os Plenipotenciarios Inglezes, circunſpectos, e timidos, com o receio das mudanças taõ communs em Inglaterra, receio tanto mais bem fundado, quanto ſe antevia hum novo reinado; " Eſtes Plenipotenciarios, diz Torci, em ,, vez de ſe communicarem com os de ,, França, fallavaõ ainda como inimigos; ,, executavaõ á riſca as ordens, que tinhaõ recebido; as ſuas inſtrucções eraõ ,, os fiadores do ſeu proceder. He perigoſo proceder de outro modo n'hum ,, Paiz inconſtante, onde confórme a ſuperioridade dos partidos, cada hum ,, he julgado digno, ou de recompenſa, ,, ou de caſtigo: incerteza infeliz, que ,, os Plenipotenciarios de França naõ tinhaõ que recear, obedecendo unicamente ao Rei, a quem ſó deviaõ agradar, e certos de o conſeguir executando com a pontualidade as ordens ,, claras, e exactas, que Sua Mageſtade ,, lhes dava ſem reſerva de ſegredo." Eſ-

te

te facto dá huma idéa muito justa da differença dos governos. Torci devia sem dúvida preferir o governo de Versalhes.

A tantas demoras se seguio hum obstaculo improviso, cujo principio era horroroso para Luiz XIV. O Delfim, seu filho unico, tinha morrido em 1711, e o Duque de Borgonha, segundo Delfim, morreo tambem, de idade de trinta annos, Principe digno de toda a saudade, pois que nelle se esperava o reinado de hum sábio. A Delfina, sua mulher, Princeza completa, tinha acabado a vida seis dias antes. Poucos dias depois, expirou o Duque de Bretanha, seu filho primogenito. O Duque de Anjou (Luiz XV.) estava sem esperança alguma de vida, e por conseguinte o direito de Successaõ á Coroa podia passar em breve tempo ao Rei de Hespanha, filho segundo do primeiro Delfim; e por meio desta enfiada de infelicidades, a uniaõ das duas Coroas, objecto dos temores da Europa, já naõ era contraria á verisimilhança.

Novo obstaculo por causa da mórte dos Principes de França.

Esta a razaõ, porque a Rainha Anna pedio, como condiçaõ essencial da paz, que Filippe V. renunciasse pura, e simplesmente a Coroa de França, e transmittisse os seus direitos ao Duque de Berri, seu ultimo irmaõ. No Conselho de Versalhes se julgou que esta renunciaçaõ

Requer-se huma renunciaçaõ de Filippe V.

Esta renunciaçaõ seria nulla, segundo a Corte de Versalhes.

çaõ seria nulla pelas Leis fundamentaes do Reino. Em declarallo assim se procedeo com boa fé; e Torci sustentou este parecer com huma passagem de Jeronymo Bignon, o qual suppõe que a Lei fundamental, de que se trata he, no conceito da Naçaõ, obra do mesmo Deos, e que só Deos tem o poder de abolilla. Podia-se discorrer melhor, do que Jeronimo Bignon neste ponto sem prejudicar os incontestaveis direitos da familia reinante. Muito importa, especialmente em materias de ponderaçaõ, allegar sómente razões sólidas.

Resposta de Bolingbroke.

Bolingbroke, Secretario de Estado da Rainha, respondeo com sabedoria, e prudencia: "Convimos que em França es-
„ tais capacitado de que só Deos he quem
„ póde abolir a Lei, em que está funda-
„ do o vosso direito de Succeſſaõ. Mas
„ haveis de permittir-nos tambem crêr
„ em Inglaterra, que hum Principe póde
„ desistir dos seus direitos por meio de
„ huma cessaõ voluntaria, e que aquel-
„ le, a favor de quem elle tivesse renun-
„ ciado, poderia ser defendido com justi-
„ ça nas suas pretenções pelas Poten-
„ cias, fiadoras do seu Tratado. „

Alternativa proposta ao Rei de Hespanha.

A necessidade, mais poderosa que os discursos, persuade em breve tempo a Luiz XIV., o qual exhorta seu neto para es-

te

te indiſpenſavel paſſo. Para facilitar a paz, propõe ainda huma alternativa : ou que Filippe V. faça a renunciaçaõ requerida, ou que ceda Heſpanha ao Duque de Saboya, de quem haverá em troca os Eſtados, com Monferrato, com os Eſtados de Mantua, e Reinos de Napoles, e Sicilia; de modo que ſe chegar a obter á Coroa de França, ou elle ou algum dos ſeus deſcendentes, eſta poderá unir-ſe com todos aquelles Eſtados, excepto a Sicilia, que paſſará á Caſa de Auſtria. Preferia Luiz eſte ultimo expediente. "Terei pela maior felicidade de minha vida, eſcreveo elle ao Rei de Heſpanha, o tomardes a reſoluçaõ de ſeguir o meu parecer, e conſervar huns direitos, de que algum dia inutilmente vos arrependereis, ſe os abandonardes." Mas Filippe preferio a Heſpanha, allegando tudo o que elle devia á ſua gloria, e ao zelo dos ſeus vaſſallos. Conſentio na renunciaçaõ, e ſe aſſentou n'huma ſuſpenſaõ de armas. Os Inglezes pretendêraõ que ſe lhes entregaſſe Dunkerque até a concluſaõ da paz, e aſſim ſe fez; porque entre as duas Cortes reinava huma mutua confiança, e a concluſaõ naõ admittia demora alguma.

Conſente Filippe na renunciaçaõ, contra os deſejos de Luiz XIV.

A Hollanda todavia tinha redobrado os ſeus esforços para a primeira campanha.

Os Inglezes ſeparaõ-ſe dos aliados.

nha. Eugenio tomou Queſnoy, e propoz ao Duque de Ormond, General do Exercito Inglez, o dar huma batalha. Neſta occaſiaõ he que ſe declarou huma ſuſpenſaõ de armas entre França, e Inglaterra. Retirou-ſe o Duque; mas a maior parte das trópas Eſtrangeiras, empregadas no ſerviço da Rainha, naõ o quizeraõ ſeguir.

Landreci ſitiada por Eugenio.

Achando-ſe ainda aſſim Eugenio ſuperior em número, formou o ſitio de Landreci. A França eſtava reduzida ás ultimas extremidades. Deliberou-ſe ſe o Rei ſe auſentaria de Verſalhes, e eſte ſe moſtrou reſóluto, no caſo de nova infelicidade, a convocar toda a Nobreza, guialla para o inimigo, e morrer combatendo. Eſte Monarca, maior na adverſidade, do que na oſtentaçaõ dos ſeus triunfos, intereſſa os corações ſenſiveis, depois de ter offuſcado os olhos muito tempo.

Animo do Rei.

Projecto de acometter os inimigos.

Já era tempo dos inimigos exprimentarem tambem quaõ cégos ſaõ todos aquelles, que confiaõ na fortuna. Hum Cura, e hum Magiſtrado de Duay foraõ os primeiros, que imagináraõ ſer facil acometter dous póſtos eſſenciaes do Principe Eugenio, cujas linhas ſe eſtendiaõ muito, e cujo campo ſe achava muito remoto. Grandes intentos póde produzir huma idéa concebida por a caſo. Confórme o aviſo, que diſto tiveraõ os Marechaes de Villars,

e

e Montesquiou, se traçou o plano de huma expediçaõ, que salvou a França. Que cousas naõ se deviaõ temer, quando fosse infeliz o exito desta expediçaõ?

Finge Villars querer acometter o campo de Eugenio, a quem entretem, e vai acometter Dénain, onde estava entrincheirado o Duque de Albemarle. Força as trincheiras, cativa os Generaes, e todo o restante das trópas. Toma arrebatadamente os differentes postos situados ao longo de Scarpa: dá sobre Marchiennes, deposito dos armazens do inimigo, e assenhorea-se d'ella dentro em tres dias. Levanta Eugenio o sitio de Landreci. Tornaõ a tomar-lhe Santo Amando, Duay, Quesnoy, e Bujan; e elle se retira depois de ter perdido, sem dar batalha huma grande parte do seu Exercito, ficando prisioneiros quarenta dos seus batalhões. Fica entaõ superior a França, e os inimigos da paz castigados da sua imprudente, e cruel ambiçaõ.

Batalha de Denain, e suas consequencias.

Faz-se entaõ solemnemente a renunciaçaõ de Filippe V. A Corte de Londres tinha requerido que esta renunciaçaõ fosse ratificada pelos Estados Geraes de França. " Mas, diz Torci nas suas Memorias, sendo desconhecida em França a authoridade attribuida pelos Estrangeiros aos Estados, mudou o Rei esta clausula, e

Renunciaçaõ de Filippe; como foi publicada em França.

 ,, pro-

,, prometteo acceitar fómente a renun-
,, ciaçaõ do Rei, feu neto, que feria de-
,, pois publicada por fua ordem, e regif-
,, tada em todos os Parlamentos do Rei-
,, no do modo mais folemne. ,, Com ef-
feito, des do anno de 1614 já naõ havia mais conhecimento de Junta nacional, fe-naõ pela Hiftoria. O Duque de Berri, irmaõ de Filippe, renunciou do mefmo modo á Coroa de Hefpanha no cafo que chegaffe a alcançar a de França; e o mefmo fez o Duque de Orleans. O melhor fiador deftas renunciações era fem dúvivida a inquietaçaõ da Europa a favor do equilibrio.

As *Cortes* mudaõ a ordem da fucceffaõ em Hefpanha.

As *Cortes*, antigamente taõ poderofas em Hefpanha, e hoje em dia anulladas do mefmo modo que em França os Eftados Geraes, confirmáraõ a renunciaçaõ de Filippe. Ainda fizeraõ mais: mudáraõ a ordem da fucceffaõ a favor dos filhos varões. Como as filhas eraõ herdeiras da Monarquia Hefpanhol, com preferencia aos Principes mais affaftados do que ellas, determinou-fe que os varões teriaõ dalli ao diante a preferencia. Sem ifto poderiaõ os defcendentes de Filippe V. ter vifto a Coroa paffar algum dia a mãos eftrangeiras, por meio de cafamentos; e a renunciaçaõ redundaria em prejuifo feu. Hum objecto taõ importante era digno da Junta das *Cortes*.

Vencido todo o obſtaculo da parte da Corte de Londres, mudáraõ os Hollandezes de tom; pois requerêraõ humildemente que queriaõ renovar as conferencias, que com elles ſe tinhaõ interrompido. O Abbade de Polinhac, ſegundo Plenipotenciario de Luiz XIV., eſcreveo neſtes termos: " Nós fazemos a meſma figura que ,, os Hollandezes faziaõ em Gertruyden- ,, bergue, e elles fazem a noſſa. He eſta ,, huma completa vingança. O Conde de ,, Sinzendorf, Miniſtro do Imperador, ,, ſente bem ao vivo a ſua decadencia. ,, Conſternados com a ultima campanha, era neceſſario que os Eſtados Geraes ſeguiſſem os movimentos de Inglaterra; por muito que a Corte de Viena ſe empenhaſſe em demorallos.

Hollanda tambem ſe abate a fim de obter a paz.

Finalmente aſſignou-ſe a paz em Utreque, confórme os preliminares, em que Luiz tinha convindo. Indiquemos os Artigos principaes dos Tratados.

1713 Tratado de Utreque.

1. Obriga-ſe França a naõ conſentir nas ſuas terras o Pretendente, e a naõ reconhecer os direitos dos Stuarts. Fica por fiadora da ordem de ſucceſſaõ eſtabelecida a favor da Caſa de Hannover. O Parlamento de Inglaterra tinha declarado que, ſe a Rainha Anna morreſſe ſem filhos, paſſaria a Coroa para a Princeza Sophia, filha do Eleitor Palatino Frederico V., ne-

Artigos a favor de Inglaterra.

ta de Jacques I., e Mãi de Jorge de Brunſwick, Eleitor de Hannover, o qual reinou em virtude deſte Auto. Contáraõ-ſe quarenta e cinco peſſoas, que em virtude do direito do naſcimento deviaõ preferir a Jorge de Brunſwick. Mas os Inglezes tinhaõ ſó conſultado o ſeu odio para com a Liga Catholica. A bahia de Hudſon, as Ilhas de S. Chriſtovaõ, e de Terra-Nova, Acadia, ou a nova Eſcoſſia, foraõ cedidas á Inglaterra; acquiſições importantes na America. Entulhar-ſe-ha o porto, e ſeráõ demolidas as fortificações de Dunkerque, com promeſſa de nunca já mais as reparar. Heſpanha cede aos Inglezes Gibraltar, a Ilha de Minorca, e o *aſſiento*, ou o commercio dos negros por trinta annos.

Limite da Hollanda. 2. Obriga-ſe França a entregar os Paizes Baixos Heſpanhoes aos Eſtados Geraes, a favor da Caſa de Auſtria, que os poſſuirá com toda a Soberania. Nenhuma Praça deſtas Provincias poderá pertencer já mais áquella Coroa, nem taõ pouco a Principe algum de ſangue. Teráõ os Hollandezes guarniçaõ nas Praças deſtinadas para o ſeu limite, confórme hum Tratado, que elles tinhaõ concluido com Inglaterra. Ajuntaõ-ſe ás Praças, de que ſe trata, Tournay, Ipres, Menin, &c. Mas reſtituem-ſe em troca a Luiz

XIV.,

XIV., Lila, Aires, Bethuna, e S. Venancio.

3. O Duque de Saboya he reconhecido por herdeiro da Monarquia Hespanhol, naõ havendo posteridade de Filippe V. O cume dos Alpes servirá de limite entre a França, e os seus Estados. Cedem-lhe Exilla, Fenestrelle, Castello-Delfim, &c. Hespanha cede-lhe o Reino de Sicilia, com a clausula de reversaõ, naõ havendo herdeiros varões. Victor Amadeo adquiria muito por causa da sua separaçaõ do partido.

O Duque de Saboya, Rei de Sicilia, &c.

4. O Eleitor de Baviera conservará Luxemburgo, e o Condado de Namur, até que esteja indemnisado das suas perdas. Filippe V. tinha-lhe dado a Soberania dos Paizes Baixos Hespanhoes, de que elle conservava só huma parte. Tambem lhe concedem o Reino de Sardenha. O restabelecimento deste Principe, e do Eleitor de Colonia, seu irmaõ, sempre foi hum dos objectos principaes da generosidade do Rei de França.

Casa de Baviera.

5. Além dos Paizes Baixos, deixa-se á Casa de Austria o Reino de Napoles, e os Estados de Milaõ. Luiz abandona ao Imperio Landau, Kehl, e Brisac. O Eleitor de Brandeburgo he reconhecido Rei de Prussia, e cedem-lhe a Gueldre Hespanhol.

Casa de Austria; o Imperio.

Por-

Portugal; Hespanha.

6. Portugal foi comprehendido na paz geral. Todas as Potencias contrahentes reconhecêraõ a Filippe V., o qual perdeo sómente huns Eſtados, cuja poſſe era talvez mais funeſta, do que util para a Heſpanha, por eſtarem muito ſeparados della.

Carlos VI., caſtigado por naõ ter feito a paz.

Approvando, e conſentindo o Imperador Carlos VI. na paz de Utreque teria adquirido certas utilidades, e terminado felizmente huma guerra, que enſanguentava a Europa havia treze annos. Liſonjeou-ſe eſte Imperador de alcançar por meios violentos novas conceſsões, ſem o ſoccorro de Inglaterra, e Hollanda: eſperança temeraria, de que elle teve motivo para arrepender-ſe. Villars tomou Landau, paſſou o Rhin, desbaratou o General Vaubonne, aſſenhoreou-ſe de Friburgo, obrigou deſte modo o Imperador a fazer a paz, e teve a gloria de a concluir em Raſtadt com o Principe Eugenio.

1714 Tratado de Raſtadt.

Em virtude deſte Tratado, conſervou França Landau, e as fronteiras foraõ preciſamente as meſmas que depois da paz de Riſwick. Carlos VI. obteve da Monarquia Heſpanhol o meſmo, que lhe tinhaõ cedido em Utreque. Reſtabeleceo os Eleitores de Baviera, e Colonia aos ſeus Eſtados. Nem elle, nem o Imperio reconhecêraõ o Rei de Heſpanha, o qual pela ſua

par-

parte naõ reconheceo tambem o Imperador. Mas nem por iſſo deixavaõ os ſeus direitos de ſer menos fixos. O Tratado com o Imperio foi aſſignado em Bade.

Quaõ ſujeita eſtá a politica ambicioſa a enganar-ſe nos ſeus calculos! França, que ſe julgava deſpojada de muitas Provincias, perdeo ſómente na Europa algumas das Praças conquiſtadas. Lembremo-nos dos offerecimentos de Luiz nas Conferencias de Gertruydenbergue; e viremos no conhecimento de que independente dos intereſſes da humanidade, recuſar a paz, quando eſta ſe póde fazer utilmente, he huma loucura. E que julgaremos nós das conquiſtas de Luiz XIV., compradas á cuſta de tantas guerras taõ prejudiciaes, como ſanguinolentas? A politica ambicioſa, enganada.

Já naõ reſtava mais para ſujeitar ao Rei de Heſpanha, ſenaõ a Catalunha obſtinadamente rebelde ás ſuas Leis. Privada eſta de todo o ſoccorro, ainda ſe atreveo a entregar-ſe ao enthuſiaſmo da liberdade. Luiz XIV. mandou trópas, e huma eſquadra; Barcelona, ſitiada por mar, e terra, defendeo-ſe com furor. Os Clérigos, e os Monges excitavaõ a iſto o valor por meio do fanatiſmo. Conta-ſe que mais de quinhentos Monges, e Clerigos morrêraõ com as armas na maõ. Finalmente o Marechal de Berwick obrigou eſta grande Sujeita-ſe finalmente a Catalunha.

de Cidade a capitular: foraõ castigados os mais culpados, e os privilegios da Provincia abolídos.

Segundo matrimonio de Filippe V., com Isabel Farneze.

Estando Filippe V. tranquillo possuidor do seu Reino, conservava sempre huma especie de sujeiçaõ céga á Princeza de Ursins, sua valída, que tinha governado o animo da Rainha, Maria Luiza de Saboya. Pouco havia que a Rainha fallecêra. Espalha-se a noticia de que a Princeza de Ursins lhe succederia: e todavia esta Princeza, por causa das enganosas relações de Alberoni, Ecclesiastico natural de Placencia, e de humilde nascimento, determinou o Rei a casar segunda vez com Isabel Farneze, herdeira de Parma, Placencia, e Toscana, que este Italiano descrevia como huma alma frouxa, espirito simples, e por conseguinte facil de deixarse dominar. Nada era mais falso, do que semelhante descripçaõ. Apenas Isabel poz os pés em Hespanha, tendo a valída algumas conversações imprudentes, fez com que a expulsassem, e mudou todo o Ministerio. Foi ordenado que voltasse para França Orri, cujo zelo em restabelecer os erarios soblevava os Hespanhoes, e especialmente a Inquisiçaõ; por se metter nas immunidades da Igreja. Entrou logo Alberoni a governar; que sendo de engenho vasto, e attrevido, formou proje-

Revoluçaõ da Corte.

ctos

ctos immensos; dos quaes, como em outro lugar veremos, se originou a sua ruina.

CAPITULO II.

Mórte da Rainha Anna, e negocios de Inglaterra. --- Fim de Luiz XIV.

Quaõ gloriosa era a paz para a Rainha Anna.

SE as facções naõ soffocassem os sentimentos da natureza, e naõ offuscassem as luzes da razaõ, ter-se-hia celebrado por toda a parte a Rainha Anna, como bemfeitora do Genero Humano. Tinha ella terminado huma guerra horrorosa, em que os parentes estavaõ armados contra os parentes; o particular interesse de alguns Principes entregava ao ferro, e ás chammas as mais bellas Comarcas da Europa; e a ambiçaõ de alguns Generaes sacrificava sem necessidade o sangue, e a fortuna dos Póvos. Tinha dado mostras de todo o respeito possivel para com os seus alliados, se bem que estes negando-lhe o que lhe tocava teimassem contra as suas rectas, e justas idéas. Tinha desonerado gloriosamente o seu Reino do peso de huma guerra prejudicial, que só interessava a Potencia Austriaca. Obteve a approva-

çaõ

ção do Parlamento, onde os Communs até se queixárão de que a divida do Estado cresceria durante esta guerra a dessanove milhões de livras esterlinas. Finalmente só devia ser applaudida a grande obra, que coroava a gloria do seu reinado.

Declárão-se todavia os Whigs contra ella.

Clamárão todavia os Whigs contra a paz com furiosa liberdade. As sátiras, e os libellos inundárão toda a Nação. Espalhárão-se os rumores mais proprios para inflammar os animos colericos. A Rainha, dizião alguns, pretende assentar no Throno o pretendente seu irmão; o papismo reinará, as Leis estão ameaçadas, e a constituição em perigo. Estes sediciosos rumores movêrão o Parlamento; e a pezar das sábias, e prudentes representações da Rainha, publicou-se huma promessa de cinco mil livras esterlinas para todo aquelle, que prendesse o Pretendente, quando este intentasse algum desembarque no Reino. O Pretendente tinha-se retirado para Lorena.

1714 Morre Anna.

Consummida de desgostos, que lhe augmentavão as suas enfermidades, morreo Anna aos cincoenta annos da sua idade: boa Princeza de mediocre espirito, caracter frouxo, amadora todavia do seu Povo, e praticando a virtude. O seu reinado foi huma serie continuada de pros-

pe-

peridades, de que ella foi devedora aos ſeus Generaes, e Miniſtros.

Eſta Rainha executou em 1706 hum projecto inutilmente tentado por Guilherme III., a reuniaõ de Inglaterra, e Eſcoſſia em hum ſó Reino da *Grã Bretanha.* A indocilidade dos Eſcoſſezes, a mutua antipathia de ambos os Póvos, e os continuados tumultos, que inceſſantemente renaſciaõ deſtes principios, faziaõ o projecto muito util, e ao meſmo tempo multiplicavaõ os obſtaculos. Finalmente concluio-ſe o Tratado, cujos artigos principaes ſaõ os ſeguintes. 1. Todos os vaſſallos da Grã-Bretanha gozaráõ dos meſmos privilegios, e teraõ as meſmas Leis. 2. O Reino ſerá repreſentado por hum unico Parlamento, no qual entraráõ deſaſeis Pares de Eſcoſſia, e quarenta e cinco Deputados Eſcoſſezes na Camera dos Communs. 3. Todos os Pares de Eſcoſſia participaráõ das meſmas prerogativas, que participaõ os Pares de Inglaterra, excepto do direito da precedencia no Parlamento. Eſta excepçaõ foi acomettida, como contraria ás Leis fundamentaes, e aos direitos eſſenciaes da dignidade de Par. A Igreja presbyteriana de Eſcoſſia ainda dava aſſumpto para as diſputas; porque a antipathia da Seita naõ eſtava extincta. Exageravaõ-ſe os inconvenientes, attenuavaõ-

Reuniaõ de Inglaterra, e de Eſcoſſia ẽ hum Reino.

vaõ-ſe as utilidades. Mas diſſipada hoje a fermentaçaõ, o que entaõ parecia hum monſtro, já naõ he nada. A experiencia faz deſapparecer cedo, ou tarde as quimeras; e quaõ raro he fazer hum grande bem público ſem algum inconveniente particular!

Proprie-dade que ſe requer para entrar no Parla-mento.

Declára huma Lei deſte reinado, que o Procurador de qualquer Condado no Parlamento deve tér ſeiscentas libras eſterlinas de renda em bens de raiz, e o Procurador de qualquer Villa, a metade. Eſta Lei era para excluir os ſimples negociantes, de huma Junta, em que os poſſuidores de terras parecem mais dignos de repreſentar a Naçaõ. Tinha Guilherme introduzido a indigna prática de corromper aſſim os Eleitores, como os Membros eleitos. O mal era de natureza que hia ſempre a mais; e augmentar-ſe-ha no reinado de huma Caſa Eſtrangeira, que neceſſitará deſte principio para manter a ſua authoridade.

Corrupçaõ muito cõ-mum.

Hum Eſ-trangeiro preferido aos Stuarts pelos In-glezes.

Taes eraõ as prevenções cauſadas pelo zelo imprudente do ultimo Stuart, que com o receio de vêr hum Catholico no Throno, eſtimavaõ mais o dominio de hum Eſtrangeiro, que o de hum Principe da Caſa Real, o de hum Inglez. Por mórte da Princeza Sophia, o Eleitor de Hannover, ſeu filho, foi reconhecido ſem

dif-

difficuldade com o nome de Jorge I. Que o Rei de Inglaterra tiveſſe, como Principe de Alemanha, intereſſes mais que indifferentes ao ſeu Reino, era hum inconveniente enorme. Mas em nenhuma outra couſa ſe cuidava ſenaõ em deſapreſarſe de huma Caſa Catholica, e em deſterrar para ſempre a idéa do papiſmo.

Com cincoenta e quatro annos de idade, diſtincto pelo ſeu merecimento peſſoal, a meu vêr mais devia Jorge ſuſtentar o equilibrio entre os Whigs, e os Torys, do que fomentar a facçaõ, declarando-ſe a favor de huns contra os outros. Ou porque elle julgaſſe ſer a couſa impoſſivel, ou porque a ſua inclinaçaõ ou o ſeu intereſſe o arraſtaſſe para a parte a mais contraria aos Stuarts, tiveraõ os Whigs ao principio a ſua confiança. Marlborough foi reſtabelecido ao mando militar: Bolingbroke perdeo o lugar de Miniſtro: hum Parlamento, compoſto á ſatisfaçaõ da Corte, que naõ deſpreſou os meios de corrupçaõ, depois de ter determinado ſetecentas mil livras eſterlinas para o rendimento ordinario da Coroa, ſe moſtrou logo perſeguidor dos Torys. Os Duques de Ormond, Bolingbroke, e Oxford, foraõ accuſados de alta trahiçaõ. Refugiados os dous primeiros em França, e naõ comparecendo, proferio-ſe contra el-

Declaraſe Jorge I., muito a favor dos wibgs.

Tudo muda na Corte.

Rigores injustos.

elles o bill de *convictos*. Oxford, que a Rainha Anna tinha excluido da sua graça, havia pouco tempo, ficou dous annos preso antes de ser absolvido: e até foi exceptuado de hum perdaõ geral, que tardou muito tempo.

Movimētos dos Jacobitas.

Era impossivel que os rigores do novo governo deixassem de excitar grandes tumultos. Os Jacobitas, ou o partido do Pretendente, dispunhaõ se para a rebelliaõ. Via-se o Ministerio exposto ás mesmas tempestades, cujas victimas eraõ tantos Cidadãos illustres. Isto o que inspirou hum projecto attrevido, perigoso para a constituiçaõ, porém muito util para a authoridade Real, e que Jorge vio ter hum feliz existo além das suas esperanças. Como o Parlamento actual era favoravel, propoz-se ampliar a sua duraçaõ até sete annos. Os pretextos especiosos excedêraõ a todas as boas razões. O bill teve força de Lei, e deste modo o triennio parlamental, obstaculo opposto no reinado de Guilherme III. ás emprezas da Coroa, ficou destruido pela influencia da Corte. Alguns esforços se fizeraõ depois para o restabelecer; e talvez se faráõ ainda sem feliz successo.

O Parlamento setenal.

Trabalhos de Mardique.

Sobreviveo Luiz XIV. pouco tempo á Rainha Anna, e com tudo exprimentou novamente a altiveza dos Inglezes. Depois

pois de ter demolido Dunkerque, como se tinha obrigado, fazia em Mardick hum porto comparavel ao que se perdia: disto se queixou com altiveza o Embaixador de Inglaterra; e para evitar algum rompimento, se levantou maõ desta obra.

Novas disputas Theologicas, suscitadas pelo confessor do Rei, envenenáraõ o fim do seu reinado. O Padre Tellier, homem violento, Theologo obstinado, cruel, e orgulhoso, mudava á sua satisfaçaõ a consciencia do velho Monarca, mais susceptivel do que nunca das impressões do falso zelo. As *reflexões* do Padre Quesnel, da Congregaçaõ do Oratorio, a respeito do novo Testamento, tinhaõ alguma doutrina do Jansenismo. Facil era reconhecer nestas reflexões, com olhos attentos, o espirito de Porto Real, taõ suspeito, e desacreditado naquelle tempo. Mas naõ era menos facil antever, que perseguindo-se o Author, os Leitores, e Seguidores da Obra, seria o mal infinitamente maior, do que aquelle, que podiaõ fazer algumas proposições espalhadas em quatro volumes de piedade. Nisto nunca pensáraõ os que pretendiaõ sobjugar as opiniões humanas.

Tellier, confessor perigoso.

Livro do Padre Quesnel.

Cento e huma proposições de Quesnel, a quem Tellier pretendia aniquillar, foraõ condemnadas em 1713 pela famosa Bul-

Bulla *Unigenitus* de Clemente XI.

Bulla *Unigenitus* de Clemente XI. Melhor talvez teria ſido diminuir o ſeu número, e naõ expôr-ſe a ſer arguido de incluir nella verdades reſpeitaveis. *O temor de huma excommunhaõ injuſta naõ deve impedir de fazer cada qual a ſua obrigaçaõ:* era eſta huma das propoſições. Por muito máo ſentido, que a ella ſe annexaſſe, dava materia para as diſputas, e invectivas. A aceitaçaõ, e regiſtro deſta Bulla chegáraõ a ſer hum negocio de Eſtado. O Confeſſor do Rei, encontrando obſtaculos innumeraveis, poſto que tiveſſe entre as mãos a folha dos beneficios, valeo-ſe das intrigas mais odioſas, ſoblevou a maior parte do público, attrahio hum odio irreconciliavel á ſua Sociedade, e envenenou os ultimos annos do ſeu Soberano para erigir como Lei da Igreja, e do Reino a Conſtituiçaõ do Papa.

Exceſſos do Padre Tellier, origem de tumultos.

O Rei, por hum Edicto regiſtrado em 1714, chamava á Coroa os Principes legitimados, naõ os havendo do ſangue, com os quaes os punha em igual paralelles: Edicto revogado em 1717. O ſeu teſtamento, pelo qual eſtabelecia hum Conſelho de Regencia, naõ teve mais força por ſua mórte. O Duque de Orleans o mandou anullar por huma ſentença.

Edicto a favor dos Principes legitimados.

Se Luiz XIV. tinha cometido grandes erros durante hum reinado de ſetenta

e dous annos, confeſſou parte delles, quando diſſe a ſeu Succeſſor eſtas memoraveis palavras: *Procurai conſervar a paz com os voſſos viſinhos. Grande paixaõ tive pela guerra; naõ me imiteis neſte ponto. nem nas exceſſivas deſpezas, que eu fiz. Tomai conſelho em tudo, e procurai conhecer o melhor para o ſeguir ſempre. Aliviai os voſſos Póvos o mais cedo que poderdes, e fazei o que eu meſmo tive a infelicidade de naõ poder fazer.* Exhorta-o ſobre tudo a que naõ ſe eſqueça já mais de tudo o que deve a Deos: motivo poderoſo para inſpirar aos Soberanos o que devem aos homens.

1715 Confeſſa Luiz os ſeus defeitos.

Conſervou Luiz XIV. até o fim da ſua vida aquelle valor de eſpirito, que caracteriſa huma alma fórte. *Porque chorais*, diſſe elle aos ſeus criados; *julgaveis por ventura que eu era immortal?* Faleſceo no primeiro de Setembro de 1715, aos ſetenta e oito annos da ſua idade, deixando o Eſtado empenhado em dous milhares de dividas. As infelicidades, que havia muito tempo ſe padeciaõ, os impoſtos, a miſeria pública, e a fermentaçaõ cauſada pela Bulla, fizeraõ eſquecer entaõ os bellos annos do ſeu reinado, e os ſentimentos, que por muitos titulos elle merecia. "Ha quem pretenda que a „ Rainha Mãi lhe diſſeſſe hum dia na pri-

Sua mórte: que cauſa júbilo por elle naõ ſer ſemelhante a Henrique IV.

„ meira mocidade: *Meu filho, fazei por*
„ *ſer ſemelhante a voſſo avô, e naõ a voſ-*
„ *ſo Pai.* E perguntando-lhe o Rei a ra-
„ zaõ: *He*, reſpondeo a Rainha, *porque*
„ *na mórte de Henrique IV. todos chorá-*
„ *raõ, e todos riraõ na mórte de Luiz*
„ *XIII.* „ (Voltaire.)

Com tudo deve-ſe-lhe muito.

A mórte de Luiz XIV. cauſou geralmente maior alegria, que triſteza. Mas as Artes, Letras, e Sciencias, a urbanidade, os agrados da vida, as Leis civís, a boa ordem, a tranquillidade interior, a perfeiçaõ em vários generos, e finalmente huma parte das vantagens, que a França goza, devem immortaliſar a ſua Memoria.

CAPITULO III.

Principios do Czar Pedro, o Grande, até a guerra com Carlos XII.

O Nórte deve fitar a attençaõ nos Reinados do Czar Pedro I., e de Carlos XII.

TEMOS perdido de viſta, ha muito tempo, as Potencias do Nórte, por naõ entrarem na guerra da ſucceſſaõ de Heſpanha. Com tudo Carlos XII., Rei de Suecia, e eſpecialmente o Czar Pedro I., ſeu competidor, faziaõ-ſe célebres pelo ſeu valor, e emprezas. Façamos neſte lu-

gar

gar hum compendio da ſua hiſtoria, que he muito intereſſante para ſer ignorada, além de unir-ſe tambem neceſſariamente com a da Europa Meridional. Pedro, o Grande, o primeiro que ſe apreſenta, foi de algum modo o portento do ſeu ſeculo. A Ruſſia, ou Moſcovia, quaſi deſconhecida antes de Pedro, o Grande, chegou a ſer pelos ſeus deſvélos digna da noſſa attençaõ: bem ſe póde dizer que Pedro I. creou, e deſenvolveo a ſemente de tudo quanto ſe executou, e ſe executará ainda na Ruſſia, digno de ſer admirado.

O Imperio da Ruſſia, immenſo, e deſconhecido.

Eſte Imperio, no ſeu comprimento do Oriente para o Occidente, inclue huma extenſaõ de quaſi mil e novecentas legoas, das quaes mil quatrocentas e ſetenta pertencem á Siberia, e quaſi ſetecentas na ſua principal largura. O Imperio Romano nunca foi taõ dilatado. Mas ſem artes, commercio, policia, inſtrucções, nem politica, huma immenſidade de terras quaſi deſertas fórma ſómente huma Potencia obſcura, incerta, e ſujeita a mil revoluções. O meſmo, que contribue para a gloria dos Eſtados, deve contribuir tambem para a ſua força.

Chriſtianiſmo dos Ruſſos.

O Chriſtianiſmo tinha ſido introduzido na Ruſſia, quaſi no fim do decimo ſeculo, pelo zelo de huma Princeza; do meſmo modo que foi introduzido em França,

ça, Inglaterra, Polonia, Hungria, &c. onde as mulheres tiveraõ tanta parte na converſaõ dos Principes, cuja conſequencia foi a converſaõ dos Póvos. A Igreja Ruſſa, ſujeita no principio ao Patriarca de Conſtantinopla, teve no fim do ſeculo decimo ſexto o ſeu Patriarca independente. Demais diſſo o Chriſtianiſmo deſta Naçaõ, ſegundo o exemplo dos antigos Barbaros, conſiſtia ſómente em ſuperſtições abſurdas, de que o Patriarca ſe aproveitava para ſujeitar o Soberano.

Joaõ Baſilowitz, &c. Temos fallado em ſeu lugar do Czar Joaõ Baſilowitz, que libertou os Ruſſos do jugo dos Tartaros, ampliou as ſuas conquiſtas até o mar Caſpio, e unio ás ſuas Provincias Caſan, e Aſtracan. Temos viſto a Ruſſia deſtruida, e aſſolada depois da ſua mórte, e os falſos Demetrios pôr nella fogo a tudo. Miguel Romanow, filho de hum Arcebiſpo, que elle fez Patriarca, foi collocado no Throno pelos mais grados d'entre os Boyardos, em 1613, em meio de tumultos civís, e ruinas da Caſa Real. Reinou Miguel pacificamente, depois de ter cedido Smolensko á Polonia, e a Ingria á Succia. Alexis Michaelowitz, ſeu filho, que lhe ſuccedeo em 1645, tomou novamente Smolensko, e fez outras conquiſtas aos Polonezes. Diſputou a propria Coroa de Polo-

(Margin notes: Miguel Romanow. — Alexis Michaelovitz.)

lonia, offerecendo unir-lhe a ſua. Publicou o primeiro codigo, que os Ruſſos tiveraõ, eſtabeleceo algumas manufacturas, povoou alguns deſertos, e finalmente foi Pai de Pedro o Grande.

Pedro, Succeſſor de Fédor.

Fédor Alexiowitz, filho primogenito, e Succeſſor de Alexis, trabalhava como ſeu Pai em civilizar a Ruſſia. Fédor porém morreo moço, em 1682, ſem deixar ſucceſſaõ. Conhecendo elle a incapacidade de Joaõ, ſeu irmaõ do primeiro matrimonio, tinha nomeado para ſeu herdeiro a Pedro, filho do ſegundo matrimonio, Principe de déz annos, cujas qualidades ſuperiores principiavaõ a manifeſtar-ſe. A Princeza Sophia, irmã de ambos eſtes Principes, cometteo horroroſos exceſſos a fim de aſſentar a Joaõ no Throno, ou para melhor dizer a fim de aſſenhorear-ſe do governo. Excitou o furor dos Strelitz, milicia compoſta de quaſi trinta mil homens, ſemelhante aos Janiſeros de Turquia; conſeguio fazer aclamar ambos os irmãos, aos quaes ſe aſſociou como Co Regente; e deſte modo reinou alguns annos com Bazilio Galitzin, ſeu valído. Huma conſpiraçaõ contra a vida de Pedro, tramada provavelmente pela meſma Princeza, foi a cauſa da ſua propria ruina. Ajuntou Pedro várias trópas, caſtigou os ſedicioſos, mandou re-

Empreza da Princeza Sophia

co-

colher Sophia n'hum mosteiro, naõ deixou a Joaõ mais que hum titulo vaõ, e fez-se senhor do Estado em 1689.

Projecto de reformar o Imperio.

Este Principe, educado na ignorancia por huma irmã ambiciosa, dado ao vinho, e aos vicios desordenados, de temperamento inclinado a toda a qualidade de excessos, mas dotado de hum engenho capaz das maiores cousas, formava já o intento de reformar o seu Imperio. Queria indroduzir-lhe as Artes, as Sciencias, a disciplina militar, as vantagens da marinha, e tudo quanto constituia florecentes outros Estados da Europa. Queria crear, por assim dizer, huma nova Naçaõ. Se pensarmos que os Russos tinhaõ todas as preoccupações da barbaridade, que era hum crime entre elles sahir do seu Paiz, e que olhavaõ com olhos de aversaõ para os Estrangeiros, haveremos como quimerico este projecto. Se reflectirmos na força da authoridade, e sobre tudo na do exemplo de hum Soberano absoluto; na inclinaçaõ do seu genio, defendido por huma constancia invencivel de caracter; e nos meios, que podiaõ dar os conhecimentos espalhados por outras partes; admiraremos o projecto, e esperaremos pelo successo a fim de julgar com prudencia, e sabedoria.

Este grande projecto naõ he quimerico.

Al-

Algumas vezes huma pequena instrução guia os grandes homens a successos incriveis. De nenhuma outra cousa carecia o Czar, senaõ de idéas. Deo-lhas o Fórte, Genebrino, homem benemerito, e de nascimento, e foi o principal instrumento da revoluçaõ mais maravilhosa. Era este hum mancebo, a quem a viveza da idade, e o desejo de adiantar-se tinhaõ levado até Moscou. Conheceo-o Pedro, e concedeo-lhe a sua amisade. Os prazeres formáraõ talvez os laços desta uniaõ taõ solida. Mas nos mesmos prazeres a sociedade de Fórte era hum principio de grandes intentos. Tinha elle visto muito; e sem ter profundado cousa alguma pelo estudo, o seu engenho perspicaz tinha de illuminar, e dirigir o do Czar.

O Fórte unido com o Czar.

Em dous objectos principaes fitou ao principio os olhos este Principe, nas trópas, e na Marinha. Resoluto a anullar algum dia os Strelitz, cujas sedições terriveis abalavaõ o Throno, intenta formar officiaes, e soldados, e sujeitallos a huma disciplina desconhecida. Principia o Fórte por huma companhia, que chega a ser hum Regimento de doze mil homens. Para dar aos Boyardos hum exemplo da sobordinaçaõ, quer Pedro servir em qualidade de tambor; quer passar lentamente de hum a outro gráo militar; elle segui-

Primeiros ensaios para com as trópas, e marinha.

rá

rá o ſeu plano com admiravel fervor, e a força da ſua conſtancia o fará chegar ao fim intentado. Abraça as meſmas idéas para com a Marinha, manda conſtruir por vários Eſtrangeiros alguns navios, e exercita-ſe na manobra delles. Tendo apenas huma ſombra de fróta, nomea a Fórte para Almirante, e vai dilatando ſempre os ſeus intentos na glorioſa carreira, que principiou.

Tratado de paz cõ os Chinas.

Em 1689 concluio hum Tratado com Camhi, Imperador da China, a reſpeito de alguns fórtes, ſobre que ſe argumentava para a parte do rio Âmur. Sete Embaixadores Chinas ſe tranſportáraõ para aquelles ſitios, onde foraõ regulados os limites. Nunca a China tinha mandado Embaixada, nem feito Tratado com outra alguma Potencia. " Eſta Naçaõ, diz „ Voltaire, taõ famoſa pela ſua Moral, „ ignorava o que nós chamamos *direito* „ *das gentes*; iſto he, as régras incertas „ da guerra, e da paz, os direitos dos „ Miniſtros públicos, os formularios de „ Tratados, as obrigaçoes que delles re- „ ſultaõ, as diſputas a reſpeito da prefe- „ rencia, e do pondonor. „ Dous Miſſionarios Jeſuitas vencêraõ as difficuldades de huma negociaçaõ inaudita, entre dous Póvos cujas linguas eraõ totalmente diverſas. Reduzíraõ o Tratado em latim,

o qual foi eſculpido em duas pedras grandes de marmore, deſtinadas para ſervir de limites. *O Senhor Soberano de todas as couſas* he invocado neſte Tratado contra os perjuros. Parece que de huma, e outra parte rendem homenagem ao meſmo Deos.

Guerra com os Turcos.

O Imperador Leopoldo, Polonia, e Veneza eſtavaõ entaõ em guerra com o Turco. A Ruſſia já tinha feito huma diverſaõ em ſeu favor. Querendo Pedro acoſtumar as ſuas trópas á guerra, e approveitar-ſe das conjuncturas favoraveis, emprendeo o ſitio de Azow. Eſta Praça, ſituada na embocadura do Don (o antigo Tanais), domina o mar de Zabache, do qual ſe paſſa para o mar Negro. Tinha logo o Imperio Ottomano o maior intereſſe em a conſervar, aſſim como o Imperio Ruſſo em a conquiſtar. O primeiro ſitio de 1695 naõ teve feliz exito. No ſeguinte anno, pôz o meſmo Czar ſegundo ſitio á Praça de Azow, e conſeguio aſſenhorear-ſe della. A ſua pequena fróta desbaratou os Saiques (*) de Conſtantinopla: vantagem propria para augmentar a ſua confiança. Huma entrada triunfal, que elle fez em Moſcou, mar-

Tomada de Azow.

Triunfo ẽ Moſcou.

(*) Eſpecie de navios proprios para o Mediterraneo.

marchando em feguimento dos Generaes, entre hum fem número de Officiaes, naõ era menos propria para excitar affim o valor, como a obediencia militar.

Pedro pretende viajar a fim de fe inftruir.

Sem os Eftrangeiros, que Pedro o Grande tinha aliftados no feu ferviço, embaraçado fe veria fempre o feu engenho. Que exemplares fe poderiaõ achar na Ruffia? Que meios para a execuçaõ? Quanto mais elle aprendia daquelles Eftrangeiros, tanto maior era a neceffidade, que fentia de inftruir-fe. A paixaõ, que tinha por tudo o que era grande, lhe infpirou o gofto de ir elle mefmo á fonte dos conhecimentos, e inftrucções. Julgou que devia apartar-fe por certo tempo dos feus Eftados, a fim de viajar, naõ como Monarca, mas como hum particular, e procurar no extremo da Europa o que podia fer util ao feu Imperio. Nomeou tres Embaixadores, o Fórte, e dous Ruffos, deftinados para vifitar as Potencias, com que elle mantinha alliança; e depois de ter fábia, e prudentemente provido ás neceffidades, e negocios públicos, partio traz da Embaixada.

Sua derrota.

Principia a fua viagem pela Livonia, Provincia a mais fertil do Nórte, fujeita á Coroa de Suecia. Negando-lhe o Governador de Riga, o gofto de vêr as forti-

tificações, enojou sem dúvida aquella alma altiva, já occupada em projectos contra o joven Carlos XII. Da Livonia passa á Alemanha, onde os excessos da meza eraõ muito confórmes com os costumes do Czar. Esquentado do vinho em hum banquete, puxou pela espada contra o Fórte; mas o arrependimento, que o penetrou, e o perdaõ que pedio, desvanecêraõ este lance arrebatado. Menos desculpavel foi Alexandre, homicida de Clito, pois que violando as obrigações da natureza, e amisade, affogava os principios de huma excellente educaçaõ.

Cólera contra o Fórte.

Em Hollanda he que Pedro se faz admirar, disfarsado em trajos de artifice, e com o nome de *Mestre Pedro* (Peterbas), aprendendo tudo quanto respeita a construcçaõ dos navios, vivendo, e trabalhando com os officiaes; estudando demais disso a Anatomia, a Historia natural, e as Artes uteis; fazendo consistir a sua grandeza em praticar o mesmo, que quer estabelecer nos seus Estados. Foi apperfeiçoar-se em Inglaterra, onde aprendeo as proporções mathematicas dos navios; e construio hum, que foi havido como hum modelo. Finalmente tendo acareado ao seu serviço homens escolhidos de todas as classes, officiaes de marinha, pilotos, cirurgiões, artilheiros, ma-

O Czar em Hollanda, e Inglaterra.

Sua tornada.

marinheiros, &c. Volta por Vienna, ou fosse para examinar a disciplina Alemã, ou para tratar de politica com o Imperador Leopoldo, seu alliado contra os Turcos. Tinha elle partido de Moscou em Abril de 1697, e entrou nesta Cidade em Setembro de 1698. A sua presença se tinha feito necessaria.

Descontentamento dos Russos; rebelliaõ dos Strelitz.

Hum Povo barbaro, e ignorante se irrita muito mais, do que outro qualquer com as novidades, que offendem os seus costumes, e usos. Via-se huma multidaõ de Estrangeiros introduzir usos desconhecidos: indignavaõ-se por se ausentar o Soberano a fim de adquirir conhecimentos, e instrucções; e por mandar viajar os seus subditos para constituillos sujeitos habeis. Taxava-se de impiedade a permissaõ, que elle tinha dado aos Inglezes de vender tabaco na Russia; porque os sacerdotes prohibiaõ o tabaco como hum peccado. Este ultimo motivo excitou especialmente os sediciosos; os quaes resolvêraõ collocar no Throno a Princeza Sophia. Ajuntaõ-se entaõ os Strelitz, dispersos pela Lithuania, sublevaõ-se, e marchaõ para Moscou. As novas trópas regulares, mandadas pelo Prussiano, Shein, e pelo Escossez, Gordon, alcançaõ contra os Strelitz huma victoria; que contribue para os Estrangeiros serem mais aborrecidos.

Por

Por felicidade apparece o Czar, quando menos o esperaõ. O seu caracter o inclinava para a crueldade, que elle julga necessaria em taes circunstancias, e ordena os supplicios. Dous mil Strelitz saõ sacrificados, e os outros desterrados pela maior parte para os extremos do Imperio. Os que ficaõ, formaõ alguns Regimentos, dos quaes naõ se receiaõ já perigosas emprezas. " Osman, Sultaõ dos „ Turcos, diz Voltaire, foi deposto no „ mesmo seculo, e degollado, só por ter „ dado suspeitas aos Janizeros de que que- „ ria diminuir o seu número. Dispondo „ Pedro melhor os seus intentos, foi „ muito mais feliz. „ Que cousas naõ póde fazer hum governo vigoroso, quando dispõe com prudencia a execuçaõ dos seus designios?

Esta perigosa milicia cassada.

Começa entaõ huma Refórma geral, naõ só no militar, mas tambem na administraçaõ, nos costumes, e usos, e na propria Igreja. Para intentar esta Refórma era necessario hum Principe absoluto. Mostrou o Czar nella todo o seu despotismo; ao menos por este meio lançou os fundamentos da verdadeira grandeza do seu Imperio; e podemos ajuntar, da felicidade dos Russos, se os Póvos com civilisar-se vem a ser verdadeiramente feliçes, sem ser livres. Pouco havia que falle-

Chega a reforma a ser geral.

lecera o Fórte, e esta perda naõ causa mudança alguma nos systemas da Refórma. Como a aversaõ aos Estrangeiros era hum dos grandes obstaculos para os intentos do Czar, julgou este dever abolir os signaes exteriores, que os distinguiaõ dos seus vassallos, a barba crescida, e o vestido comprido. O seu exemplo era sufficiente para a Corte; mas o Povo se obstinou tanto, que foi necessario usar de violencia. Poz-se hum tributo contra os transgressores; cortavaõ-se as barbas, e o vestido a todos aquelles, que naõ queriaõ pagar; e confórme o Historiador do Czar, tudo se executava alegremente, de maneira que esta alegria precavia as sedições. Havia, sem dúvida, materia para excitar as sedições. O temor obrou provavelmente mais do que huma alegria pouco natural. Quanto mais que o Povo em geral ainda conserva o trajo antigo.

Barba, e vestidos compridos, prohibidos e cortados.

Tinha Pedro o Grande experiencia de quaõ perigosos se fazem algumas vezes por causa das suas preoccupações, e intrigas, os Ministros da Religiaõ, quando he excessivo o seu poder. Por mórte do Patriarca supprimio Pedro esta grande dignidade, unio os seus bens á Coroa, deo Leis á Igreja, e teve-a sempre na obediencia. Querendo diminuir o número dos Monges, o qual julgava tanto mais no-

Patriarca abolido.

Lei para diminuir o número dos Mõges.

nocivo quanta era a falta de povoaçaõ, que havia no Imperio, prohibio que ninguem entrasse em clausura antes da idade de cincoenta annos. Se esta Lei sobsistíra, teria infallivelmente destruido o Estado monastico, sustentado sempre por zelosos defensores.

Outras refórmas.

A entrada do anno, estabelecida no primeiro de Janeiro em lugar do primeiro de Setembro: o uso do papel, ordenado para a escrita, e o costume de se casarem sem se terem visto abolido sábia, e prudentemente, saõ tambem refórmas do Czar. O espirito de sociedade se espalhou com novos conhecimentos, e só o tempo he que podia apperfeiçoallo.

Projectos de se ampliar para o mar Baltico.

Quando este Principe trabalhava nos estaleiros de Sardam, em Hollanda, na construçaõ e manobra dos navios, sem dúvida que sua tençaõ era estabelecer huma poderosa Marinha, a qual o podesse fazer respeitavel na Europa, e attrahir o Commercio aos seus Estados. Mas o porto de Archangel, no mar Branco, do qual he necessario rodear a Laponia, e a Noruega, era pouco conveniente aos seus intentos, pois que he impraticavel sete mezes no anno. O mar de Azow, e o mar Caspio convinhaõ muito menos na distancia, posto que uteis a outros respeitos. O essencial era estender-se para a par-

te do mar Baltico. Se a ambiçaõ inspirou o desejo de tomar á Suecia o que ella possuia no mar Baltico, foi ambiçaõ de hum engenho vasto, que naõ se alimenta com quimeras.

Tratado de Carlowitz.

Pelo Tratado de Carlowitz com o Turco, em 1699, conservava Pedro a importante conquista de Azow. Mas naõ tinha elle obtido, senaõ huma tregoa de dous annos, e conseguindo prolongalla até vinte annos, entregou-se inteiramente aos seus projectos de extensaõ para a parte da Europa. Agora o veremos a braços com outro Alexandre.

CAPITULO IV.

Principios de Carlos XII., Rei de Suecia. --- Triunfa Carlos de todos os seus inimigos, e priva do Throno a Augusto, Rei de Polonia.

Mocidade de Carlos XII.

QUANDO Carlos XI. Rei de Suecia morreo em 1697, seu filho Carlos XII. naõ tinha mais de quinze annos, e parecia incapaz de adquirir reputaçaõ no Throno. Alguns lances da sua mocidade annunciavaõ com tudo qualidades heroicas. Sendo elle obstinado, inimigo do estu-

tudo, como o levassem pela emulaçaõ da gloria, faziaõ-o superar as suas repugnancias. Gostava especialmente de lêr Quinto Curcio. Perguntando-lhe hum dia o seu Mestre o que julgava de Alexandre, respondeo: *Julgo que me quizera parecer com elle.* --- *Mas Alexandre viveo só trinta e dous annos*, continuou o Mestre. --- *E naõ he bastante, quando se tem conquistado Reinos?* Este repente do joven Principe motivou seu Pai a dizer que elle excederia ao grande Gustavo. Todas as esperanças se desvanecêraõ, quando o víraõ, depois de chegar a ser Rei, e livre da Regencia de sua Mãi, dar mostras sómente de falta de applicaçaõ, muito fogo, e altiveza. O perigo descobrirá de repente o seu caracter, e genio. Tres poderosos inimigos se unem a fim de opprimillo, e esta a occasiaõ, em que vem a ser hum grande homem. Remontemos a origem de huma guerra de desoito annos, que assolou o Nórte, ao mesmo tempo que ao Meio-Dia da Europa tudo ardia por causa da Successaõ de Hespanha.

Indicios da sua inclinaçaõ á guerra.

Inimigos de que Carlos XII. se vê ameaçado.

Milhares de exemplos atestaõ que o despotismo he contrario aos verdadeiros interesses dos Soberanos. Eis-aqui hum dos mais dignos de observaçaõ. Da parte d'aquem do golfo de Finlandia, tinha Suecia adquirido a Estonia, e a Livonia; aqui-

Carlos XI. tinha violado os privilegios dos Livonienses.

ſiçaõ avigorada pelo Tratado de Oliva. Tinha ella deixado aos Livonienſes os ſeus privilegios; porque ao principio ſempre ſe reſpeitaõ os novos vaſſallos. Mas Carlos XI., ſegundo o coſtume dos deſpoticos, violou aquelles privilegios, quando julgou ter niſſo intereſſe. Tendo Patkul, á frente de huma Deputaçaõ da Provincia, reclamado os direitos da ſua Pátria com valeroſa liberdade, foi condemnado á mórte, de que ſe ſalvou, reſpirando indignaçaõ, e vingança. Depois da mórte do Monarca, perſuadio facilmente ao Rei de Polonia, Auguſto Eleitor de Saxonia, e depois ao Czar Pedro, que a fraqueza do joven Carlos XII. offerecia bella occaſiaõ para tomar novamente á Suecia as Provincias, que antigamente ſe tinhaõ perdido.

Patkul excita tres ſoberanos contra Suecia.

Frederico IV, Rei de Dinamarca naõ eſtava menos diſpoſto a approveitar-ſe das circunſtancias. A antiga convençaõ de Chriſtiano III. com ſeu irmaõ Adolfo, a reſpeito dos Ducados de Holſtein-Gottorp, e de Sleſwick, que o Rei de Dinamarca, e o ramo de Holſtein deviaõ poſſuir em commum, era huma origem inexaurivel de contendas entre ambas as familias. Acomettido por Frederico o Duque de Holſtein, cunhado de Carlos, tinha paſſado para Stokholmo; e já as armas Dinamarquezas ameaçavaõ a Suecia.

Motivo da guerra com Dinamarca.

De-

Deliberou-ſe no Conſelho a reſpeito dos meios de arredar tantos perigos. Opinando alguns a favor dos meios da negociaçaõ, o Rei fallou neſta ſubſtancia: *Eſtou reſoluto a naõ fazer já mais guerra alguma, que injuſta ſeja, nem a acabarei ſem ruina dos meus inimigos, como ſeja legitimamente intentada. Eu meſmo irei acometter o primeiro, que ſe declarar; e como o chegue a vencer, eſpero cauſar terror aos outros.* Dá logo as ordens neceſſarias para a guerra: muda de maneira de viver; reduz-ſe ao veſtuario mais ſimples, á meza mais frugal, e ordinaria; renuncia a tudo o que he prazer, e conſagra-ſe para ſempre ás fadigas, e combátes. Reſoluçaõ admiravel de Carlos XII.

O Ducado de Holſtein foi acomettido pelo Rei de Dinamarca, a Livonia pelo Rei de Polonia, e a Ingriá, Provincia viſinha, que pertencia tambem a Suecia, pelos Ruſſos. Embarca-ſe Carlos XII., chega á Ilha de Seelandia, onde Copenhague ſe acha ſituada, e faz tremer eſta Capital. Frederico dá-ſe preſſa em concluir a paz, reparando todo o damno ao Duque de Holſtein, e em ſeis ſemanas ſe terminou eſta primeira guerra. Ouvindo Carlos pela primeira vez os aſſovios das balas, que lhe atiravaõ, diſſe: *Eſta será d'hora em diante a minha muſica*; e acoſtumou ſe a ella em extremo. E aſſim 1700 Frederico IV. obrigado a fazer a paz.

ſe

ſe vê naſcer a inclinaçaõ invencivel de hum guerreiro, a quem couſa nenhuma poderá deſarmar

Batalha de Narva, contra os Ruſſos, vencida pelos Suecos.

Já Auguſto, Rei de Polonia, tinha levantado o ſitio de Riga, Capital da Livonia. Impaciente Carlos por vingar-ſe do Czar, que elle juſtamente acuſára de ter violado huns Tratados de paz, havia taõ pouco tempo concluidos, vôa á Ingria no mez de Setembro á frente de quaſi nove mil homens. O Exercito Ruſſo, que conſtava de ſeſſenta mil homens com pouca differença, tinha Narva aſſediada, e Carlos dá ſobre elles com o favor de huma groſſa neve, que o vento arremeſſa contra elles, e força as ſuas trincheiras. Aſſàlta-os hum terror panico em meio da confuſaõ cauſada eſpecialmente pela falta de diſciplina; de maneira que trinta mil homens ſe rendem priſioneiros a hum pequeno número de Suecos. A artilharia, que conſtava de quarenta e cinco peças, o campo, as bagagens, tudo fica em poder do vencedor. Eſta a primeira campanha de hum Rei de deſaſete annos.

O Czar naõ ſe deſanima.

Ao meſmo tempo que os Ruſſos faziaõ as ſuas deprecações a S. Nicoláo, ſeu padroeiro, e lhe rezavaõ huma oraçaõ extravagante compoſta por hum Biſpo, na qual ſe deſcreviaõ os Suecos como execrandos feiticeiros, trabalhava o Czar em re-

reparar a ſua infelicidade. O Czar, em vez de deſanimar, conhecia que a excellente diſciplina dos ſeus inimigos; e as ſuas proprias victorias ſerviriaõ para formar as ſuas trópas. *Longo tempo ſeraõ elles ſuperiores*, dizia o Czar; *mas enſinarnos-haõ por fim a vencellos.* Prepara-ſe logo Pedro novamente: os ſinos de Moſcou ſe mudáraõ em peças de artelharia: os Lagos Peipus, e Ladoga ſe cobríraõ de meias galés, para combater os navios Suecos, e o Principe he quem dirige todas eſtas obras, e colhe pouco a pouco o fructo dellas. As campanhas de 1701, e de 1702 foraõ miſturadas de perdas, e ſucceſſos felices, aſſim em terra como nos Lagos. Á victoria alcançada pelo General Sheremetow ſeguio-ſe a tomada de Marienburgo, pequena Cidade ſituada nos confins da Livonia, e da Ingria. Neſta Cidade he onde ſe apriſionou huma moça Livonienſe, chamada Catherina, que algum dia paſſará do cativeiro para o Throno, ſuccederá ao Czar, e o ſubſtituirá dignamente.

Os ſeus preparos, aos quaes ſe ſeguem ſucceſſos felices.

Catherina priſioneira.

Noteburgo, hoje em dia Shluſſelburgo (Cidade da Clef), Praça fórte, edificada n'huma Ilha do Lago de Ladoga, e que ſe póde chamar a chave da Ingria, e Finlândia, naõ pode reſiſtir ás forças dos Ruſſos, que ſubiaõ ao aſſalto por tres bre-

Conquiſta importante dos Ruſſos.

brechas. Apenas havia cem Suecos, que estivessem em estado de servir. Os Suecos todavia naõ capituláraõ, senaõ depois de ter obtido licença para verificar que já naõ podiaõ defender-se. A sua antiga disciplina obrava sempre milagres. Mentzikow, aprendiz de pasteleiro na sua mocidade, valído entaõ do Czar, condecorado com o titulo de Principe, digno de todo o favor pelos seus talentos, e serviços, foi Governador da nova conquista. A sua fortuna devia inspirar tanta emulaçaõ como ciume; e importava especialmente exaltar os homens nascidos para grandes cousas.

Disciplina Sueca.

O Principe Mentzikow.

Com tudo o Rei de Suecia, sempre vencedor, tinha sujeitado a Courlandia, attravessado a Lithuania, e entrado até o coraçaõ da Polonia. Hia elle com intento de tirar a Augusto do Throno, e dar depois disso sobre a Russia com todas as suas forças. O fervor de Pedro em executar os seus intentos cada vez he maior. Fazendo a guerra, e mandando soccorros ao seu alliado, funda a Cidade de Petersburgo, no fim do golfo de Finlandia, n'hum terreno paudoso, junto ao rio Narva, que desagua no Lago de Ladoga. Vencem se infinitos obstaculos para esta empreza; de maneira que hum navio Hollandez vem negociar a Petersburgo no

Fundaçaõ de Petersburgo, no tempo das victorias de Carlos.

fim

fim de cinco mezes. De duas unicas casas feitas de ladrilho, e de algumas cabanas se compunha esta Cidade. (1703.) A fortaleza de Kronslot poz brevemente em seguro a nova Cidade.

Narva he sitiada, e tomada de assalto em 1704, pelo Czar em pessoa. Deste modo desvanece elle a infamia da famosa derrota das suas trópas por Carlos XII.; e o que lhe dá maior honra, empenha-se em atalhar o furor brutal dos soldados, taõ difficultosos de soffrear depois de hum assalto entre os excessos da victoria. Mata dous soldados desobedientes ás suas ordens, e pondo depois a espada sobre a meza da Casa da Camera: *Esta espada*, diz elle aos vencidos, *está tinta no sangue dos meus soldados, que derramei para vos salvar a vida.* Sendo elle demasiadas vezes cruel, rende nesta occasiaõ homenagem á humanidade. Toda a Ingria ficou sobjugada. O Principe Mentzikow obteve o seu governo: e pouco tempo havia que Pedro tinha servido de Tenente de bombardeiros ás suas ordens.

Tomada de Narva, conquista da Ingria pelos Russos.

Digamos de passagem alguma cousa ácerca do Heróe da Sueçia, o qual dá Leis na Polonia, tira a Augusto do Throno, faz eleger outro Rei, e parece que só combate para humilhar os seus inimigos, sem querer approveitar-se das suas victorias.

N'hum

Defcripçaõ da Polonia, infeliz por caufa do feu governo.

N'hum Eftado taõ mal conftituido como a Polonia, onde o Povo he efcravo, e cruelmente opprimido; onde as Provincias, pofto que fertiliffimas, faõ pobriffimas; onde a nobreza, independente, fe fujeita a poucas obrigações; onde as deliberações das Diétas fe interrompem pela oppofiçaõ de hum fó fidalgo; onde o alfange decide muitas vezes os grandes negocios, e algumas confederações fediciofas põe em laftimofo eftado a Républica, pretendendo defender as Leis; onde a authoridade de hum Rei electivo caufa fempre mais defconfiança á licença do que á liberdade dos nobres; onde os defcontentes fempre tem que oppôr-lhe o *pacta conventa*, cuja obfervancia jura o Rei na fua fagraçaõ, difpenfando os feus vaffallos da obediencia, fe elle algum dia fe attrever a violallos; onde o Paiz he aberto por fe temer que as Praças fórtes naõ firvaõ de o fujeitar; onde a difciplina militar naõ he menos ignorada que a boa ordem civíl; e finalmente onde fobfiftem todos os abufos do antigo governo Tudefco; com a differença porém, que o Corpo da Naçaõ de nada vale, e que a nobreza eftragada vende ordinariamente os feus votos: nefta Républica taõ infeliz, e que a natureza parece deftinar para fazer hum Eftado taõ florecente, era

qua-

quasi impossivel que Augusto se podesse defender contra Carlos XII.

Acostumado na Saxonia ao governo absoluto, tinha Augusto introduzido em Polonia certos principios, e idéas pouco confórmes com o genio nacional. Os Polonezes naõ approvavaõ o seu projecto de conquistar a Livonia, antevendo que esta conquista o constituiria para elles mesmos mais tremendo. Clamáraõ contra huma guerra intentada sem o seu consentimento. Já ó partido, que ao principio se tinha opposto á sua eleiçaõ, formava cabalas. O Cardeal Radjouski, Arcebispo de Gnesne, Primaz do Reino, que tudo podia em razaõ da sua dignidade, e igualmente perigoso pelos seus artificios, meditava occultamente huma revoluçaõ. Os Generaes, e Officiaes maiores da Coroa, posto que devedores ao Rei dos seus empregos, pouco, ou nada dependem d'elle, porque os nomea sem poder destituillos. Augusto, que só estava seguro nos seus Saxonios, perseguido por hum vencedor terrivel, e obstinado, vio-se reduzido ás mais crueis extremidades. Na historia de Carlos XII. se devem lêr pelo menor as interessantes narrações, que eu supprimo.

Estava o Rei Augusto exposto na Polonia ás intrigas.

Augusto perseguido por Carlos XII.

Em 1702, toma Carlos a Varsovia, e declara que naõ concederá a paz, sem ele-

Carlos XII. faz-se arbitro da Polonia.

elegerem outro Rei. Eſtava Auguſto em Cracovia, e tomando a reſoluçaõ de dar batalha, fica vencido em Cliſſaw, com exercito dobrado do que tinhaõ os inimigos. Cracovia foi tomada, e hum General Saxonio vencido no ſeguinte anno. Dantzick, Thorn, e Elbing, Cidades livres pelos ſeus privilegios, debaixo do dominio da Polonia, foraõ reſgatadas por ter feito alguma reſiſtencia. O Primaz, até entaõ disfarſado com a maſcara de fidelidade, declara-ſe contra o Rei n'huma Junta de Varſovia, em que ſe decide eſtar o Throno vago (1704.); e naõ querendo o Principe Alexandre Sobieski, hum dos filhos do famoſo Rei daquelle nome acceitar a Coroa, faz Carlos eleger a Eſtanisláo Leczinski, Palatino de Poſnania, e Theſoureiro da Coroa, Cavalleiro moço, em quem elle achava muitos viſos do ſeu proprio caracter.

Eleiçaõ de Eſtanisláo Leczinski.

Os Ruſſos, e os Saxonios derrotados pelos Suecos.

Naõ abandonou o Czar a Auguſto. N'huma conferencia, que ambos tiveraõ em Grodno no Lithuania, fez-ſe hum novo plano de operações. Seſſenta mil Ruſſos, diſperſos pela Polonia, ſerviraõ ſómente de aſſolar o Paiz. Os Suecos os venciaõ, e derrotavaõ por toda a parte continuadamente. Shullenbourg, habilidoſo General Saxonio, ficou vencido, e derrotado na batalha de Franſtadt em 1706, pelo Ge-

General Renshild, que lhe era muito inferior no número das trópas. Mais obrou o terror, do que as armas: quaſi que tudo ſe decidio n'hum inſtante. Carlos XII. dá logo ſobre a Saxónia, requer nella grandes contribuições, mas conſerva a diſciplina rigoroſa, a origem principal dos ſeus triunfos.

Augusto negocea occultamente.

Vêndo-ſe entaõ Auguſto, ſem eſperança, pede-lhe occultamente a paz. O vencedor preſcreve por condições, que renuncie á ſua Coroa, que reconheça a Eſtanisláo, e finalmente que entregue Patkul. Eſte Livonienſe eſtava empregado no ſerviço da Ruſſia, e o Czar o tinha enviado para o Rei de Polonia com o emprego de General, e Embaixador. Em quanto ſe tratava eſta negociaçaõ, o Principe Mentzikow, a quem Auguſto occultava tudo com cuidado, obriga-o quaſi a acometter hum General Sueco em Kaliſk. O General he acomettido, e os Ruſſos alcançaõ a victoria: nunca eſtes tinhaõ podido vencer até entaõ os Suecos em batalha formal. Auguſto porém ſujeita-ſe ignominioſamente ás Leis de Carlos: aſſigna o Tratado, ſem poder obter outras condições diverſas, ſenaõ as primeiras. De maneira que até ſe vê obrigado a eſcrever huma carta de cumprimento a Eſtaniſláo. Eſtando já Patkul preſo injuſtamente por hu-

Augusto ſujeita-ſe a tudo depois de huma victoria.

Supplicio de Patkul.

huma leve ſuſpeita, foi entregue ao Rei de Suecia, que a pezar das queixas do Czar manda tirar a vida com o ſupplicio da roda áquelle Miniſtro de hum taõ grande Principe. A ſentença qualificava a Carlos por hum Principe clementiſſimo. *Que clemencia!* diſſe Patkul; que ouvindo que o condemnavaõ como trahidor á Pátria: *Ah!* continuou, *ninguem a ſervio melhor do que eu.* Aqui ſe vê até onde póde chegar a injuſtiça do deſpotiſmo, ainda n'huma alma grande.

Embaixada a Carlos XII.

Concluida eſta paz no campo de Altrenſtat junto a Leipzick, acabou de coroar a fama de Carlos XII., que recebeo no ſeu campo infinitos Embaixadores. A guerra ateada contra França, e Heſpanha punha em deſaſſocego todos os Eſtados. Cada hum deſejava a ſua alliança, e todos o julgavaõ diſpoſto a unir-ſe com Luiz XIV., poſto que em 1700 tiveſſe promettido a neutralidade. O Duque de Marlborough, taõ grande negociador, como Capitaõ, veio ſondallo, e deſcobrindo brevemente o ſeu intento de ir fazer guerra á Ruſſia, naõ lhe fez propoſiçaõ alguma. O Imperador Joſé, altivo, e feliz, cedeo a muitos pontos, que o Rei de Suecia exigio antes de auſentar-ſe de Alemanha, eſpecialmente a favor dos Proteſtantes da Silezia.

Em

Em 1707 ficou a Saxonia liberta dos Suecos, que partíraõ ricos com os seus despojos. O seu Heróe, que mofava de toda a especie de perigo, concebe a fantezia de visitar a Augusto na passagem. Passa á vista do Exercito, com alguns Officiaes Generaes, apresenta-se com nome supposto á porta de Dresde; entra em botas no quarto do mesmo Rei, que ultimamente tinha reduzido ao seu Eleitorado; almoça com elle, visita as fortificações, e torna-se a ajuntar por fim com as suas trópas, que estavaõ muito inquietas. *Fieime*, dizia elle, *na minha boa fortuna.*

Visita, que elle fez a Augusto privado do Throno.

CAPITULO V.

Carlos XII. vencido em Pultawa, fugitivo em Turquia. --- Campanha de Pruth, funesta para o Czar. --- Sua paz com os Turcos. --- Continuaçaõ da guerra do Nórte.

POUCO faltou, para que ò Czar naõ fizesse eleger terceiro Rei de Polonia. Cuidou-se neste ponto n'huma Dieta de Lublin: foraõ propostos alguns Palatinos; e isto teria sido para esta República devastada nova origem de destruiçaõ, e horro-

Obstinaçaõ de Carlos XII. cõtra o Czar.

rores. Com tudo o Miniſtro de França em Saxonia tentava reconciliar o Sueco, e o Ruſſo. Diſſe Carlos ſem rebuço que trataria em Moſcou com o Czar, e a ſua preſumpçaõ deo motivo a eſtas admiraveis palavras de Pedro, o Grande: *Meu irmaõ Carlos quer ſer qual outro Alexandre, mas naõ achará em mim outro Dario.* Eſta a época dos revezes para hum Heróe mais digno de reprehenſaõ pelos ſeus erros, e obſtinaçaõ, do que de admiraçaõ pelo ſeu heroiſmo.

1708 Carlos entra imprudentemẽte pela Ukrania.

Paſſa Carlos XII., na frente de quarenta e cinco mil homens, á Lithuania, onde eſtava o Czar; toma-lhe Grodno; parte até o Dnieper (o Boriſthenes), e vence em Holozin hum grande corpo de Ruſſos, vantajoſamente entrincheirado por detraz de huma torrente, e huma lagoa. Acha-ſe no caminho de Moſcou; mas em vez de o ſeguir, depois de ter paſſado o Dnieper, volta para o Meio-Dia, e entra pela Ukrania, regiaõ dos Coſacos; na eſperança de a ſujeitar em pouco tempo, e de acometter depois a Capital da Ruſſia. Eſta fatal reſoluçaõ tinha inſpirado ao Rei de Suecia, o velho Mazeppa, Chéfe dos Coſacos, que trahia ao Czar, ſeu Soberano. Promettia-lhe que ſe ajuntaria com elle na frente de hum exercito, e que lhe forneceria viveres, e dinheiro: promeſſas

que

que deveriaõ ſer levadas á balança da prudencia, e em que deſcançáraõ ſem exame.

Marchaõ por entre muitos perigos, para o Deſna, que vai deſaguar no Dnieper. Eſte o lugar, onde Mazeppa tinha de ajuntar-ſe com Carlos. Mas debalde ſe esforçava elle por mover os Coſacos á rebelliaõ. Ainda naõ era chegado, e os viveres já faltavaõ. O General Levenhaupt trazia com tudo de Livonia dezaſeis mil homens, e todo o genero de provimentos. Deſvaneceo-ſe tamanho recurſo; porque Pedro ſeguio eſte General além do Dnieper, atacou-o tres dias ſeguidos, e por fim o venceo. O Suecos perdêraõ mais de oito mil homens, com a ſua artilharia, e comboy. Vendo o Czar retroceder as ſuas trópas, no calor da acçaõ, tinha paſſado ordem que atiraſſem aos fugitivos, e a elle meſmo, ſe ſe retiraſſe.

Naõ pode Mazeppa fazer ſoblevar os Coſacos.

Levenhaupt vẽcido, e derrotado por Pedro.

Inſtruido da perfidia de Mazeppa, manda Mentzikou para a Ukrania. Bathurin a Capital, he tomada, aſſim como os armazens, e os theſouros do Hetman, que foi enforcado em eſtatua. Todas as ſuas promeſſas naõ tiveraõ outro fim mais, do que unir-ſe a Carlos com dous ou tres mil homens, tendo recuſado os mais Coſacos de o ſeguir.

Vinga-ſe Pedro de Mazeppa.

Carlos cõtinúa a sua derrota.

A pezar do desbarato de Levenhaupt, que só trouxe comsigo as reliquias do seu exercito; a pezar do excessivo frio, que n'huma só marcha, matou quasi dous mil Suecos; teima o Rei de Suecia em continuar a sua rota, sem provimentos, por hum Paiz desconhecido, e exposto continuamente aos ataques do inimigo. Atravessa toda a Ukrania, na força do Inverno de 1709: chega á vista de Pultawa, e põe cerco a esta Cidade, donde espera tomar o caminho de Moscou, a fim de arrazar o Throno do Czar.

Batalha de Pultawa, em que Carlos he vencido pelo Czar.

A famosa batalha de Pultawa lhe tirou em fim as esperanças. Ambos os Monarcas assignaláraõ igualmente nesta acçaõ os seus talentos, e valor. Ferido Carlos depois de alguns dias, mandou que o levassem n'huma liteira, que huma peça de artilharia fez em pedaços. Achava-se Pedro, como elle, no maior calor do combate. Nove mil Suecos perdêraõ a vida em duas horas, e quatorze mil se rendêraõ prisioneiros. Deste número foraõ o Conde Piper, primeiro Ministro, cujos sabios, e prudentes conselhos nem sempre tinhaõ sido seguidos, Renshild, Levenhaupt, e outros Generaes. Os Russos perdêraõ sómente quasi mil e trezentos homens. "O „ que he mais importante nesta batalha; „ diz o célebre Historiador do Czar, he

„ que

„ que de todas as que já mais enſanguen-
„ táraõ a terra, eſta he a unica, que em
„ vez de produzir ſómente a deſtruiçaõ,
„ ſervio para a felicidade do Genero Hu-
„ mano, pois que deo ao Czar a liber-
„ dade de eſtabelecer hum bom governo
„ n'huma grande parte do mundo. „ He
certo ao menos que a grandeza da Ruſſia
dependia da cabeça de hum ſó homem:
nós veremos ſe o governo da Ruſſia foi
bem eſtabelecido.

O terrivel Carlos XII., reduzido a pôr-ſe em fuga, fugindo meſmo a cavallo, quando na acçaõ naõ podéra montar, ſerá daqui em diante hum exemplo illuſtre das revoluções da fortuna, ou para melhor dizer das infelicidades, que cada hum motiva a ſi proprio, quando abuſa da fortuna. Exhaurido de forças paſſa o Dnieper, depois o Bogh (antigamente o Hypanis); e procurando aſylo na Turquia, naõ ſe digna de eſcrever ao Graõ-Viſir. A ſua indomavel altiveza, e obſtinaçaõ o impedíraõ ſempre de regular-ſe ſegundo as circunſtancias. Sua fugida para Turquia.

Cuidava Pedro, ſem comparaçaõ mais ſabio e prudente, em aproveitar-ſe da victoria; e tendo convidado para a ſua meza os principaes priſioneiros Suecos, diſſe-lhes: *Bebo á ſaude dos meus meſtres na arte da guerra*; palavras, que naõ lhe fa- Como ſe aproveita o Czar da victoria.

zem menos honra, do que aos meſmos Suecos. Continuou a moſtrar que as ſuas lições o tinhaõ feito digno de ſer ſeu vencedor. Correndo para Polonia a fim de reſtabelecer o Rei Auguſto, faz huma Liga com eſte Principe, com o Rei de Dinamarca, e com o Eleitor de Brandeburgo, primeiro Rei de Pruſſia. Depois de

1710 Conquiſta da Karelia, e da Livonia.

huma entrada triunfal em Moſcou, onde elle naõ apparece ſenaõ como General Maior, (quanto deviaõ animar os Ruſſos ſemelhantes ceremonias!) parte a tomar Wiburgo, Capital da Karelia em Finlandia, e aſſenhorea-ſe de Riga, Capital da Livonia. Ambas eſtas Provincias ficaõ debaixo do ſeu dominio.

Acçaõ deſpotica de Carlos.

Hum General Sueco tinha ainda onze mil homens na Pomerania. A Regencia de Eſtokolmo, naõ ſabendo ſe o Rei era morto, ou vivo, aſſignou huma neutralidade a reſpeito d'aquellas trópas; e aſſim que Carlos XII. teve eſta noticia, eſcreveo ao Senado dizendo que *mandaria huma das ſuas botas para o governar*. Julgava Carlos que mandava a eſcravos.

Intrigas em Conſtantinopla a ſeu favor.

Achava-ſe com a ſua comitiva de mil e oitocentos homens, acampado perto de Bender. A Corte de Conſtantinopla o tratava generoſamente; mas elle pretendia que eſta Corte armaſſe a ſeu favor; e os ſeus agentes procediaõ em Conſtanti-

tinopla com tanta induſtria nas ſuas intrigas, quanta era a altiveza, com que elle ſe havia. Hum Graõ-Viſir, pouco favoravel aos ſeus intentos, foi deſterrado, e pouco tempo depois outro, o qual julgava que naõ havia cauſa alguma legitima de guerra, por motivos pouco conhecidos. O terceiro em fim determinou o Sultaõ, Achmet III., a tomar armas. O Kaõ dos Tartaros de Crimea influio muito neſta reſoluçaõ; porque como viſinho de Azou, tinha tudo para temer dos Ruſſos, e como vaſſallo da Pórta, os ſeus intereſſes eraõ communs com ella.

Aſſim que ſe reſolveo a guerra, logo o Divan, Conſelho do Graõ-Senhor, mandou prender o Embaixador do Czar. Eſte o uſo odioſo dos Turcos, fundado no deſpreſo, em que tem os Chriſtãos. O direito das gentes a eſte reſpeito he para elles couſa tanto mais indifferente, porque naõ tem Embaixador ordinario nas Cortes. O que ha para eſtranhar he que o Czar tinha recebido havia pouco tempo a meſma affronta em Londres em plena paz. O ſeu Embaixador foi preſo em Londres por dividas, a requerimento de hum Mercador. Como as Leis Inglezas naõ ordenaõ pena de mórte por hum attentado de ſemelhante natureza, difficultoſo de antever-ſe, toda a ſatisfaçaõ que

O Embaixador do Czar, preſo em Conſtantinopla.

Igual affronta em Londres.

o

o Czar pode obter, foi que se declarassem culpados os Authores da violencia, que o Parlamento confirmasse os privilegios dos Ministros Estrangeiros, e que a Rainha Anna se desculpasse solemnemente. Quanto ao Turco, ou era necessario vencello, ou os seus ultrajes naõ ficavaõ castigados.

Catherina, nova esposa de Pedro.

Preparou-se Pedro com toda pressa. Antes de principiar a guerra, deo tambem hum singular exemplo da fortaleza d'alma, que o exaltava sobre todas as preoccupações. A joven cativa Livoniense, de cuja fortuna já fallamos, tinha chegado a agradar-lhe, e a grangear a sua confiança, por meio de hum merecimento que raras vezes se encontra nas mais sublimes qualidades. Tinha elle repudiado em 1696 a sua primeira mulher, que nascêra vassalla sua. He uso na Russia ajuntar o Czar certo número de mulheres formosas do seu Imperio, e eleger entre ellas huma esposa, sem que a Nobreza seja titulo de preferencia. Por muito maravilhoso que seja aos nossos olhos semelhante uso, muito antigo no Oriente, póde-se duvidar se he muito melhor o uso dos Principes da Europa; especialmente quando vêmos tantas guerras, e tantas revoluções produzidas pelos seus casamentos com Princezas estrangeiras. Em fim ti-

Uso dos Czars, de se recebe-rem com huma das suas vassallas.

tinha-se recebido occultamente com Catherina em 1707, e no mesmo dia, em que marchou contra os Turcos, declarou o seu casamento. Acompanhava-o Catherina por toda a parte, desprezava com elle as fadigas, e perigos, suavisava os seus trabalhos, moderava as suas furias. Outro serviço lhe fará ella mais essencial.

1711 O Vaivode de Cantemir engana por meio de falsas esperanças.

No mesmo erro, que cahira Carlos XII. fiando-se dos Cosacos, cahio Pedro tambem fiando-se em huma rebelliaõ, que naõ teve effeito. Cantemir, Vaivode de Moldavia, dá-lhe enganosas esperanças. Esta Provincia, e a Valaquia, dependentes dos Turcos, antigamente conhecidas com o nome de Dacia, eraõ governadas por pequenos Principes, ou Vaivodes Christãos, nomeados pelo Graõ-Senhor. Tanto he verdade, como já temos observado, que huma tolerancia politica entra no systema do mahometismo. A pezar do odio mutuo dos Turcos, e dos Christãos, deviaõ estes recear de soblevar-se, sem estarem certos, e seguros do feliz exito. As intrigas de Cantemir, para persuadir o outro Vaivode, produziraõ sómente huma breve agitaçaõ. Ambas as Provincias ficáraõ sujeitas; e o Czar, que julgando achar nellas viveres, e trópas, tinha se temerariamente avançado, achou-se na mais perigosa posiçaõ.

Ti-

Campanha do Pruth.

Tinha elle paſſado o Nieſter, rio á beira do qual Bender eſtá ſituada: tinha entrado na Moldavia até Jaſſi, ás margens do Pruth, ribeiro que vai ter ao Danubio. O exercito Ottomano, que fazem ſer quaſi de duzentos cincoenta mil homens, comprehendidos os Tartaros, paſſa o Pruth, cerca o Czar, e corta a communicaçaõ a hum reforço conſideravel, que eſte eſperava. Naõ tem o Czar mais de quarenta mil homens, para reſiſtir a eſta horroroſa multidaõ. A diſciplina dos Ruſſos já era tal, que a ſua retaguarda ſuſtentou hum combate de tres horas contra os Turcos, e os rechaſſou, depois de matar-lhes ſete mil homens. Mas a penuria de viveres, ou a ſuperioridade do inimigo, parecia annunciar hum deſaſtre irremediavel.

Grande perigo dos Ruſſos.

Catherina obriga o Czar a tratar.

Conſummido de inquietações, que tambem lhe cauſavaõ ſuas convulsões, prohibio que ninguem lhe entraſſe na barraca. Por felicidade teve Catherina o valor de ir contra as ſuas ordens, a qual lhe aconſelhou, e perſuadio que negociaſſe com o Graõ-Viſir: ajuntou tudo quanto pode, para os preſentes, que ſempre ſe coſtumaõ fazer aos Orientaes antes de tratar dos negocios: elegeo o Enviado, e fez as diſpoſições convenientes. Em quanto ſe eſperava a reſpoſta, declaráraõ os

Ge-

Generaes, e os Miniſtros, que mais eraõ de parecer que ſe rompeſſe por entre o inimigo, do que largar as armas.

Quer foſſe averſaõ á guerra, quer fraqueza, ou prudencia, pois o vituperio de corrupçaõ parece mal fundado na bocca dos Suecos, o Viſir concedeo a paz, com a condiçaõ de que o Czar reſtituiria Azou, demoliria o porto de Tangarok no mar de Zabaque, com os fórtes edificados daquelle lado, e naõ inquietaria o Rei de Suecia, ſe voltaſſe para o ſeu Reino.

Tratado de Falkſen com o Graõ-Viſir.

Furioſo Carlos XII., com a noticia do Tratado, foi ter com o Graõ-Viſir, arguio o ſem piedade, e raſgou com a ſua propria eſpora o veſtido deſte General Miniſtro; formou mais intrigas, que nunca, por meio dos ſeus agentes em Conſtantinopla; alcançou huma ordem para partir da Turquia, poſto que o Viſir foſſe desfavorecido; deſpreſou a ordem; e no ſeu pequeno acampamento de Bender, ſe attreveo a defender hum ſitio contra hum exercito em 1713: empreza, que ſe tomaria por huma aventura de D. Quichote, ſe foſſe poſſivel duvidar della.

Procedimento do Rei de Suecia irritado.

O fructo da ſua obſtinaçaõ foi a perda dos ſeus Eſtados de Alemanha. Mandava ſempre para Suecia ordem de combater, e de naõ ceder nada. O Reino eſta-

Perde Carlos XII. os ſeus Eſtados de Alemanha.

tava exhaurido de homens, e dinheiro. Mas ninguem ſe attrevia a deſobedecer; tudo ſe ſacrificava, tudo ſe ſoffria, ſeguindo o exemplo de hum Heróe, cuja cruel ſituaçaõ, e paciencia eraõ notorias. O General Steenbock, que tinha vencido os Dinamarquezes depois do desbarato de Pultawa, alcançou ainda huma victoria na Pomerania, em 1712: reduzio Altena a cinzas, e com tudo vio ſe obrigado em breve tempo a render-ſe priſioneiro de guerra com o ſeu pequeno exercito. Sem demorar-nos em individuações, obſervemos ſómente que em 1713, Bremen, Verden, Stetin, e huma parte da Pomerania, eſtavaõ em poder do inimigo; e que o Czar ſe aſſenhoreava da coſta de Finlandia. Querendo Eſtanisláo, renunciar a Coroa de Polonia para facilitar a paz, tinha paſſado para Turquia, na idéa de moderar a obſtinaçaõ de Carlos. Ambos eraõ priſioneiros dos Turcos. A Suecia já naõ podia defender-ſe; e o Czar, o Rei Auguſto, o Rei de Dinamarca, o Eleitor de Hannover, alliados juntamente, levavaõ-lhe as antigas conquiſtas de Guſtavo Adolfo.

Eſtanisláo em Turquia.

1714

Succeſſos felices do Czar no mar Baltico.

Se Pedro o Grande ſentia a perda de Azou, e do Imperio do mar Negro, que ultimamente tinha cedido pelo Tratado de Falkſen com os Turcos, eſte damno ficou

cou bem compenſado com os ſeus felices ſucceſſos no mar Baltico, onde lhe importava principalmente fazer-ſe reſpeitavel. Toma a Ilha de Aland, viſinha da Suecia: ganha huma batalha naval contra os Suecos, e faz priſioneiro o ſeu Almirante Renshild: fica ſenhor da Finlandia, e coberto de gloria mais que nunca, dá huma entrada triunfal em Petersburgo, entre os monumentos dos ſeus trabalhos: e acabada a ceremonia faz hum diſcurſo memoravel, cuja ſubſtancia refere Voltaire neſtes termos.

Diſcurſo que Pedro Grande faz em Petersburgo.

" Meus irmãos, algum d'entre vós,
„ penſaria, ha vinte annos, que havia
„ de combater comigo no mar Baltico,
„ em náos conſtruidas por vós meſmos,
„ e que nos teriamos eſtabelecido neſtes
„ Paizes conquiſtados pelas noſſas fadi-
„ gas, e valor?.... Todos põe na Gre-
„ cia o antigo aſſento das ſciencias, que
„ ſe eſtabelecêraõ na Italia, donde ſe eſ-
„ palháraõ por toda a Europa. Chegou-
„ nos agora a noſſa vez, ſe quizerdes fa-
„ vorecer os meus intentos, unindo o eſ-
„ tudo á obediencia. As artes circulaõ
„ no mundo, como o ſangue no corpo
„ humano; e talvez eſtabeleceráõ o ſeu
„ Imperio entre nós, *a fim de voltar pa-*
„ *ra a Grecia*, ſua antiga Pátria. Eſpero
„ que por meio dos noſſos trabalhos, e

„ glo-

„ gloria sólida, deixaremos algum dia en-„ vergonhadas as Nações mais civilisa-„ das. „ Este discurso he digno do engenho creador, que dispunha tamanha revoluçaõ. Dizendo, *a fim de voltar para a Grecia*, julgava elle por ventura que os Russos seriaõ os que haviaõ de introduzir novamente na Russia as artes, e as sciencias? Por muito attrevido que fosse o prognostico, poderia absolutamente taxar-se de quimerico?

Ordem de Santa Catherina.

A Ordem de Santa Catherina foi instituida pelo Czar, em honra de sua esposa, que elle fizera reconhecer solemnemente: nova próva da gratidaõ, de que se via penetrado por causa dos seus serviços.

CAPITULO VI.

Volta Carlos XII. para os seus Estados. --- Intrigas do Baraõ de Gortz. --- Mórte do Rei, e revoluçaõ no governo de Suecia. --- Paz do Nórte.

Volta o Rei de Suecia para os seus Estados.

NO combate de Bender, respeitáraõ os Turcos a Carlos XII., a quem podiaõ facilmente matar, e que matou muitos delles por sua propria maõ. Carlos esta-

va

va em custodia em Demotica, junto de Andrinopla, e naõ esperando armar mais o Imperio Ottomano por sua causa particular, requereo em fim a sua partida. Hum novo Graõ-Visir (pois as revoluções do Serralho nunca tinhaõ fim) quiz que elle estabelecesse o dia da partida. Carlos, que era sempre extremado no seu proceder, mandou huma pomposa Embaixada para despedir-se: bem que semelhante despeza naõ se podesse fazer senaõ por meio de humildes emprestimos. Partio na entrada de Outubro de 1714, depois de ter estado na Turquia mais de cinco annos. Assim que chegou ás fronteiras, despedio logo a sua escolta Turca, separou-se da sua gente, disfarçou-se, e com dous Officiaes deo hum giro á Alemanha quasi toda, correndo á posta ou a cavallo, ou em carreta, sem se demorar. A 2 de Novembro chegou a Stralsund na Pomerania, Cidade importante no mar Baltico, que os seus inimigos queriaõ conquistar.

1715 Carlos sitiado em Stralsund.

No anno seguinte cercaõ-o em Stralsund os Dinamarquezes, os Prussianos, e os Saxonios, e elle obra, segundo o seu costume, prodigios de valor. Bombea-se a Cidade: huma bomba rompe-lhe o telhado da casa, e rebenta perto do seu quarto, estando elle a dictar huma carta. E cahindo a penna da maõ ao secre-

cretario : *Continuai*, diſſe-lhe elle com todo o ſocego; *que tem a bomba com a carta, que vos dicto?* Daõ os inimigos o aſſalto á obra cornea; e duas vezes ſaõ por elle rechaſſados, combattendo entre os ſeus granadeiros; mas a obra foi tomada. Cedendo finalmente ás inſtancias dos Officiaes Generaes, retirou-ſe em huma pequena barca, onde a artelharia de huma bataria Dinamarqueza lhe matou dous homens. Rendeo-ſe Stralſund no dia ſeguinte, e pouco tempo depois ſucumbio Viſmar. Em fim já Carlos naõ poſſue nada em Alemanha.

Sua retirada.

Passa eſte o Inverno em Carleſcroon, ſem querer apparecer na ſua Capital, depois de quinze annos de auſencia: ordena novos preparos de guerra: aliſta-ſe a mocidade, e acaba-ſe de arruinar o Eſtado por meio de todos os impoſtos, que imaginar-ſe pódem. "Opprimido o Povo „ com tantas, e taõ grandes exacções, „ diz Voltaire, ter-ſe-hia ſoblevado no „ Reinado de outro qualquer Rei; mas „ o camponez ſabia que a vida, que o „ ſeu Soberano vivia, era muito mais du- „ ra, e moderada do que a ſua. Deſte „ modo tudo ſe ſujeitava ſem murmura- „ çaõ a huns rigores, que o Rei era quem „ primeiro padecia.„ Que ſeria logo, ſe- naõ houveſſe motivos para imputar-lhe

Novos preparos de guerra.

Exacções.

tan-

tantas infelicidades ? O Reino eſtava em perigo, e aſſim meſmo intenta Carlos conquiſtar Noruega á Dinamarca, onde entra com vinte mil homens, ſem ter provido a ſua ſobſiſtencia. A penuria de viveres o obriga a retroceder.

Intrigas do Baraõ de Gortz.

Com tudo o Baraõ de Gortz, natural de Franconia, depois de chegar a ſer ſeu primeiro Miniſtro, e governando aquelle genio até entaõ taõ indomito, tramava várias intrigas, que pareciaõ dever produzir huma grande revoluçaõ. Eſte Miniſtro dotado de hum engenho vaſto, activo, aſtuto, inſinuante, attrevido, e capaz de abraçar todas as formas, e todos os meios, punha a mira em concluir a paz, e huma alliança com o Czar, e opprimir depois os mais inimigos da Suecia. Os ſeus intentos ſe dirigiaõ eſpecialmente contra Jorge I., Rei de Inglaterra, Eleitor de Hannover, o qual tinha comprado ao Rei de Dinamarca as Cidades de Bremen, Verden, e as ſuas dependencias. Intentava naõ ſó tomar-lhe eſtas Provincias, mas tambem eſtabelecer o pretendente no Throno de Inglaterra. O Cardeal Alberoni, Miniſtro de Heſpanha, de caracter ſemelhante ao de Gortz, abraçou as ſuas idéas, e o Czar, a quem ſe devia abandonar tudo quanto tinha conquiſtado, abraçou do meſmo modo as idéas de Gortz, conti-

Abraça Alberoni as ſuas idéas.

tinuou brandamente a guerra, e partio para França.

1717
Deus Ministros de Suecia presos.

O Conde de Gyllenburgh, Miniſtro de Suecia em Londres, conſpirava a favor do Pretendente. Eſtava Gortz em Hollanda, munido de pleno poder por ſeu Soberano. Várias Cartas, que foraõ apanhadas, deſcobríraõ a conjuraçaõ, e ambos os Miniſtros foraõ preſos, e inquiridos: a ſua priſaõ, que aturou ſeis mezes, irritou a paixaõ de Carlos XII. Tanto que o Baraõ de Gortz ſe vio ſolto, correo para o Czar, e liſonjeou a ſua ambiçaõ com hum eſtabelecimento em Alemanha, por meio do qual, depois de chegar a ſer Membro do Imperio, poderia eſte Principe aſpirar á Coroa Imperial. Finalmente nomeou Pedro a Ilha de Aland para as conferencias.

Moeda de cobre por prata.

Depois do Miniſtro voltar para Suecia, na grande neceſſidade de dinheiro, em que ſe achava, deo o valor da prata a huma moeda de cobre; de fórma que huma peça de cobre, que valia meio ſoldo, correo por quarenta ſoldos com o cunho do Monarca. Eſta moeda, que foi neceſſario multiplicar ſobre maneira, porque a deſconfiança fez augmentar prodigioſamente o preço a tudo, perdeo em breve tempo todo o credito, e excitou o odio público contra Gortz. O Cléro, de

Gortz abominado em Suecia.

de quem eſte exigia hum impoſto, accuſou-o alta, e poderoſamente de atheiſta. Cada hum o amaldiçoava, ou o temia; e Carlos, talvez por obſtinaçaõ, ſe entregou cada vez mais aos ſeus conſelhos, abandonou-lhe o governo, e o deixou arbitro das negociações com a Ruſſia.

Eſtas negociações ſe encaminhavaõ todas ao ſeu fim, quando hum ſucceſſo fatal rompeo todos os projectos. Tinha ultimamente paſſado o Rei de Suecia ſegunda vez para Noruega, cuja conquiſta deſejava ambicioſamente, a fim de abater, e humilhar Frederico IV., Rei de Dinamarca, que ſe tinha enriquecido com os ſeus deſpojos. Sitiando Fredericshal em o mez de Dezembro, e deſpreſando o rigor do frio, que os ſeus proprios ſoldados quaſi que naõ podiaõ ſopportar, morreo de huma balla de colebrina, na idade de trinta e ſeis annos.

1718 Morte de Carlos XII.

Com muita razaõ diz o ſeu Hiſtoriador Francez: "Chegou Carlos XII., na
„ prática de todas as virtudes dos Heróes
„ até o exceſſo, em que ellas ſaõ taõ
„ perigoſas, como os vicios oppoſtos. A
„ ſua conſtancia, tornada em obſtinaçaõ,
„ contribuio para a ſua infelicidade na
„ Ukrania, e o conſervou cinco annos
„ na Turquia; a ſua liberalidade, dege-
„ nerando em profuſaõ, arruinou a Sue-

Diſcurſo de Voltaire a reſpeito deſte Heróe.

,, cia; o ſeu valor, que paſſou a ſer te-
,, meridade foi cauſa da ſua mórte; a ſua
,, juſtiça foi algumas vezes crueldade; e
,, nos ultimos annos, a conſervaçaõ da
,, ſua authoridade tinha muito de tyran-
,, nia. As ſuas grandes qualidades, das
,, quaes huma ſó ſeria ſufficiente para im-
,, mortaliſar outro qualquer Principe,
,, cauſáraõ a infelicidade do ſeu Paiz.....
,, Duro para os outros, do meſmo modo
,, que o era para ſi proprio, avaliando
,, em pouco o trabalho, e a vida dos
,, ſeus vaſſallos, aſſim como tambem a
,, ſua; mais homem unico, que grande
,, homem, antes admiravel, que para imi-
,, tar: a ſua vida deve enſinar aos Reis
,, quaõ ſuperior he a tanta gloria hum go-
,, verno pacifico, e feliz.,, Na opiniaõ do meſmo Author, merecia Carlos XII. ſer o primeiro ſoldado de Pedro o Grande.

A Coroa chegava a ſer ſegunda vez electiva.

He ſem dúvida que a Suecia lucrou com a mórte deſte Heróe, que a tinha ſacrificado ás ſuas quimeras de gloria. Recuperou huma liberdade precioſa, e eſtabeleceo nova fórma de governo, o qual julgou proprio para a fortificar, e cujos abuſos naõ antevio. Eſta intereſſante revoluçaõ algumas individuações merece. Tendo o Rei morrido ſem filhos, e ficando ſuas duas irmãs caſadas, huma com

o Duque de Holſtein, cujos Eſtados occupava naquelle tempo o Rei de Dinamarca, e a outra com o Landgrave de Heſſe-Caſſel, ficava a Coroa ſegunda vez electiva, confórme huma Lei de 1604, renovada em várias Dietas, a qual diz: *A filha de hum Rei, ou de hum Principe, que for conſiderada como capaz para ſucceder á Coroa, deve-ſe conſervar no celibato, e ſó deve caſar com o conſentimento, e approvaçaõ dos Eſtados do Reino.* Era logo eſta a occaſiaõ de prover ao bem público.

O poder arbitrario, abolido.

Bem ſe via quantas infelicidades tinha produzido o exceſſivo poder, concedido a Carlos XI., particularmente no reinado de ſeu filho, a quem a Naçaõ amava todavia, e venerava como hum grande homem. Naõ ſe queriaõ expôr ao deſpotiſmo de outro Principe. Diziaõ todos: " Que „ fará hum Monarca vicioſo, ſe o pro„ prio Carlos XII. foi a noſſa infelicida„ de? „ Sua irmã, Ulrica Leonor, eſpoſa do Landgrave, collocada no Throno pela Dieta, na entrada do anno de 1719, condeſcendeo com os deſejos, ou para melhor dizer com a vontade dos Suecos. Todos lhe agradecêraõ a *juſta, e raſoavel averſaõ, que ella tinha moſtrado a favor do poder arbitrario, e abſoluto*; e foi reſolvido que ſemelhante poder foſſe abolido, e regulou-ſe o governo.

Conſentimento da Rainha Ulrica Leonor.

Fórma do governo Sueco. A fórma prescrita pelas Leis, que entaõ se publicáraõ, e que em parte foi renovada, he a seguinte: O Landgrave, depois de chegar a ser Rei (Frederico I.) pela recomendaçaõ de sua mulher, foi obrigado a sujeitar-se a ella. O poder legislativo reside na Dieta. O poder executorio existe propriamente no Senado, composto de desaseis pessoas, no qual preside o Rei, e naõ tem mais do que voto de maior authoridade em certos casos. --- A Dieta he quem nomea os lugares dos Senadores: apresenta tres sujeitos, dos quaes o Rei elege hum. Quanto aos principaes empregos, assim militares como civís, o Senado os nomea depois de serem apresentados pelo Rei. --- A Dieta deve convocar-se de tres em tres annos, no mez de Janeiro. Se a convocaçaõ naõ se fizesse no tempo ordinario, entre tanto seria tudo nullo. Naõ se póde declarar guerra sem o seu consentimento. Quando a Dieta se acha junta, naõ se póde tambem concluir nem paz, nem tregoa, nem alliança, sem o seu consentimento. --- Todas as Leis, e ordenações se publicaõ em nome do Rei; mas se o Rei estiver ausente, ou se differir muito tempo o assignar, a assignatura do Senado suprirá á sua. --- O Rei, subindo ao Throno, dá juramento á Dieta: he declarado

Senado.

Dieta.

Assignatura pelo Rei.

Juramento, e promessas do Rei.

do inimigo do Eſtado, e precipitado do Throno no caſo que proceda contra as *ſeguranças*, e promeſſas a que ſe obriga. --- Além dos Deputados do Cléro, Nobreza, e Cidadãos da Junta geral, a claſſe dos camponezes tem tambem nella os ſeus Deputados: os Communs elegem hum deſta claſſe em cada *territorio*; e he neceſſario que o Deputado naõ tenha pertencido a outra qualquer claſſe. Por conſeguinte hum camponez Sueco he verdadeiramente Cidadaõ: ninguem o pode deſpreſar, e ſeria perigoſo opprimillo: ſabe quaes ſaõ os ſeus direitos, e delles goza. Camponezes.

Deſta Conſtituiçaõ procedêraõ Leis dignas de toda a obſervaçaõ. Eſtas Leis imprimem na alma dos Principes o ſentimento de que mais neceſſitaõ: enſinaõ-lhes que elles naõ ſaõ mais do que homens, *iguaes na fraqueza aos de mais*: cuidaõ na ſua educaçaõ, e fazem permanentes os ſeus effeitos: querem que os Principes *entrem frequentemente nas cabanas dos camponezes, para que elles meſmos vejaõ a ſituaçaõ dos pobres; que ſejaõ tratados mediocremente, aſſim nos veſtidos, como no alimento, a fim de que a ſua propria economia ſirva de exemplo aos vaſſallos; o que he utiliſſimo entre huma Naçaõ pobre, mas livre.* Condemnaõ como abuſo a pompa; e a re- Leis a reſpeito da educaçaõ dos Principes.

Contra a pompa, e a representaçaõ; e contra o luxo.

representaçaõ, por meio das quaes *os vassallos contrahíraõ hum genio servil, e se acostumáraõ ao jugo*: proscrevem absolutamente o luxo, veneno mortal n'hum Estado sem opulencia, onde a liberdade he o fundamento da felicidade pública: finalmente estas mesmas Leis parecem ter livrado aquelle Povo bellicoso da funesta paixaõ das conquistas; mas esta utilidade tem sido muito alterada por causa das dissensões intestinas.

Vătagens da Suecia.

A Suecia, com hum Rei hereditario, parecia aguardar-se dos tumultos, que as eleições produzem, dos flagellos, que o despotismo traz comsigo, dos inconvenientes, que procedem de huma menoridade, ou da incapacidade, e vicios de hum Monarca. O equilibrio dos poderes parecia annunciar hum governo felicissimo; e para que o effeito correspondesse a estas apparencias, era necessario que os Suecos fossem isentos de corrupçaõ; que o interesse particular naõ podesse prevalecer ao bem público, nem o enthusiasmo do partido suffocar a voz da Patria; que o Senado fosse assaz moderado, posto que taõ poderoso, para naõ abusar do seu poder, e que a real prerogativa, taõ coarctada, tivesse ao menos bastante influencia para soffrear os sediciosos, e formar hum centro de uniaõ entre as partes do Estado. Como

mo ſe póde eſperar tanta virtude, ſabedoria, e prudencia em o noſſo Seculo (*)?

Aſſim que ſe eſtabeleceo o novo governo, logo ſe deſvaneceo o ſyſtema de Gortz. Eſte Miniſtro pagou com a vida os máos conſelhos, que tinha dado a Carlos

Paz com Hannover, cõ a Pruſſia, e Dinamarca.

(*) A revoluçaõ ultimamente ſuccedida em Suecia, executada por hum joven Rei, ſem effuſaõ de ſangue, e com o applauſo de todas as jerarquias, próva com effeito que ninguem ſe dava bem com eſte governo. O brado nacional parece ter confirmado, naõ ſó as queixas do Soberano, mas tambem as eſperanças, que elle deo de huma ſórte mais feliz. Eis-aqui huns fragmentos memoraveis do ſeu Diſcurſo aos Eſtados, em 21 de Agoſto de 1772. « Deſte modo he » que a liberdade, e o mais nobre direito da huma» nidade, ſe converteo n'hum deſpotiſmo ariſtocratico » nas mãos do partido dominante, que em breve tem» po foi deſtruido pelo partido oppoſto, o qual era » tambem ſobjugado por hum pequeno número de » particulares. Tremia-ſe nas veſperas de qualquer Die» ta.... O unico fim, em que levo a mira, he reſta» belecer a verdadeira liberdade; ſó eſta póde, meus » amados vaſſallos, fazer-vos felices.... Para alcançar » eſta ventura, he neceſſario que o Reino ſeja go» vernado por huma Lei invariavel, cuja letra clara, » e ſubſtancial naõ deixe lugar algum para falſas in» terpretações; que obrigue, naõ ſó o Rei, mas » reciprocamente os Eſtados; que naõ poſſa ſer nem » abrogada, nem mudada, ſem o livre conſentimen» to do Rei, e dos Eſtados; que permitta a hum Rei » zeloſo da Patria conſultar com os Eſtados, ſem que » eſtes poſſaõ tirar daqui motivo de eſpanto, e te» mor; que una finalmente o Rei, e os Eſtados em » hum meſmo intereſſe, o bem commum do Rei» no, &c. »

los XII. Conhecia-ſe muito bem a neceſſidade da paz, que ſe concluio em virtude de differentes tratados; em primeiro lugar com o Rei de Inglaterra, como Eleitor de Hannover, cedendo-lhe o Ducado de Bremen, e o Principado de Verden, por hum milhaõ de rixdales (hum milhaõ ſetecentos e cincoenta mil cruzados); em ſegundo lugar com o Rei da Pruſſia, Frederico Guilherme, que reſtituindo Stralſunda, e a Ilha de Rugen, conſervou Eſtettin, a Ilha de Uſedom, e a de Wollin; finalmente, no meſmo anno de 1720, com o Rei de Dinamarca, que reſervou para ſi a parte do Ducado de Slaſwik conquiſtada ao Duque de Holſtein, e abandonou Wiſmar, com a condiçaõ de que as ſuas fortificações naõ poderiaõ ſer reſtabelecidas.

Impõe o Czar condições, e conſerva as ſuas conquiſtas.

Continúa a guerra com a Ruſſia. Jorge I, manda, como ſe ſe tiveſſe obrigado a iſſo, huma eſquadra Ingleza em ſoccorro da Suecia. Mas eſta eſquadra Ingleza ou nada obra, ou obra pouco. Os Ruſſos, pelo contrario, tomaõ várias fragatas aos Suecos, e queimaõ-lhes em hum deſembarque quarenta Aldeias. Principiaõ-ſe novas negociações em Nyſtad na Finlandia. O Czar impõe as condições de paz; conſerva as Provincias, que conquiſtou, a Livonia, a Eſtonia, a Ingria, a Karelia,

e

e huma parte da Finlandia. (1721.) Daõ-lhe entaõ os seus vassallos o titulo de *Imperador*: titulo, que as Potencias da Europa reconhecêraõ, muito inutil porém á sua gloria. Seu titulo de Imperador.

CAPITULO VII.

Fim de Pedro, o Grande. --- Seus estabelecimentos, e Leis. --- Estado da Russia, até o Reinado de Catharina II.

ESTE Conquistador legislante, cujas viagens, emprezas, e successos excedem aos de Carlos Magno, ramatou a sua carreira com huma expediçaõ para a parte da Persia. O Sophi Hussein era acommettido por huns rebeldes, que sorprehendêraõ a Cidade de Shamachia, junto ao mar Caspio, na qual os Russos faziaõ consideravel Commercio. Tudo foi saqueado, e morto cruelmente nesta Cidade. Naõ podendo Pedro obter satisfaçaõ alguma, fez guerra a este Paiz. Seu intento era, naõ o de engrandecer-se nelle sem legitima utilidade, mas o de ter certo o Imperio do mar Caspio, a fim de fazer passar á Russia o Commercio da Persia, e de huma parte Guerra do Czar com a Persia.

te do Indo. Em 1722 paſſou o monte Caucaſo, tomou Derbent, e voltou triunfante para Moſcou. No anno ſeguinte, o novo Sophi para obter a ſua protecçaõ contra o uſurpador Mahmoud, homicida de Huſſein, cedeo-lhe tres Provincias, que formavaõ huma grande parte do antigo Reino dos Medas. Eſtas Provincias foraõ depois abandonadas. Qualquer imperio de ſi meſmo já muito extenſo, naõ póde deixar de perder, eſtendendo ſe mais.

Como ſeu filho Aleixo ſe tinha feito odioſo.

O que faltou á felicidade de Pedro, foi o deixar hum herdeiro da ſua Coroa. Aleixo Petrowitz, filho de ſua primeira mulher, tinha morrido em 1718 do modo mais tragico. Neſte lugar devemos referir mais circunſtanciadamente o cataſtrofe deſte deſgraçado Principe, cujo proceſſo fez tanto eſtrondo. Tinha-lhe ſua Mãi tranſmittido huma ſuperſtiçaõ céga, que o motivava a abominar as innovações do Czar. Vários Sacerdotes, naõ menos ſuperſticioſos, abuſáraõ da ſua confiança para manter as ſuas preoccupações, a que elle unia os maiores, e os mais exceſſivos vicios. Brevemente fez morrer de paixaõ a Princeza de Brunſwick, ſua eſpoſa, cunhada do Imperador Carlos VI. N'huma palavra, parecia Aleixo ter naſcido para deſtruir algum dia as grandes obras de ſeu Pai.

De-

Debalde o reprehendeo Pedro, e ameaçou. *Naõ vos fieis no titulo de meu filho unico*, lhe efcrevia elle; *porque fenaõ poupo a minha propria vida em favor da Pátria, e para falvaçaõ do meu Povo, como poderei refpeitar-vos? Preferirei antes transmittir os meus Eftados a hum Eftrangeiro, que o mereça, do que a meu filho, o qual fe faz indigno delles.* Dizia-lhe n'outra carta: *Emendai vos, fazei vos digno da fucceffaõ, ou mettei-vos Monge.* A ifto refpondeo o Principe, que fe queria metter Monge; e concedendo lhe o Czar feis mezes para deliberar, partio com o intento de vêr a França, onde podia achar ainda mais inftrucções.

Reprehensões, e pareceres do Pai.

Chegado que feja á Copenhague, fabe que feu filho fó fe vifita com os defcontentes, e ordena-lhe que venha ter com elle. Finge Aleixo obedecer, e refugia-fe na Corte de Vienna, em 1717; mas em virtude de certas ordens terriveis, acompanhadas de promeffas de perdaõ, fe determina a voltar para Ruffia. Chega a Mofcou (1718), e Pedro que já lá eftava, manda o prender, desherda-o folemnemente, e declara por feu Succeffor hum filho de Catherina, nafcido havia pouco tempo. Naõ fatisfeito com efte acto de feveridade, quer que Aleixo feja juridicamente inquirido, e or-

Fugida de Aleixo.

Seu processo em 1718.

ordena-lhe que naõ occulte coufa alguma fob pena de mórte. He Aleixo inquirido a refpeito dos feus proprios penfamentos, dos feus occultos defejos; daõ vários tratos ao feu confeffor, acufado pelo mefmo Aleixo de naõ ter defapprovado, que elle defejaffe a mórte de feu Pai. Eftes procedimentos davaõ indicios de refoluções terriveis.

Confiffaõ do accufado.

A ultima confiffaõ affignada pelo joven Principe, declara: " que elle fora „ hum hypocrita na fua mocidade; que „ frequentára os Clerigos, e os Monges, „ bebera com elles, e recebera delles as „ impresfões, que lhe caufáraõ horror ás „ fuas obrigações, e á propria peffoa de „ feu Pai; que elle queria confeguir a „ Succeffaõ *por qualquer modo que foffe*, „ *excepto pelo modo legitimo*. „

Decizaõ a refpeito do poder abfoluto do Czar.

Com tudo oito Bifpos, e outros Membros do Cléro, confultados pelo Czar fobre efte ponto, diziaõ n'hum efcrito affignado pelo feu proprio punho: " O po„ der abfoluto, eftabelecido no Imperio „ da Ruffia, naõ he fujeito ao parecer „ dos vaffallos; mas fim o Soberano tem „ toda a authoridade nelle. „

Condemnaçaõ do Principe Aleixo.

Finalmente cento e quarenta e quatro Juizes, reconhecendo tambem que a fentença fobre hum negocio defta natureza fó pertencia de direito á vontade abfolu-

ta

ta do Soberano, condemnáraõ unanimemente o Principe Aleixo á mórte. Hum Author Inglez efcreveo que no Parlamento de Inglaterra, de cento e quarenta e quatro Juizes, nem hum fó teria pronunciado a menor pena em femelhante cafo. A razaõ he porque o defpotifmo, e a liberdade olhaõ para tudo com olhos inteiramente differentes. O Czar, confórme Voltaire, podia mandar matar feu filho culpado de defobediencia, fem cónfultar peffoa alguma; e o Czarowitz era culpado para com toda a Naçaõ de a querer fepultar novamente nas trevas, de que feu Pai a tinha tirado. Por ventura efte mefmo proceffo naõ he huma próva fufficiente de que ainda os Ruffos eftavaõ nas trévas?

Ouvindo Aleixo a Leitura da fua fentença entrou n'huma convulfaõ, e morreo no dia feguinte, depois de ter pedido públicamente perdaõ. Os rumores injuriofos, que fe efpalháraõ a refpeito da fua mórte, efpecialmente contra a Czarina, faõ refutados pelo famofo Efcritor, que nos deo todas as individuações defta hiftoria. Pedro, e Catherina perdêraõ no feguinte anno (1719) o filho, para quem o Throno eftava deftinado. Sua mórte violenta.

Parece fer certo que a intençaõ do Czar era que fua efpofa reinaffe por fua mórte. Mandou-a coroar, e fagrar em 1724; ce- A Czarina expofta aos arrebatamentos de Pedro.

ceremonia desconhecida entre os Russos, e propria para fazer nelles a impressaõ, que antigamente fazia entre os Francezes. Com tudo naõ pode Catherina obter o perdaõ de huma dama, sua valída, convencida de ter recebido presentes, o que era severamente prohibido a toda a pessoa, que tivesse emprego. Enojado o Czar com as suas instancias, encolorisou-se de fórma, que quebrou hum espelho de Veneza. *Vês*, lhe disse o Czar, *que basta huma pancada para reduzir este espelho ao pó, que d'antes era.* Socegou-o Catherina, respondendo com brandura: *Bem está, quebrastes o que era o ornato do vosso palacio; julgais que assim fica sendo mais vistoso?* Catherina porém obteve sómente que a dama, em lugar de onze açoutes de Knout, levasse cinco. O Knout he huma especie de flagellaçaõ sanguinolenta.

O Knout.

Mórte do Czar.

Morreo Pedro em 1724, de idade de cincoenta e tres annos, sem ter nomeado herdeiro, e podia a Coroa passar, ou a sua filha, Anna Petrowna, casada com o Duque de Holstein, a quem Pedro intentava restabelecer; ou a Pedro, seu neto, filho do infeliz Aleixo, cuja mórte, e exclusaõ de herança temos visto. O Principe Mentzikow, apaixonado sempre pela Imperatriz, prevenio os partidos contrarios, segurou-se do Thesoiro, e das guar-

guardas, e adquirio o beneplacito dos Biſpos. Convocáraõ-ſe promptamente os Senadores, e os Officiaes Generaes: e tendo hum Prelado declarado que o Czar, na veſpera da coroaçaõ de Catherina, tinha dito que queria fazella reinar, foi Catherina aclamada no meſmo dia, e niſto eſteve a felicidade do Imperio.

Succede-lhe Catherina.

Tornemos aos eſtabelecimentos de Pedro o Grande; porque pouco ſaõ os objectos, que o noſſo ſeculo nos offerece taõ dignos de huma curioſidade raſoavel. Em 1718, ao voltar da ſua viagem de França, onde adquirira mais idéas, he que trabalhou principalmente em aperfeiçoar a refórma. Hum Tribunal de policia, eſtabelecido em Pettersburgo, ampliou a ſua vigilancia a reſpeito das Provincias. Alimpáraõ ſe as Cidades daquelles mendigantes preguiçoſos, que naõ ſaõ menos prejudiciaes, que incómmodos. Deraõ-ſe providencias para a educaçaõ da mocidade, e ſobſiſtencia dos orfãos. Ajuntou-ſe em Pettersburgo, e Moſcou tudo quanto he neceſſario para a limpeza, boa ordem, ſocego, e utilidade pública. As manufacturas, e fabricas chegáraõ a florecer. A uniformidade dos peſos, e medidas facilitou o Commercio. Trabalhou-ſe com igual ſucceſſo, e intelligencia n'hum canal de communicaçaõ do mar Caſpio com o Balti-

Eſtabelecimentos de Pedro o Grande.

Policia, Commercio, &c.

tico pelo rio Wolga. Houve vários Tratados de Commercio, até com a mesma China: já se contavaõ cada anno mais de duzentos navios estrangeiros, que vinhaõ negociar a Petersburgo. Esta Cidade, que em 1702 era huma lagoa inaccessivel, contém hoje em dia quatrocentas mil almas.

Leis, Justiça, Senado.

Naõ podia a Legislaçaõ deixar de merecer a attençaõ de hum Principe taõ attento aos verdadeiros objectos do governo. Publicou Pedro hum Codigo extrahido em parte das Leis da Suecia; anullou hum Tribunal de Boyardos, o qual sentenceava sem appellaçaõ, faltando-lhe a sciencia necessaria; estabeleceo hum Senado, e fez regulamentos, para que a justiça fosse prompta, e pouco dispendiosa; prohibio sob pena de mórte, que nenhum dos Juizes se affastasse da Lei, nem lhe substituisse a sua opiniaõ particular; e ordenou que todo o Boyardo maculado pela justiça perdesse a sua Nobreza, e que todo o soldado, que chegasse a ser Official, seria Nobre. As suas Leis naõ podiaõ ser perfeitas, sem dúvida; mas devem-se considerar como a origem das melhores Leis, que vierem para o futuro.

Refórma ecclesiastica.

A refórma ecclesiastica naõ era menos difficultosa, que importante, n'hum Paiz barbaro, e cheio de superstições. As preven-

venções do Cléro, e dos Monges, suas intrigas, e imperio, que tinhaõ nos animos, punhaõ os maiores obstaculos ás mudanças, cuja necessidade era bem notoria ao Czar. Tinha Pedro supprimido o Patriarcado, a fim de tirar a este Corpo hum Chéfe poderosissimo, que a Religiaõ mal entendida constituia perigoso. Hum Arcebispo de Nowogorod, instruido por meio das viagens, o favoreceo utilissimamente na execuçaõ dos seus intentos. Estabeleceo-se hum Synodo perpetuo composto de doze membros, nomeados pelo Principe; especie de Tribunal, a que se attribuio a jurisdicçaõ do Patriarca. Muitas vezes presidio Pedro a elle, e dirigio sempre as suas ordenações.

Synodo perpetuo.

Como o Estado Monastico, na Igreja Grega, he hum gráo necessario pára o Bispado, restringio-se a prohibiçaõ de tomar o habito de Monge antes da idade de cincoenta annos, e foi permittido tomallo aos trinta. Mas prohibio-se aos soldados, aos lavradores, e a todo aquelle, que estivesse empregado no serviço do Estado, de abraçar este partido sem liçença expressa. O trabalho de mãos he ordenado aos Monges; os quaes teraõ cuidado dos soldados invalidos, e de outros verdadeiros pobres, que se distribuirem pelos conventos. As Religiosas devem tra-

Regulamentos a respeito dos Monges, e das Religiosas.

balhar do meſmo modo em obras uteis, e até a idade de cincoenta annos, em que recebem a tonſura, pódem caſar-ſe, para o que ſaõ exhortadas.

Motivos da reforma Monaſtica.

Os motivos da Ordenaçaõ do Czar a reſpeito da refórma dos Monges ſaõ dignos de obſervaçaõ. Vai Pedro buſcar a inſtituiçaõ da ſua Ordem, e obſerva os ſeus abuſos, introduzidos pela relaxaçaõ. "Os Monges, proſegue o Czar, chegáraõ a ſer o eſcandalo, e o deſpreſo „ das outras religiões, o opprobrio da „ noſſa; e até ſaõ perigoſos para o Eſta„ do, pois que a maior parte ſaõ huns „ preguiçoſos inuteis, attrahidos para os „ clauſtros pelo amor da ocioſidade, da „ qual, como he bem notorio, proce„ dem as ſuperſtições, os ſciſmas, e os „ meſmos tumultos..... Tinhaõ elles na „ ſua aldea os tres encargos de contri„ buir para a ſobſiſtencia da ſua caſa, pa„ ra o Eſtado, e para o Senhor, e des „ que ſaõ Monges, ignoraõ que couſa he „ neceſſidade: a ſua ſobſiſtencia ſempre „ eſtá prompta. Se a caſo trabalhaõ no „ eſtado Monaſtico, trabalhaõ unicamen„ te para ſi meſmos. Mas dizem elles, nós „ oramos. E por ventura naõ oraõ to„ dos? S. Bazilio deſtruio eſta vã deſcul„ pa. Qual he logo a utilidade, que a So„ ciedade tira dos Moſteiros? A iſto ſó

„ ſe

„ se póde responder com hum antigo „ proverbio: *Nenhuma, nem para Deos, „ nem para os homens*, &c. „ Este fragmento se acha todo por extenso na *Viagem da Siberia.*

Quantos Monges máos naõ deviaõ soblevar-se á vista de semelhantes sentimentos! Os seus libellos contra o Czar já o tinhaõ determinado, em 1703, a prohibir-lhes tinta, e papel. O Archimandrita, ou Abbade era responsavel por todos aquelles, a quem permittia o seu uso. Este regulamento sobsistio.

Nem tinta, nem papel se consente aos Monges.

Naõ pode Pèdro dissipar a ignorancia, nem apurar os costumes grosseiros do Cléro Russo; porém glorificava-se de o ter obrigado á obediencia, e á paz, ao mesmo tempo que Luiz XIV., dizia o mesmo Pedro, se tinha deixado sobjugar pelo Cléro de França. Enfreou a perseguiçaõ, armada contra a Seita de Razholniki, a unica conhecida na Russia, cuja heresia consistia em naõ dizer mais que duas vezes *alleluia*, e em fazer o Signal da Cruz sómente com tres dedos. Os Seitarios vivem pacificos entre si, sem communicaçaõ com os outros. Quando se vêm perseguidos, he tal o seu fanatismo, que chegaõ a deitar fogo a huma casa, onde se ajuntaõ, julgando se felices de morrer entre as chammas pelo amor de Jesu Christo.

Seita perseguida na Russia.

Certifica-ſe que nenhum deſtes fanaticos quizera mudar de opiniaõ, e que mais de cem mil familias ſe refugiáraõ entre os Tartaros, a fim de livrar-ſe da tyrannia dos perſeguidores. Os rigores principiáraõ novamente depois da mórte de Pedro o Grande.

Deſpotiſmo contrario á felicidade dos Ruſſos.

A Obra de Voltaire a reſpeito da Ruſſia póde fazer com que qualquer, á primeira viſta, julgue que eſta Naçaõ he hoje em dia muito mais feliz, do que naõ era antes do Reinado do Czar. Mas correſponde a verdade por ventura com as apparencias? Petersburgo, e Moſcou, offerecem ſem dúvida hum ſingular contraſte com os antigos coſtumes. Neſtas Cidades ſe vê naſcerem os fructos do Commercio, das artes, e das luzes; achaõ-ſe nellas os agrados de huma ſociedade, em que as mulheres, mais attendidas, e reſpeitadas, do que em todo o Imperio, inſpiraõ aos homens mais brandura, e civilidade. Com tudo, ſe eſtivermos pelo que diz o Abbade Chappe, da Academia das Sciencias, Author da *Viagem da Siberia em* 1761, o ferreo Sceptro do deſpotiſmo tudo deſtróe. Eſte Sceptro, nas mãos do Czar, era hum inſtrumento neceſſario para a execuçaõ dos ſeus intentos; e hum obſtaculo tambem invencivel para os progreſſos da ſua refórma, pois que hum Povo eſcravo ſempre he hum Povo embrutecido.

Por

Por huma parte, a Nobreza se abate, e geme sob hum jugo terrivel. O capricho do Soberano póde despojar a Nobreza, sujeitalla a infames supplicios; e o desterro da Siberia, pena taõ commum para os Nobres, nos pareceria peior do que a mórte. Daqui procede hum terror, e huma desconfiança tal, que perguntados os Russos, diz o Abbade Chappe, a respeito daquellas mesmas cousas indifferentes para o governo, respondem: *Deos o sabe, e a Imperatriz.* (Tom. I. 237.)

A Nobreza abatida, e escrava.

Por outra parte, o Povo escravo da Nobreza, pertencendo-lhe do mesmo modo que os gados pertencem a seu senhor, tratado com effeito como vís animaes, vive affogado n'hum despreso, n'huma indolencia, n'huma horrorosa miseria. Este Povo, quasi sem costumes, nem fé, arrasta os ferros da superstiçaõ: com tanto que venere, e honre as suas imagens, e observe rigorosamente a Quaresma, naõ sabe o que sejaõ remorsos, dando-se aos crimes. Se conserva a barba comprida, e a manta, a pezar das antigas ordenações do despotico, facilmente se julga que a sua mudança naõ he grande a outros respeitos.

O Povo escravo, e embrutecido.

Os banhos abaffadiços, que o Povo toma duas vezes na semana para transpirar,

Banhos singulares.

rar, acompanhados com aſperas, e crueis flagellações, depois do que todos vaõ rolar-ſe pela neve; eſtes banhos, digo, ſaõ hum remedio indiſpenſavel para os humores cauſados por huma vida ſedentaria, que paſſaõ em cabanas defumadas.

Cauſas da deſpovoaçaõ.

Porém as enfermidades venereas, para as quaes ſenaõ applicaõ remedios, os deſordenados vicios de toda a eſpecie, e eſpecialmente o vicio dos violentos licôres, deſtróem aquelles temperamentos de bronze, e augmentaõ a deſpovoaçaõ daquelle vaſto Imperio.

O engenho muito comprimido neſte Imperio.

Geralmente fallando naõ apparecem entre os Ruſſos engenhos grandes. Nehum ſe tem feito célebre nas Sciencias. Os Ruſſos ſaõ huns méros imitadores nas artes, e quaſi tudo devem aos Eſtrangeiros. Se o Governo todavia deixaſſe ás almas maior força, ſe as inſtruções naõ pozeſſem em perigo todos aquelles, que as quizeſſem adquirir, ſe a educaçaõ foſſe melhor, e mais facil, e ſe hum ſentimento de liberdade excitaſſe huma nobre ambiçaõ, neſte caſo ver-ſe-hiaõ talvez admiraveis mudanças. A Imperatriz reinante, Catherina II., trabalhá em apperfeiçoar a obra de Pedro, apenas delineada em muitos pontos eſſenciaes. Eſte grande homem naõ merece por iſſo menos gloria, naõ ſó por ter tentado o que outro qualquer

en-

engenho menor teria ſupoſto impoſſivel, mas tambem por ter conſeguido muitas vezes, e preparado os ſucceſſos dos Principes, que ſe moſtrarem dignos de o ſubſtituir.

Forças da Ruſſia.

A Ruſſia tem taõ grande força hoje em dia nos negocios da Europa, onde faz tanta figura, que importa ter alguma noçaõ das ſuas forças, e meios. Confórme o Abbade Chappe, cujas indagações neſte genero confirmaõ ordinariamente o teſtemunho de Voltaire, as rendas do Eſtado importaõ em treze milhões e quatrocentos mil rubles (vinte ſeis milhões e oitocentos mil cruzados, valendo cada ruble dous cruzados da noſſa moeda). A marinha em 1756, ſe reduzia a vinte duas náos de linha, ſeis fragatas, e nove galéras. O Eſtado militar he compoſto de trezentos e trinta mil homens, e com tudo naõ faz mais gaſto de ſeis milhões e quatrocentos mil rubles em tempo de paz; a razaõ he porque as Provincias para onde ſe mandaõ as trópas, fornecem os fructos para a ſua ſobſiſtencia, e o ſoldo, que ſe dá em dinheiro, he muito diminuto. Huma grande parte deſtas trópas, chamadas o exercito *do governo*, ſendo deſtinada para a guarda das fronteiras, o exercito do campo he compoſto ſómente de quaſi ſeſſenta mil homens effectivos,

Erarios.

Marinha.

Eſtado militar.

que

Os Ruſſos taxados de cobardia.

que ſaõ perfeitamente diſciplinados. Os Ruſſos porém tem huma grande averſaõ para o militar. O Academico viajante os deſcreve (quem o poderá crer?) faltos de valor, e pouco para temer, excepto em defeza, quando naõ tem lugar para fugir; neſte caſo, dizem, he neceſſario matallos a fim de ganhar o campo da batalha. A populaçaõ avaliada por Voltaire em vinte e quatro milhões de almas, reduz eſte viajante a menos de deſanove, e pretende que em vez de augmentar, diminue cada vez mais. O Commercio, que ſe faz por terra, he pouco conſideravel: o do mar he util por ſer a exportaçaõ mais conſideravel, do que a importaçaõ. Era neceſſario que elles o fizeſſem per ſi meſmo, e com liberdade,

Populaçaõ.

Commercio.

Avaliaçaõ do poder da Ruſſia.

Conclue o Abbade Chappe que o poder da Ruſſia deve calcular-ſe, naõ em razaõ da extenſaõ dos ſeus Eſtados, mas na razaõ inverſa á meſma extenſaõ; que a Ruſſia naõ póde mandar hum exercito para fóra do Imperio, ſem que as ſuas meſmas victorias lhe ſejaõ funeſtas; e que deveria ella pôr os habitadores do Nórte da Siberia nos deſertos da parte meridional: o unico inconveniente para temer, ſeria que os Tartaros naõ apprendeſſem dos Ruſſos a arte militar. Confeſſo que eſtas idéas em parte me parecem

con-

contradictorias aos fucceffos da guerra contra os Turcos. Quaes esforços conftantemente fuftentados! quaes victorias! quaes recurfos! Naõ julguemos precipitadamente. As confequencias de huma guerra brilhante faõ algumas vezes deploraveis.

Se o Throno de Pedro, o Grande, foi fubftituido por tres mulheres, e fe adquirio hum novo efplendor, a pezar das revoluções do Palacio, he huma coufa efta muito fingular. Catharina I. morreo em 1727. Pedro II., filho do infeliz Aleixo, reinou até 1730. Anna, Duqueza de Curlandia, viuva, filha do irmaõ primogenito de Pedro I., fuccedeo-lhe por huma intriga de Corte, e Biren, ou Biron, valído defta Princeza, governou tyrannicamente. Por mórte de Anna em 1740, foi reconhecido Joaõ III., filho de fua fobrinha a Princeza de Brunfwick. A Mãi do novo Imperador apoderou fe da regencia, mas Leftoc, Cirurgiaõ eftrangeiro, confpirou a favor de Ifabel, filha de Pedro, o Grande, e confeguio os feus intentos. Joaõ, e a Regente foraõ prefos para fempre em 1741. Todos fabem que Ifabel fe diftinguio pela fua clemencia, promettendo que ninguem feria caftigado com pena de mórte no feu Reinado, e fubftituindo a efta pena, raras vezes util, os traba-

Revoluções do Palacio.

Pedro II.

Anna.

Joaõ III.

Ifabel.

balhos públicos, os quaes pódem ſupprir utilmente á meſma mórte. Foi grande o deſaforo, que reinou no Imperio: e todavia eſte Reinado ſe diſtinguio pelas conquiſtas, que ſe fizeraõ ao Rei da Pruſſia, durante a guerra de 1756.

Pedro III. Morreo Iſabel em 1762, e ſuccedeo-lhe tranquillamente Pedro, Duque de Holſtein, ſeu ſobrinho, declarado Graõ-Duque da Ruſſia. Poſto que elle tiveſſe ao principio conciliado os corações da Nobreza, por meio de huma admiravel Ordenaçaõ, que lhe concedia a liberdade, conſtituio-ſe em breve tempo deſpreſivel, e odioſo pelo ſeu procedimento. O Cléro, principalmente, cujos bens queria unir á Coroa, aborrecia-o como hum inimigo da Igreja. Huma revoluçaõ repentina collocou no Throno a Princeza de Anhalt-Zerbſt, ſua eſpoſa, com a qual já elle naõ vivia.

Catharina II. Eſta he a Imperatriz Catharina II., cujas luzes, e talentos exaltaõ a gloria da Ruſſia até ao mais alto gráo. O Codigo annunciado por Catharina, ſe fôr bem executado, pode-a collocar na primeira ordem dos Legisladores.

Idéa deſta Corte até o actual Reinado. As revoluções deſta Corte até o preſente foraõ ſemelhantes ás do Serralho de Conſtantinopla. A razaõ he manifeſta. Quanto mais deſpotico he o Soberano, tanto mais dominaõ nos Palacios a intriga, e a vio-

violencia. Quasi todos aquelles que fizeraõ a primeira figura na Russia, hum Mentzikou, hum Biren, hum Munich, hum Osterman, hum Lestoc, &c. foraõ successivamente precipitados do mais alto gráo da fortuna para o abysmo da miseria.



NE-

NEGOCIOS GERAES DA EUROPA.

Des da mórte de Luiz XIV., até o Tratado de Aquiſgran em 1748.

CAPITULO I.

Guerra do Imperador com os Turcos. --- Emprezas do Cardeal Alberoni. --- Regencia do Duque de Orleans.

Os Turcos naõ ſe aproveitáraõ das guerras, q̃ aſſolavaõ a Europa.

SE os Turcos naõ ſe tiveſſem deſanimado tanto com as ultimas victorias dos Imperiáes, ou ſe tiveſſem tido huma politica mais perſpicaz, a guerra do Nórte, e a do Meio-Dia da Europa, ateadas no principio do preſente ſeculo, teriaõ ſido para elles a occaſiaõ de recuperar todas as ſuas perdas. Ao meſmo tempo que o Imperador Carlos VI. exhauria as ſuas forças contra a França, eſtiveraõ os Turcos tranquillos, e em deſcanço. Naõ atacáraõ os Ruſſos, ſenaõ depois do desbarato de Carlos XII. em Pultawa. Elles fizeraõ a paz com o Czar, no meſmo inſtante em que parecia in-

infallivel deſtruillo. Eſperáraõ pela pacificaçaõ de Utreque, e Raſtadt, para tomar a Morêa aos Venezianos, cuja poſſe aſſegurava á Veneza a paz de Carlowitz. Tomaõ os Turcos a Morêa.

Tomou entaõ armas o Imperador, ou como fiador do Tratado de Carlowitz, ou como inimigo natural do Turco, e ſahio triunfante. Tendo o Principe Eugenio paſſado o Danubio, desbaratou em Peterwaradin o Graõ-Viſir de Achmet III. em 1716. A mórte deſte Viſir procedeo das feridas, que recebêra. Foi tomada a Praça de Temeſwar, a unica da Hungria, que eſtava ainda no poder dos Ottomanos. No anno ſeguinte tomou Eugenio Belgrado, depois de ter ſido inveſtido no ſeu campo, e eſcapado ao maior perigo por meio de ſegunda victoria. Concluio a paz em Paſſarowitz no anno de 1718. O direito ſenhoril de Temeſwar, Bèlgrado, e o Reino de Servia augmentáraõ a Potencia Auſtriaca; mas a Morêa naõ ſe entregou aos Venezianos. Cãpanhas do Principe Eugenio contra elles. Paz de Paſſarowitz.

Já o Cardeal Alberoni, primeiro Miniſtro de Heſpanha, formava as ſuas attrevidas emprezas. Como foſſe hum Varaõ aſſaz grande para reſtabelecer a boa ordem na admniſtraçaõ, nos erarios, e no militar, e para animar de algum modo o Eſtado; em vez de limitar-ſe a huma lida taõ util, quiz tranſtornar a Europa, e pre- Projectos do Cardeal Alberoni.

precipitou-se a si mesmo. Desthronisar o Rei de Inglaterra a favor do pretendente, filho de Jacques II., tirar ao Imperador o que o Tratado de Utreque lhe concedia em Italia; fazer passar para Filippe V. a Regencia de França, que Filippe, Duque de Orleans exercia sem limites, tendo o Parlamento de París anullado o testamento de Luiz XIV., que a limitava: taes foraõ os intentos de Alberoni. Se o feliz successo os tivesse coroado, mereceria elle a reputaçaõ de hum Ximenes, ou de hum Richelieu. Temos tratado das suas infructuosas negociações com o Baraõ de Gortz, Ministro do Rei de Suecia. Jorge I., Rei de Inglaterra, ficou seguro com o descobrimento do conloio. Examinemos os acontecimentos, que se seguíraõ.

Sua indústria, a fim de obter o chapeo de Cardeal.

Naõ he inutil observar primeiro como a ambiçaõ pessoal de hum Ministro dirige os negocios de Estado. Para obter o chapeo de Cardeal, tinha Alberoni occultado com todo o cuidado os seus projectos a respeito da Italia; mandando esquadras contra os Turcos; os quaes a ameaçavaõ antes da paz de Passarowitz; e entregando ao Nuncio do Papa os papeis da Nunciatura, que se conservavaõ debaixo de chave. Assim que Clemente XI., victima dos seus artificios, exaltou Alberoni ao Cardinalato, logo os Hespanhoes conquistá-

tárão a Sardenha em 1717, e se dispozérão para invadir a Sicilia.

Os interesses do Duque de Orleans naõ se uniaõ com as idéas do Ministerio Hespanhol; pois que a renunciaçaõ de Filippe V. o constituia herdeiro presumptivo do novo Rei Luiz XV., seu pupillo. Tinha se alliado com o Rei de Inglaterra, e com Hollanda, para manter o Tratado de Utreque. Entrando o Imperador em breve tempo nesta Liga, a quadruplicada alliança destruio todo o systema de Alberoni. Debalde se conspiravaõ em França como em Inglaterra. O Embaixador de Hespanha, a Duqueza de Maine, o Cardeal Polignac, e outros muitos davaõ traças por tirar ao Regente o seu lugar. Huma mulher prostituida, astuta, e sagaz apanhou os papeis a hum joven Abbade Hespanhol, Secretario da Embaixada. Descobrindo-se por este meio a conspiraçaõ, foi o Principe de Cellamare, Embaixador, preso com o Secretario. O fructo das suas intrigas foi huma declaraçaõ de guerra; e a França armou contra o neto de Luiz XIV., a quem tinha estabelecido, arruinando-se a si propria, no Throno de Carlos V.

Quadruplicada alliança contra Hespanha.

Conspiraçaõ contra o Duque de Orleans.

Por felicidade durou a guerra pouco tempo. Antes que ella se declarasse, assenhoreados já os Hespanhoes de huma grande parte da Sicilia, tinhaõ perdido huma

Guerra por pouco tempo.

ma batalha naval contra o Almirante Inglez Byng, que lhes tomou vinte tres náos. (1718.) No anno ſeguinte, ficaõ vencidos pelos Imperiaes naquella meſma Ilha; a fróta, que elles deſtinavaõ para hum deſembarque em Inglaterra, eſpalha-ſe com os ventos; os Inglezes deſtróem o porto de Vigo; os Francezes capitaneados pelo Marechal de Berwick, cujo filho ſervia em Heſpanha, tomaõ várias Praças, queimaõ alguns armazens, e dezaſeis náos de guerra, que ultimamente ſe tinhaõ conſtruido.

Alberoni ſacrificado.

Sacrifica entaõ Filippe V., naturalmente puſillanime, o Cardeal Alberoni, deſpede o, e cuida ſó em livrar-ſe de cuidados.

1720 Paz entre França, e Heſpanha.

Trata-ſe da paz: concorre Filippe para a quadruplicada alliança: evacuaõ-ſe a Sicilia, e a Sardenha: o Duque de Saboya cede a primeira ao Imperador em troca da ſegunda, e deſte modo acabou huma guerra de dous annos.

Diſputas dignas de obſervaçaõ em Sicilia com o Papa.

Por ventura crer-ſe-hia que des do anno de 1711, havia em Sicilia, grandes diſputas com o Papa, motivadas por huns poucos de grãos? Eſtes grãos pertenciaõ ao Biſpo de Lipari, e vendiaõ-ſe por ſua conta. Os Magiſtrados, ignorando que eſte fructo pertencia ao Biſpo, impozeraõ certos direitos, que a Igreja nunca pagava. Debalde ſe deſculpáraõ elles depois diſſo

reſ-

restituindo o dinheiro, e pedindo perdaõ. Vendo-se excommungados sem misericordia, apelláraõ da excommunhaõ para o Tribunal da *Monarquia*, estabelecido, como temos visto, no tempo dos Principes Normandos, e corroborado por huma Concordata entre Pio V., e Filippe II. Nelle foraõ absolvidos provisoriamente, segundo se praticava. Tendo o Bispo de Lipari avocado a causa para Roma, Clemente XI. declarou nulla esta absolviçaõ; posto que o Juiz fosse hum Ecclesiastico, que exercia em nome do Rei os poderes attribuidos ao Legado. Outros dous Bispos receberaõ, e publicáraõ o Decreto do Papa, e Filippe V., que reinava entaõ em Sicilia, quiz refrear huma empreza contraria aos direitos da sua Coroa. Resistiraõ-lhe os Bispos, e elle os desterrou como rebeldes.

Excommunga entaõ Clemente XI. o Juiz da *Monarquia*, e toma fogo a contenda a pezar dos pacificos procedimentos de Filippe. Huma Bulla ordena que tudo, quanto emanar da Santa Sé seja executado sem a licença do Monarca (o *exequatur regium*), isto he, contra as Leis do Estado. Todos os mais privilegios saõ abolidos, naõ exceptuando os direitos incontestaveis da sociedade civil. A isto só se oppõe huma apellaçaõ para o Papa me-

Procedimentos violentos de Clemente XI.

lhor informado, huma prohibiçaõ para naõ se execútar esta Bulla, e outros Decretos semelhantes. Quando o Rei de Sardenha tomou posse da Sicilia, depois do Tratado de Utreque, continuáraõ as disputas. Como póde a Corte de Roma lisonjear-se em o nosso seculo, naõ digo de dar novo vigor ás suas antigas pretenções, mas de tirar ás Coroas o que ella mesma reconheceo antigamente pertencer-lhes? Bem acertado foi desistir de hum intento taõ imprudente, e muito he naõ ter elle feito mais prejuizo ao Pontificado.

Negocios Ecclesiasticos em França.

Pouco cuidava o Duque de Orleans em materias Theologicas, nem considerava, senaõ como homem de Estado, o que Luiz XIV. tinha visto pelos olhos de seu confessor. O seu proceder ao principio foi inteiramente opposto ao deste Monarca. Tellier foi desterrado, em premio das suas perseguições. O pio Cardeal de Noailhes, Arcebispo de Pariz, que d'antes se vira exposto ao odio do Jesuita, veio a ser Presidente de hum novo Conselho de consciencia. A Bulla, que se erigio em Lei do Reino, passou repentinamente pelos mais violentos attaques. Infinitos Bispos, dos mesmos que a tinhaõ recebido, requereraõ ao Papa, para que elle mesmo désse as explicações proprias para dissipar as inquie-

quietações. Quatro Prelados, e depois o Cardeal de Noailhes, a Sorbonna, a Universidade, os Curas de Pariz, e innumeraveis Communidades, apelláraõ da Bulla para o futuro Concilio, cuja época está provavelmente muito remota. Toda a França retinia com os clamores pro, ou contra a Bulla de Clemente XI. Os Theologos se desfaziaõ em argumentos, e invectivas, e faziaõ a questaõ cada vez mais escura. O Papa, condemnando os transgressores, augmentava o incendio; e o Regente, que tinha grande capacidade, naõ sabia qual partido devia abraçar.

Opposições á Bulla *Unigenitus.*

Porém o systema do erario, do qual brevemente trataremos, levou toda a attençaõ do público. Pela riqueza se despresava a Bulla, quando novos interesses determináraõ a Corte a abraçar novos projectos.

Intrigas do Padre Daubenton em Hespanha.

O Duque de Orléans, nos Tratados de paz com Hespanha, pedia que sua filha casasse com o Principe das Asturias, e que se désse a Infante ao novo Rei de França, Luiz XV. Para conseguir este intento, necessitou do Padre Daubenton, confessor de Filippe V., cujo credito era tanto mais consideravel, quanto mais devoto era este Monarca. Naõ perdeo o Jesuita a occasiaõ de servir a sua sociedade, e aò Papa. Persuadio tudo quanto quiz ao seu penitente;

o Regente obteve tudo, com condiçaõ de mandar acceitar a Bulla, e favorecer novamente os Jesuitas; dous objectos, que deviaõ ser inseparaveis.

Ajuste a respeito da Bulla.

Com effeito, fez-se hum ajuste, no qual se expoz a doutrina de modo que se conciliassem ambos os partidos, quanto fosse possivel. Este ajuste foi assignado por vários Bispos: o que faltava era registar hum decreto, por meio do qual se ordenasse a acceitaçaõ da Bulla, e se condemnassem as apellações. O Parlamento, desterrado em Pontoesa por causa do systema de Law, era inflexivel nas conjuncturas actuaes. Dirigiraõ-se ao Conselho Superior, no qual se encontrou a mesma opposiçaõ. O Regente foi a elle em pessoa, acompanhado dos Principes, e dos Pares, e Marechaes de França, &c. (1720.), e mandou registrar a sua Lei, que o Parlamento registrou depois com as modificações ordinarias. O célebre Dubois, Arcebispo de Cambray, foi o principal motor desta causa, posto que nenhum homem parecesse menos digno de governár huma simples Igreja. A purpura Romana, com a qual o condecoráraõ, naõ encobrio as maculas da sua reputaçaõ; mas se elle tivesse conseguido aniquilar, ou extirpar as disputas, muito teria merecido á Pátria.

Assento no registro.

Ao

Ao meſmo tempo que ſe maltratavaõ huns aos outros por cauſa de algumas propoſições de Queſnel, e da Bulla, que as condemnava, naõ ſendo o ſentido da Bulla, aſſim como o das propoſições, jámais o meſmo para ambos os partidos, todo o Reino eſtava agitado de huma demencia mais perigoſa. Joaõ Law, Eſcoſſez fugitivo, tinha imaginado pagar com papeis as enormes dividas do Eſtado. O Duque de Orleans, amador das novidades, e impaciente por livrar-ſe deſtas dividas, approvou o ſeu ſyſtema. Huma companhia de Commercio tinha de embolçar, ſobre os lucros ſuppoſtos que faria na America, e outras partes, os dous milhares que Luiz XIV. ficou devendo por ſua mórte. O exito correſpondeo no principio ás eſperanças de Law. A ſua companhia tomou a ſi todos os arrendamentos geraes em 1718, e foi taõ grande o ſeu credito, que as acções augmentáraõ prodigioſamente em valor. Viaõ ſe as rapidas fortunas, que naſciaõ de ſemelhante companhia. Huma cobiça inſaciavel, e céga ſe deſpojava de dinheiro, para enriquecer-ſe com papeis; os quaes ſe multiplicáraõ por maneira, que ſe acháraõ em bilhetes por mais de oitenta vezes todas as eſpecies, que circulavaõ. Eſte era o meio para os deſacreditar em breve tempo,

Syſtema de Law.

Grandes ſucceſſos, aos quaes ſe ſeguíraõ as maiores infelicidades.

po, e arruinar os cabedaes n'hum instante.

Ruina dos cabedaes.

Assim que principiou a desconfiança, ficando o banco real exhaurido pelas quantias, que se sacavaõ sobre elle, e naõ podendo já pagar áquelles, que pretendiaõ affiançar os seus bilhetes, todo o crédito se dissipou: o dinheiro occultou-se, e os bilhetes se tornáraõ n'hum vaõ papel. Infinitas familias cahíraõ entaõ na indigencia. Huma lei injusta, por meio da qual era prohibido ter cada qual em sua casa mais de quinhentas libras, (oitenta mil réis) servio sómente de irritar mais a Naçaõ. Todos víraõ o author de tantas infelicidades, depois de chegar a ser Ministro dos erarios, e Vedor da Fazenda Real, insultar com as suas riquezas a miseria pública: todos víraõ o Parlamento desterrado, por ter-se opposto a huns projectos taõ funestos. Mas no mesmo anno de 1720, vio-se Law obrigado a fugir, levando apenas com que viver, e deixando hum nome, o qual será sempre aborrecido.

Liquidaçaõ das dividas.

Os rendeiros tinhaõ sido embolsados com bilhetes; e nem por isso estava mèlhor o Estado. Como era possivel satisfazer como cumpria a infinitas pessoas, a quem aquelles bilhetes reaes davaõ direito para reclamar os bens, que tinhaõ perdido? Os senhores Pâris, quatro irmãos laborio-

sos,

ſos, e zeloſos, dirigíraõ eſta vaſta operaçaõ do erario, quaſi impoſſivel. Quinhentos e onze mil crédores trouxéraõ os ſeus bilhetes a hum Tribunal creado para reſtabelecer a boa ordem nos cabedaes. Liquidáraõ-ſe as dividas em mais de mil e ſeiscentos milhões em dinheiro. Deſte modo ſopportou ainda o Eſtado hum grande pezo, e os particulares foraõ mediocremente indemniſados das ſuas perdas. Igual flagello a eſte, procedido do meſmo principio, aſſolou ao meſmo tempo a Inglaterra, e Hollanda.

Corrupçaõ procedida dos ſyſtemas de erario.

Deſtes funeſtos ſyſtemas procedêraõ infelicidades peiores, do que a ruina de muitos milhares de cabedaes. O dinheiro chegou a ſer huma divindade, á qual ſe ſacrificáraõ naõ ſó os principios, mas tambem as obrigações. As riquezas ſubitamente augmentadas, quando o crédito ſobſiſtia, inſpiráraõ todas as loucuras do luxo, e todos os exceſſos da depravaçaõ. Os coſtumes, a Religiaõ, que em parte os defende, recebêraõ mortaes chagas, que o tempo naõ póde curar. Se os apologiſtas do luxo provaõ que o luxo he neceſſario n'huma Monarquia opulenta (Leis excellentes, ſem dúvida, provariaõ melhor o contrario), devem convir ao menos que o luxo he ſemelhante a huma peſte annexa a certos climas. Apenas o ſabio, no

ſeio

ſeio da mediocridade, ſeu aſylo, ſe preſervará do bafo empeſtado dos demais.

Houve mais perfeito conhecimento do commercio.

Confórme Voltaire, o ſyſtema illuminou os entendimentos para o Commercio, do meſmo modo que as guerras civís aguçaõ os animos. Eſte todo o bem, que ſe póde dizer de ſemelhante ſyſtema. E ainda haverá quem ache os verdadeiros principios do Commercio naquella companhia das Indias, a qual pareceo taõ florecente depois do ſyſtema, e cujos falſos ſucceſſos, e emprezas mal entendidas, ſe encaminháraõ para huma fatal ruina?

Mórte do Cardeal Dubois, e do Regente.

A fortuna do Cardeal Dubois, filho de hum boticario do Limoſin, foi taõ extraordinaria, e mais ſólida do que a fortuna de Law. Chegou Dubois a ſer o primeiro Miniſtro do Regente, cujas paixões tinha liſonjeado muito, e que fazia delle hum ridiculo conceito. Depois da mórte de Dubois, o meſmo Duque de Orleans tomou o titulo de primeiro Miniſtro, porque o Rei já era maior. Pouco tempo depois morreo (1723), e ſuccedeo-lhe no Miniſterio o Duque de Bourbon-Condé,

O Cardeal Fleuri.

que em breve tempo foi ſubſtituido pelo Cardeal de Fleuri, de idade de ſeſſenta e tres annos, eſtabelecido na Corte como Meſtre do Rei, amavel, docil, pacifico, amante da economia, e da boa ordem; tal em fim como devia ſer hum Miniſtro

tro n'humas circunſtancias, em que havia maior neceſſidade de alivio, que de eſplendor.

CAPITULO II.

Abdicação de dous Reis, Filippe V., e Victor Amadeo. --- Guerra de 1734 contra o Imperador. --- Tratado de Vienna. --- Inglaterra deſavinda com Heſpanha.

A PAZ, de que gozava a Europa, depois do tratado de Utreque até 1734, perturbada ſómente por hum breve rompimento entre França, e Heſpanha, e por outra muito mais breve entre Heſpanha, e Inglaterra; eſta paz taõ util ás Nações, pouca materia dá para a hiſtoria. Quaõ felices naõ ſeriamos, ſe houveſſe muitas vezes deſtes intervallos em os noſſos Annaes! *Paz dilatada.*

Dous Reis, que abdicaõ a Coroa, foraõ hum eſpectaculo mais intereſſante, do que os triunfos de huma ambiçaõ ſanguinaria. Determinou-ſe Filippe V. a renunciar a Coroa, por enfermo, devoto, e melancolico. Por pouco capaz de governar per ſi meſmo, e governado ſempre *Abdicaçaõ de Filippe V.*

por

por outro, desonerou-se de hum pezo, entregando o Sceptro a Luiz, seu filho primogenito, Principe moço, e de grandes esperanças. (1724.) Morreo Luiz no mesmo anno, de bexigas, e Filippe vio-se obrigado pelas grandes instancias, que lhe faziaõ, a subir novamente ao Throno. Escusou-se disso por algum tempo, allegando o voto, que tinha feito, de perseverar na sua abdicaçaõ. Declaráraõ os Theologos ser nullo o voto; mas o Rei cedeo sómente ao seu Confessor. Convocou as *Cortes*, para ser reconhecido por Principe das Asturias, isto he, por herdeiro da Coroa, o Infante D. Fernando. O poder antigo destas Juntas Nacionaes estava por outra parte aniquilado; e o Monarca tudo podia, se soubesse reinar.

Filippe V. outra vez no Throno.

Cortes.

Vio-se ainda hum estrangeiro intrigante, o Baraõ de Ripperda, Hollandez, encarregado do governo Hespanhol. Tinha elle vindo estabelecer, e dirigir várias manufacturas, e occupado no seu negocio, concebeo projectos mais vastos: emprehendeo pôr fim ás mutuas contendas das Cortes de Madrid, e Viena. Depois de ter obtido commissaõ para este negocio, foi tratar occultamente com o Principe Eugenio, e concluio hum Tratado, por meio do qual renunciava o Imperador por fim a Hespanha, e as Indias, do mesmo modo que

Fortuna de Ripperda.

Tratado que elle concluio em Viena.

ue Filippe ao restante da successaõ de Carlos II. (1725.) Creado Ripperda, quando voltou, Duque, e Grande de Hespanha, teve todo o valimento, e exerceo toda a authoridade. A Guerra, a Marinha, e os Erarios passáraõ para as suas mãos. O seu engenho, muito diminuto para tal administraçaõ, succumbio logo a ella; de maneira, que descahido da graça, e preso, fugio da prizaõ para Marrocos, onde morreo na miseria, e desprezo.

Sua desgraça.

A abdicaçaõ do Duque de Saboya, Rei de Sardenha, foi nos effeitos muito diversa da abdicaçaõ de Filippe V. Esse famoso Victor Amadeo, cuja politica ambiciosa tinha enganado a França, e a Hespanha para ampliar os seus Estados, entregou em 1730 a Coroa a seu filho, Carlos Manoel III. A devoçaõ, que o obrigou á renuncia, naõ prevenio o seu arrependimento. Logo no seguinte anno quiz mudar tudo. A sua concubina, depois de chegar a ser sua mulher, irritava sem dúvida a sede de mandar, taõ difficultosa de extinguir-se, quando o costume tem feito della huma especie de necessidade. Formava Victor Amadeo intrigas a favor seu. Temiaõ-se as suas consequencias para o Estado; e o Conselho julgou necessaria para as sepultar a prisaõ do antigo Rei. A sabedoria, a prudencia, e as virtudes

Renuncia Victor Amadeo, e arrepende-se.

de

de Carlos Manoel fizeraõ a melhor apologia deste procedimento: hum raro exemplo de governo offerece o seu Reinado.

Investidura de Parma, e Placencia, e da Toscana, para D. Carlos.

No centro da paz geral, diversos interesses politicos movêraõ os gabinetes da Europa. Isabel Farneze, Rainha de Hespanha, que governava o seu esposo, em nada se interessava tanto, como em estabelecer seu filho D. Carlos em Italia. Pretendia-se fazer-lhe certa a successaõ de Parma, e Placencia, do mesmo modo que a de Toscana; Estados, cujos Soberanos ainda viviaõ. Consideravaõ os Papas, havia muito tempo, os dous primeiros Ducados, como feudos da Igreja, porque a Igreja, muito tempo havia, que delles se tinha apossado. Porém os Imperadores reclamavaõ sempre os antigos direitos do Imperio; pois naõ ha dúvida que Parma, e Placencia dependiaõ antigamente da Coroa de Lombardia. Carlos VI. em 1722 passou hum Auto de investidura para D. Carlos, exigindo que fosse á Vienna dar juramento de fidelidade. A Corte de Madrid naõ quiz a investidura com semelhante condiçaõ, e em 1724 concedeo-a o Imperador qual a desejavaõ, ainda para a Toscana: esta investidura se estendia a todos os filhos do mesmo matrimonio de Filippe V., e sua posteridade masculina.

Pos-

Posto que a Toscana naõ se reconhecesse feudo do Imperio, estas investiduras podiaõ servir para facilitar a acquisiçaõ. Conforme Desormeaux, o Papa Innocencio XIII. naõ se descuidou em 1723 de conceder a investidura de Parma, e de Placencia, a fim de conservar os seus direitos a respeito destes Ducados. Se a recebêraõ, o que ignoro, eraõ muitas estas cautelas de todas as partes.

Discordia entre as Cortes de Vienna, e de Madrid.

Muitos eraõ os interesses, que as Cortes de Vienna, e Madrid tinhaõ de discutir, para que a boa intelligencia entre ellas fosse permanente. A segunda, unida em 1729 com Portugal, França, Inglaterra, e Hollanda, naõ respeitou mais a primeira. Fez descahir huma companhia de Commercio, que o Imperador se tinha empenhado para estabelecer em Ostende; e tendo-lhe os alliados affiançado os Estados, que ella pretendia ter em Italia, confiou-se nas investiduras; de maneira que por mórte de Antonio Farneze, ultimo Duque de Parma, apparece D. Carlos com hum Exercito respeitavel, faz-se reconhecer em Florença por herdeiro do Graõ-Duque, e se estabelece em Parma, na esperança da outra successaõ. Carlos VI. lhe abandona humas pretenções, que elle naõ póde defender.

D. Carlos estabelecido em Italia.

Des-

Toma o Governo Hespanhol alento.

Deste modo, a pezar do caracter froxo do Rei de Hespanha, Isabel Farneze dava vigor ao governo. A Naçaõ, antigamente entorpecida debaixo do dominio Austriaco, adquiria cada vez mais actividade, e vigor, bem que muito remota ainda daquelle ponto, a que podia chegar. Restaurou-se Oraõ, que os Mouros tinhaõ tomado durante a guerra de 1701. Os seus esforços para recuperar esta importante Praça, e a de Ceuta, servíraõ sómente de occasionar-lhes novas perdas.

Estanisláo eleito segunda vez Rei de Polonia.

Donde menos se esperava, sobreveio huma tempestade, que ateou o fogo da guerra na Europa. Morre em 1733 Augusto II., Rei de Polonia, o mesmo que Carlos XII. privára do Throno, e Pedro o Grande restabelecêra a elle, e Estanisláo, seu antigo competidor, he novamente eleito com toda a solemnidade. O Imperador Carlos VI. manda fazer segunda eleiçaõ a favor do Eleitor de Saxonia, filho do morto, casado com huma de suas sobrinhas. Arma entaõ a Russia a favor deste Principe, e déz mil Russos, bem disciplinados, abatem o valor dos seguidores de Estanisláo, dessa nobreza guerreira, sem disciplina, que he o ludibrio dos acontecimentos por causa de huma excessiva liberdade. Augusto III. triunfa do mesmo modo que seu Pai, e Estanis-

O Imperador, e a Russia cõtribuem para a nomeaçaõ de Augusto III.

Sitio de Dantzick.

láo

láo he ſitiado na Cidade de Dantzick. Por meio de huma fortuna taõ ſingular, como todas as demais aventuras, tinha elle chegado a ſer ſogro do Rei de França, e conſeguintemente naõ podia deixar de eſperar ſoccorros deſta parte. O Cardeal Fleuri mandou ſómente mil e quinhentos homens. Succumbio Dantzick: o Rei de Polonia fugio, disfarſado em trajo de marinheiro, por entre mil perigos, e o General Ruſſo tinha promettido premios a quem lhe trouxeſſe a ſua cabeça: barbaridade, que a Czarina Anna reparou muito bem, tratando os priſioneiros com a mais nobre generoſidade.

Declara França guerra ao Imperador.

Por muito amante que foſſe da paz o Miniſtro de Luiz XV., a honra do Rei, e do Eſtado o punha, ſegundo a opiniaõ pública, na preciſaõ de declarar guerra. Soube Fleuri fazella util; o que he raro. Naõ podendo eſte atacar os Ruſſos, voltou as forças da França contra o Imperador, e a alliança feita com os Reis de Heſpanha, e Sardenha, e a neutralidade de Inglaterra, e Hollanda, promettêraõ a felicidade dos ſucceſſos: taõ diſſipados tinha a moderaçaõ do Miniſterio Francez os antigos temores, que Luiz XIV. inſpirava! tanto vale mais merecer a confiança, inſpirando o reſpeito, do que eſpalhar o terror!

Em

Campanhas decisivas de Italia.

Em dous annos de guerra (1734 e 1735) vio-se o Imperador reduzido á ultima extremidade. As campanhas de Italia foraõ brilhantes, e decisivas. O Marechal de Villars, com oitenta e dous annos de idade, morreo em meio dellas no leito da honra, depois de ter tomado Milaõ. O Marechal de Coigni, que lhe succedeo, desbaratou os Imperiaes debaixo dos muros de Parma, onde morreo o Conde de Merci, seu General: Coigni ganhou segunda batalha em Guastalla. O Conde de Montemar, Hespanhol, vencedor em Bitonto, conquistou òs Reinos de Napoles, e Sicilia. Foi lhe dado o titulo de Duque de Bitonto, monumento precioso da sua victoria. Em Alemanha, o Marechal de Berwick foi morto no sitio de Filipsburgo; mas nem por isso deixou esta Praça de ser tomada.

Tomada de Filipsburgo.

1736 Tratado de Viena.

Despojado, e opprimido por todas as partes o Imperador, valeo-se da mediaçaõ das Potencias maritimas. Como o Ministro de França desejava sincéramente a paz, concluio-se esta sem medianeiro. Hespanha obteve nella para D. Carlos o Reino das duas Sicilias, em troca dos Ducados de Parma, e Placencia, e da Toscana. O Rei de Sardenha ficou com Tortona, Novarra, e Langhes. Este Rei esperava ficar de posse de todo o Estado de Mi-

D. Carlos Rei das duas Sicilias.

Milaõ, que a Corte de Turim nunca já mais perdeo de vista. Estanisláo renunciou segunda vez a Polonia, conservando o titulo, e as prerogativas de Rei. Abandonáraõ-lhe Barrois, e a Lorena, para se unirem por sua mórte á Coroa de França. O Duque de Lorena devia ter a Toscana em troca; e Luiz XV. fazia-lhe certo hum rendimento de tres milhões e quinhentas mil livras até a mórte do Graõ-Duque, Joaõ Gastaõ, ultimo Principe da Casa de Medicis. Era esta a segunda vez que se dispunha da Toscana, em vida deste Soberano. Estranha politica, praticada depois dos Tratados de divisaõ a respeito da Successaõ de Hespanha. Perguntava Joaõ Gastaõ com galantaria, *se acaso naõ lhe dariaõ ainda terceiro herdeiro, e qual filho lhe queriaõ dar o Imperio, e a França.* Morreo Joaõ Gastaõ no seguinte anno.

Dispõe-se da Toscana, em vida do Graõ-Duque.

Finalmente affiançou França pelo Tratado de Viena a Pragmatica-Sançaõ de Carlos VI. a respeito da Successaõ da Casa de Austria: ponto taõ melindroso, que executando-se os preliminares em 1736, o Tratado foi assignado em 1738. Esta Pragmatica, publicada havia doze annos, naõ tinha outro fim, senaõ o de fazer indivisivel a Successaõ Austriaca, no caso de naõ haver herdeiro varaõ, como brevemente succedeo. Muitos eraõ os Principes,

Pragmatica-Sançaõ de Carlos VI, affiançada pela França.

que, naõ tendo a Casa de Austria filhos varões, tinhaõ direitos, e pretenções. Carlos VI., sem os consultar, nem tratar com elles, quer que huma Lei particular naõ só os prenda a todos, mas que os obrigue a sacrificar seus interesses. He este outro phenomeno da politica moderna, bem digno de observaçaõ. Entremos a vêr a Europa abrasada por causa desta grande Successaõ.

Ateou-se no em tanto entre Hespanha, e Inglaterra huma guerra maritima, por huma causa da mais pouca entidade: o que próva muito melhor que nos proprios seculos da filosofia se governaõ as Nações muito pouco pelos principios do direito natural. Digamos alguma cousa da origem destas desavenças, procedidas de huma pessima idéa de Commercio.

Qual tinha sido o governo de Jorge I., Rei de Inglaterra.

Tinha Jorge I. falecido em 1727, de nenhum modo amado dos Inglezes, por usurpar a sua liberdade. Sendo arbitro do Parlamento, extrahia delle os maiores sobsidios, naõ para os interesses do Reino, mas para o do seu Eleitorado. Quasi no fim do seu Reinado, abandonáraõ-lhe o proprio emprego dos sobsidios; os Communs sacrificáraõ esta inspecçaõ sobre os erarios, a qual julgavaõ antecedentemente taõ necessaria para limitar o poder da Coroa. N'huma palavra, exprimentáraõ-se

ſe muito mais, do que no governo de Guilherme, dous perigoſos inconvenientes; o primeiro de ter hum Soberano Eſtrangeiro, cujos intereſſes politicos podiaõ ſer muito differentes do intereſſe nacional; e o ſegundo da corrupçaõ, que cauſava á Corte tanta influencia nos actos parlamentarios.

Todavia ſempre a paixaõ da liberdade fermentava até chegar a clamar contra huma ordem paſſada para edificar Lazaretos, e pôr hum cordaõ, a fim de aguardar o Reino da peſte introduzida na Provença. Odioſas eraõ eſtas práticas, diziaõ alguns, imitadas do governo *arbitrario* de França, e contrarias á liberdade Ingleza. Idéa de grande liberdade.

A Jorge I. ſuccedeo ſeu filho, Jorge II., a quem o meſmo Jorge I. tinha apartado do governo; mas a Naçaõ o julgou mais digno, do que elle, de reinar. O Cavalleiro Roberto Walpole, Miniſtro illuſtrado, e pacifico, conhecia do meſmo modo que o Cardeal Fleuri, quanto ſe devia deſejar a paz n'huma occaſiaõ, em que todos os Póvos eſtavaõ exhauridos por cauſa da guerra de 1701; motivo porque Inglaterra naõ ſe metteo com a guerra, que França declarou ao Imperador. O ſyſtema deſte Miniſtro naõ foi ſeguido por cauſa do genio ambicioſo da Naçaõ. Jorge II. Walpole, Miniſtro pacifico.

Ambiçaõ dos Inglezes, ſuas diſputas cõ os Heſpanhoes.

Ter certo, e ſeguro o imperio do mar, ampliar hum Commercio já immenſo, e arruinar, ou enfraquecer o Commercio das outras Potencias maritimas, he ò que os Inglezes pareciaõ intentar depois dos ſeus progreſſos na America. O governo Heſpanhol, depois de ſahir do longo lethargo, em que jazia, queixou-ſe, mas debalde, do contrabando que os Inglezes faziaõ em Heſpanha, com deſprezo dos ſeus direitos. Para atalhar o ſeu curſo, multiplicou as guardas cóſtas, e foraõ tomados alguns navios. Talvez que ſe excedeſſe algumas vezes aos limites da moderaçaõ, e juſtiça: inconveniente quaſi inevitavel em ſemelhantes circunſtancias. Seja qual fôr o motivo, ateáraõ-ſe as contendas. A que tinha principiado por cauſa de hum navio, alargou-ſe a outros objectos. Diſputou-ſe a reſpeito dos limites da Florida, e da Carolina. Os Inglezes clamáraõ furioſos, e comettêraõ hoſtilidades; de maneira que o governo naõ pode reſiſtir a eſte eſpirito de delirio, de que o Povo ſe arrebatava. Tinha-ſe ultimamente concluido hum Tratado com Heſpanha, por meio do qual ſe obrigava Filippe V. a pagar noventa e cinco mil livras eſterlinas á Inglaterra, para reparar o damno das perdas, de que eſta ſe queixava com maõ armada. Com tudo os clamores do Povo foraõ cada vez

Tratado que os Inglezes naõ reſpeitaõ.

a

mais: continuáraõ as hostilidades; e como esta era a razaõ, porque Filippe V. naõ pagava a quantia promettida, aproveitáraõ se deste pretexto para declarar-lhe guerra em 1739. O Almirante Vernon depois de tomar, e arrazar Porto-Bello, procedeo arrebatadamente no sitio de Carthagena.

Quanto mais se examina a natureza do Commercio, que deveria unir as Nações, e que só florece á sombra da paz, tanto menos se concebe o delirio daquellas guerras de Commercio, ateadas por hum cégo interesse. Qual he a utilidade, que póde igualar ás despezas, que estas guerras trazem comsigo, e ás perdas que ellas causaõ? He logo necessario que os Estados sejaõ as victimas da cubiça dos Commerciantes? Por ventura será necessario que a Europa se arruine, e despovoe, por alguns desertos da America, cuja cultura deve ser taõ vagarosa, e os fructos taõ incertos? Que hajaõ contendas de negocio, nenhuma admiraçaõ deve causar; mas que em vez de as terminar amigavelmente, façaõ as Potencias de semelhantes contendas huns objectos de guerra, he o que será difficultoso conciliar com os principios da razaõ, humanidade, e verdadeira politica.

Reflexões a respeito das guerras de Cõmercio.

De-

Carlos VI. apertado pelos Turcos.

Debalde forcejou a Corte de França por precaver hum rompimento taõ funesto. Melhor exito teve ella na sua mediaçaõ a favor de Carlos VI. apertado pelos Turcos. A Russia, como fica dito, tinha mandado marchar trópas para Polonia, a fim de estabelecer nella a Augusto III., e a Corte de Constantinopla, considerando este procedimento como transgressaõ dos Tratados, permittio aos Tartaros que tomassem armas. Brevemente houve huma guerra declarada, em que se vio mettido o Imperador, alliado da Russia. Ao mesmo tempo que os Russos alcançavaõ victorias, Carlos VI. perdeo as suas Conquistas. Belgrado foi sitiada, e o Imperador vio-se ameaçado de huma invasaõ. Naõ estando este em estado de rechassar os inimigos; approveitou-se da mediaçaõ, que a França offerecia, e celebrou-se a paz no campo dos Turcos. Cederaõ-lhes Belgrado, a Servia, e a Valaquia Austriaca. (1739.) Hum mez depois se concluio o Tratado da Russia, que se tinha assenhoreado de Azow. Deixáraõ-lhe esta Praça, mas com as fortificaçóes demolidas, e sem a liberdade de ter náos no mar Negro. O Sultaõ obrigou-se a dar a esta Potencia o titulo de Imperador, titulo muito mais superior entre os Turcos, do que o de Rei. Ainda reinava a Czari-

Cede o Imperador aos Turcos Belgrado, &c.

Azow cedida aos Russos.

na

na Anna: o destino singular dos Russos era que a gloria do seu Imperio, estabelecida por hum grande homem, se augmentasse rapidamente no governo de mulheres.

CAPITULO III.

Mórte do Imperador Corlos VI. --- Direitos á sua Successaõ. --- O Rei de Prussia dá o signal da guerra. --- Toma França partido contra a Rainha de Hungria.

MORRE Carlos VI. em 1740, sem herdeiro varaõ: successo semelhante á mórte de Carlos II., Rei de Hespanha, e a que se devem seguir sanguinolentas consequencias. Deste modo se extinguio a Casa de Austria; huma Casa, cuja grandeza chega até Rodolfo de Habsburgo, Imperador em 1223; huma Casa, augmentada prodigiosamente por meio de casamentos, especialmente pelo de Maximiliano I. com a herdeira de Borgonha, de Filippe com a herdeira de Hespanha, de Fernando I. com a herdeira de Hungria, e de Bohemia; huma Casa estabelecida no Throno Imperial, havia mais de trezentos annos; governando a Alemanha, já com a

1740 Mórte de Carlos VI.

Como se tinha augmentado a sua casa.

a altiveza de hum deſpotiſmo affectado; já com a induſtria da politica; huma Caſa, cujo poder como que devia abſorver tudo, ou pelo menos dar Leis a toda a Europa, ſe o Cardeal de Richelieu naõ tiveſſe reinado em França no tempo de Luiz XIII.

Os ultimos Imperadores tinhaõ armado o Imperio a favor dos ſeus intereſſes.

Podemos haver como huma eſpecie de phenomeno ter a Caſa de Auſtria, depois do ſeu abatimento, ſabido diſpôr das forças do Imperio por intereſſes muito eſtranhos ao meſmo Imperio. Effeito foi iſto de huma prudencia ſingular em reger a opiniaõ. Sem embargo de o termos já obſervado, bom he que novamente digamos: que o terror do nome Francez obrou mais, do que a authoridade do Imperador. A Corte de Viena affectava temer continuamente huma Potencia enorme, ambicioſa, e prompta para deſtruir os outros Eſtados. Eſta meſma Corte inſpirando falſos temores, procurava ſoccorros, e moſtrando fraqueza, obtinha forças. Eſte o fructo das guerras de Luiz XIV.

Direito público de Alemanha, no Reinado de Carlos VI.

De mais diſſo os Alemães foraõ ſempre muito zeloſos da liberdade do Corpo Germanico, firmada pela paz de Weſtphalia. A Capitulaçaõ de Carlos VI., entre outros muitos artigos, declara: 1. Que nada emprenderá em prejuiſo das tres Religiões. 2. Que naõ mandará marchar as

ſuas

ſuas trópas pelo territorio dos Eſtados ſem o ſeu conſentimento. 3. Que conſervará a juriſdiçaõ da Camera Imperial, e naõ permittirá que os ſeus Miniſtros particulares ſe embaracem com o Conſelho Aulico. 4. Que naõ arrogará a ſi a Succeſſaõ daquelles, cujos bens forem confiſcados pela ſentença de deſterro. 5. Que ſem o conſentimento dos Eſtados, convocados em Dieta, naõ mudará nada ás Leis; naõ fará guerra, nem allianças, nem paz do Imperio; naõ exigirá contribuiçaõ alguma; nem fará regulamentos relativos ao Commercio, ou á moeda. 6. Que naõ porá Eſtado algum feudatario do Imperio, ſenaõ com a approvaçaõ de todos. 7. Que naõ fará oppreſſaõ alguma aos Eſtados nas ſuas deliberações, nem lhes preſcreverá as materias, que elles devem tratar com preferencia, &c. (*Veja-ſe* Pfeffel.) Tal he ainda o direito público de Alemanha, unico Paiz do mundo, onde a boa ordem tenha podido eſtabelecer-ſe em o regimen feudal.

A quem deve pertencer a ſua ſucceſſaõ.

Em virtude da Pragmatica-Sançaõ de Carlos VI., toda a herança da ſua caſa devia paſſar a Maria Thereza, ſua filha primogenita, eſpoſa de Franciſco de Lorena, Graõ-Duque de Toſcana. Os Reinos de Hungria, e de Bohemia, a Silezia, a Suevia Auſtriaca, ou Auſtria anterior, ambas

as

as Auſtrias ſuperior, e inferior, a Eſtiria, a Carinthia, a Carniola, as quatro Cidades Foreſtieras, o Búrgau, o Briſgao, os Paizes Baixos, o Friul, o Tirol, o Milanez, os Ducados de Parma, e Placencia, formavaõ eſta grande ſucceſſaõ. Quaſi todas as Potencias tinhaõ affiançado a Pragmatica. Porém o Principe Eugenio, que fallecêra em 1736, dizia judicioſamente que *eſta Pragmatica melhor ſeria affiançada por hum exercito de cem mil homens, do que por cem mil Tratados.* Com effeito, como ſe podia evitar a guerra, ao meſmo tempo que a ambiçaõ de muitos Principes tinha titulos, que defender?

Pretēções de vários Principes.

Carlos Alberto, Eleitor de Baviera, pretendia a ſucceſſaõ de Bohemia, em virtude do teſtamento de Fernando I.; e Auguſto III., Rei de Polonia, Eleitor de Saxonia, pretendia tudo, por cauſa dos direitos de ſua mulher, filha primogenita do Imperador Joſé, primogenito de Carlos VI. O Rei de Heſpanha tinha pretenções ſemelhantes por cauſa da filha de Maximiliano II., eſpoſa de Filippe II., da qual o meſmo Rei de Heſpanha deſcendia por parte materna. O Rei de Sardenha tinha tambem as ſuas pretenções. O Rei de França podia tambem pretender a ſucceſſaõ, como deſcendente, por parte da mulher de Luiz XIII., e da de Luiz XIV.,

do

do ramo primogenito de Auſtria. Porém o Rei de França, tanto por prudencia como por moderaçaõ, naõ penſava em engrandecer-ſe.

Direitos na Europa, muito incertos.

Depois que o regimen feudal eſpalhou as trévas, e a incerteza pela ordem das ſucceſsões dos Eſtados, acha-ſe a Europa continuamente expoſta a revoluções ſanguinolentas por cauſa deſta cruel incerteza. A quem deve pertencer hum Povo? He eſte muitas vezes hum ponto de litigio, o mais eſpinhoſo de todos; de litigio, que principiando-ſe com a penna, ſó ſe decide com as armas. Séria por ventura impoſſivel, nos ſeculos de humanidade, e de razaõ, que os Soberanos cortaſſem de concerto a raiz deſtas infelicidades?

Maria Thereza amada pelos Hungaros.

Tudo ſe moſtrou tranquillo, e ſocegado ao principio. Tendo Maria Thereſa, Princeza virtuoſa, prudente, e affavel, todas aquellas qualidades, que imprimem o amor, e reſpeito, tomou poſſe da grande herança, que ſeu Pai lhe tinha deixado, e ninguem ſe oppoz a iſſo. Deo aos Hungaros o antigo juramento, por meio do qual, no caſo de ſerem violados os ſeus privilegios, lhes he permittido *defender-ſe, ſem ſerem tratados de rebeldes.* Eſte procedimento a fez adorar por hum Povo, que os ſeus antepaſſados continuamente acháraõ rebelde, por motivo de o porem

na

na precisaõ de defender os seus privilegios.

Frederico III., Rei da Prussia.

O Rei da Prussia, Frederico III., de idade de vinte oito annos, Principe até entaõ pouco conhecido, foi o primeiro, e o unico, que principiou huma guerra, que devia em breve tempo abrazar a Europa, e seu Avô, condecorado com o titulo de Rei pelo Imperador Leopoldo, o sustentára só como soberbo dissipador. Seu Pai, que era muito differente, tinha povoado a Prussia, attrahindo os Estrangeiros, e fazendo florecer a agricultura; disciplinado hum exercito numeroso, ajuntado por meio da economia hum thesouro immenso, e preparado de algum modo os materiaes da grandeza de hum filho, que elle todavia tratou com crueldade. Este filho tinha-se formado entre as desgraças; escóla admiravel para os Soberanos. Além dos superiores talentos, de que era dotado, tinha Frederico III. o gosto da leitura, e reflexaõ; e sendo politico, guerreiro, poderoso, inimigo do luxo, tendo oitenta milhões nos seus cofres, e hum exercito de mais de cem mil homens, de que naõ era capaz, se se entregasse á ambiçaõ dos heróes, taõ difficultosa de vencer-se em semelhantes circunstancias?

Suas forças, e seus talentos.

Arma Frederico III. repentina-

Pouco havia que Frederico fora exaltado ao Throno. O motivo, que teve para

ra a guerra, foraõ várias pretenções ſobre alguns Ducados da Silezia. Hum mez depois da mórte do Imperador, entra neſta rica Provincia, á frente de trinta mil homens, atacando a Rainha de Hungria, e offerecendo-lhe juntamente defendella, em premio da Silezia inferior, que elle pedia. Por huma parte, acceitando Maria Thereſa a propoſiçaõ, teria moſtrado huma fraqueza, que naõ podia deixar de attrahir novos inimigos. Por outra, o Rei de Pruſſia antevia muito bem que, ſe os ſeus offerecimentos foſſem rejéitados, lhe grangearia alliados por cauſa do ſeu attrevido procedimento. A ſua poſiçaõ era tanto mais vantajoſa, quanto maior a neceſſidade, que a herdeira de Carlos VI. tinha de dinheiro, e de trópas, ſem embargo dos ſeus vaſtos Eſtados. Eſta valeroſa Princeza preferio defender-ſe. Na batalha de Molwitz ſe vio quaõ tremenda era a diſciplina Pruſſiana. Acomettida, e deſordenada a Cavallaria, pilhada a bagagem do Rei, o meſmo Rei expoſto a ficar priſioneiro, a intrépida conſtancia, e o fogo perpetuo da infantaria reſtabelecêraõ tudo: alcançou Frederico a victoria, preſagio de maiores ſucceſſos. (1741.)

mente, e toma bem as ſuas medidas.

Batalha de Molwitz.

Naõ ſe tinha enganado o Rei de Pruſſia nas ſuas conjecturas. As ſuas conquiſtas convidavaõ outras Potencias a tomar ar-

França, a pezar do Cardeal de Fleuri, entra na guerra.

armas contra a Rainha de Hungria. O Cardeal de Fleuri, taõ alheio da guerra por circunſpecçaõ de velhice, como por moderaçaõ de caracter, de idade de oitenta e cinco annos, pretendia acabar ſem inquietaçaõ huma carreira ſempre feliz; e tendo França affiançado a Pragmatica do Imperador, eſta fiança, poſto que pouco ſólida, ſe foſſe injuſta, a firmava no ſeu ſyſtema de paz. Porém o Conde, depois Marechal Duque de Bella-Ilha, e o Cavalleiro de Bella-Ilha, ſeu irmaõ, ambos de grandes projectos, de genio activo, e attrevido, ao qual uniaõ o talento de perſuadir, conſeguíraõ por meio das ſuas intrigas, e diſcurſos, inſpirar huma reſoluçaõ contraria ás idéas do Miniſtro. Ambos eſtes irmãos julgáraõ que enfraquecer a nova Caſa de Auſtria Lorena, ſeria conſummar a grande obra da politica do célebre Richelieu. Eſte foi o fundamento dos ſeus ſyſtemas.

Os Senhores de Bella Ilha ſaõ a cauſa diſſo.

Formou-ſe por conſeguinte o intento de alcançar para o Eleitor de Baviera a Coroa Imperial, e huma parte dos Eſtados de Carlos VI. Deviaõ-ſe unir com os Reis de Pruſſia, e Polonia, Eleitores de de Brandeburgo, e Saxonia, intereſſados no deſmembramento da Succeſſaõ; e Maria Thereſa devia ſer eſpoliada de vários ramos deſta herança, affiançada pelos Tra-

Projectos, e allianças, contra a Rainha de Hungria.

ta-

tados. O Conde de Bella-Ilha, encarregado da negociaçaõ, correo toda a Alemanha, e tudo regulou. Infallivel parecia o ſucceſſo, e as conjecturas para a execuçaõ eſtavaõ prudentemente combinadas. Porém quantas revoluções naõ lhes podiaõ ſervir de obſtaculo!

CAPITULO IV.

O Eleitor de Baviera, o Imperador com o nome de Carlos VII. --- Seus ſucceſſos, e deſgraças. --- Batalha de Dettingen. --- D. Filippe, e o Principe de Conti em Italia.

O ELEITOR de Baviera, creado por huma patente Tenente-General de Luiz XV., aſſenhorea-ſe logo de Paſſau, e entra pela Auſtria até Lintz. Julga-ſe Viena ameaçada de hum ſitio, que mui difficultoſamente poderia ſuſtentar. Apoderar-ſe da Capital teria ſido huma acçaõ deciſiva. Em vez de tentallo, ou ir no alcance á Rainha, a qual ſe refugiára em Hungria; em vez de approveitar-ſe do momento eſſencial, dá o Eleitor ſobre a Bohemia, impaciente por ſe fazer coroar nella. Praga, huma grande Cidade, foi toma-

1741 Progreſſos do Eleitor de Baviera.

Eleitor de Baviera faz-se coroar Rei de Bohemia, e Imperador.

mada á escala; e o Eleitor, depois da ceremonia da coroaçaõ, parte para Francfórte a fim de receber a Coroa Imperial, e vê-se á frente do Imperio, com o nome de Carlos VII. O Rei de Prussia tinha conquistado a Moravia. Quasi que naõ se póde imaginar situaçaõ alguma mais deploravel, do que a de Maria Theresa.

Sentimentos dos Hungaros para com a sua Rainha.

Porém o mesmo perigo lhe grangeou grandes recursos. O discurso, que ella fez em latim aos Hungaros, abandonando se ao seu zelo, os fez chorar lagrimas copiosas; de maneira que, com a espada na maõ, clamáraõ todos: *Morramos pelo nosso Rei Maria Theresa.* Por nenhuma outra cousa suspiravaõ, senaõ pela defeza desta Princeza, digna na verdade de ser incluida no número dos grandes Reis. Inglaterra, e Hollanda, naõ se attrevendo ainda a declarar-se, posto que tivessem affiançado a Pragmatica de Carlos VI., mandáraõ-lhe soccorros de dinheiro.

Generosidade Ingleza a seu favor.

"Toda a Naçaõ Ingleza se animou a
„ seú favor. Naõ he este Povo daquelles,
„ que esperaõ pela opiniaõ do seu Sobe-
„ rano para a ter..... A Duqueza de Marl-
„ borough convocou as damas principaes
„ de Londres, que se óbrigáraõ a dar
„ cem mil livras esterlinas, e a Duque-
„ za depositou quarenta mil. A Rainha de
„ Hungria teve a grandeza d'alma de naõ

„ re-

„ receber efte dinheiro offerecido pela ge-
„ nerofidade das damas Inglezas, nem
„ quiz mais do que aquelle, que ella ef-
„ perava da Naçaõ junta em Parlamen-
„ to. „ (*Voltaire.*) Eftes os lances de que Inglaterra póde com jufto titulo glorificar-fe.

Erros multiplicados dos feus inimigos.

Os inimigos da Rainha fizeraõ-lhe muito melhores ferviços por caufa dos feus erros. Difconcordando eftes entre fi, e queixando-fe huns dos outros, por confeguinte naõ fe uniaõ. O Marechal de Bella-Ilha, que mettêra a França nefta guerra; em que ella naõ tinha intereffe algum, dirigia mal as fuas operações. Affociáraõ-lhe o Marechal de Broglio, mas fem utilidade, porque a má intelligencia foi fempre lavrando entre os dous Chéfes. Pouco numerofa era a cavallaria. O Principe Carlos, irmaõ do Graõ-Duque, com os feus Panduros, Talpachos, Croatos, e Huzares, cançava, e deftruia as trópas; flagello terrivel para humas trópas difperfas, faceis de forprehender. Finalmente o exercito Francez, e Bavaro ficou quafi reduzido a nada, fem acçaõ confideravel.

Defaftre, fem grande effeito.

Mostra o Cardeal de Fleuri muita fraqueza.

Defta parte tudo ficou perdido por caufa de hum erro do Minifterio. O Cardeal de Fleuri, opprimido da velhice, tanto mais affectado de femelhantes def-

aſtres, pois ſempre tinha ſido feliz, e a guerra ſe fazia a pezar ſeu, offerece a paz, naõ com o animo, e dignidade convenientes, mas como Miniſtro fraco, que ſe queixa do General negociador, cujos conſelhos prevalecêraõ aos ſeus proprios ſentimentos. As ſuas cartas foraõ publicadas; e inſpirando eſtas a maior confiança aos amigos da Rainha de Hungria, deſgoſtáraõ aos alliados da França. Brevemente veremos cahir ſobre eſte Reino o peſo todo da guerra, do meſmo modo que no tempo de Luiz XIV., e da Succeſſaõ de Heſpanha.

Perdas do Imperador, e da França.

Já Praga eſtava evacuada. O Marechal de Bella-Ilha ſó tinha tido a gloria de ſalvar, por meio de huma difficultoſa retirada, quaſi treze mil homens: reliquias de hum grande exercito victorioſo. Do interior de Alemanha, onde ſe faziaõ conquiſtas, era neceſſario retroceder para o Rhin a fim de ſe defenderem alli. O Imperador Carlos VII. naõ podia conſervar a propria Baviera, da qual foi expulſado mais de huma vez: deſpojado do ſeu Eleitorado, errante, e vagabundo, experimentou quaſi a meſma ſórte que ſeu Pai.

Mórte do Cardeal de Fleuri.

Por mórte do Cardeal de Fleuri, que falleceo em Janeiro de 1743, muda a face do governo. O Rei toma conta dos ne-

negocios, e dispõe-se para mandar os exercitos. O seu Ministro tinha desprezado inteiramente a Marinha, por muito que em tudo o mais fosse illustrado, e attento ao bem do Estado; e bem que pacifico, e economico, naõ chegou a estender a mira assaz longe. Porque naõ antevia elle a necessidade, que algum dia haveria de náos, e os perigos, a que todos se veriaõ expostos por falta dellas? Porque naõ se approveitava de huma dilatada paz, para dar ao Reino forças taõ essenciaes, e aguardallo em fim dos perigos da guerra? Approveitar-se haõ os Inglezes deste defeito da politica.

A Marinha desprezada.

Os Inglezes defendiaõ a Rainha de Hungria como auxiliares, assim como França defendia o Imperador, e de ambas as partes chegáraõ os auxiliares a ser a parte principal. Todos os viraõ medir as suas forças na batalha de Dettingen, no Eleitorado de Moguncia. Jorge II. appareceo no exercito com o Duque de Cumberland, seu filho segundo. O Exercito era capitaneado pelo cavalleiro Stair, discipulo do famoso Marlborough. O Marechal de Noailles, na frente do Exercito Francez, tendo cortado a communicaçaõ dos viveres para os inimigos, deixou-os reduzidos á necessidade de fazer huma marcha perigosa, em que os podiaõ facilmen-

1743
Batalha de Dettingen, digna de observaçaõ por suas circunstancias.

te opprimir. Por meio de humas disposi çóes taõ excellentes, tinha o Marechal de Noailles, como certa, huma victoria completa; porém foi muito mal obedecido, e a demasiada precipitaçaõ, defeito tantas vezes funesto para a França, rompeo todas as suas medidas. Hum Tenente General abandona o posto favoravel em que tinha ordem para esperar. Acomettem-se os inimigos antes de os metter na silada; os mesmos Francezes se mettem em hum desfiladeiro; combatte-se com igual confusaõ, e valor; a guarda do Re obra prodigios, e perde sem fructo infinitos Heróes. Finalmente, depois de tres horas de hum terrivel combate, em que o Duque de Cumberland ficou ferido ao lado do Rei seu Pai, e o Marechal de Noailles se retirou. Esta retirada foi a unica próva de ter-se perdido a batalha.

Erros cõmettidos de ambas as partes.

Algumas semanas depois, disse o General Inglez a Voltaire, que o refere "Grande erro comettêrõ os Francezes ,, e nós comettemos dous: o vosso fo ,, de naõ saber esperar; os nossos dou ,, pôr-nos ao principio em hum perigo evi ,, dente de ficar perdidos, e depois de naõ ,, ter sabido approveitar-nos da victoria. (*Voltaire.*) Quantas vezes naõ se experimentou que a vivacidade Franceza, pouco capaz de *saber esperar*, corria para

pre-

recipicio, senaõ a enfreasse huma sevéra
isciplina? Bem se póde dizer das Nações,
mesmo que se diz dos individuos: o
aracter arrasta; a experiencia raras vezes
refrea, e os mesmos erros renovaõ as
nesmas infelicidades.

Naõ podia Italia escapar ao incendio
la guerra. Tendo o Rei de Hespanha, pre-
enções a respeito dos Estados de Milaõ
lepois da mórte do Imperador Carlos VI.,
: tendo de mais disso que reclamar a he-
rança dos Farnezes para os seus filhos do
egundo matrimonio, resolveo fazer de
odos aquelles Estados hum estabelecimen-
o para D. Filippe, irmaõ do Rei de Na-
poles. Os Estados de Milaõ tambem eraõ
para o Rei de Sardenha hum objecto de
pretenções. Este Principe, sem renunciar
a ellas, unio-se com a Rainha de Hun-
gria, porque assim o pedia o seu interes-
se: reservando para si o abraçar outras
idéas, quando assim julgasse convenien-
te. A politica he quem o determinava pa-
ra esta alliança, e tinha a sinceridade de
dizer que a politica a podia romper; cou-
sa que seu Pai naõ teria feito.

Italia, outro Theatro de guerra.

O Rei de Sardenha a favor dos Austriacos.

Des do fim de 1741, o Duque de
Montemar, que vimos vencedor em Bi-
tonto, passou para Italia com algumas
trópas; onde naõ foi feliz, porque o Rei
de Sardenha, unido com os Austriacos,
era

Neutralidades fingidas.

era o mais poderoſo. Couſa bem ſingular he a apparente neutralidade dos outros Soberanos de Italia. Todos ſe declaravaõ neutros por temor, poſto que todos annexos a algum partido, excepto o Papa Benedicto XIV., Pontifice dotado de grande ſabedoria, o qual obrava ſegundo os principios de Pai commum.

Como os Inglezes determináraõ o Rei de Napoles a reſolver-ſe.

Quanto a D. Carlos, Rei de Napoles; os Inglezes o fizeraõ reſolver-ſe. Huma das eſquadras deſtes ameaçou bombear a ſua Capital, ſe elle naõ prometteſſe mandar retirar as ſuas trópas do Exercito de Heſpanha: e ſó ſe concedia huma hora de deliberaçaõ. Naõ eſtando D. Carlos em eſtado de defenſa, vio-ſe obrigado a ſopportar eſte inſulto. Prometteo D. Carlos. Tal he a ſuperioridade, que reſulta do Imperio do mar.

Batalha naval de Toulon.

Dominando as eſquadras Inglezas o Mediterraneo, naõ pode o Infante D. Filippe chegar ao porto de Genova, e voltando todos os ſeus esforços contra a Saboya, aſſenhoreou-ſe della. Eſtava em Toulon huma fróta Heſpanhol, ou para o tranſportar para Italia, ou para lhe dar provimentos, e ſoccorros. O Almirante Inglez, Matheus, a tinha de algum modo cativa no porto, onde depois de haver exercitado por algum tempo os artilheiros, tiveraõ a ouſadia de combater for-

ças

ças ſuperiores. Doze nácos Heſpanhoes, e quatorze Francezas combatêraõ contra quarenta e cinco Inglezas. A victoria ficou indeciza (Fevereiro 1744): o que era o meſmo, que têlla de algum modo alcançado. Mas nem por iſſo deixoú Matheus de conſervar do meſmo modo o Imperio do mar. Para tirallo aos Inglezes, ſeria neceſſaria huma marinha muito antes preparada de longe, e capaz de ſopportar grandes, e dilatados esforços.

Finalmente França, que até entaõ ſó ſervia de auxiliar, declara guerra ao Rei Jorge, e a Maria Thereſa. Tentaõ-ſe maiores emprezas. D. Filippe, a quem o Rei de Sardenha tomára logo a Saboya, he defendido por hum Exercito Francez commandado pelo Principe de Conti. Ambos eſtes Principes paſſaõ o Var, e ſujeitaõ o Condado de Niza. Oppõe-ſe aos ſeus progreſſos várias fortalezas, e terriveis trincheiras nos Alpes, e todavia deſapparecem os obſtaculos á viſta do valor. Conti acomette, e vence o paſſo de Villa Franca, conſiderado como huma das melhores muralhas do Piemonte: chegaõ-ſe para Montalbano, por entre mil perigos, e os Francezes eſcalaõ alto dia humas trincheiras aſſentadas ſobre huma rocha, das quaes ſe apoderaõ, ſem que obſtaſſe a iſſo eſtar o Rei Carlos Manoel por de traz deſ-

1744 D. Filippe, e o Principe de Conti paſſaõ os Alpes.

Villa-Frãca, Montalbano, &c., acomettidas.

deste posto, e animar com sua presença as trópas. Castello-Delfim foi tomado: entraõ até Demonte, no valle de Sture: assenhoreaõ-se desta fortaleza, tremenda assim pela sua situaçaõ, como pelas suas obras. A planicie do Piemonte fica patente, e cercaõ Coni.

Batalha, e sitio de Coni.

Tantos perigos vencidos, tantos successos brilhantes inspiravaõ huma falsa confiança, que se augmentou por meio de huma victoria. O Rei de Sardenha atacou os sitiantes nas suas linhas, e a pezar da sabedoria, e prudencia das suas disposições, perdeo a batalha, e cinco mil homens pouco mais, ou menos. Com tudo os vencedores levantáraõ o sitio de Coni, vencidos elles mesmos pelos rigores da estaçaõ (era no mez de Outubro), pelas innundações, e difficuldades que constituem a guerra de Italia taõ perigosa, quando se tem por inimigo o Senhor dos Alpes: e naõ houve entaõ outro remedio, senaõ passar outra vez os montes.

Outras expedições de Italia.

O Conde de Gages, por sobrenome Campo-Santo, nome de huma batalha indecisa, em que elle se distinguira, commandava o exercito, que tinha no principio o Duque de Montemar. Unido o Conde de Gages com o Duque de Modena, e sustentado depois pelo Rei de Napoles, tomou novamente a mesma su-

pe-

perioridade, que tinha perdido, e o General Lobkovitz cuidou naõ obſtante em fazer priſioneiros em Veletri, aſſim o Rei de Napoles, como o Duque de Modena. Eſta ſorpreza foi em tudo ſemelhante á de Cremona pelo Principe Eugenio; os Auſtriacos foraõ expulſados. Deſte modo havia ſempre em Italia muitas eſperanças. Vejamos o que por outras partes ſe paſſava.

CAPITÚLO V.

Campanhas de Luiz XV. --- Batalha de Fontenoi, e conquiſta de Flandres. --- D. Filippe Senhor de Milaõ, e de várias Provincias.

DEIXAMOS a Rainha de Hungria triunfante em Alemanha, e o Rei de Pruſſia já tinha contractado a paz com ella, aſſegurando-ſe da Silezia pelo Tratado de Breslaw. Livre Maria Thereza de hum inimigo taõ tremendo, proſeguia as ſuas vantagens com fervor. Carlos VII., fugitivo em Francfórte, naõ tinha mais que hum vaõ titulo de Imperador, que ſe lhe diſputava; porque a ſua eleiçaõ ſe tinha declarado nulla em huma Memoria da Rai-

A Rainha de Hungria, triunfante em Alemanha.

Rainha; e esta Princeza pretendia pôr a Coroa Imperial na cabeça de seu esposo. As fronteiras da França para a parte do Rhin estavaõ ameaçadas, e até se convidavaõ as Provincias conquistadas por Luiz XIV. para entrar novamente debaixo do dominio Austriaco.

1744 Primeira campanha de Luiz XV.

Na critica situaçaõ dos negocios, faz Luiz XV. a sua primeira campanha, e acomette os Paizes Baixos. O Conde de Argenson, encarregado da repartiçaõ da guerra, merecia favorecer as idéas do Monarca: dispozeraõ-se os preparos para os successos, e Courtray, Menin, Ipres, Furnes, e Knoque foraõ em pouco tempo conquistadas. O Marechal de Saxonia, irmaõ natural do Rei de Polonia, cobria os sitios com hum Corpo de Exercito; e nada escapava á sua perspicacia, e vigilancia.

Passa Luiz XV. a Metz, a fim de defender as suas Provincias.

Sabe-se porém repentinamente que o Principe Carlos de Lorena passou o Rhin; que está em Alsacia, onde faz progressos; que vários partidos inimigos entráraõ até Lorena, e que Estanisláo, Rei de Polonia partio de Luneville, onde naõ se achava já seguro. Deixa Luiz entaõ o Theatro das suas conquistas, e parte a soccorrer as suas Provincias. Assim que chega a Metz, recebe a noticia da marcha do Rei de Prussia para invadir a Bohemia. Regula-

O Rei de Prussia unido segunda vez com França.

lava-ſe Frederico politicamente pelas conjuncturas, e tinha-ſe alliado novamente contra a Rainha de Hungria, por temer que chegando ella a ſer muito poderoſa, naõ lhe roubaſſe algum dia o fructo das ſuas victorias. Entrou pela Bohemia, acometteo, e ſenhoreou-ſe de Praga dentro em déz dias, e a guarniçaõ de quinze mil homens ficou priſioneira de guerra. Semelhante Heróe parecia invencivel.

Obriga o Principe Carlos os Pruſſianos a evacuar a Bohemia.

O Principe Carlos tinha paſſado novamente o Rhin com grande diligencia, ſem perda alguma, como hum grande General, a quem naõ ha quem ſorpreze. Mas por muito rapida, que foſſe a ſua marcha, a conquiſta dos Pruſſianos foi mais prompta. Naõ podendo elle impedil-la, teve a gloria de reparar a ſua infelicidade, obrigando os inimigos a evacuar a Bohemia, paſſando o Elba á viſta de Frederico, e adiantando-ſe até a Silezia. Naõ ſe via outra couſa, ſenaõ revoluções.

1745
Sitio de Friburgo.

Depois de huma doença mortal, que aſſuſtou toda a França, e a fez gemer, tinha-ſe Luiz XV. ultimamente aſſenhoreado de Friburgo, cujo Governador naõ capitulou, ſenaõ no fim de dous mezes de trincheira aberta. O Imperador Carlos VII. tinha recuperado a Baviera; e receando todavia ainda ſer expulſado de Munich do meſmo modo que o Rei de Pruſ-

ſia

ſia o fora de Praga, ſuccumbio ás enfermidades, e paixões que o conſumiaõ.

Mórte do Imperador Carlos VII.

Morreo, na idade de quarenta e ſete annos, o mais infeliz d'entre os homens, unicamente por ter tido a ambiçaõ de ſe exaltar, e engrandecer, tendo d'antes ſido feliz, e digno de o ſer. (Janeiro 1745.) Seu filho, Maximiliano Joſé, de idade de deſaſete annos, vio-ſe em breve tempo obrigado a deſannexar-ſe da França.

Animoſidade dos Inglezes.

Devia-ſe naturalmente eſperar que por mórte do Imperador Bavaro, eſta guerra acabaria per ſi meſma; mas ella ſe tornava n'huma guerra de paixaõ. Vendo-ſe os Inglezes ameaçados de hum deſembarque a favor do Principe Duarte, filho do pretendente, entregavaõ-ſe ao odio do nome Francez, como no tempo de Luiz XIV. O ſeu dinheiro corria por toda a parte com profuzaõ, e todos os alliados pareciaõ eſtar a ſeu ſoldo. Davaõ quinhentas mil livras eſterlinas á Rainha de Hungria, duzentas mil ao Rei de Sardenha, pagavaõ muito caro ao Rei de Polónia, por elles attrahido para a confederaçaõ, pagavaõ ao Eleitor de Moguncia, e até ao de Colonia, irmaõ de Carlos VII., para que podeſſem levantar trópas em ſeus Eſtados. Hollanda, depois de ter muito tempo duvidado, preparava-ſe tambem pa-

Suas deſpezas para eſta guerra.

para entrar na mesma contenda. Já a herdeira da Casa d'Austria, em vez de naõ querer ceder nada, julgava ter direito para pretender várias compensações. Finalmente a França, desejando sempre a paz, naõ abraçava os bons meios de obtella. Pretendia que os Hespanhoes respeitassem o Rei de Sardenha; e ella mesma respeitava da sua parte os Hollandezes. Os seus moderados procedimentos alimentavaõ a confiança dos inimigos, e avigoravaõ as pretenções que elles tinhaõ. O unico partido, que se devia tomar, era continuar a guerra com vigor, a fim de obrigar os outros a desejar aquella paz, cuja necessidade naõ se ignorava; para o que se tomaraõ conseguintemente as medidas mais efficazes. Moderaçaõ excessiva da França.

Tournay, Cidade principal dos limites Hollandezes, he sitiada. Determinaõ-se os inimigos a huma batalha. O seu Exercito, de cincoenta e cinco mil homens pelo menos, composto de Inglezes, Hanovrianos, Hollandezes, e quasi sem Austriacos, chega-se para Tournay. O Marechal de Saxonia, cuja ultima campanha era a melhor obra da sciencia militar, exhaurido de forças por causa de huma molestia lenta, tinha partido de Pariz, dizendo: *Naõ se trata de viver, mas sim de partir.* O Rei apresenta-se no Exercito Sitio de Tournay. O Marechal de Saxonia.

to juntamente com o Delfim, e na vefpera da acçaõ obfervou que depois da batalha de Poetiers nenhum Rei de França tivera alcançado victoria diftincta contra os Inglezes, ajuntando que elle efperava fer o primeiro. Naõ foi vã a fua efperança.

Batalha de Fontenoi.

A famofa batalha de Fontenoi deo-fe em 11 de Maio de 1745. O Author do feculo de Luiz XIV. a efcreveo pelo menor de huma maneira, taõ digna da fua penna, e taõ intereffante para a Naçaõ, e affim indicarei fómente o effencial. Depois dos Hollandezes terem attacado duas vezes o pofto de Antoin, naõ obráraõ mais nada. Porém a intrepidez dos Inglezes, e Hanovrianos, pozeraõ a França em grande perigo. O Duque de Cumberland, filho de Jorge II., que os mandava, metteo fe n'hum terreno eftreito, foffrendo hum fogo horrorofo, com as fuas trópas

Columna Ingleza.

ferradas em columna firme. Efta columna paffou pouco a pouco por entre obftaculos innumeraveis, e com o feu pefo opprimia os corpos oppoftos. Naõ atacando os Francezes ao mefmo tempo, eraõ rechaffados por toda a parte. Julgou-fe perdida a batalha, e muitas vezes mandou o General fupplicar ao Rei que pozeffe a fua peffoa em feguro. Naõ quiz Luiz abandonar o feu pofto. Imaginou-fe em fim apon-

apontar quatro peças de artilharia contra a columna Ingleza, e mandar que fossem sobre ella a Guarda Real, e outras trópas, ao mesmo tempo que a columna fosse encetada pela artilhária. Este meio decidio a victoria. Os inimigos retiraraõ-se em boa ordem, com perda de nove mil homens. *Bem vedes de que dependem as batalhas*, disse para o Rei o Marechal de Saxonia. Mil exemplos provaõ com effeito que as batalhas dependem ou dos acasos, ou dos instantes.

Poucos dias depois venceo o Rei de Prussia huma batalha em Silezia, e escreveo a Luiz XV., dizendo: *Paguei em Friedbergue a letra de cambio, que sacastes sobre mim em Fontenoi.* Em meio das armas cultivava Frederico o juizo, e a capacidade, que o gosto da Literatura Franceza lhe inspirava. Batalha de Friedbergue ganhada pelo Rei de Prussia.

A moderaçaõ de Luiz era tal, que no mesmo dia da sua victoria mandou escrever ao seu Ministro em Hollanda, que estava prompto para sacrificar as suas conquistas pela pacificaçaõ da Europa. Porém nem Inglaterra, nem a Corte de Viena tinhaõ entaõ sentimentos pacificos. Bem de pressa se colheraõ todos os fructos da victoria. Rendeo-se Tournay: Gante, onde o inimigo tinha os seus armazens, recebeo os Francezes, depois do combate de Mes- Offerece Luiz a paz, mas em vaõ. Conquista da Flandres.

Mesla, célebre por caufa das admiraveis acções de alguns Officiaes. Oudenarde, Bruges, e Dendermonde fizeraõ pouca refiftencia. Finalmente Oftende, que fe tinha defendido contra Spinola de hum fitio de mais de tres annos, foi forçada em quinze dias. Niewport, e Ath ficáraõ rendidas depois da partida de Luiz XV. Todo o Condado de Flandres eftava conquiftado.

D. Filippe, fenhor em Italia.

Naõ foraõ menos rapidos em Italia os fucceffos da campanha de 1745. Tendo Genova feito hum Tratado com Hefpanha, livre era a paffagem, que as trópas tinhaõ. O Exercito Hefpanhol com o de França capitaneados pelo Marechal de Maillebois, e com o de Genova, fe compunha de quafi oitenta mil homens. O Conde de Gages, depois de ter perfeguido os Auftriacos, des do Eftado Ecclefiaftico até Modena, veio unir-fe com efte grande Exercito. O Rei de Sardenha, entrincheirado entre Valença, e Alexandria, foi atacado, e obrigado a retroceder até Cafal; e D. Filippe ficou logo fenhor de Milaõ, Parma, Placencia, Monferrato, dos Eftados de Tortona, &c. Pelo mefmo tempo, o Principe Duarte, que tinha defembarcado em Efcoffia com fete Officiaes, fazia-fe aclamar Regente em Edimburgo. Em outro lugar trataremos

mos desta expediçaõ. Triunfava-se. Brevemente reinará a consternaçaõ.

CAPITULO VI.

Segunda paz do Rei de Prussia com a Rainha de Hungria. --- Eleiçaõ do Imperador Francisco I. --- Os Francezes, e os Hespanhoes expulsados da Italia em 1746.

POSTO que o Rei de Prussia ficasse entaõ victorioso, e o Principe de Conti mandasse hum Exercito Francez da parte de Francfórte, a Rainha de Hungria chegou ao fim, a que aspirára. Francisco de Lorena, seu esposo, foi eleito Imperador em Setembro de 1745. As trópas Austriacas, que defendiaõ Francfórte, facilitáraõ a eleiçaõ, e o Rei de Prussia, e o Eleitor Palatino, cujos Embaixadores se tinhaõ retirado da Dieta Eleitoral, protestáraõ a nullidade; mas a eleiçaõ, por outra parte confórme com as Leis do Imperio, nem por isso teve menos o seu effeito.

Francisco de Lorena, Imperador.

Já o Rei de Prussia, o mais habilidoso de todos os Principes em aproveitar-se do instante favoravel ao interesse da sua Coroa, pretendia fazer huma paz vantajo-

O Rei de Prussia depois de invadir a Saxonia, faz segunda vez a paz.

ſa para ſi. Pedia a mediaçaõ da Ruſſia; mas o invadir a Saxonia foi para elle meio mais breve. Depois de huma batalha vencida contra os Auſtriacos, e Saxonios nas portas de Dreſde, entra neſta Cidade em 18 de Dezembro, e no dia 25 aſſigna hum Tratado com a Imperatriz Rainha, e com o Eleitor de Saxonia, Rei de Polonia. Cedem-lhe tambem a Silezia: e tudo quanto elle concede he reconhecer o Imperador Franciſco I. Com os talentos de General, de Miniſtro, de Negociador, dirigindo os ſeus Exercitos, governando os ſeus erarios, fazendo elle meſmo os ſeus Tratados, ſabendo antever o futuro, e approveitar-ſe do preſente, ſabendo eſperar, ou apreſſar-ſe a tempo, proporcionando ſempre ſuas emprezas ás ſuas forças, e unindo huma profunda politica com o maior valor, tinha Frederico III. muito grande influencia nos negocios da Europa, para deixar de ter infelices conſequencias a perda de ſemelhante alliado. Ao meſmo tempo que elle ſe entregava em Berlin aos cuidados, e eſtudos pacificos, recreações dos ſeus militares trabalhos, tudo mudou de figura em Italia.

Quanta influencia devia ter o Rei de Pruſſia.

1746

Deſaſtres em Italia.

Aſſim que Maria Thereſa deixou de temer o Rei de Pruſſia, mandou novas trópas para Italia. Segundo as ordens da Rainha de Heſpanha, Iſabel Farneze, tei-

mou-

mou-se imprudentemente em ficar nos Estados de Milaõ, a fim de tomar o castello desta Cidade. Tinha o Marechal de Maillebois prognosticado que esta resoluçaõ seria fatal; prognostico que muito se verificou. Por huma parte, dá o Rei de Sardenha subitamente sobre Asti, e faz prisioneiros sete mil Francezes. Por outra parte, o Conde de Brown, General Austriaco, toma Guastala, e Parma. Estas infelicidades se augmentáraõ com a batalha de Placencia, vencida pelo Principe de Lichsteinstein; na qual os Francezes, e os Hespanhoes perdem mais de oito mil homens entre mórtos, e feridos, e quatro mil prisioneiros. Nesta naõ havia outro recurso senaõ o de huma prompta retirada. Fizeraõ-se todas as disposições para ella; de modo que a retirada fosse segunda batalha. O Rei de Sardenha, e os Austriacos atacáraõ fórtemente, perto de Tidon, o Exercito das tres Coroas, pois havia nelle tambem trópas Napolitanas, sem o poder romper: pelo menos retiráraõ se com gloria. No outro dia abrio Placencia as portas.

Batalha de Placencia.

Retirada; e batalha.

Quasi que só restavaõ desaseis mil homens de hum dos maiores Exercitos, que vio a Italia. Chegaõ á Genova: abandonaõ esta Cidade, para ir defender a Provença, e a Saboya. Consternada Genova

Genova sujeita aos Austriacos.

com a chegada dos Auſtriacos, manda quatro Senadores receber as ſuas ordens e ſe ſujeita ás condições mais crueis.

Invazaõ na Provença.

Marchaõ em breve tempo os inimi para Provença, e paſſaõ o Var. O Marechal de Maillebois naõ os podia atalhar porque pretendendo os Heſpanhoes conſervar a Saboya, que ainda poſſuiaõ, tinhaõ-ſe ſeparado delle. Huma parte da Provença eſteve expoſta ao inimigo. Ma o Marechal de Bella-Ilha conſeguio ſuſpender os ſeus progreſſos, até que tendo hum Exercito conſideravel, na entrada do anno de 1747, obrigou-os a retirarſe. A falta de viveres, cauſada pela revoluçaõ recente de Genova, devia neceſſariamente contribuir, para que a ſua empreza naõ tiveſſe effeito algum.

Os Genovezes opprimidos expulſaõ o inimigo.

Foi Genova taxada pelos Auſtriacos em vinte quatro milhões. Já elles tinhaõ recebido deſaſſeis. O banco eſtava exhaurido, e pedia-ſe algum favor; e os Auſtriacos, em vez de abrandar-ſe, exigiraõ mais que ſe pagaſſe para a conſervaçaõ de nove mil homens, que eſtavaõ pelos arrabaldes, e aldeas. A eſtas ordens taõ duras acreſcentavaõ terriveis vexações. Tratavaõ o Povo como eſcravo, e fizeraõ com que elle cobraſſe o valor de deſeſperado. Ao meſmo tempo que o obrigavaõ a trabalhar em tirar do arſenal peças

as de artilharia, sendo hum Genovez maltratado aſpera, e cruelmente por hum Official, enfureceo ſe o Povo, ajuntou-ſe, tomou armas, e em poucos dias ſe fez tremendo aos ſeus oppreſſores, que o deſpreſavaõ. O Marquez de Botta, Milanez, General dos Auſtriacos, em vez de ſuffocar a rebelliaõ por meio das armas, tratava com o Senado. Eſte fingia condemnar o Povo; mas naõ cuidava em armar as trópas contra elle, como ſe pedia. Finalmente em 9 de Dezembro de 1746, tendo-ſe hum Principe Doria poſto na frente daquella valeroſa plebe, acometteo os Auſtriacos, e obrigou-os a fugir.

Procedimento paſmoſo da Corte de Viena.

Naõ he de admirar que o Miniſtro da República na Corte de Viena deſapprovaſſe eſta empreza em nome do Senado; mas ſim que a Corte de Viena exigiſſe, em taes circunſtancias, que ſe pagaſſem ſem demora, além dos oito milhões, que ainda ſe deviaõ, trinta para a reparaçaõ das perdas. Julgava-ſe Viena ſegura da vingança; mas animava de novo a deſeſperaçaõ. França, e Heſpanha mandáraõ ſoccorros aos Genovezes. O Duque de Boufflers, e depois o Marechal de Richelieu, ſalváraõ aquella República expoſta a huma ruina total.

O que tinha produzido a mórte de Filippe V.

Tinha Filippe V. morrido, de idade de ſeſſenta e tres annos; Principe digno, pe-

pelas ſuas beneficas virtudes, do amor dos ſeus vaſſallos. No ſeu reinado principiou Heſpanha a renaſcer, e naõ ceſſou de adquirir forças, e de ſe apperfeiçoar no reinado dos ſeus filhos; porém os males inveterados de qualquer Eſtado ſó ſe curaõ com muito vagar. Subio ao Throno Fernando VI., Infante do primeiro matrimonio, e o Exercito de Italia recebeo eſta noticia, depois da infeliz batalha de Placencia. Foi eſta huma das principaes razões, que determináraõ a retirada; porque o perigo era urgente, e naõ ſe ſabia que ſoccorros devia eſperar D. Filippe do novo Rei, ſeu irmaõ.

As infelicidades procediaõ do Rei de Pruſſia.

Se buſcarmos a primeira origem das infelicidades, acharemos que foi o impreviſto Tratado do Rei de Pruſſia com Maria Thereſa. Os esforços, que teria ſido neceſſario fazer contra elle, os Imperiaes os fizeraõ na Italia. He o intereſſe o que fórma geralmente as allianças, e o meſmo intereſſe as diſſolve. A politica deve calcular até que ponto pódem eſperar-ſe as utilidades dellas, e até que ponto ſe pódem perder.

CA-

CAPITULO VII.

Campanhas de Luiz XV. em 1746, e 1747. --- A dignidade de Stadhouder hereditaria, reſtabelecida em Hollanda. --- Batalha da Aſſieta. --- Expedição do Principe Duarte.

AO meſmo tempo que na Italia ſe ſoffriaõ irreparaveis contratempos, triunfava França nos Paizes Baixos do modo mais glorioſo. Bruxellas, tomada no rigor do Inverno pelo Marechal de Saxonia; depois Anvers pelo Rei em peſſoa; Mons, pelo Principe de Conti; Namur, pelo Principe de Clermonte, &c., outras muitas Praças vencidas rapidamente; e a batalha de Raucou, perto de Liege, vencida contra os inimigos, aſſignaláraõ a campanha de 1746. Os Auſtriacos venciaõ por outras partes. Os Inglezes, e os Hollandezes encarregados da defeza deſtas Provincias, naõ podéraõ ſuſpender a torrente: já naõ tinhaõ Marlborough contra hum dos melhores Generaes, que a França teve. As guarnições ficáraõ priſioneiras de guerra.

Succeſſos eſplendidos da França nos Paizes Baixos.

Victorioſo Luiz XV. naõ ceſſava de offerecer a paz, e de attender á Hollanda,

Ataca finalmente Luiz a Hollanda.

da, a qual esperava encaminhar por este modo ao seu fim de pacificaçaõ. Mas o unico meio de resolver os Hollandezes, era obrigallos a que se receassem de algum mal ao seu Paiz. Várias conferencias tidas em Breda naõ produziraõ effeito algum. Inglaterra, e Austria, ou por animosidade, ou por ambiçaõ, pretendiaõ prolongar a guerra. Hollanda, posto que muito abatida depois que outros Póvos faziaõ per si mesmo o Commercio, teimava por motivo de huma enfiada de preoccupações occasionadas por Luiz XIV. contra a França. Finalmente entráraõ pelas suas terras em 1747. A pesar dos soccorros de toda a especie, que dava aos inimigos, conserva Hollanda huma neutralidade apparente. O Rei declarou que o seu intento naõ era romper com ella; que elle naõ reteria as suas Praças, senaõ como hum deposito; e que as restituiria logo que as Provincias Unidas naõ pozessem obstaculo á paz por meio de hum proceder taõ parcial.

1747 Restabelece-se a dignidade de Stadhouder.

Perderaõ os Hollandezes huma parte da sua liberdade, por ter seguido hum pessimo systema, que chegou a ser favoravel ás pacificas intenções do Rei. O Povo, as Cidades, quando viraõ o Estado em perigo, pediraõ hum Stadhouder; de maneira que se viraõ obrigados a restabe-

belecer esta dignidade, abolida depois da mórte de Guilherme III. Naõ só se creou Stadhouder Henrique Frison, Principe de Orange, da Casa de Nassau-Dietz; mas até esta dignidade foi constituida hereditaria, a favor das mesmas Princezas da sua Casa, naõ havendo varões. He necessario que as Princezas sejaõ casadas, com o consentimento dos Estados, com hum Principe da Religiaõ protestante, que naõ seja nem Rei nem Eleitor. A Princeza hereditaria intitular-se-ha Governadora; e no caso de haver guerra, proporá hum General, que seja do agrado da Républica. Durante a menoridade, a Princeza Mãi exercitará o mesmo poder, debaixo do mesmo titulo, com condiçaõ de que naõ se casará segunda vez. Hollanda, por meio desta Lei, chegou a ser huma especie de Monarquia, em que o Principe, a certos respeitos, goza de maior authoridade do que hum Rei de Inglaterra.

Constituem-a hereditaria, para as mesmas mulheres.

Se a paixaõ, e as preoccupações tivessem tido menos influencia, hum Deputado dos Estados naõ se attreveria sem dúvida a dizer no seu discurso, no dia da posse do Stadhouder, que *a República necessitava de hum Chéfe, contra hum visinho ambicioso, e perfido, o qual fazia ludibrio da fé dos Tratados.* Fallar assim de

Invectiva de hum Hollandez contra Luiz.

Luiz

Luiz XV. era unir o ultraje com a injustiça, e provocar a huma vingança manifesta, que por felicidade o seu coraçaõ desprezava.

Toma Inglaterra hum Exercito Russo a seu soldo.

Inglaterra, mais animada do que Hollanda, irritada especialmente com a invasaõ do Principe Duarte, respeitava hum Tratado com a Czarina Isabel, o qual se concluio no mez de Junho. A Russia, sómente por cem mil livras esterlinas, quantia muito inferior a que importava anualmente o pagamento das trópas de Hanóver, devia mandar hum Exercito até os Paizes Baixos. De que esforços naõ se tinha feito capaz este Imperio em taõ pouco tempo! Mas o que vemos hoje em dia das frótas Russas victoriosas no Mediterraneo, parece desvanecer todas as mais maravilhas.

Batalha de Lawfelel.

Antes que estes novos inimigos podessem chegar de taõ longe, podia o Marechal de Saxonia executar grandes projectos. Queria este tomar Maestrique, a fim de facilitar, e abrir o caminho de Nimegue; e sendo necessaria huma batalha para esta empreza, acometteo os alliados em Lewfeld. O Rei capitaneava o Exercito, e o Duque de Cumberland o dos inimigos, que foraõ vencidos, e se retiráraõ para as visinhanças de Maestrique. A perda todavia foi quasi igual, de cinco

mil

homens, pouco mais, ou menos de parte a parte. O General Ligonier, Francez, alistado no serviço de Inglaterra, sendo levado prisioneiro a Luiz XV.: *Naõ fora melhor*, lhe disse este Monarca, *cuidar sériamente na paz, do que fazer morrer tantos homens valerosos?* Com effeito, se o sangue humano fosse avaliado por alguma cousa nas disputas dos Soberanos, e das Nações, quem poderia deixar de gemer á vista de huma guerra prolongada por vãos motivos? Ao menos a humanidade se acha toda aqui em hum Rei vencedor. Palavras dignas de hum Rei.

Como a victoria naõ tinha sido taõ completa, quanto seria necessario para a empreza intentada, formou-se outro projecto de maior importancia. Berg-op-Zoom foi sitiada. Esta Praça, em extremo fórte, cercada de lagoas, communicando por hum canal com o Escalda na sua foz, era reputada por inconquistavel. O Conde de Lowendalh, Dinamarquez, tomou-a com tudo de assalto, depois de tres semanas de trincheira aberta. O valor Francez obrou de algum modo o impossivel. Acharaõ-se no porto desasete barcas grandes carregadas de munições, e refrescos. Os Hollandézes tinhaõ escrito em grandes caracteres sobre os fardos: *A invencivel guarniçaõ de Berg-op-Zoom.* Tremèraõ entaõ; mas ainda havia necessida- Sitio de Berg-op-Zoom.

de

de de huma campanha para dar fim aos males da guerra.

Batalha da Affieta. Dous mezes antes da tomada defta Praça, veio a fanguinolenta batalha de Affieta coroar os defaftres fuccedidos em Italia. Tratava-fe de entrar novamente nella por Exilles, e pôr Genova em feguro. O Conde de Bella Ilha, irmaõ do Marechal, encarregou-fe de huma expediçaõ taõ arrifcada. As trópas do Rei de Sardenha eftavaõ entrincheiradas no eftreito da Affieta. Atacáraõ-fe as fuas trincheiras, que tinhaõ defoito pés de alto, guarnecidas de eftacadas, e de artilharia. Os Piemontezes naõ fizeraõ no efpaço de duas horas outra coufa, fenaõ matar. Perderaõ-fe quafi quatro mil homens, entre elles infinitos Officiaes, cujo valor affáz naõ podia fer chorado.

Acções de valor. A mórte do Marquez de Brienne, Coronel, he memoravel. Tendo perdido hum braço; *tenho outro*, diffe elle, *para o ferviço do Rei*; e foi receber o golpe mortal. Bella Ilha, ferido em ambas as mãos, empenhando-fe ainda para arrancar as eftacadas, foi morto, como elle pretendia. A fua maxima era, que hum General naõ devia fobreviver ao feu desbarato. A Naçaõ o condemna por ter tido, em vez da prudencia de hum General, a temeridade de hum foldado. Podemos

mos julgar da empreza pela perda dos inimigos, que naõ chegou a cem homens, a pezar do valor dos acomettedores.

Expediçaõ do Principe Duarte em Escossia.

He tempo de referir a expediçaõ do Principe Duarte, mais attrevida em certo sentido, porém cujos successos primeiros foraõ taõ prodigiosos, quaõ funesto chegou a ser o catastrofe. Este neto de Jacques II. formou o intento de tirar o Throno ao Rei Jorge. Em 1745 embarcou-se Duarte n'hum navio mercante com sete Officiaes, mil duzentas espingardas, e pouco dinheiro. Alguns principaes de *Clans* (de Tribus) entre os montanhezes da Escossia, o recebêraõ, e se declarárаõ a seu favor. Teve Duarte em breve tempo ás suas ordens mil e quinhentos homens, pelos quaes distribuio armas. O seu valor, os seus exemplos, os trabalhos que elle sopportava á frente delles, e a vida dura que vivia como elles, lhes augmentavaõ o enthusiasmo. O Rei de Inglaterra estava ausente do Reino; quasi todas as trópas serviaõ por outra parte. Assenhoreou se Duarte de Perth, marchou rapidamente para Edimburgo, onde foi acclamado Regente em lugar de Jacques III., seu Pai. Tinhaõ-se promettido trinta mil libras esterlinas a todo aquelle, que o entregasse, e elle, pelo contrario, prohibio nos seus manifestos, que ninguem attentasse contra

He acclamado Regente em Edimburgo.

tra a pessoa de Jorge II. Esta contrariedade podia grangear-lhe os corações.

Vence huma batalha.

Adianta-se hum General Inglez com mais de quatro mil homens, e o Principe voa para o combater. Os seus montanhezes, cujo número era menor, e sem disciplina, precipitando-se com a espada na maõ depois de ter descarregado as espingardas, alcançaõ huma victoria completa. O Rei deo-se pressa a voltar para Inglaterra; mandava vir as suas trópas do continente, e receava-se de alguma revoluçaõ. Porém os soccorros, que Duarte recebeo da França, naõ eraõ sufficientes; faltava lhe o dinheiro, e perdeo Edimburgo, cujo castello naõ podera acometter por falta de artilharia.

Ficou vencido sem remedio.

Depois de ter ficado duas vezes vencedor no mez de Janeiro de 1746, vio-se todavia obrigado a retirar-se para Inverness. O Duque de Cumberlanda lhe foi no alcance: deo-se batalha em Culloden, a 27 de Abril; ficou Duarte vencido, e o seu Exercito derrotado. Reduzido a occultar-se em lugares paudosos, em cavernas, e Ilhas desertas, corre todos os perigos, e soffre todos os horrores, que se pódem imaginar, até que finalmente chega a huma costa, onde duas pequenas fragatas Francezas o esperavaõ. Embarca-se no fim de Setembro, e esca-

Sua fugida.

pa

pa dos ſeus inimigos. Alguns Pares de Eſcoſſia, e hum grande número de outras peſſoas, foraõ executadas. O Cavalleiro Lovat, velho de oitenta annos, recitou no cadafalço aquelle verſo de Horacio: *Dulce & decorum eſt pro patria mori. Morrer pela Pátria he couſa ſuave, e decoroſa.* Debalde pedio hum eſtudante ainda moço com as mais fórtes inſtancias, que queria morrer em ſeu lugar. Execuções.

Eſte o exito de huma empreza, que teria podido mudar a face de Inglaterra, ſe França, e Heſpanha ſe tiveſſem achado em eſtado de a ſuſtentar com grandes forças navaes. A diverſaõ foi util para eſtas Coroas, porém envenenou o odio dos Inglezes, e a ſua paixaõ pela guerra.

CAPITULO VIII.

Expedições maritimas. --- Anſòn: La Bourdonnaie: Du Pleix.

QUANTO mais admiraçaõ merecem o Commercio, e os eſtabelecimentos dos Europeos, ou na America, ou nas Indias orientaes, por cauſa dos prodigios de induſtria que offerecem aos noſſos olhos, tanto maiores ſaõ as calami- As colonias Europeas, origem de violencias.

da-

dades, que attrahem ás Nações comerciantes, quando a guerra rompe os laços da humanidade, que o Commercio deve formar entre os homens. Naõ se cuida entaõ em outra cousa senaõ em destruir, e arruinar, assim por terra como por mar: esta industria taõ maravilhosa chega a ser hum instrumento de temores, roubos, e furor; com que os mais fracos ficaõ opprimidos, e os mais poderosos padecem muito.

Superioridade dos Inglezes pela sua marinha.

Nestas circunstancias, cousa nenhuma póde supprir á marinha. Tinhaõ por conseguinte os Inglezes huma vantagem infinita; pois que a sua marinha constava de duzentas e sessenta e tres náos de guerra, contando as fragatas, as galeotas de bombas, e os brulotes. Se o número dos soldados correspondesse ao das náos, se fosse possivel armar tantos navios juntamente, por ventura hum poder, como este, naõ destruiria todas as mais Potencias? A França naõ tinha mais que obra de trinta e cinco náos de Rei, e todavia tinha colonias para defender, hum Commercio maritimo para proteger, e por conseguinte muito que recear.

Viagem de Anson.

Bastar-nos-ha indicar as emprezas mais dignas de observaçaõ, notando que a sede do ouro, que he o seu principio, deve escurecer nos olhos dos sábios todo o es-

esplendor, que ellas tem. O *Commodoro*, ou Chéfe da esquadra Anson, depois de ter reduzido a cinzas a Cidade de Paita nas costas do Peru, (1741) dispõe-se para apresar o galeaõ, que todos os annos se manda do Mexico para a Ilha de Manilha nas Filippinas. Adianta-se a elle para o ir esperar pelo mar pacifico, naõ tendo mais que huma só náo; vai á China a fim de a calafetar, e concertar, descobre o galeaõ, acomette-o, toma-o; (1743) e com esta rica preza volta para Inglaterra pelo cabo de Boa Esperança. Chega em triunfo á capital, cheio de thesouros, os quaes fazem importar em déz milhões de libras tornezas, (1744.) (quatro milhões de cruzados.) A sua viagem á roda do globo durou tres annos, e meio. Della temos huma relaçaõ curiosa, na qual os Chinas saõ muito mal tratados.

Tomadã do galeaõ Hespanhol.

Quem o creria? Hum simples corsario, o Capitaõ Talbot, fez elle só huma preza avaliada em vinte e seis milhões: eraõ dous navios Francezes, affretados pelos Hespanhoes antes da declaraçaõ de guerra entre Inglaterra, e França. Cada marinheiro teve pela sua parte do despojo oitocentos cincoenta guineos. Julgue cada qual do lucro dos Officiaes. Todos os que olharem para os objectos quanto ao moral, gemeráõ sem dúvida, vendo a in-

Preza feita pelo corsario Talbot.

insaciavel cobiça, que estes successos inspiraõ. Porém, depois que a avareza tinha arrastado os Europeos para as extremidades do mundo, era sempre este hum novo principio de grandes emprezas, e infelicidades.

Tomaõ os Inglezes Luisburgo.

Já os Inglezes meditavaõ a conquista do Canadá, e desejavaõ ardentemente tirar á França as suas possessões na America Septentrional. A sua propria colonia da nova Inglaterra fez á sua custa hum armamento contra a Ilha Real (Cabo Breton), vantajosamente situada para a pescaria do bacalháo. Quatro náos de guerra, que a Corte de Londres mandou, foraõ sufficientes com as forças da Colonia. Luisburgo, posto que desprovida de munições, defendeo-se perto de dous mezes, até que finalmente foi necessario render-se. Chegaõ a este porto, vários navios ricamente carregados sem duvidar, nem desconfiar do perigo, cahem nas mãos do inimigo: e eis-aqui outra perda de vinte cinco milhões. (1746.) N'hum unico encontro, se perderaõ em outra parte duas náos de guerra, e trinta navios mercantes.

Ganhaõ duas batalhas.

Anson, depois de chegar a ser Vice-Almirante, venceo a batalha naval de Finisterra. No mesmo anno de 1747, venceo outra o Almirante Hawke; e a mari-

nha

nha Franceza achou-se reduzida a huma náo. Nestas acções, se distinguírao sempre os Francezes pelo seu valor, mas contra huma superioridade de forças, que naõ podia deixar de os opprimir infallivelmente.

Expediçaõ de la Bourdonnaie contra Madrás.

A companhia da India, que se julgava entaõ mais util, do que na realidade era, tinha náos de guerra, e trópas. Esta companhia fez tambem a guerra, e teve successos taõ felices ao principio, que se cegáraõ com elles. Mahé de la Bourdonnaie, Governador da Ilha de Borbon, emprendeo o sitio de Madrás na Cósta de Coromandel, que era o principal estabelecimento dos Inglezes. Tendo la Bourdonnaie vencido, e espalhado huma das suas esquadras, obrigou a Cidade a render-se. As ordens da Corte naõ permittiaõ conservar conquista alguma na India: la Bourdonnãie ajustou com os habitadores de Madrás, hum resgate avaliado em mais de nove milhões de livras tornezas (1746.)

Perde Du-Pleix o fructo della, e persegue la Bourdõnaie.

A competencia, e discordia envenenáraõ em todo o tempo as origens do bem público. Du-Pleix, Governador General de Pondicheri, desapprovou esta capitulaçaõ, violou-a, destruio huma parte de Madrás, arruinou os Póvos, e perdeo os fructos da conquista. Mandou assignar pelo Conselho de Pondicheri várias Me-

morias violentas contra hum homem, que ultimamente tinha feito hum ſerviço eſſencial, e cumprido glorioſamente a ſua obrigaçaõ. La Bourdonnaie volta para França, he preſo na Baſtilha, onde fica mais de tres annos, e ſendo finalmente juſtificado, morre de huma enfermidade, que contrahio na priſaõ.

Salva porém Pondicheri.

Se Du-Pleix ſe conſtituio odioſo pelas ſuas injuſtiças para com hum competidor digno de toda a gratidaõ, por outra parte merecia a eſtimaçaõ da Naçaõ pelos ſeus talentos, e trabalhos. Teve a gloria em 1748 de ſalvar Pondicheri, ſitiada por mar, e por terra pelo Almirante Boſcawen. Condecorado com o cordaõ vermelho, reinou de algum modo neſta parte da India. Metteo ſe nas guerras cívís entre os *nababs*, vaſſallos do Graõ Mogol, tyrannos taõ oppoſtos huns aos outros, como na Europa eraõ os vaſſallos dos Reis no tempo do governo feudal, e adquirio várias Provincias neſtas guerras. Depois do Tratado de Aquiſgran, do qual trataremos brevemente, defendeo huma guerra contra os Inglezes, inimigos do nabab, a quem elle protegia por politica. Porém tanto eſplendor, e poder veio a ramatar n'huma deſgraça. Huma empreza temeraria a reſpeito de Maduré o perdeo ſem remedio. Vencido pelos

Emprezas de Du-Pleix.

los Inglezes, e chamado para França, (1753) sustentou hum processo com a Companhia da India a respeito das reliquias da sua fortuna, e morreo de paixaõ.

Deste modo la Bourdonnaie, Du Pleix, e depois o famoso Conde de Lalli, degollado em 1766, saõ grandes exemplos das infelicidades, que se vaõ procurar taõ longe no Paiz dos diamantes, e do ouro. Os Francezes talvez estimáraõ muito pouco, do mesmo modo que os Hespanhoes, os thesouros, que as suas terras offerecem á sua industria. Desejemos ao menos, pois que para sustentar o luxo saõ necessarias fazendas da India, desejemos que este Commercio seja mais bem dirigido, mais livre; e que huma nova Companhia, se já mais existir, naõ tenha que sustentar as despezas, e emprezas de soberannia, que trouxeraõ comsigo a ruina da antiga. O exemplo das Companhias Ingleza, e Hollandeza nada decide a respeito da Companhia Franceza. Da differença dos governos resultaõ differenças essenciaes assim nesta parte, como em outras muitas.

Infelicidades dos Francezes na India.

CA-

CAPITULO IX.

Sitio de Maestrique, e Tratado de Aquisgran. --- Consequencias deste Tratado, até a paz de 1763.

Obstinaçaõ dos inimigos da França.

A GUERRA da successaõ de Austria era des de 1741 hum flagello universal. As Nações exhauriaõ-se, porque as Cortes tinhaõ armado. Hum subsidio de nove milhões, e trezentas e vinte mil libras esterlinas, concedido ao Rei de Inglaterra em 1747, mostra igualmente assim os prodigiosos soccorros dos Inglezes, como a grande divida, que o Estado contrahia. Com tudo tal he a obstinaçaõ do odio, ou das prevenções nacionaes: pretendia-se continuar a guerra. Luiz XV. offerecendo a paz a cada victoria, mostrava, mas debalde, huma moderaçaõ, que os inimigos tomavaõ por fraqueza, ou por fingimento Naõ podia obter o fim de pacificar a Europa, senaõ por meio de acções, que obrigassem a Hollanda a tremer; e como bom politico, dizia o Marechal de Saxonia *A paz está em Maestrique.*

1748 Sitio de Maestri-

Hum exercito de oitenta mil homens capitaneados pelo Duque de Cumberland pu-

punha obstaculo ao sitio desta Cidade. Era necessario enganar o inimigo, e naõ foi outra cousa o que fez o General, manifestando todos os segredos da sciencia militar; sciencia que o mesmo General tinha aprofundado, assim como os Cesares, e os Turennes. Finalmente, foi a Praça investida a 5 de Abril de 1748. Trinta e cinco mil Russos marchavaõ para a soccorrer, e já estavaõ no coraçaõ da Alemanha; porém tinha Maestrique de succumbir, antes que o seu soccorro podesse ser util. Lavrou o terror pela Hollanda, e os inimigos pedíraõ por fim a paz, tantas vezes por elles rejeitada. Assignáraõ-se os preliminares em Aquisgran a 30 de Abril, e o Tratado definitivo a 18 de Outubro. Eis-aqui tambem huma próva digna de observaçaõ das infelicidades da guerra. que, que traz comsigo a paz.

Tinha-se intentado destruir por toda a parte a successaõ Austriaca, e especialmente dar a D. Filippe hum estabelecimento consideravel na Italia. Este teve sómente Parma, Placencia, e Guastala; com a condiçaõ de que as proprias filhas da sua Casa naõ poderiaõ ser suas herdeiras. Maria Theresa conservou os Estados de Milaõ, a excepçaõ de alguns desmembramentos cedidos ao Rei de Sardenha, e naõ perdeo em Alemanha mais do que a Silezia, Tratado de Aquisgran.

e

e o Condado de Glatz. N'huma palavra, esta Potencia, que se pretendia quasi destruir, foi levemente damnificada, e todas as mais affiançáraõ do modo mais solemne a Pragmatica de Carlos VI., isto he, a nova ordem de succeſsaõ estabelecida para os seus descendentes. As fianças antecedentes naõ tinhaõ podido impedir a guerra: estas devem ser mais efficazes no caso de necessidade, ou nem os Tratados, nem a experiencia tem sólido effeito.

Abandona França todas as suas conquistas.

Fez Luiz XV. a paz, *naõ como Mercador, mas como Rei*; confórme o disse o Conde de S. Severino, seu Plenipotenciario, e abandonou todas as suas conquistas. O Duque de Modena, genro do célebre Duque de Orleans, e a República de Genova, seus alliados, recuperáraõ todos os seus direitos, e Estados. O Reino das Duas Sicilias ficou estabelecido, e seguro para D. Carlos. Affiançou-se novamente a ordem de succeſsaõ para a Coroa de Inglaterra, a favor da Casa de Hannover. França obrigou-se, do mesmo modo que antigamente, a naõ consentir os Stuarts nas suas terras. Naõ querendo o Principe Duarte retirar-se, julgou-se que se devia usar de violencia; de maneira que o prendêraõ, e mettêraõ n'huma prisaõ. Triste exito dos seus succeſsos! Os Inglezes restituíraõ as suas conquistas, e algumas utilidades para

Poucas utilidades para Inglaterra.

ra

ra o seu commercio, foraõ todo o fructo das suas despezas, e obstinaçaõ.

He cousa incomprehensivel que acabando esta guerra com a experiencia de todas as consequencias funestas, que se seguem a huns tratados defeituosos, naõ se tenhaõ tomado as cautélas mais prudentes para obviar taõ terriveis inconvenientes. Os politicos saõ algumas vezes semelhantes ao Povo, muito impacientes em livrar-se do mal actual, e cuidaõ muito pouco em precaver o mal futuro. Tudo se obrou com precipitaçaõ, desprezáraõ-se várias cousas essenciaes, lançáraõ-se de algum modo na paz as sementes da guerrra. Poucos Tratados apparecêraõ taõ dignos de critica. Este tratado foi defeituoso.

Segundo a ordem de succeslaõ estabelecida para o Reino de Napoles, podia D. Carlos deixar a Coroa a hum dos seus filhos, no caso que chegasse a alcançar a de Hespanha. Suppoz-se naõ obstante nos preliminares, que em tal caso occuparia D. Filippe o Throno de Napoles. Para reparar esta falta, deo França nove milhões ao Rei de Sardenha, que a naõ ser isto devia haver a si Placencia, e huma parte dos seus Estados. D. Carlos (Carlos III.) succedeo em 1759 ao Rei de Hespanha, D. Fernando VI., seu irmaõ, e deixou as duas Sicilias a hum dos seus filhos, D. Erro insigne a respeito de Parma.

Fer-

Fernando IV. A que ſe acharia reduzido o Eſtado de Parma, ſem a generoſidade de Luiz XV.!

Maior erro a reſpeito da America.

Outro erro de maior conſequencia nas negociações de Aquiſgran, além de diverſos pontos deſpreſados, foi abandonar ao acaſo, ou para melhor dizer á diſcordia, os direitos, e os Paizes da America, ſobre que ſe argumentou. Naõ ſe ignoravaõ as pretenções dos Inglezes, poſſuidores da Acadia depois do Tratado de Utreque, e diſpoſtos para alargar-ſe pelo Canadá. Conhecia-ſe o ſeu genio cobiçoſo, e attrevido, e devia-ſe antever que ſe naõ houveſſe limites bem eſtabelecidos, haveria mil pretextos de rompimento. Porém em vez de eſtabelecer limites, eſtipulou-ſe que *todas as couſas ſeriaõ póſtas no antigo eſtado em que eſtavaõ, ou deviaõ eſtar, antes da preſente guerra.* Que utilidade podiaõ tirar deſtas palavras, *ou deviaõ eſtar*, aquelles, que pretendeſſem uſurpar alguma couſa dos ſeus viſinhos! Os deſertos da America ſeptentrional, taõ pouco conhecidos na Europa, e na apparencia taõ pouco importantes, ſe tornavaõ por eſte meio n'huma origem de diſcordias, e hoſtilidades.

Origem da guerra de 1755.

Effectivamente a Corte de França, logo no anno de 1749, ſe achou no caſo de queixar-ſe á Corte de Londres das emprezas, que já os Inglezes faziaõ com maõ al-

alçada: porque deſte modo he que elles queriaõ pôr as couſas *no eſtado, em que deviaõ eſtar.* Negociou-ſe muito tempo, porém inutilmente. Tanto deſejava Luiz a paz, quanto a Naçaõ Ingleza ſuſpirava pela guerra. Antes que houveſſe rompimento declarado, a Corte de Londres mandou acometter os navios Francezes para a parte do Canadá; e as violencias chegáraõ a tal eſtado, que o Rei mais pacifico ſe vio obrigado a tomar armas. O Miniſterio Inglez tinha mudado de ſyſtema. Em vez de exhaurir-ſe no Continente da Europa por cauſa de contendas alheias, queria empregar as ſuas forças maritimas em fazer conquiſtas n'huns Paizes, que a indúſtria, e cultura podiaõ conſtituir muito florecentes.

Eſta a origem da guerra de 1755; daquella guerra, que produzio ſucceſſos quaſi incriveis. Vio-ſe a França paſſar da gloria para o abatimento; conquiſtar ao principio a Ilha de Minorca, e o Eleitorado de Hannover, e perder os ſeus eſtabelecimentos na America, Africa, e Aſia; victorioſa nas primeiras batalhas, e vencida quando parecia dever confiar mais na victoria. Vio-ſe a alliança fatal do Rei de Pruſſia com Inglaterra extinguir a grande, e dilatada inimiſade das Caſas de França, e Auſtria, unillas taõ eſtreitamen-

Deſcripçaõ deſta guerra funeſta, e incompreheníivel.

mente, quanto se tinhaõ cruelmente armado huma contra outra, havia dous seculos. Vio se aquelle indomavel Frederico prevenir, pela invasaõ da Saxonia, os intentos que contra si julgava formados; atear deste modo huma guerra, de que elle mesmo devia ser a victima, confórme todas as apparencias; ter por inimigos a França, Suecia, Russia, Austria, e huma grande parte do Imperio, e achando em si mesmo, nos seus talentos, valor, economia, e actividade, recursos que Potencia nenhuma tinha. Nós o vimos quasi para perder tudo, depois de huma derrota total em Praga, (1757) desbaratar no mesmo anno em Rosbake os Francezes, e Imperiaes, alcançar immediatamente depois a victoria de Lissa, e fazer se tremendo no instante, em que mais esperava morrer com honra, do que sahir vencedor. Vio-se o *pacto de familia* apertar os vinculos da natureza entre todos os ramos da Casa de Borbon; o novo Rei de Hespanha, Carlos III., abandonar o systema de neutralidade seguido por seu irmaõ Fernando VI.; e os Inglezes triunfar entaõ da Hespanha, do mesmo modo que triunfavaõ da França, tomarlhe a Havana, e a Ilha de Cuba, no mar do Mexico; Manilha, e as Filippinas, nas Indias Orientaes, com as rique-

Successos do Rei de Prussia.

Pacto de familia.

zas

ras immensas destas Colonias, que huma marinha fraca naõ podia defender contra os dominantes dos mares.

Tratados de 1763.

Finalmente, depois de sete annos de destruiçaõ em todas as partes do mundo, vio-se acabar esta guerra em 1763, em virtude dos Tratados de Pariz, e Hubersburgo, do modo mais glorioso para os inimigos das Casas d'Austria, e França. Por huma parte, nada perdeo o Rei de Prussia dos seus dominios; e por outra, Inglaterra ganhou quasi duas mil legoas de terreno na America, des do rio S. Lourenço até o Mississipi. Foi necessario tambem desmantelar as obras de Dunkerque da parte do mar.

Observaçaõ a respeito das conquistas dos Inglezes na America.

Naõ se póde duvidar que o Canadá, e as outras partes da America Septentrional, de que França, e Hespanha se approveitavaõ taõ pouco, naõ sejaõ para Inglaterra huma acquisiçaõ de grandissima consequencia. As suas Colonias prosperaõ nesta parte em meio da liberdade, e governando-se pelas suas leis, a si mesmas se impõe tributos: a agricultura multiplica continuamente os seus recursos; e posto que a Metropole opprimia o seu Commercio a certos respeitos, os estimulos, e os soccorros, que della recebem, formaõ huma compensaçaõ util, e vantajosa. A povoaçaõ das Colonias Inglezas pro-

varia unicamente quanto estas saõ florecentes, e quanto pódem ser tremendas. Parece que o Imperio da Grã Bretanha ameaça absorver toda a America. Mas naõ se tem visto sempre que hum extremado engrandecimento era presagio de decadencia? E se humas Colonias demasiadamente poderosas se desanexarem da Metropole, como he provavel, devem por ventura tantas conquistas lisonjear muito a ambiçaõ?

Infelicidades da guerra.

Acabo com as palavras de hum célebre historiador, o qual pode instruir se melhor, do que outro qualquer a respeito da Historia dos ultimos tempos. " O
„ Estado (a França) perdeo no curso
„ desta funesta guerra a mais florecente
„ mocidade, mais da metade do dinheiro
„ corrente, que circulava no Reino, a
„ sua marinha, Commercio, e credito.
„ Julgou-se que seria facil precaver tan-
„ tas infelicidades, ajustando-se com os
„ Inglezes a respeito de hum pequeno ter-
„ reno litigioso no Canadá. Porém al-
„ guns ambiciosos, com o fim de ter va-
„ limento, e de fazer-se necessarios, pre-
„ cipitáraõ a França nesta guerra fatal. O
„ mesmo succedeo em 1741. O amor pro-
„ prio de duas, ou tres pessoas basta pa-
„ ra assolar a Europa. A França tinha hu-
„ ma necessidade taõ urgente desta paz,

„ que

„ que todos aquelles, que a concluiraõ
„ foraõ por ella considerados como os
„ bemfeitores da Pátria. As dividas, de que
„ o Estado ficava encarregado, eraõ mui-
„ to maiores, do que as de Luiz XIV. Só
„ a despeza do extraordinario das guer-
„ ras tinha importado em hum anno qua-
„ trocentos milhões. Julgue-se daqui o
„ mais. Quando a mesma França tivesse
„ sido victoriosa, teria perdido muito.„
(*Précis du siecle de Louiz XV.*)

Outras infelicidades da sociedade neste seculo.

Ao horroroso flagello da guerra, acrescentemos os da natureza, os das discordias intestinas, e os dos vicios dominantes; os terremotos que destróem Cidades opulentas, Lima em 1746, Lisboa em 1755, &c., a miseria que despovoa os campos, e impede a agricultura; o luxo que enriquece frivolos talentos, e tira o paõ aos homens uteis; a paixaõ desordenada das riquezas, e das delicias, que affoga até os principios dos costumes na plebe, e que introduz ou a corrupçaõ, ou o desfalecimento até nas boas almas; o furor de brilhar, que quasi naõ permitte já constituir-se cada hum verdadeiramente estimavel; as dissensões religiosas, que enfraquecendo-se, deixaõ ainda certo fermento de animosidades civís; os conflictos de authoridade, que espalhaõ huma desconfiança inquieta, e augmentaõ

as perigofas enfermidades do Corpo politico; e a irreligiaõ, que tem chegado ao excesso de querer extinguir a idéa de Deos, e aniquillar os principios fundamentaes da virtude: á vista do que temos referido, julgar-se-ha que os progressos da razaõ, muito palpaveis em todo o genero, saõ huma vantagem mediocre para a especie humana.

A razaõ porém livrou nos de maiores infelicidades.

Mas quem trouxer á memoria as idades antigas, aquelles tempos em que os ferozes costumes apenas deixavaõ vestigios de humanidade; em que a natureza feroz, e naõ obstante viciosa, se precipitava sem freio a todos os crimes; em que se encontravaõ a cada passo tyrannos impios, e escravos embrutecidos; em que o corpo inteiro das Nações era governado por monstruosas preoccupações; em que huma anarquia sanguinaria fazia reinar a unica lei do mais fórte; em que a superstiçaõ, per si mesma taõ destruidora, ateava ainda o odio do fanatismo; em que as guerras civís renasciaõ continuamente da cruel mortandade dos Cidadãos; n'huma palavra aquelles tempos, em que tudo era quasi estupidez, cegueira, injustiça, barbaridade, oppressaõ, perfidias, e calamidades: entaõ conhecendo o valor das artes, sciencias, costumes sociaes, e leis beneficas, posto que imperfeitas, das quaes

quaes goza huma grande parte da Europa; confessará que entre grandes abusos, e grandes vicios, a razaõ aperfeiçoada abre ao menos o caminho da sabedoria, e felicidade, e que ella ao menos suaviza as infelicidades da vida.

Competencia de França; e de Inglaterra nas sciencias; e literatura.

Talvez seria conveniente seguir neste lugar os passos do espirito humano no tempo da época de Luiz XIV., e observar os seus progressos, especialmente na carreira da literatura, e sciencias. Mas para isto, seria necessario exceder aos limites da presente Obra, ou dar méramente humas noticias muito imperfeitas a respeito de objectos aliás muito conhecidos. Satisfaço-me com observar que a competencia de França, e Inglaterra naõ he menos fórte neste genero, do que em tudo quanto pertence aos politicos interesses. Os Inglezes ostentáraõ ao principio nas sciencias a profundeza de engenho, que nunca se lhes disputará; os Francezes descobríraõ nas Bellas-Letras os talentos, ou agradaveis, ou sublimes, as graças, e o gosto, que os distinguem. Aquelles brilháraõ depois pelos encantos da poesia, imaginaçaõ, elegancia, e verdadeira belleza unida com as fecundidades da razaõ: estes lutáraõ tambem contra elles, e com feliz successo, por meio de huma força de espirito capaz de penetrar tudo o que a intelligencia po-

de alcançar. Se os primeiros ſaõ ſuperiores n'huma ſerie de idéas, e n'huma conſtancia de esforços, que favorece o caracter nacional, os ſegundos excedem talvez n'huma ſubtileza de tacto, n'hum methodo juſto, e eſtylo claro, que os ſeus meſmos competidores parecem reconhecer algumas vezes imitando-os. Finalmente attrevo-me a dizer, huns, e outros participaõ da glória de dar modelos á Europa, e de a illuſtrar a reſpeito das couſas mais dignas da humanidade.



DO

DO ESTADO,

E DAS PRINCIPAES REVOLUÇÕES DA ASIA

Nos ultimos Seculos.

A HISTORIA da Aſia moderna deve ſer hum objecto de eſtudo unicamente para os ſabios. A Hiſtoria da Europa, taõ ampliada, e taõ neceſſaria inclue todos os generos de inſtrucçaõ; e póde-ſe ignorar ſem mágoa tudo quanto nos intereſſa muito menos. Importa todavia ter alguma idéa geral daquellas Nações, as mais bem governadas antigamente: eſta he huma parte eſſencial do conhecimento do Genero Humano. Procuremos incluir em poucas palavras os objectos de huma curioſidade verdadeiramente util.

CAPITULO I.

Da China.

Antiguidade do Imperio da China.

SE o Imperio da China foi, ou naõ formado, ha mais de quatro mil annos; he hum problema hiſtorico ſujeito a infinitas difficuldades, ſeja qual fôr o parecer, que ſe ſiga. Eſta prodigioſa antiguidade, eſtabelecida, confórme illuſtres Eſcritores, por obſervações aſtronomicas indubitaveis, he combatida por outros ſabios, que parecem ter profundamente eſtudado a materia, ou ao menos julgar della ſem prevençaõ. As fabulas eſpalhadas nos antigos Annaes da China affracaõ muito ſem dúvida todas as próvas, que ſe daõ da certeza authentica de ſemelhantes Annaes. Quando domina a falſidade, como ſe póde deſcobrir a verdade com certeza? Naõ he menos certo que a China, muitos ſeculos antes da noſſa éra, conſtituia hum Eſtado poderoſo, civiliſado, governado como hoje em dia, com boas leis, e eſpecialmente com huma moral excellente. Confucio, eſſe filoſofo legislador, tinha naſcido quaſi 550 annos antes de Jeſus Chriſto, quaſi pelo tempo, em que fal-

le-

ceo Solon; e o Imperio tinha já huma
·andeza, a que nada igualava no mun-
o.

Contaõ-se vinte duas dynastias, que
·ináraõ successivamente na China. Por
:ntura naõ se deve concluir com Mon-
:squieu, que este governo he despotico?
verdadeira Monarquia, que he modera-
a, está por ventura sujeita a tantas, e
ıõ violentas revoluções? Geralmente fal-
ındo, as dynastias principiáraõ bem, e aca-
áraõ mal. "Era natural que huns Impe-
, radores educados nas fadigas da guerra,
que chegavaõ a fazer descer do Thro-
no huma familia sepultada nas delicias,
, conservassem a virtude, que tinhaõ ex-
, perimentado ser taõ util, e temessem as
, sensualidades, que tinhaõ visto ser taõ
, funestas. Porém depois daquelles tres,
, ou quatro primeiros Principes, a cor-
, rupçaõ, o luxo, a ociosidade, e as de-
, licias assenhoreaõ-se dos Successores: es-
, tes encerraõ-se nos Palacios, o seu ani-
, mo affrouxa, a sua vida se abbrevia, a
, familia declina, os Grandes exaltaõ-se,
, os Eunucos se accreditaõ; naõ se collo-
, caõ no Throno senaõ mininos; o Pala-
, cio faz-se inimigo do Imperio, hum Po-
,, vo ocioso, que habita no mesmo Pa-
,, lacio, arruina o Povo, que trabalha; o
,, Imperador he morto, ou destruido por
,, hum

Revoluções frequentes; próva do dispotismo confórme Montesquieu.

„ hum usurpador, o qual funda huma fa-
„ milia, de que o terceiro, ou o quarto
„ Successor vai encerrar-se tambem no
„ mesmo Palacio. „ (*Esprit des Loix*, Liv. VII. Cap. VII.) Esta descripção he muito natural.

Opiniaõ contraria á opiniaõ de Montesquieu.

Voltaire segue hum parecer totalmente contrario. Naõ vê cousa, que mais sabia, nem mais prudente seja, do que o governo China, onde os principaes Tribunaes examinaõ, e regulaõ as causas; onde o Principe he obrigado a consultar homens instruidos, e exaltados pelo seu merecimento. N'huma palavra, a idéa do despotismo, que Voltaire naõ admitte na propria Turquia, parece-lhe absurda a respeito da China. A contrariedade de opiniões entre dous engenhos superiores, a respeito de hum ponto de facto desta natureza, deve fazer palpaveis os limites dos nossos conhecimentos. E ha quem pretenda illuminar as trévas da historia antiga E sobre algumas passagens escuras, e soltas he que se attrevem a estabelecer systemas?

Verdadeiro estado da questaõ.

Com tudo a disputa versa talvez mais a respeito de palavras, do que de cousas essenciaes. O puro despotismo, por meio do qual hum só homem seria senhor absoluto dos bens, e da vida de todos, naõ existe, sem dúvida, em parte alguma, nem

se

: poderia exercer n'hum vaſto Imperio, nde as leis, e os coſtumes lhe oppõe erto obſtaculo permanente. Mas excede or ventura a vontade do Principe a toda authoridade das Leis? Por ventura o error, e a violencia, ou quando aſſim ueiraõ, as ordens extravagantes da Core, ſaõ o principio mais efficaz do goverlo? He eſte o ponto, a que a queſtaõ ſe deveria reduzir. Logo os factos conhecidos parecem ſer ſufficientes para a decidir. Temos os dos Miſſionarios Jeſuitas, grandes admiradores de hum governo conforme com os ſeus principios de obediencia.

O reſpeito mais profundo á authoridade paterna he a ſua baze. O Imperador he venerado como o Pai commum do Imperio. Felices os vaſſallos, quando o Imperador ſuſtenta dignamente hum titulo taõ precioſo! Mas eſte Pai adorado quaſi como hum Deos, e cujas ordenações ninguem ſe attreve a examinar, fazſe por eſte meio naturalmente hum deſpotico. Quando o Imperador pretende alguma couſa, nada lhe reſiſte; tudo lhe he cedido, tudo ſe abatte. Valídos, e eunucos, pódem em ſeu nome anullar ſentenças juſtas, cometter, e conſagrar grandes injuſtiças. A obediencia dos Mandarinos, e do Povo, mais he regulada pelo

O temor he o principio do governo China.

lo temor, do que pelo amor filial. O Padre do Halde diz tudo em huma só palavra: *O bastaõ he quem governa a China.*

Obstaculos ao despotismo.

Se os Chinas conseguintemente naõ experimentaõ em geral os flagellos do despotismo, naõ he porque o interesse do Soberano lhes serve de defensa? Naõ he porque os costumes, os usos, e as invariaveis ceremonias, que tem chegado a ser pela sua perpetuidade huma segunda natureza para aquelle grande Povo, constituem o exercicio da tyrannia difficultoso, e igualmente perigoso? Naõ he porque os principios, e a opiniaõ, muito arraigados em todo o Imperio, suspendem até certo ponto o poder mais absoluto? Motivos ha para crer que os Chinas vivem contentes com a sua sórte. Tambem he provavel que o mesmo governo produziria por outras partes hum effeito contrario.

Tribunal da Historia.

Por poucos que fossem os sentimentos, que qualquer Imperador tivesse, o Tribunal da Historia he especialmente proprio para moderar as suas paixões. Os Mandarinos, de que he composto este Tribunal, registraõ exactamente, cada hum em particular, tudo quanto o Imperador diz, e faz digno de observaçaõ, e interessante para o bem do Estado; fechaõ as suas folhas assignadas em huma

es-

eſpecie de coffre, o qual naõ ſe abre ſenaõ depois da extinçaõ da Dynaſtia reinante. Eſtes ſaõ os materiaes da hiſtoria do reinado actual. Naõ ha couſa, que poſſa obrigar os Mandarinos encarregados de hum emprego taõ nobre a ſer trahidores á verdade. Admiravel inſtituiçaõ, ſem dúvida. Mas para que he neceſſario eſperar pelo fim de huma Dynaſtia? A publicidade tardia he muito menos capaz de animar a virtude, e de atemorizar o vicio. Suſpeitar-ſe-hia voluntariamente que o deſpotiſmo corrompeo eſte admiravel eſtabelecimento.

A China duas vezes conquiſtada.

A famoſa muralha de quinhentas legoas, de quarenta e cinco pés de altura, e de groſſura de deſoito pés, edificada antes da noſſa éra para ſe livrarem da invaſaõ dos Tartaros, naõ lhes ſervio de obſtaculo para conquiſtar duas vezes a China; primeiramente no ſeculo decimo terceiro, no reinado de Genghiz-Kam, e de ſeus filhos; e depois no decimo ſeptimo. Eſta ultima revoluçaõ he a unica, de que devo tratar neſte lugar.

Invaſaõ dos Tartaros Mantcheoux.

Algumas violencias, comettidas contra os Tartaros Mant-cheoux, irritáraõ aquelle Povo livre, e bellicoſo, que ſe vingou por meio das armas. Acoſtumados os Tartaros a todas as fadigas, naõ receando nada, e deſpreſando a mórte, tinhaõ

nhaõ como guerreiros, tanta ſuperioridade aos Chinas, quanta era a que eſtes tinhaõ aos Tartaros, como Naçaõ bem governada. Ao meſmo tempo, que hum Mandarino rebelde ſe aſſenhoreava das Provincias do Meio-Dia, foraõ conquiſtadas as Provincias Septentrionaes. Eſte Mandarino victorioſo ſenhoreou-ſe em 1641 de Pekin, Capital do Imperio, Cidade immenſa, onde ſe contaõ dous milhões de habitadores. A frouxidaõ, e cobardia do Imperador eraõ taes, que naõ cuidou em defender-ſe. A Imperatriz tinha-ſe enforcado: quarenta mulheres que o Imperador ainda tinha, ſe enforcáraõ por ordem ſua, ao menos por ſeu convite: naõ querendo ſua filha imitallas, o Imperador a matou com o ſeu alfange. Mas elle naõ ſe enforcou a ſi proprio, ſenaõ depois de ter eſperado fóra da Cidade as ultimas noticias de huma perda inevitavel.

Rebelliaõ de hum Mandarino.

Horrores ao palacio.

Taitſong, Chéfe dos Tartaros, varaõ aſſaz grande para os ſujeitar ás leis, adiantou ſempre as ſuas conquiſtas. Na menoridade de Chang-ti, ſeu ſobrinho, que lhe ſuccedeo, foi morto o Mandarino uſurpador, e os conquiſtadores ſobjugáraõ quaſi o Imperio todo. Finalmente a ſua dominaçaõ ſe achou ſolidamente eſtabelecida no tempo de Kam-hi, ainda muito

Eſtabelecem-ſe os Tartaros ſólidamente.

to moço, Successor de Ching-ti, seu Pai. Depois de quasi trinta annos de guerra, toda a China ficou sujeita a huns barbaros, mas taõ prudentes, como terriveis, pois que adoptáraõ as suas leis, e os seus usos.

Progressos dos Missionarios no reinado de Kam-hi.

Vê-se como Kam-hi, cujo reinado principia em 1661, cultiva as sciencias, e favorece os Missionarios Jesuitas, os quaes se tinhaõ introduzido pela sua mediaçaõ no palacio Imperial. O Christianismo fez entaõ grandes progressos no Imperio. Porém as competencias, as disputas entre os Jesuitas, e os outros Missionarios; as acusações de idolatria, feitas em Roma a respeito dos ritos dos Chinas; o animo contencioso dos Europeos, que animava a discordia entre hum Povo taõ pacifico; e especialmente o temor das suas ambiciosas emprezas, cobertas tantas vezes com o véo da Religiaõ: todas estas differentes causas arruináraõ inteiramente a obra das suas prégações, e zelo.

O Christianismo proscrito em 1722.

Yontching, Successor de Kam-hi em 1722 abrogou as Leis de seu Pai a favor do Christianismo. Este Imperador mandou demolir as Igrejas, despedio sómente os Missionarios, e conservou os Mathematicos, os sábios, e os Artistas, cuja utilidade naõ ignorava. "Se eu mandasse pa-

„ ra

„ ra o voſſo Paiz, diſſe Yontching aos „ Jeſuitas, huma companhia de Bonzes, „ e de Lamas (Monges, e Padres da Chi- „ na), como os receberieis vós? Que- „ reis que todos os Chinas ſejaõ Chriſ- „ tãos: a voſſa Lei aſſim o pede, naõ „ o ignoro; mas neſte caſo que vire- „ mos a ſer, ſenaõ huns vaſſallos dos voſ- „ ſos Reis? Os voſſos diſcipulos ſó a vós „ vos reconhecem. Em qualquer tempo „ de tumulto, nenhuma outra voz ouvi- „ riaõ, ſenaõ a voſſa. Sei que preſente- „ mente nada ha que recear; porém quan- „ do os navios chegarem aos milhares, „ poderia haver grandes deſordens. „ (V. *Letres édif.* Tom. 17.) O que tinha ſuc- cedido no Japaõ, como brevemente ve- remos, dava valor a eſte diſcurſo.

Zelo da Agricultura.

Ajuntemos aqui hum número peque- no de obſervações intereſſantes. O Impe- rio da China, que contem quaſi ſeiscen- tas legoas de longitude, e outras tantas de latitude, inclue huma povoaçaõ infini- ta; razaõ porque a ſua Agricultura ſe acha no ultimo gráo de perfeiçaõ. Em to- do o tempo o Principe ſe impoz a ſi pro- prio huma obrigaçaõ de animar, e hon- rar a Agricultura. Bem conhecida he a ceremonia annual, em que o meſmo Prin- cipe dá o exemplo da Agricultura. Os Mandarinos obſervaõ igualmente eſta cere- mo-

monia pelas Provincias. Huma ordenaçaõ Imperial declara: *A maxima dos noſſos antigos era, que ſe houveſſe algum homem, que naõ lavraſſe, ou alguma mulher, que naõ ſe occupaſſe em fiar, alguem havia que padecia ou frio, ou fome no Imperio.* O Author da ordenaçaõ funda-ſe neſta maxima, para deſtruir os Moſteiros dos Bonzes. Se eſte Author com effeito os deſtruio, a ſuperſtiçaõ triunfou muito depois do Legislador. Ordenaçaõ digna de obſervaçaõ.

Os Chinas naõ conſervaõ mais, do que os animaes neceſſarios, porque para alimentar o Povo nada ſobeja. Quando os Chinas viajaõ ſaõ conduzidos por homens: os canaes ſervem ſómente para o tranſporte das fazendas. Tudo quanto pode ſervir de eſterco para as terras, he conſervado precioſamente, até as proprias ourinas. Faz ſe, confórme Mr. Poivre, nas Provincias meridionaes, tres colheitas de arroz por anno; e a terra, ſem nunca deſcançar, produz cada vez mais de cento por hum. Os pobres na China vivem unicamente de arroz, trabalhaõ quaſi nús, ou andaõ veſtidos de algodaõ. Huma geira de terra produz talvez algodaõ para veſtir quinhentas peſſoas. Deſte modo a paſſagem do pobre he facil a todos o reſpeitos. A decima do producto das terras, mais ou menos conſideravel, con- Producto das terras. Subſiſtencia.

A decima unico imposto.

confórme a natureza do terreno, he o rendimento prodigioso do Imperador: imposto unico, pago em especie a huns magistrados, que o regem. Huma parte põe-se em armazens para as públicas necessidades. E com tudo, se acaso ha algum anno de penuria, o Povo morre aos milhares; que taõ numeroso he. Que seria em hum governo, cuja administraçaõ fosse menos suave, e menos perspicaz? (Veja-se *Voyages d'un philosophe.*)

Velhacaria dos Chinas, explicada por Montesquieu.

Por muito extraordinaria que pareça a contrariedade entre a velhacaria dos Chinas, e a sua moral, pretende o Author de *l'Esprit des Loix* explicalla pelo essencial das proprias cousas. " Quando ,, todos obedecem, e todos trabalhaõ, ,, está o Estado n'huma feliz situaçaõ. A ,, necessidade, e talvez a natureza do cli-,, ma he que deraõ a todos os Chinas hu-,, ma cobiça incomprehensivel do lucro; ,, e as leis naõ cuidáraõ em atalhalla. Tu-,, do se prohibio, quando se tratou de ,, adquirir por violencia; tudo se permi-,, tio, quando se tratou de obter por ar-,, tificio, ou por indústria. Naõ compare-,, mos pois a moral dos Chinas com a ,, moral da Europa. Todos na China fo-,, raõ attentos a tudo quanto lhes era util: ,, se o velhaco cuidou nos seus interesses, ,, aquelle que he victima devia pensar nos

,, seus.

,, ſeus. Em Lacedemonia era licito roubar; ,, na China he licito enganar. ,, (*Liv. XIV. Cap. XX.*) Se a neceſſidade he quem inſpira a vontade de enganar, facilmente ſe póde perceber; mas ſe o engano concorda com a moral taõ célebre dos Chinas, he hum ponto eſte muito pouco digno de crédito. Entre a legislaçaõ, que permitte ou tolera, e a moral que approva, ha muitas vezes huma differença infinita. O exemplo de Lacedemonia he mal applicado.

Povoaçaõ exceſſiva.

Devemos concluir que a huma povoaçaõ exceſſiva ſe ſeguem inconvenientes notaveis. Os proprios Chinas ſe vêm obrigados por cauſa da povoaçaõ exceſſiva a engeitar os ſeus filhos, e a vender ſuas filhas. Eſta meſma povoaçaõ introduz a deſconfiança no commercio, pois que excita á velhacaria. Em que parte naõ ſe encontra o bem, e o mal confundidos juntamente? A legislaçaõ conſummada eſtá em ter provído, neſte vaſto Imperio, a conſervaçaõ da tranquillidade interior a pezar da multidaõ incrivel dos habitadores, e a actividade do trabalho a pezar do calor de hum clima, que inſpira frouxidaõ.

Grande arte da Legislaçaõ.

Sciencia mediocre na China; porém muita moral.

Sabida couſa he que a lingua, e a eſcritura dos Chinas, cujo eſtudo abſorve quaſi toda a vida dos Letrados, ſaõ hum ob-

obſtaculo invencivel para o progreſſo dos conhecimentos, independente das prevenções nacionaes, e do Imperio abſoluto, ou da opiniaõ, ou do uſo. Mas os Chinas tiveraõ o bom diſcurſo de applicar-ſe ao eſſencial, a huma moral ſenſata, benefica, que com poucos preceitos, e muita pratica, tolhe as deſordens, une por mutuos reſpeitos todos os membros da ſociedade, e perpetua no ſeio da paz a proſperidade do Eſtado. Hum Povo governado deſte modo pelos coſtumes, por muitos defeitos que poſſa ter, ſerá ſempre mais feliz, do que outras Nações ſublimadas pelo goſto, e dominadas pelas modas.

CAPITULO II.

Do Japaõ.

Caracter dos Japonezes.

VARIAS Ilhas fórmaõ o Imperio do Japaõ, ſituado ao Leſte da China. Os Japonezes nunca foraõ ſobjugados. Sendo altivos, valeroſos, indomaveis, de hum caracter meſmo atroz, por maneira que fazem do ſuicidio hum divertimento, obedecem todavia ás leis as mais tyrannicas, e por conſeguinte as mais capazes de irritar

tar aquella atrocidade de costumes. Havia seiscentos e sessenta annos antes da éra christã, que elles tinhaõ por Imperador hum Pontifice, chamado Dairi, ou Dairo. Pelos fins do seculo decimo sexto experimentou a mesma revoluçaõ, que experimentáraõ os Xerifes, Successores de Mafoma. O General das trópas assenhoreou-se do verdadeiro poder, e naõ lhe deixou mais que hum titulo pomposo, com várias mulheres, riquezas, e luxo, de que goza em Meaco. As ceremonias religiosas pouco inquietaõ o governo. O governo Pontificio, destruido.

Huma cousa muito digna de notar-se no Japaõ, na China, e em quasi toda a Asia, he a tolerancia concedida aos differentes cultos. Esta tolerancia facilitou o estabelecimento, e os progressos do Christianismo. Se só a verdadeira Religiaõ se vio depois privada de huma vantagem, que tantas seitas absurdas possuem; os ambiciosos projectos dos Europeos, e os defeitos de muitos Missionarios saõ a verdadeira causa disso. Tolerancia de Religiaõ.

Os Portuguezes pelo meado do seculo decimo sexto descobríraõ o Japaõ, onde fizeraõ hum grande commercio. Várias minas de ouro, e prata, o chá, a porcelana, &c. os attrahíraõ a esta regiaõ, donde tiravaõ thesouros. S. Francisco Xavier, Jesuita da sua Naçaõ, foi para lá guiado Os Portuguezes no Japaõ, e o Christianismo.

do zelo Apoſtolico. Como era animoſo, habil, incanſavel, naõ reſpirando ſenaõ conversões, e naõ tendo outra ambiçaõ, mais do que a da coroa do martyrio, teve paſmoſos ſucceſſos, os quaes pódem-ſe attribuir em parte ás correlaçóes de huma moral auſtéra, e eſperanças de huma vida bemaventurada, com a ſituaçaõ, e coſtumes dos Japonezes. Os Miſſionarios concorrêraõ, e a Fé Chriſtã deitou raizes taõ fórtes como dilatadas.

Os Bonzes deſacreditados.

Facil he julgar qual ſeria a raiva dos Bonzes. Kempſer, viajante Hollandez, de merecimento raro, os repreſenta como fanaticos intereſſados, eſcravos da ſuperſtiçaõ, por meio da qual reinavaõ; affectando huma auſteridade horroroſa, e accumulando riquezas; prégando a moral, os ultimos fins, concluindo porém ſempre que o melhor meio para applacar os Deoſes he ornar os Templos, e enriquecer os Moſteiros; finalmente abuſando da credulidade do Povo até chegar a vender-lhe o merecimento das ſuas boas obras, e dar-lhe pelo ſeu dinheiro letras de cambio para ſerem pagas no outro mundo. Eſtes numeroſiſſimos Bonzes eraõ os inimigos mais tremendos de huma Religiaõ, que deſcobria a ſua impoſtura. Porém o deſprezó, e o ódio, que os meſmos Bonzes mereciaõ, naõ contribuíraõ pouco para

mal-

multiplicar os ſeguidores da nova doutrina. Toda a ſuperſtiçaõ, cujos Miniſtros ſaõ deſacreditados, tem grandes perigos.

Embaixada do Japaõ para Roma.

Gregorio XIII. em 1585 recebeo huma Embaixada de tres Principes do Japaõ. A Igreja Romana, e os Jeſuitas triunfáraõ. Com tudo o Imperador, quaſi pelo meſmo tempo, inquieto com o progreſſo do Chriſtianiſmo, e receando que os Chriſtãos naõ motivaſſem ou commoções no Eſtado, ou alguma invaſaõ de Eſtrangeiros, prohibio, ſob pena de mórte, o exercicio deſta Religiaõ. Des d'entaõ principiáraõ os ſupplicios; todos concorrêraõ para o martyrio. Os Miſſionarios chegáraõ a ſer mais fervoroſos, e mais numeroſos os proſelytos.

Os Chriſtãos perſeguidos.

Conſpiraçaõ annunciada pelos Hollandezes.

A perſeguiçaõ durou muito tempo, affrouxou, e reanimou-ſe por intervallos. Os Portuguezes, e os Heſpanhoes, ſujeitos ao meſmo Rei depois de Filippe II., continuavaõ o ſeu commercio naquelle Paiz, onde podia conſeguintemente chegar grande multidaõ de novos Prégadores. Porém a invéja dos Hollandezes arruinou todas as eſperanças. Deſcobríraõ eſtes ao Imperador do Japaõ, em 1637, huma conſpiraçaõ dos Heſpanhoes, e a provároõ com cartas, que diziaõ ter apanhado em hum navio. Os Heſpanhoes clamáraõ que iſto era calúmnia; mas a rebeliaõ dos Chriſ-

tãos Japonezes de Arima, os quaes tomáraõ armas quasi trinta mil, deixa poucas dúvidas a respeito da realidade desta empreza, que naõ deixava de conformarse com os principios de tantas conquistas, ou para melhor dizer de usurpações praticadas n'hum, e outro hemisferio.

Edicto contra os Christãos.

Tal foi a causa do famoso Edicto, por meio do qual a entrada do Japaõ he absolutamente prohibida aos Estrangeiros, e aos proprios Chinas; com probibiçaõ para que nenhum Japonez saha do Japaõ sob pena de mórte. O mesmo Edicto condemna todos os Christãos á prisaõ, e promette huma quantia consideravel a todo aquelle, que descobrir hum Padre Christaõ.

Como os Hollandezes vaõ ao Japaõ.

O unico favor, que os Hollandezes obtiveraõ, foi poder chegar a huma Ilha perto de Nangazaki, jurando que a sua Religiaõ era diversa da Religiaõ dos Portuguezes, e pisando segundo se diz para o provarem o Crucifixo. Para esta Ilha trazem os Hollandezes fazendas: os Japonezes põe-lhes o preço. Se elles saõ conduzidos á Corte com honra, isto mesmo he hum legitimo despreso; pois os guardas, que os acompanhaõ, nunca os perdem de vista, e obrigaõ-se debaixo de juramento a dar conta dos seus procedimentos. A cobiça do Commercio faz com que estes ricos Republicanos, os Soberanos

nos de Batavia, ſopportem hum tratamento taõ infame. Os Hollandezes tiraõ ſem dúvida do Japaõ lucros conſideraveis.

Nenhumas diſputas de Religiaõ néſte Imperio.

A peſar da multidaõ de Seitas eſtabelecidas entre os Japonezes, nunca entre elles ha, confórme Kempſer, diſputas de Religiaõ: o que he prova de que naõ ſe perſeguio, nem deſtruio o Chriſtianiſmo, ſenaõ pelo temor de huma revoluçaõ no Eſtado. Nunca o Japaõ, nem a China teriaõ tratado cruelmente os Chriſtãos, ſenaõ foſſem as diſputas, as intrigas, e as idéas intereſſeiras, que ſe confundiraõ em breve tempo com a ſantidade do Evangelho. Para converter os Póvos he por ventura neceſſario perturbar, e atemoriſar os governos? A ſabedoria divina nos enſina o contrario. Deſte meſmo modo acabáraõ por infelicidade todas as Miſsões.

Práticas religioſas ſemelhantes ás noſſas.

A ſemelhança de muitas práticas religioſas do Japaõ com as noſſas, he huma particularidade digna da Hiſtoria: ordem Jerarquica, eſpecie de canonizações, prociſsões, e peregrinações; penitencias, e auſteridades monaſticas, alampadas, e cera nos templos, eſpecie de contas para rezar, ſino que toca a certas horas para a oraçaõ, &c., e o que parece eſpecialmente extraordinario, uſa-ſe no Japaõ o ſignal da Cruz, o qual ſe faz em

fór-

fórma de Cruz de Santo André, ou em aſpa. Infinitos outros exemplos, em todas as partes do mundo, próvaõ que entre as Nações mais remotas, e differentes nas couſas eſſenciaes, o acaſo, ou para melhor dizer, a natureza do eſpirito humano produzio conformidades ſingulares, idéas, e uſos, eſpecialmente em materia de culto. Mas onde ſe achará, fóra do Chriſtianiſmo, aquella idéa ſublime, e perſuaſiva do Supremo Ser, aquella moral ſimples, e igualmente perfeita, que pódem elevar o homem ordinario á mais ſuprema ſabedoria?

CAPITULO III.

Da Perſia, e do Mogol.

A Perſia no tempo de Sha Abbas.

NO tempo de Chardin, célebre viajante, que faleſceo em 1713, formava a Perſia hum Imperio florecente; ao menos ſe julgarmos pela magnificencia da Corte, e pela povoaçaõ das Cidades principaes, indicios algumas vezes enganoſos. A Capital de Iſpahan podia-ſe comparar com Londres. Tauris, e Cachan eraõ Cidades conſideraveis, e commerciantes. Sha-Abbas, Principe cruel, mas po-

politico, e valeroſo, tomando aos Turcos as conquiſtas feitas na Perſia, expulſando os Portuguezes de Ormus, e abolindo huma milicia ſemelhante á dos Janiſeros, e Strelitz, tinha conſtituido mais abſoluta a ſua authoridade. Por toda a parte ſe vê, confórme Voltaire, as trópas divididas em muitos corpos pequenos, firmar o Throno, e as trópas reunidas n'hum grande corpo diſpôr do Throno, e deſtruillo. Eſte Principe morreo em 1629.

Os Sophis, ou Reis ſeus Succeſſores, foraõ deſpoticos ſem vigor, embrutecidos pela vida ſenſual do ſerralho, governados por eunucos, e abandonando-lhes o Imperio. Daqui procedêraõ, como ſempre ſuccede, as infelicidades, os tumultos, e as revoluções. Perdeo-ſe Bagdad, que os Turcos tomáraõ por aſſalto em 1638. Os Aguanos, Colonia Tartara, eſtabelecidos nas montanhas de Candahar para a parte do Mogol, ſobleváraõ-ſe contra hum cobarde, e cruel governo. O meſmo fizeraõ as Provincias do Nórte. O Sophi, ſitiado na ſua Capital em 1722, ſujeitando-ſe ao Chéfe dos rebeldes, concedeo-lhe ſua filha em caſamento.

O Reino abatido por culpa dos deſpoticos.

Ao meſmo tempo que a Perſia ſe via expoſta ás barbaridades do uſurpador, e os Turcos por hûma parte, e por outra

Sha-Nadir, ou Thamas Kulikaõ.

os

os Russos, se approveitavaõ das circunstancias para a assolar, appareceo o célebre Nadir, ou Thamas Kulikaõ (*), filho de hum pastor, e elle mesmo pastor (porque a vida pastoril ainda he commum em algumas regiões da Asia), o qual se attreveo a tentar, e executar huma revoluçaõ. Tendo ajuntado huma trópa de salteadores, offereceo os seus serviços ao Principe Thamas, filho do ultimo Sophi, e em breve tempo se vio com hum Exercito. Ispahaõ, e toda a Persia se sujeitáraõ ás Leis, que elle impoz. Vencido o usurpador, e preso foi condemnado a ser degollado. Kulikaõ, que combattia sómente pela sua propria fortuna, depois de ter affectado o titulo de escravo do Principe, recolheo só todo o fructo das suas victorias. Mandou tirar os olhos a Thamas, e fez-se Rei da Persia em 1736, com o nome de Sha-Nadir. Os Turcos, várias vezes vencidos, concluíraõ com Kulikaõ hum Tratado, por meio do qual entregáraõ todas as suas conquistas, excepto Bagdad. Nada basta para satisfazer nem a ambiçaõ, nem a avareza. Hum pastor, conquistador da Persia, estende os seus desejos a respeito do Mogol, preten-

Sua usurpaçaõ.

(*) Isto he, *Kaõ escravo de Thamas*. Esta he a qualidade, que Kulikaõ tinha tomado antes de descobrir a sua ambiçaõ.

tende ſujeitallo ao ſeu dominio, roubar os ſeus Theſouros, e declara-lhe guerra.

O Imperio do Mogol, cujo nome procede dos Tartaros de Genghiz-Kaõ, inclue huma grande parte da India; paiz o mais rico do Univerſo, já pelas precioſas, e inexhauriveis produções da natureza, já pelas quantias immenſas, que os Europeos lhe levaõ a fim de ſatisfazer o ſeu luxo. Neſte Paiz he onde eſpecialmente hum deſpotico, ſepultado nas delicias, reina ſobre eſcravos embrutecidos; e onde cada hum dos ſeus vaſſallos, ou Governadores de Provincias, he hum tyranno, que devora a ſubſtancia dos Póvos. Quanto menos Leis conhecem eſtes tyrannos, tanto maiores, e mais ſanguinolentas revoluções deve o Eſtado padecer.

O Imperio do Mogol.

No meado do ultimo ſeculo, Aurengzeb, hum dos filhos do Graõ-Mogol, privou ſeu Pai do Throno, aſſaſſinou ſeus tres irmãos, complices, e inſtrumentos da ſua rebelliaõ, e ſobjugou várias regiões da Peninſula Occidental da India, da parte daquem do Ganges. Grande he a admiraçaõ, que cauſa a quem lê a deſcripçaõ, que Tavernier faz do ſeu Throno, onde doze columnas de ouro, enriquecidas com grandes perolas, ſuſtentaõ hum docel de pedras precioſas, ſobre o qual ſe eleva hum pavaõ, cuja cauda he forma-

Aurengzeb, ſeu poder, e ſuas riquezas.

mada de diamantes, e de tudo quanto ha no mundo de mais preciofo. Com efta faftuofa opulencia, e com os effeminados coftumes, que ella infpira, naõ fe póde refiftir contra huns inimigos acoftumados ao exercicio das armas.

Kulikaõ fujeita o Mogol.

Sha-Nadir, mais conhecido com o nome de Thamas Kulikaõ, com o qual encobria ao principio a fua ambiçaõ, attacou o neto de Aurengzeb; e fendo o feu Exercito muito pequeno em comparaçaõ do Exercito do Mogol, reduzio-o a entregar-fe nas fuas mãos. Affenhoreou fe logo de Delhi, Capital do Imperio; roubou os feus Thefouros, avaliados em mais de quatro milhares; unio á Perfia tres Reinos do Indoftaõ; e impoz hum tributo por todas as de mais partes. Finalmente deixou o governo a hum Vice-Rei, e hum vaõ titulo de Imperador ao Principe, que tinha defpojado. Ao voltar para os feus Eftados, acabou infelizmente a fua carreira, affaffinado por feu fobrinho. E eis-aqui o termo da ambiçaõ triunfante, ou hum fim tragico, ou receios, e cuidados perpetuos! A Perfia, e o Indoftaõ, fempre eftiveraõ depois expoftos a guerras civís; nas quaes entráraõ por ambiçaõ os Francezes, e os Inglezes, eftabelecidos naquellas cóftas. Os Indios aproveitar-fe-haõ talvez algum dia das fuas li-

Revoluções, e guerras civís.

lições na arte da guerra, para lhes tirar as vidas, ou lançallos fóra.

Os Asiaticos respeitaõ muito a antiguidade.

Tantas revoluções, que manchaõ horrorosamente a Historia, naõ offerecem mais, que espectaculos lugubres, e uniformes. Porém a Asia, e especialmente a India, daõ a huma curiosidade rasoavel objectos muito mais interessantes. Lá he que se achaõ de novo costumes, usos, e opiniões, que a antiguidade se perde na escuridade dos seculos. Lá he tambem, onde se vêm os obstaculos, que hum respeito servíl á antigüidade oppõe á razaõ, e á industria. Os Chinas, astronomos muitos seculos antes que os mesmos Gregos fossem civilisados; naõ aperfeiçoáraõ depois quasi nada, nem nas sciencias, nem nas bellas artes. Julgaõ saber tudo, e sabem pouco, só fazem caso da sua Naçaõ, dos seus antepassados: e os Europeos os excedêraõ rapidamente em todo o genero, des que a Europa teve engenhos assás valerosos para vencer as preoccupações.

Abatimẽto dos Indios.

Quanto aos Indios, sujeitos por huns barbaros; em vez de fazer progressos, naõ podiaõ deixar de cahir em decadencia. Este Povo, constituido taõ humano, e taõ engenhoso pela natureza; inventor do jogo do xadrez, das cifras, e verosimelmente das sciencias mathematicas, acha-

acha-ſe reduzido ao meſmo Eſtado, que os Gregos, cujo abatimento he taõ infame. A doutrina da tranſmigraçaõ alimenta ainda os ſeus ſentimentos de humanidade, ainda a reſpeito dos animaes. Conſervaõ monumentos do ſeu antigo ſyſtema de religiaõ, que Mr. Howel, Inglez, e Mr. Anquetil, Francez, nos deraõ a conhecer como authenticos. Confórme eſtes livros Indiaticos, foi o mundo creado, e he governado pela Intelligencia infinita; tendo hum número das ſuas creaturas mais perfeitas abuſado da ſua liberdade para deſobedecer-lhe, Deos as condemnou a viver em córpos mortaes; as almas ſaõ immortaes, e devem ſer ou caſtigadas, ou recompenſadas ſegundo as ſuas obras. Certifica-ſe que os brames, ou bramines modernos, os banianes, e os gentous, ſaõ afferrados ao eſſencial deſta doutrina, aſſim como os Guebres refugiados na India, conſervaõ a doutrina de Zoroaſtres. Mas quantas fabulas, e extravagancias naõ tem ajuntado os Indios a eſta doutrina!

Sua antiga religiaõ.

Os Bracmanes antigos, ſe diſtinguiaõ por huma auſteridade de coſtumes muitas vezes exceſſiva, fundada naõ obſtante em principios de virtude. Ha ſeculos immemoraveis, que os Bramines, os Derviches, e os Faquires, ſolitarios multiplicados ſem nú-

Bramines, Derviches, e Faquires.

número na India, saõ geralmente huns fanaticos insensatos, e velhacos, que inculcando-se por santos enganaõ o vulgo com horrorosas penitencias. Huma imaginaçaõ viva, exaltada pelo calor do clima, inclina-se naturalmente ao delirio da superstiçaõ, mórmente quando huma extremada preguiça entrega a alma a si mesma. Esta a origem de tantos usos incomprehensiveis. Ainda se vê algumas mulheres Indias queimar-se alegremente na mesma fogueira de seus maridos, na esperança de huma vida bemaventurada. Hum Povo extremosamente docil, e cobarde a hum tempo, chega a ser, pela força das superstíciosas idéas, atroz, e homicida de si mesmo. Mulheres, que se queimaõ.

CONCLUSAÕ.

Contemplando as Nações Asiaticas, pela maior parte infelicissimas no centro dos beneficios da natureza; vendo-as taõ pouco adiantadas na carreira dos talentos, posto que os seus progressos fossem prodigiosos em comparaçaõ dos nossos, se remontarmos além do seculo decimo sexto; examinando especialmente a sórte dos Indios, aos quaes a terra offerece, quasi sem trabalho, os fructos mais deliciosos, e cuja regiaõ he quasi deserta debaixo do fla- Vantagens da Europa moderna a respeito da Asia.

flagello do despotismo; e considerando até que ponto tudo degenera no clima mais admiravel, e como o proprio valor dos Tartaros nelle se torna em molleza, e inercia, conheceremos toda a influencia do clima, combinada com a das causas moraes; congratular-nos hemos de ter huma Patria, onde os verdadeiros bens da hùmanidade saõ mais sólidos, e em maior número, por serem o fructo tardio da razaõ, do trabalho, daquella indústria creadora, que excita a necessidade, que a liberdade anima, e que faz triunfar o homem de todos os obstaculos da natureza, ou para melhor dizer que sujeita de algum modo toda a natureza ás suas leis.

Quanto pódem os governos augmentar a felicidade dos Póvos.

Por infelicidade nossa a luta das paixões, erros, e abusos, se oppõe tambem, a muitos respeitos, aos effeitos de huma luz benefica. A sociedade humana, e politica naõ he sem dúvida capaz de certo gráo de perfeiçaõ. Os vicios faráõ sempre brotar nella abrolhos; nella estará sempre o interesse particular em guerra surda com o interesse geral. Mas se hum governo illuminado, e constante emprehender reformar, senaõ todos os abusos, cousa impossivel, ao menos todos os que a prudencia permitte proscrever, se fundar a pública prosperidade em leis simples, imparciaes, e mantidas com igual vigor,

e

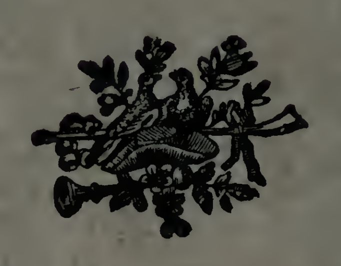
e humanidade; ſe animar aſſim os trabalhos, que alimentaõ os Póvos, como aquelles que utilmente os illuſtraõ; ſe fizer paſſar para os coſtumes, e talentos reſpeitaveis a eſtimaçaõ uſurpada pela inſolente fortuna; e ſe eſpecialmente a educaçaõ formar Cidadãos para os diverſos eſtados, que ſe devem preencher, em vez de empregar a mocidade em hum eſtudo eſteril de palavras, e de lhe inſpirar o deſgoſto das couſas boas, obrigando-a a tragar o enjoo de hum trabalho inutil; ouſamos de prognoſticar com confiança, que ſemelhante mudança, ſe algum dia ſucceder, produzirá milagres de felicidade, e gloria na parte da Europa, onde fôr executada.

Conſequencias práticas da Hiſtoria.

O erro, e quaſi ſempre hum erro abſurdo, he donde tem emanado os máos principios, as más inſtituições, leis, e ſyſtemas, dos quaes procedem a maior parte das infelicidades da ſociedade civil. A hiſtoria o moſtra com infinitos exemplos. Ella deveria conſeguintemente enſinar aos Reis, e aos homens de Eſtado a emendar os defeitos do Governo, e a aſſentar os verdadeiros fundamentos do bem público. Ella deve enſinar aos Miniſtros da Religiaõ a fazella cada vez mais reſpeitavel, applicando-a á felicidade dos Cidadãos, por meio da cultura da verdade, e dos coſtu-

tumes. Ella em fim deve enſinar aos particulares, que nenhum bem exiſte ſem alguma miſtura de mal; que a perfeiçaõ he huma quiméra; que he neceſſario ſaber ſopportar o que he impoſſivel mudar; que da moderaçaõ procede a ſabedoria, e igualmente a felicidade; em fim, que para viver feliz com os homens, he neceſſario poder viver contente comſigo meſmo: vantagem precioſa, annexa á razaõ, e á virtude.

Fim do nono, e ultimo Tomo.



SUM-

SUMMARIO

DAS MATERIAS DESTE NONO VOLUME.

CONTINUAÇAÕ DO LIVRO II.

DA EPOCA DE LUIZ XIV.

NAõ usa Luiz sabia, e prudentemente da sua fortuna. Cameras de Metz, e Brisac. Estrasburgo sujeita. Movimentos contra a França. Congresso, em que se disputa a respeito de cousas frivolas. Fórma Leopoldo huma Liga. Rebelliaõ dos Hungaros. Teckeli attrahe os Turcos. Sitio de Viena. Viena salva por Sobieski. Pretende-se que Sobieski se sujeite á etiqueta. Luxemburgo bombeada pelos Francezes. Tregoa de vinte annos. Marinha de Luiz XIV. Bombardeios em Africa. Genova bombeada com pouca razaõ. O Doge em Versalhes. Embaixada de Siaõ. Váos procedimentos a este respeito. Colbert morto em 1683; grande perda. As despezas o tinhaõ reduzido a tristes expedientes. Foi Colbert obrigado à apartar-se dos seus principios. Sua disposiçaõ bem differente da de Sulli. Se era melhor o systema de Colbert? Semelhantes objectos saõ essenciaes para a historia.

ÉPOCA.

DE LUIZ XIV.

LIVRO III.

Des da guerra de 1688, até o Congresso de Utreque em 1712.

Soblevava o famoso Principe de Orange a Europa contra Luiz. Liga de Ausburgo. Vá tentativa para eleger hum Eleitor de Colonia, amigo da França. Outros agravos do Rei. Rompe Luiz a tregoa. Leopoldo fazia aos Turcos huma guerra feliz. Coroa de Hungria hereditaria. Toma França armas Tomada de Filpsburgo, &c. Palatinado saqueado. Procedimento de Jacques II. em França. Passa Jacques para Irlanda, onde procede muito mal. Sitio de Londondery. Os Francezes, senhores do mar. Batalha de Boyne. Jacques vencido. Irlanda sobjugada por Guilherme. Inimigos de Luiz XIV. Sitios de Bona, e Moguncia. Campanhas do Marechal de Luxemburgo. Batalhas de Esteinkerque, e de Nervinda. Campanhas de Catinat. Batalhas de Estafarde, e de Marselha. Guerra em Alemanha, e Catalunha. O Rei de Hespanha sem dinheiro. Exhaurido Luiz por causa das suas victorias offerece a paz. Toma Guilherme no-

CAP.

drid. Vendome em Hespanha. Mórte do feliz Imperador José. Carlos VI. Successor de José I. Intrigas occultas para a paz em Inglaterra. Os Whigs dominavaõ em Londres. Credito, e vicios de Marlborough. Sua mulher abusa do valimento, Harlei, e Bolingbroke. Servem-se os Torys da Religiaõ. Sacheverel. Os seus Sermões saõ queimados por ordem do Parlamento. Desgraça da Duqueza de Marlborough. Pequenos meios causaõ grandes mudanças. Furia dos Torys contra o Duque de Marlborough. Obstaculos para a páz. Depois da mórte de José I. naõ subsistiaõ mais os motivos de guerra. Tratados occultos em Versalhes Marlborough toma Bujan. Preliminares da paz. Perde Marlborough os seus empregos. Eugenio em Londres. Os Hollandezes obrigados a consentir nas conferencias.

EPO-

ÉPOCA
DE LUIZ XIV.

LIVRO IV.

O qual contém o fim do Reinado de Luiz XIV., e a historia do Czar Pedro I., e de Carlos XII.

CAP.

Obſtinaçaõ de Carlos XII. contra o Czar. Entra Carlos imprudentemente pela Ukrania. Naõ pode Mazeppa fazer ſoblevar os Coſacos. Levenhaupt vencido, e derrotado por Pedro o Grande. Vingaſe Pedro de Mazeppa. Continúa Carlos a ſua derrota. Batalha de Pultava, em que Carlos he vencido pelo Czar. Sua fugida para Turquia. Como ſe approveita o Czar da victoria. Conquiſta da Karelia, e Livonia. Acçaõ deſpotica de Carlos. Intrigas em Conſtantinopla a ſeu favor. O Embaixador do Czar, preſo em Conſtantinopla. Igual affronta em Londres. Catherina, nova eſpoſa de Pedro. Uſo dos Czars, de receber-ſe com huma de ſuas vaſſallas. O Vaivode Cantemir engana por meio de falſas eſperanças. Campanha do Pruth. Grande perigo dos Ruſſos. Obriga Catherina o Czar a tratar. Tratado de Falkſen com o Graõ-Viſir. Procedimento do Rei de Suecia enojado. Perde Carlos XII. os ſeus Eſtados de Alemanha. Eſtanisláo em Turquia. Succeſſos felices do Czar no mar Baltico. Diſcurſo, que Pedro Grande pronunciou em Petersburgo. Ordem de Santa Catherina.

Tornada do Rei de Suecia para os ſeus Eſtados. Carlos ſitiado em Eſtralſunda. Sua retirada. Novos preparos de guerra. Exacçóes. Intrigas do Baraõ de Gortz. Alberoni abraça as ſuas idéas. Dous Miniſtros de Suecia preſos. Moeda de cobre por prata. Gortz abominado em Suecia. Mórte de Car-

los

NE-

NEGÒCIOS GERAES DA EUROPA.

Des da mórte de Luiz XIV., até o Tratado de Aquiſgran em 1748.

Os Turcos naõ ſe approveitavaõ das guerras, que aſſolavaõ a Europa. Tomaõ os Turcos a Moréa. Campanhas do Principe Eugenio contra os Turcos. Paz de Paſſarowitz. Projectos do Cardeal Alberoni. Sua induſtria a fim de obter o chapeo de Cardeal. Quadruplicada alliança contra Heſpanha. Conſpiraçaõ contra o Duque de Orleans. Guerra abbreviada. Alberoni ſacrificado. Paz entre França, e Heſpanha. Diſputas dignas de obſervaçaõ em Sicilia com o Papa. Procedimentos violentos de Clemente II Negocios Eccleſiaſticos em França. Oppoſições á Bulla *Unigenitus.* Intrigas do Pad e Aubenton em Heſpanha. Ajuſte a reſpeito da Bulla Aſſento no regiſtro. Syſtema de Law. Grandes ſucceſſos, aos quaes ſe ſeguíraõ as maiores infelicidades. Ruina das fortunas. Liquidaçaõ das dividas. Corrupçaõ procedida dos ſyſtemas de erario. Houve mais perfeito conhecimento do Commercio. Mórte do Cardeal Dubois, e do Regente. O Cardeal de Fleuri.

CAP.

DO ESTADO,

E das principaes revoluções da Asia nos ultimos seculos.

CONCLUSÃÕ.

Fim do Summario das materias do nono, e ultimo Volume.



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
v.9
c.1
ROBA

Not wanted in

